

DOIS DESTINOS E UMA ESCOLHA

ENCRUZILHADA

KASIE WEST

SEMPRE EM
CENA



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



ENCRUZILHADA

KASIE WEST

Tradução
FLÁVIA SOUTO MAIOR

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Para Jared.
Fico feliz por ter escolhido o caminho que me levou até você.

em.bos.ca.da: *sf.* escolher um sujeito (eu) e esperar escondido para atacá-lo

— Olha a bola! — gritou alguém à minha direita. Levantei a cabeça a tempo de ver uma bola de futebol americano me acertar bem no meio da testa.

Nunca entendi muito bem por que as pessoas nos mandam *olhar* quando alguma coisa está vindo em nossa direção. *Abaixe, cuidado, desvie*, até mesmo *atenção* teriam funcionado. Fiquei caída de costas, segurando um livro junto ao peito, observando o céu listrado de roxo e dourado — os Perceptivos estavam se preparando para o jogo de futebol americano que aconteceria à noite. Como se ver as cores da escola no céu fossem nos fazer correr para a bilheteria.

Resumi mentalmente minha situação. Tinha caído no cimento, então não havia lama envolvida, felizmente. Só tinha perdido no máximo trinta segundos, então ainda conseguiria chegar à sala de aula a tempo. Estava bem. Minha ansiedade se desfez com o pensamento.

Um rosto familiar, cabelos loiros despenteados e um grande sorriso, apareceu na minha frente.

— Sinto muito. Eu disse “olha a bola”. — O sorriso provou que ele não “sentia muito” coisa nenhuma. Estava se divertindo.

E eu olhei, foi o que eu quis dizer. Mas em vez disso ignorei a mão que o garoto me estendeu e levantei sozinha do chão.

— É, ouvi o que você disse, Duke. — Tirei a poeira do corpo e saí andando. O local atingido pela bola latejava, então pressionei a ponta dos dedos contra ele, certa de que estava com uma marca vermelha horrível.

Devia ter Investigado a manhã, no fim das contas. Assim teria visto que isso aconteceria. Mas eu não Investigava todas as minhas escolhas — só as mais importantes. Já havia tantas realidades alternativas flutuando em minha mente que às vezes era difícil lembrar quais eu realmente vivenciara e quais eram escolhas que nunca havia feito.

Ainda assim, de manhã cedo, quando saí da cama e vi a neblina pela janela, fiquei tentada a ver o que aconteceria se ficasse em casa em oposição ao que aconteceria se fosse à escola. Minha mãe tomou a decisão por mim quando abriu a porta e disse:

— Addie, vou levar você hoje. Não gosto que dirija na neblina.

— Está bem, obrigada. — Sabia que não adiantava discordar. Minha mãe era Persuasiva. Essa era sua habilidade mental. Meus pais tinham as piores

habilidades mentais que quaisquer pais de adolescentes poderiam ter. Quem gostaria de ter uma mãe capaz de Persuadi-la a fazer tudo o que quisesse? Ela dizia que só se aproveitava disso quando era realmente importante, mas eu tinha minhas dúvidas.

Meu pai era um detector de mentiras humano — embora minha mãe não gostasse que eu o chamasse assim: o termo técnico era Discernidor. Ele era capaz de saber imediatamente quando eu estava mentindo. Dizia que conseguia saber até mesmo quando eu tinha *intenções* de mentir. Irritante.

Sentei no meu lugar pouco antes do último sinal tocar. Minha melhor amiga, Laila, não teve a mesma sorte. Como sempre, passou pela porta pelo menos uns cinco minutos depois. O batom vermelho brilhante junto à pele pálida atraiu meus olhos imediatamente para seu sorriso rebelde. Éramos uma dupla estranha, constantemente empurrando a outra para dentro e para fora da linha do comportamento adolescente normal. Todas as ações dela faziam com que se destacasse, chamavam a atenção das pessoas, enquanto eu só queria me camuflar.

— Laila, o que preciso fazer para que chegue na hora? — perguntou o sr. Caston.

— Mudar o prédio para mais perto?

— Muito engraçado, srta. Stader. Vai levar uma advertência hoje. Se o mesmo acontecer amanhã, não vai poder sair no intervalo do almoço. Ande mais rápido.

Ela se jogou na cadeira ao meu lado e revirou os olhos. Eu sorri.

— Certo — disse o sr. Caston. As luzes diminuíram e os monitores das carteiras acenderam. Apareceram instruções na tela e as copiei meticulosamente no caderno.

— Sério, Addie? — Laila perguntou, apontando para o meu papel com a cabeça.

Bufei e continuei escrevendo. Os computadores da escola não davam pau havia mais de vinte anos, mas não tinha mal nenhum se preparar para o pior.

— Vamos terminar o trabalho em dupla hoje — o sr. Caston afirmou. — Lembrem, nada de utilizar as habilidades, usem apenas o cérebro.

— Nós *estávamos* usando o cérebro — Bobby disse logo de cara.

— A parte do cérebro onde não está sua habilidade.

Todos resmungaram. Mas, considerando que biologia era uma matéria de Estudos Normais, sabíamos a regra: aulas que nos ensinavam conhecimentos para existir do Lado de Fora precisavam ser aprendidas da maneira tradicional.

— Não me obriguem a ligar os bloqueadores de habilidades da sala. Vocês não estão mais no ensino fundamental aqui. E desliguem os celulares, pessoal.

Mais um resmungo coletivo.

Laila me mostrou o celular com um sorriso conspiratório. Uma bola de futebol americano com código de barras ocupava a tela.

— Vai ao jogo comigo dessa vez?

— Você comprou ingresso? Aquela coisa do céu colorido funcionou com você?

— O quê? Não — ela disse, como se a possibilidade de ser influenciada por

técnicas de manipulação a ofendesse profundamente.

— Eu ia de qualquer jeito. Isso não tem nada a ver com... Ei, o que aconteceu com a sua cabeça?

Voltei a passar a mão na testa.

— Foi a bola do Duke.

— Você falou com Duke?

— Não exatamente, mas a bola dele e eu tivemos uma conexão.

De canto de olho, vi Bobby passar. Sua perna encostou na beirada da minha carteira e meu estômago deu um nó. Tentei ignorar e fingi que não o vi.

— O que você quer? — Laila perguntou a ele. Mesmo que eu tentasse convencê-la do contrário, ela achava que era minha guarda-costas.

— Quero falar com Addie.

Eu abaixei e remexi na mochila, esperando que ele entendesse a indireta. Mas não. Peguei uma caneta marca-texto amarela e coloquei sobre a mesa. Ainda assim, ele ficou ali. Finalmente, com um suspiro, olhei para cima.

— Bobby, por favor, me deixe em paz.

— Achei que agora que o baile já passou você falaria comigo. E me explicaria por que foi de simpática a fria assim que a convidei para ir comigo.

— Não.

— É. Pode ir embora então — Laila acrescentou.

Ele se afastou, olhando uma vez para trás. Aquele olhar me dizia que Bobby não ia desistir ainda. Esperava que meu olhar dissesse: “Você tem que desistir”. Também meio que esperava que dissesse: “Te odeio muito”. Mas se dissesse pelo menos uma das duas coisas já ficaria satisfeita.

— Addie, você não pode punir alguém por alguma coisa que viu em uma Investigação. Ele não tem ideia do que teria feito de errado.

— Não é culpa minha que, se eu tivesse ido ao baile com Bobby, ele enfiaria a língua na minha garganta e a mão debaixo do meu vestido — sussurrei.

— Eu sei e fico muito feliz por você não ter ido com ele. Mas Bobby não fez isso *de verdade*.

— Mas teria feito. — Empurrei a caneta. Ela rolou sobre a superfície de vidro do meu teclado iluminado e se aproximou da beirada da mesa antes de rolar de volta à segurança. — É assim que Bobby é, e não consigo olhar para ele sem ver aquela Investigação.

— Quer que eu Apague?

— Eu já pedi para você Apagar alguma coisa antes? — Sempre que ela se oferecia para Apagar uma lembrança, eu fazia essa pergunta.

E ela sempre respondia:

— Se você pediu, eu não vou te lembrar.

Fiz uma careta para ela. — Você é irritante.

Laila começou a pintar as unhas com uma caneta preta.

— E aí? Quer?

— Não. Porque eu esqueceria o que ele é capaz de fazer e aqueles olhos de cachorro abandonado poderiam me convencer a sair com ele. — Estremeci. Jamais acharia que ele era “incompreendido” por usar aqueles cabelos castanhos enebados e jeans rasgados. Mas sem as lembranças, tinha certeza de que, mais

uma vez, acreditaria que um bom xampu daria um jeito naquela aparência detestável.

— É verdade.

— Ei, pode me dar uma carona para casa hoje? — perguntei, louca para parar de falar sobre Bobby.

— Claro. Seu carro não pegou de novo de manhã?

Passei os olhos sobre os diagramas em meu monitor até encontrar a tarefa que devíamos fazer.

— Não, neblina.

— Ah, é claro. — Ela não precisava de mais explicações. A superproteção da minha mãe já havia afetado muitas das nossas saídas. Laila se virou para seu monitor porque o sr. Caston começou a passar pelas fileiras. Na tela havia um diagrama dos órgãos internos do sapo.

— Onde fica o rim? — ela perguntou.

Aponte, e o órgão em formato de feijão escureceu quando meu dedo encostou na tela. O sr. Caston passou por nossa mesa.

— Então, voltando a falar sobre Duke — ela sussurrou quando o professor não podia mais ouvir. — Quero saber todos os detalhes.

— Não tenho nada para contar. A bola de futebol americano dele me derrubou. Ele pediu desculpas.

— E o que você falou?

Parei para pensar.

— Eu falei: “É, ouvi o que você disse, Duke”. — Um olhar de terror se estampou no rosto dela e eu me contrai.

— Addison Marie Coleman. Você tem a oportunidade de dar mole para Duke Rivers e estraga tudo? Depois de todos esses anos sendo minha amiga, não aprendeu nada? Era sua chance. Não podia ter fingido que estava machucada e feito ele te levar até a enfermaria?

— Duke me *machucou*. Mas me irritou mais. Ele deixou a bola de futebol americano bater na minha cabeça.

— Como sabe que ele deixou?

— Oi? Ele é Telecinético. Poderia simplesmente ter desviado a bola.

— Que é isso, Addie? Ele não pode usar os poderes o tempo todo. Pega leve.

— Ele *deixou* uma bola de futebol americano bater na minha cabeça — repeti lentamente.

— Está bem, está bem, talvez ele não seja o cara mais gentil do mundo, mas é o Duke. Ele não precisa ser.

Um suspiro alto escapou dos meus lábios.

— Laila, não me obrigue a te bater. São meninas como você que permitem que caras como Duke se comportem como quiserem.

Ela riu.

— Para começar, queria só ver você me bater, magrela. Em segundo lugar, se eu estivesse com Duke, ele ficaria bonzinho em dois segundos. — Ela encostou na cadeira e soltou um suspiro pensativo, como se a imagem mental de estar na companhia de Duke passasse por sua cabeça. — Gatosos.

— O quê?

— *Gato* e *gostoso*. No dicionário estaria listado como substantivo e nem precisaria de definição, só uma foto de Duke Rivers.

— Ah, faça-me o favor. Existem muitas palavras no dicionário que já deveriam ser ilustradas com a cara do Duke: *convencido*, *egocêntrico*, *arrogante*... E, além disso — eu sorri —, *gatoso* seria um adjetivo.

— Meninas — disse o sr. Caston —, não estou vendo ninguém estudando aí nesse canto.

Laila apontou para o monitor.

— Já localizamos o rim, sr. Caston.

Quando voltei para casa, encontrei meus pais na sala. Estavam sentados um de frente para o outro, cada um em um sofá, sérios e com as mãos sobre o colo. Minhas bochechas ficaram dormentes quando todo o sangue de repente se esvaiu.

Minha casa era o que Laila sempre descrevia como “aconchegante à moda antiga” — cheia demais, com móveis que não combinavam entre si, tapete felpudo e paredes cor de mel. O tipo de casa em que era fácil se sentir à vontade e relaxar. Naquele momento tive a impressão contrária, e a tensão se acumulou em meus ombros.

— A vovó está bem? — perguntei. Era a única coisa que me ocorria para justificar ambos em casa no meio do dia e tão sérios.

O sorriso que surgiu no rosto da minha mãe pareceu complacente e imediatamente me colocou na defensiva.

— Sim, querida, a vovó está ótima. Todo mundo está bem. Por que não guarda a mochila e depois vem sentar com a gente? Precisamos conversar.

Fui para o meu quarto e imaginei o que aconteceria se me trancasse lá dentro. Até olhei para a estante alta perto da porta, que poderia ser arrastada para bloquear a entrada, como se a ideia fosse realmente válida. Se eu não sáísse nunca mais, eles não poderiam me dar a notícia que os preocupava tanto. Andei de um lado para o outro por alguns minutos, revendo minhas opções, me convencendo a não Investigar, e depois sai.

Minha mãe apontou para a solfrona (apelidada assim por ser menor do que um sofá, mas maior do que uma poltrona). Ficava encostada na parede entre os sofás, e sentei nela.

Enfie as mãos entre as coxas para evitar roer as unhas.

— Alguém vai me contar o que está acontecendo? — Olhei diretamente para meu pai, esperando que ele contasse. Independentemente do que fosse, meu pai diria com mais cuidado. Ele reconhecia a existência de sentimentos. Diferente da minha mãe, que parecia achar que as pessoas eram como os programas que ela desenvolvia: fáceis de reconfigurar quando não reagissem como o esperado.

O rosto dele não disse nada a princípio, depois suavizou e assumiu uma expressão parecida com pena. Não era um bom sinal.

Mas foi minha mãe que começou a falar:

— Addie, depois de tentarmos por vários anos resolver nossas diferenças, seu pai e eu decidimos nos separar.

Senti como se centenas de bolas de futebol americano atingissem minha testa. O local voltou a latejar, e passei a mão na marca vermelha. Tentei processar o que ela havia dito, mas não fazia sentido. Meus pais se davam bem. Por que um deles iria embora?

— Você não está dizendo que vão se divorciar, está?

— Sim, querida. — Aparentemente, a abordagem direta não havia desencadeado a reação certa, então ela mudou para o tom de voz veja-como-posso-parecer-cheia-de-compaixão. — Não tem nada a ver com você. São questões que não conseguimos resolver. Separar nossa família era a última coisa que queríamos. Mas já tentamos de tudo e nada ajudou. — Ela inclinou a cabeça e apertou os olhos. Aquela era para ser sua cara de sofrimento? Parecia forçada. — Achamos que você talvez estivesse preparada. Não andou Investigando? — A última frase foi acompanhada por uma mão sobre meu braço.

Comecei a encarar a mão dela, que um instante depois não estava mais lá. Tirou um fiapo do tecido do braço do sofá, depois a juntou à outra mão sobre seu colo.

Demorei um segundo para me dar conta de que ela havia feito uma pergunta.

— Não, faz tempo. — Minha última Investigação tinha sido na semana retrasada, e só havia chegado até o baile da escola, que aconteceu na sexta-feira. Se eu simplesmente tivesse olhado alguns dias a mais, saberia que isso aconteceria. — Eu não entendo. Que motivos vocês têm para se divorciar? — Senti as palavras amargas na boca.

— Somos como estranhos morando na mesma casa. Nem nos importamos o suficiente para brigar.

Esperei meu pai se manifestar, dizer que não queria aquilo, mas assentiu.

— Desculpe, querida. É verdade.

— Mas eu me preocupo com vocês dois. Não podem fazer isso.

— Já tomamos a decisão — minha mãe disse. — Agora só falta você tomar a sua.

— Minha decisão é que vocês fiquem juntos.

Minha mãe ainda foi capaz de rir. Certo, não foi uma gargalhada, foi mais uma risadinha, mas mesmo assim.

— Isso não é você que decide, Addie. O que tem que decidir é com quem quer morar.

In.jus.tó.po.lis: s. terra governada por meus pais

Fiquei perplexa, em silêncio, convencida de que o protocolo de segurança da casa tinha sido iniciado quando cheguei e aquelas eram versões holográficas dos meus pais, programadas para enganar invasores. Isso deixa claro como o que tinham dito não fazia o menor sentido para mim. Mas eles não eram hologramas. Estavam bem diante de mim, esperando minha reação. Considerando que nenhum de nós se moveu pelo que pareceram cinco minutos, fiquei surpresa que as luzes não se apagaram por falta de movimento. Não sabia o que meus pais esperavam de mim, mas eu estava esperando o mundo voltar aos eixos, minha vida voltar ao normal. Pouco acostumada a surpresas, cheguei à conclusão de que não gostava muito delas.

Minha mãe rompeu o silêncio.

— Sei que é uma escolha difícil, Addie. E esperamos que utilize sua habilidade para ver qual futuro parece mais interessante. Não precisa responder agora.

— Não posso ficar com os dois? Não podemos dividir a semana de alguma maneira?

— Até poderíamos se seu pai não tivesse resolvido deixar o Complexo. Ele vai para o mundo Normal.

Meu estômago parou de se retorcer desconfortavelmente e afundou, chegando aos meus pés.

— Você vai embora, pai? — Não eram muitos os que deixavam o Complexo. Ninguém que eu conhecesse pessoalmente, pelo menos. Essa revelação era quase tão chocante quanto o anúncio do divórcio.

Minha mãe continuou.

— Acho que ficar lá com ele não seria bom para seu desenvol...

— Marissa, você prometeu que não tentaria influenciá-la.

— Desculpe. É verdade, Addie; a decisão é sua. Entre ficar aqui com outros como você ou deixar o Complexo e viver em um mundo cercada de pessoas que usam apenas dez por cento do cérebro.

— Marissa.

— Desculpe — ela repetiu. Dessa vez os dois riram. Fiquei feliz por acharem a situação *tão* divertida, considerando que minha vida tinha simplesmente acabado. Eu levantei abruptamente e eles pararam de rir. O rosto

do meu pai se enrugou, retomando a expressão de pena. Dava para notar que ele estava prestes a pedir desculpas, mas eu não queria ouvir.

Sem dizer mais nada, passei por eles e fui direto para o meu quarto. Bati a mão no painel interno, e a porta fechou imediatamente. Uma música furiosa começou a tocar alto, pois o computador obviamente havia decifrado meu humor pela leitura da mão.

— Desligar — eu disse, e a música silenciou. Dei a volta na estante, encostei na lateral, fixei os pés com firmeza no chão e empurrei. Quando ela não saiu do lugar, escorreguei até o chão e encostei a testa nos joelhos.

Eu não tinha como tomar essa decisão. Seria melhor se eles simplesmente me dissessem o que fazer, se não me dessem escolha. É claro que reclamaria disso também, mas pelo menos não seria obrigada a escolher entre um dos meus pais.

Me arrastei até a mochila, peguei o celular no bolso da frente e liguei para Laila.

— Oi — ela disse. — Já estou chegando em casa. Esqueceu alguma coisa no meu carro?

— Esqueci?

— Não sei. Achei que estava ligando por isso.

— Ah, não. Não foi por isso. — Eu me deitei sobre a mochila, e nem me mexi quando as canetas e outros itens volumosos começaram a pressionar minha bochecha. O desconforto criava uma distração momentânea de outros sentimentos mais desagradáveis. Fechando os olhos, escutei a leve estática da linha telefônica.

— O que foi então?

— Meus pais vão se divorciar. — Pela primeira vez desde o anúncio meus olhos começaram a arder e senti um nó na minha garganta.

— Ah, não. Sinto muito. Estou voltando praí, certo?

Não consegui responder. Apenas acenei com a cabeça.

Dez minutos mais tarde ouvi uma batida na janela. Era por ali que Laila entrava no meu quarto no meio da noite. Não era preciso utilizar esse artifício no momento, mas fiquei feliz por ter feito isso. Me sentia traída pelos meus pais e não achava que mereciam saber o quanto precisava da minha melhor amiga.

Pressionei o botão que abria automaticamente a janela e a tela. Laila escalou o arbusto seco no canteiro de flores como uma profissional e entrou no meu quarto. Imediatamente jogou os braços em volta de mim.

— Sinto muito — ela repetiu. — Isso é uma droga.

— Meu pai vai se mudar. — Junto ao ombro dela, minha voz saiu abafada. — Preciso escolher.

— O quê? — ela desfez o abraço. — Ele vai sair do Complexo? Por quê? Vai ajudar na contenção?

— Eu...

Havia ficado chocada demais para perguntar o que ele faria do Lado de Fora. A maioria das pessoas só deixava o Complexo para ajudar no processo de manter a Paracomunidade em segredo — investigar vazamentos de informação, analisar os danos, Apagar lembranças. Mas alguns saíam para assumir postos

importantes, como ajudar a reunir informações para mandar ao Complexo, mantendo-nos informados sobre o mundo Normal. Eram poucos os que partiam com o desejo de se integrar ao lugar — ou seja, basicamente desaparecer. Eu não fazia ideia da categoria em que meu pai se enquadrava.

— Não sei — finalmente disse.

— E você talvez vá com ele?

Concordei com a cabeça.

— Não. Você não pode fazer isso. Não pode ir embora. Vai odiar aquele lugar. Qual foi a última vez que teve que lidar com Normais? — ela perguntou, colocando uma mão na testa e a outra na cintura.

— Não lembro direito. Anos atrás. — Eu lembrava perfeitamente. Tinha oito anos. Tivemos que preencher milhares de papéis e fazer juramentos secretos. Tudo isso para uma viagem de fim de semana para a Disney. Estava lotado. Tudo parecia tão *normal*. Todas as atrações eram ultrapassadas e os fogos de artifício não eram nada em comparação ao show de luzes dos Perceptivos. Meus pais brigaram o tempo todo.

— Isso é tão injusto. — Ela me levou até a cama e nós duas subimos, encostando na cabeceira. Ela tirou os sapatos e se virou para mim. — Você vai ficar aqui, não é? Senão vai ter que deixar a escola e todos os seus amigos... e eu.

Nem tinha começado a pensar nos detalhes de uma escolha em detrimento da outra, mas ela tinha razão.

— Você vai Investigar?

— Preciso fazer uma lista. Prós e contras. — Pulei da cama e peguei um caderno e uma caneta na escrivaninha. Abri em uma página em branco e tracei uma linha no meio. Depois me sentei na beirada da cama com a caneta a postos. O silêncio se prolongava enquanto eu olhava para a página, tentando pensar nas vantagens de partir.

Meus ombros ficaram tensos quando escrevi a primeira palavra, porque sabia que não havia outras para acrescentar debaixo dela. *Pai*. Colocando dessa forma, a escolha parecia fácil: perder uma pessoa ou perder tudo e todos. Mas a ideia de perder meu pai me dava tanta tristeza que meu estômago apertava. Ele era meu porto seguro. A força que me dava tranquilidade na vida. Roi a unha do polegar. Aquilo não queria dizer que nunca mais o veria. É claro que ele viria me visitar e eu poderia visitá-lo na cidade Normal para a qual se mudasse.

Passsei a caneta sobre cada letra repetidas vezes até a palavra ficar bem marcada na página. Quando fui acrescentar mais uma linha sobre o *p*, Laila agarrou minha mão.

— Addie, você precisa Investigar. Eu ajudo.

Ela pegou o caderno e o colocou sobre a cama.

— Quanto tempo?

O maior período que já havia Investigado foi quando Bobby me convidou para o baile. Ele me convidou uma semana antes, e por ter optado não Apagar a lembrança, tive que viver e reviver aquela semana da minha vida. Mas era raro isso acontecer. Quando eu Investigava, costumava ser por apenas alguns dias de cada vez, às vezes horas.

Dei de ombros.

— Um mês, talvez. Seis semanas?

— Quanto tempo demoraria?

— Cinco minutos, sei lá.

As energias simplesmente se misturavam de forma contínua em minha mente. Era mais ou menos como um riacho desaguardo em um rio maior, “lembranças” instantâneas dos dois caminhos que eu poderia seguir. Quando terminava, sentia que já tinha seguido por ambos. Era por isso que não gostava de fazer isso com muita frequência, porque era tão real que ficava difícil separar o que “poderia vir a ser” do “foi”.

— Acha que seis semanas bastam?

O anúncio dos meus pais estava me fazendo duvidar de tudo. Costumava saber exatamente o que precisava acontecer e o que precisava fazer para que acontecesse. Não porque Investigava tudo, não era isso, mas porque gostava de ter um plano. Planos eram bons. Mas dessa vez eu não sabia. Estava confusa e frustrada. Pressionei a palma das mãos nos olhos.

— Deve ser suficiente.

Levantei e abaixei os ombros com um suspiro profundo.

Laila, sempre preparada e disposta a fazer quase tudo, disse:

— Bem, e o que está esperando?

— Quer que eu faça agora?

— Acho que você se sentiria melhor.

Peguei um travesseiro, abracei-o junto ao peito e me deitei. No teto, em espirais pretas, havia uma citação de Aristófanes que eu tinha pintado: “A mente ganha asas por meio das palavras”. Por algum motivo, ela se destacava entre todas as outras citações que se agigantavam sobre mim.

— Não sei. Seis semanas é muito tempo. Eu odiaria ter tantas lembranças detalhadas na minha cabeça.

— Por quê? Aquela semana antes do baile foi bem legal. Eu gostei de saber que o salto do meu sapato vermelho quebraria na quarta-feira depois da terceira aula, e que teríamos um teste surpresa na sexta.

— Já que eu vivo para te servir, por que não Investigo todos os dias de hoje até a morte?

— Sério, por que não faz isso? — Ela deu um tapa na minha perna. — Está esperando que eu me ofereça ou só está sendo ridícula? Sabe que posso Apagar qualquer caminho que não escolher, assim não terá que fingir. Às vezes me pergunto se só me escolheu como melhor amiga por causa da minha habilidade incrível.

— Até parece. Você nem sabia qual era a sua habilidade até o sétimo ano.

— Parei, depois inclinei a cabeça. — Ei, espere aí. Está me dizendo que uso muito sua habilidade?

— Não vou contar. — Ela disse, cantarolando. — É verdade. Você não me escolheu por causa da minha habilidade, e sim porque empurrei o Timothy depois que ele roubou seu bichinho virtual.

Sorri, depois respirei fundo. Estava evitando essa opção, ainda sem ter certeza se queria saber, se estava pronta para conhecer minha nova vida. Meus pais só tinham deixado a decisão nas minhas mãos por causa da minha

habilidade. E por que eu não gostaria de saber qual seria a melhor escolha?

— Está pronta? — ela perguntou.

Assenti. Precisava saber.

— E o que eu faço? Só fico aqui sentada? Você precisa de alguma coisa?

Eu ri.

— Não. Estou bem. Pode demorar um pouco. Tem certeza de que quer esperar?

— Ah, faça-me o favor! É como perguntar se alguém quer sair da sala enquanto Picasso pinta uma obra-prima.

— Está me comparando a Picasso?

— Você entendeu. Agora comece.

Me acomodei melhor no travesseiro e tentei relaxar. Era difícil saber que estava prestes a ser inundada por lembranças de uma vida que ainda não tinha vivido. Na verdade, duas opções de vidas que ainda não tinha vivido. Seriam só cinco minutos para Laila, mas seria como um mês para mim. Me concentrei nas energias ao meu redor e tudo ficou turvo.

PA.RA.dig.ma: *sm.* algo que serve como padrão ou modelo

— Filhos de pais separados não deveriam conseguir tudo o que querem por causa da extrema culpa dos pais? — pergunto durante o café da manhã uma semana depois que meu pai foi embora. A casa parece diferente sem ele... vazia.

— Você não vai ganhar um carro novo — minha mãe responde atrás do notebook, sentada à mesa da cozinha. Uma caneta prende seus cachos loiros em um coque baixo meio solto, e ela a pega para anotar alguma coisa no bloco de notas que está ao seu lado.

Aquilo faz seus cabelos caírem sobre os ombros e me lembra como são parecidos com os meus. Quando acho que ela esqueceu o que estávamos conversando — como costuma acontecer —, minha mãe continua.

— Seu carro está ótimo.

— Não estou pedindo um carro novo. Só outro carro. O meu mal funciona. Já ouviu o barulho que anda fazendo? É um ruído tipo *tum, tim, tum*.

— Fale com o seu pai sobre isso.

Pego uma colherada de cereal encharcado de leite e vejo os flocos escorregarem lentamente da colher.

— Ah, que bom que não vamos pular a parte do divórcio em que se passa todos os problemas para o outro. Sabia que você não ia me deixar perder toda a diversão. — Sei que estou sendo irritante, mas não consigo evitar. Como um resfriado forte, todos os sentimentos negativos que já tive a respeito da minha mãe decidiram se acumular em meu peito.

Pela primeira vez desde o início da conversa, ela olha para mim.

— Addie, pare com isso. Só quis dizer que seu pai saberá melhor o que são os ruídos estranhos do carro.

Eu levanto, coloco a tigela na pia e pego a mochila do chão.

— Bem, eu poderia perguntar pro papai, mas acho que meu carro não aguenta as *cinco horas* de viagem até a casa dele.

— Vamos resolver tudo — ela grita enquanto saio de casa.

— *E um dia você vai entender por que fiz isso* — termino a frase por ela e fecho a porta. Não sei quantas vezes ela disse a mesma coisa semana passada. Deve achar que cada vez que diz o “um dia” fica mais próximo. Mas na verdade só parece empurrar aquele dia para mais longe ainda.

Quando entro no carro, pego o celular.

— Coleman.

O mero som da voz do meu pai me faz sorrir.

— Não existe identificador de chamada aí na Normalândia?

— É claro que existe.

— Então por que atendeu desse jeito se sabia que era eu?

— Força do hábito. Como você está?

— Estou bem. Meu carro está estranho. Está preparado para ouvir? — Seguro o telefone fora da janela e aperto o botão que dá a partida no carro. Os assentos e os espelhos se ajustam às especificações da minha impressão digital e o rádio começa a tocar minha lista de músicas, mas logo dou um comando de voz para que desligue. O motor engasga em sua tímida existência.

— Ouviu?

— Sim, não parece nada bom. Está totalmente carregado?

— Está. — Encosto no painel. A barra verde que costumava indicar o nível de carga não funciona faz muito tempo. — Ficou carregando a noite toda.

— Hum. Vou falar com sua mãe sobre isso, certo?

— Está bem.

Ao fundo, ouço uma voz grave e abafada, e meu pai diz:

— Obrigado. Fique frio. — Depois ouço sua risadinha e o som da porta fechando.

— Você acabou mesmo de dizer “Fique frio” para alguém?

— O que há de errado nisso? Está quente aqui.

Eu rio.

— Quem era?

— O carteiro. Acabei de receber um pacote. Mas, voltando ao assunto, vamos resolver a situação do carro. Está bem assim?

— Sim. É melhor eu ir pra escola. Vejo você mais tar... quer dizer...

Não consigo terminar a frase. De certa forma, dizer “Vejo você daqui a um mês” não me parece certo.

— Addie — meu pai diz com a voz suave —, não vai demorar. Vamos nos ver antes que você se dê conta.

Respondo com um “uhum” e desligo o telefone.

No estacionamento da Lincoln High, olho para o relógio do painel. A conversa com meu pai me atrasou alguns minutos. Assim que abro a porta do carro, uma bola de futebol americano atinge meu para-brisa.

— Você só pode estar brincando... — resmungo.

— Desculpe — Duke diz, correndo para pegar a bola onde caiu, a um metro e meio de distância.

— Você já foi para algum lugar sem essa coisa?

— Sem a bola de futebol americano as pessoas não me reconheceriam.

Até parece. Eu o encaro. Seus cabelos loiros perfeitamente desgrenhados e um sorriso lindo me saúdam. *Gatoso*. Era essa a palavra da Laila? Serve, mas nunca contarei a ela, ou vai morrer de tão convencida. Pego minha mochila no chão do lado do passageiro do carro e saio.

— E isso seria uma tragédia.

Ele ri.

— Estava treinando. O dia do grande jogo está chegando.

— Bem, talvez você devesse treinar no campo, longe das pessoas, porque sua mira parece meio ruim. — Jogo a mochila no ombro e saio andando.

— Minha mira é perfeita, Addie — ele grita atrás de mim.

O que isso queria dizer? Que antes ele estava tentando acertar minha testa e agora estava tentando quebrar meu para-brisa? O que eu tinha feito para ele?

No caminho para a sala de aula, Laila me alcança, sem fôlego. Levanto a sobrelanceira, surpresa por ela ter corrido para chegar a tempo.

Laila explica.

— Não quero ser proibida de sair na hora do almoço.

— Não sobrou mais ninguém pra você paquerar?

— Na verdade, não. O último dia do Gregory foi ontem.

Reviro os olhos.

— É tão bom ter uma melhor amiga que escolhe ser ou não responsável com base nos garotos disponíveis.

— Fico feliz em ver que está se apropriando tão bem do estilo meus-pais-acabaram-de-se-divorciar-então-posso-ser-tão-irritante-quanto-quiser-e-todo-mundo-precisa-compreender.

Eu sorrio.

— Sinto muito por ser tão irritante.

— É, eu também. Pode melhorar isso, por favor? Está arruinando minha vida social. — Ela me dá o braço e deixa a cabeça apoiada em meu ombro enquanto andamos. — Sinto muito por sua vida ser uma droga.

— Não é uma droga. É que fui corrompida pelo ideal esses anos todos.

— Eu sei, seus pais prestaram um enorme desserviço te proporcionando uma infância tão boa.

— Desculpe — digo, porque me dou conta de que estou sendo egoísta. Laila tem uma vida terrível em casa e nunca reclama disso. Ninguém imaginaria que o pai dela perdeu o emprego porque tem problemas com drogas. Ele gasta todo o dinheiro da família com o vício enquanto a mãe dela trabalha o tempo todo para sustentar marido e filhos.

Como se lesse minha mente, Laila diz:

— Não comece a sentir pena de mim. Sabe que odeio isso. — Ela aperta meu braço e endireita o corpo. — Quer ir àquela festa na sexta-feira? Prometo não sair do seu lado.

Meu cérebro tenta inventar uma desculpa, qualquer desculpa, mas já sei que minha noite de sexta-feira está totalmente livre e sou uma péssima mentirosa.

— Claro. Parece superlegal.

— Você é a rainha do sarcasmo, minha amiga, mas passo pra te pegar às nove, então esteja pronta.

Abro a porta da sala de meditação matutina.

— O que eu faria sem você?

— Provavelmente ficaria sozinha e morreria de tédio. — Laila faz uma pausa. — Não, na verdade você já deve ter sua morte agendada para daqui a sessenta anos, em algum momento depois da lição de casa e da ioga.

— Espero não ter lição de casa daqui a sessenta anos. — Vou para o meu cubículo. A pequena tela na parede acende quando entro e a sigla DDH, Departamento de Desenvolvimento de Habilidades, aparece em negrito. Como se isso não bastasse para tirar o sorriso do meu rosto, a cabeça falante que aparece em seguida acaba totalmente com o meu bom humor.

Minha mãe.

Ela é desenvolvedora de programas do DDH. É raro vê-la em meu cubículo pela manhã, mas, pelo seu rosto sorridente, obviamente gravado, um novo padrão mental foi introduzido, especializado em cada uma das nossas habilidades “alegadas”. Ela não usa aspas de verdade, mas posso ouvi-las em sua voz. Adultos gostavam de fazer questão de acrescentar a palavra *alegadas* depois de *habilidades* até nos formarmos e sermos capazes de comprová-las, passando em todos os testes. É como se quisessem nos lembrar de que ainda não somos totalmente capazes e precisamos deles para atingir nosso potencial.

— Então encoste, relaxe e deixe sua mente expandir — diz a cara da minha mãe.

Sons ressoam em meus ouvidos enquanto imagens piscam rapidamente na tela. Eu encosto. Relaxar está fora de questão.

NOR.MA.li.da.de: *sf.* qualidade ou estado padrão

Estou deitada no sofá de nossa nova casa olhando fixamente para o lento ventilador de teto que, penso, deve ser a forma menos eficiente de refrescar um cômodo. Sinto falta das correntes de ar da minha casa no Complexo. Eu e meu pai nos mudamos para uma casa já mobiliada em Dallas, Texas. Levando em consideração o estado e o estilo da decoração, presumo que os móveis sejam de quarenta anos atrás. À exceção da mobília antiga, a casa não tem nada — as paredes são brancas e vazias.

No chão à minha volta espalhei a leitura obrigatória que recebi ao deixar o Complexo. Considerando que passei meio dia na Torre antes de partir — onde tive que fazer as aulas indispensáveis de Estudos Normais e recebi meu novo histórico e credenciais Normais, como carteira de motorista e certidão de nascimento —, achei que não precisaria me preocupar com mais nada. Estava errada. Eles me liberaram com material de leitura — um envelope bem grosso, relembrando meu conhecimento de história Normal.

Já tinha feito de tudo para evitar o texto do tamanho de um romance, escrito por alguém que não se importou em deixá-lo atrativo. Desfiz as malas e arrumei meticulosamente meu quarto, organizando as roupas por cor. Já tinha até procurado nas caixas fechadas, sem conseguir encontrar, aquela que dizia LIVROS DA ADDIE em caneta preta para evitar exatamente essa situação. Não tenho ideia de onde está a caixa. Provavelmente na garagem, enterrada sob centenas de caixas que deviam estar marcadas como TRALHAS DO MEU PAI.

Pego uma das seções do material — “Primeira Guerra Mundial” — e leio. Os Normais acreditam que o arquiduque Francisco Ferdinando não era Paranormal. Ele foi assassinado devido a um jogo de poder, não porque as pessoas temiam que pudesse controlá-las com a mente. Repito isso para mim mesma várias vezes.

— A Primeira Guerra Mundial não foi iniciada por causa de um Paranormal.

Folheio mais algumas páginas de história Normal. Jogo o envelope de lado e pego a seção que fala sobre o espaço, relembrando algumas crenças estranhas que eles têm sobre a ida do homem à Lua.

— Que tédio — resmungo.

Minhas mãos começam a suar por segurar o celular. Sei que Laila não vai

ligar daqui a pelo menos uma hora, já que ainda está na escola, mas tenho esperanças de que decida matar aula. Não nos falamos desde ontem.

A campainha toca e eu praticamente tropeço no material de estudo na ansiedade de atender. Quando abro a porta, o sol agride meus olhos e uma onda de ar grudento e quente bate no meu rosto.

É o carteiro, segurando uma prancheta.

— Chegou um pacote. Pode assinar?

Guardo o celular no bolso e pego a prancheta.

— Sim. — Escrevo meu nome no espaço que ele aponta. Ele me entrega um envelope grande e acolchoado e se afasta.

— Como vai seu dia? — pergunto sem pensar. — Calorão, hein!

Ele para.

— Estamos em outubro. É o começo do frio. — Ele pisca.

— Sério?

— Vai se acostumar. Bem-vinda a Dallas — o carteiro diz e vai embora.

— Obrigada. — O celular em meu bolso vibra. — Alô?

— Já está sentindo minha falta? — Laila pergunta.

Fecho a porta.

— Digamos apenas que estou tão desesperada para conversar que estava batendo papo com o carteiro.

— Ele era bonitinho?

— Devia ter uns cinquenta anos.

— *Eca*.

Olho para o envelope acolchoado em minha mão. Está endereçado ao meu pai, sem informação de remetente. Caminho até a cozinha e, quando as luzes não se acendem imediatamente, sacudo as mãos, impaciente. Levo um segundo para me dar conta de que não vão acender. Jogo o envelope sobre o balcão e saio sem nem procurar o interruptor.

— Não estou reclamando, mas você não devia estar na aula?

— É, provavelmente sim, mas prefiro falar com você. É só Transmissão de Pensamento. Que eu domino.

— É mesmo? — pergunto.

— Você não?

— Só a curtas distâncias.

Laila resmunga e logo diz:

— Sabe quem está tendo dificuldade com Transmissão de Pensamento?

— Quem?

— Bobby.

Entorto o lábio.

— É porque ele não está acostumado a manipular a mente das pessoas. Só a matéria. — Ele é capaz de atravessar paredes, solidificar líquido, esticar objetos. Nunca vou admitir em voz alta, mas ele é muito bom no que faz. Provavelmente o melhor Manipulador de Matéria dessa idade que conheço.

— Foi exatamente isso que o professor disse. Ele falou que é praticamente impossível uma pessoa dominar Transmissão de Pensamento se não tem habilidades relacionadas à mente de outras pessoas.

— Minha mãe me contou. Ela é especialista nisso. Provavelmente por ser perita em manipulação de mentes.

Laila ri.

— É verdade. E aí, como são os Normais? É difícil falar com eles?

— Na verdade não. Mas ainda não falei com muitos. Apenas alguns no caminho para cá, e agora o carteiro. — Suspeito que meu pai esteja tentando me apresentar lentamente ao mundo Normal porque mal parou até chegarmos aqui.

— Você me inspirou. Acho que vou a alguns jogos fora esse ano, com o time de futebol americano. Se você tem que sofrer ao conversar com os Normais, o mínimo que posso fazer é experimentar um pouco da sua dor.

Eu rio.

— Você não parece *nem um pouco* preconceituosa.

— E você não é?

— Não sou.

— Não, só pensa que é melhor do que eles.

— Não melhor, só diferente, porque posso fazer mais coisas.

Ela ri como se tivesse vencido a discussão.

Eu me jogo de costas no sofá e abraço minhas pernas. Está quente onde eu estava sentada antes, e assim que penso em quantas pessoas já devem ter se sentado nesse sofá, fico com nojo. Sento direito.

— Não é que as pessoas sejam diferentes. É o lugar. Juro que aqui é mais quente e claro. Acha que o sol vai causar algum dano ao meu cérebro?

Ela ri.

— Estou falando sério. Por que a luz do sol é filtrada no Complexo?

— Certamente descobriram a iluminação mais eficiente para o desenvolvimento cerebral. Igual a todas as outras coisas que são alteradas aqui para maximizar nosso potencial.

— Exatamente.

— Outro motivo para você voltar para casa imediatamente. De qualquer modo, não tenho dúvida de que vai acabar voltando. Não vai querer arriscar que seus filhos nasçam desprovidos de mentes avançadas.

Suspiro.

— Ah, falando em genes perfeitos para o casamento, adivinhe quem perguntou por você hoje?

— Não faço ideia.

— Duke Rivers.

— Hum... por quê?

— Não sei. Achei que você saberia.

A porta da garagem que dá para a cozinha se abre, e ouço o som de chaves sendo colocadas sobre o balcão.

— Ei, eu te ligo depois. Meu pai acabou de chegar em casa.

— Está bem, tchau.

Duke Rivers perguntou de mim? Estranho.

— Oi, pai. — Recolho meus papéis espalhados e levanto. — Chegou cedo.

— Considerando que nem deveria ter saído hoje, cheguei em casa bem tarde. — Ele pega o envelope acolchoado do balcão e verifica os dois lados.

Coloco minha leitura anti-insônia sobre a mesa.

— Ah, chegou isso pra você agora há pouco.

Ele junta as sobrancelhas.

— O que é? — pergunto.

— Uma consultoria que estou dando para a Agência.

— Achei que não estivesse mais trabalhando para eles. Achei que estivesse experimentando toda essa coisa Normal.

“Vamos viver como o resto do mundo, Addie”, ele tinha dito. “Vai ser revigorante.” As palavras parecem ridículas agora, mas na hora me deram a sensação de que estávamos marchando para uma batalha ou algo do tipo.

— Bem, quando eu sai disse que faria alguns trabalhos se precisassem de mim.

Pego uma maçã da fruteira que está sobre o balcão.

— Saiu há menos de uma semana e já precisam de você? Devem estar penando sem seu melhor detector de mentiras.

Ele revira os olhos.

Dou uma mordida na maçã.

— Desculpe, quis dizer Discernidor. Aposto que a agência daqui está feliz em tê-lo como funcionário. Onde você trabalha mesmo? — Tento lembrar a sigla. — EBI... SBI...

— FBI. A agência federal de investigação.

— Certo. FBI. Achei que conseguiria lembrar. Então está prendendo todos os bandidos? Nenhuma mentira jamais será contada em Dallas novamente?

— Muito engraçado. Minha filha é uma comediente. Sem mencionar sua capacidade surpreendente de falar com a boca cheia.

— É um dom.

Ele bate com o envelope na minha cabeça e depois o abre. Primeiro tira um cartão de identificação.

— O que é isso?

Ele se vira para mim.

— Deixei meu cartão de acesso ao Complexo no escritório.

O logotipo holográfico parece saltar da superfície. É exatamente igual ao meu, só que onde o dele diz “Discernidor”, o meu diz “menor de idade”. Ah, e as fotos são diferentes, claro. Olho para a foto dele. Se meu pai não usasse o cabelo com uma risca tão marcada, levemente fora do centro, até ficaria legal. Com uma abundância de cabelo escuro e queixo quadrado, ele é bem bonito.

— Pai. Isso não foi esperto. Subconscientemente está tentando nunca mais voltar?

Seu maxilar fica tenso, mas logo volta a relaxar, o que me surpreende. Era uma piada, mas a reação dele me faz pensar se existe alguma verdade naquela afirmação. Ele tira a carteira do bolso e enfia o cartão atrás de sua carteira de motorista Normal, e depois sorri.

— Já estou com ele, então não precisa ficar me analisando. — Meu pai vira o envelope de cabeça para baixo e uma caixinha de plástico transparente que guarda um disco circular escorrega sobre o balcão.

— O que é isso?

— Um DVD.

Pego o objeto.

— Ah, já vi isso na TV. É tão grande. — Viro-o ao contrário, depois coloco de volta sobre o balcão. — Não entendo... Alguém te mandou um filme antigo?

— Não, o FBI transferiu um interrogatório para um DVD porque é essa a tecnologia utilizada aqui. Não dá pra usar tecnologia do Complexo do Lado de Fora. Vou ter que arrumar um aparelho pra rodar isto. — Ele suspira, depois volta a atenção para mim. — Como você está?

— Entediada.

Ele sorri.

— Vou trocar de roupa e depois podemos sair para comer alguma coisa.

Antes mesmo do meu pai terminar a frase, coloco a mão atrás das costas e ele faz o mesmo.

— Um, dois, três! — digo e revelo minha mão imitando uma tesoura enquanto ele mostra a dele aberta como papel. — Rá! Ganhei. Escolho comida mexicana.

Ele resmunga sorrindo, depois sai para trocar de roupa.

Pego o DVD novamente. Na superfície prateada, o nome Steve “Veneno” Paxton está escrito em letras pretas. Sério? Fico imaginando se foi ele mesmo que escolheu o apelido. Tinha um menino no sétimo ano que, depois que suas habilidades especiais se manifestaram, insistiu que todos o chamassem de Raio. Tinha desenvolvido a capacidade de acelerar as conexões em seu cérebro, e podia percorrer um quilômetro um minuto mais rápido do que os outros. Um desprezível minuto. Eu não chamaria ninguém de Raio a menos que fosse capaz de criar um tornado à minha volta com sua velocidade. Se aquela fosse minha habilidade, teria mantido em segredo o máximo de tempo possível, até que não tivesse outra escolha além de tê-la permanentemente registrada em meu cartão de acesso ao Complexo.

Adoraria ver como é um cara que se chama de Veneno, mas não posso. As coisas que meu pai recebe do FBI são confidenciais. Devolvo ao balcão e vou calçar meus sapatos.

PA.RA.do.xo: *sm.* um enunciado que parece contraditório, mas diz uma verdade

A festa é como qualquer outra em que já estive: lotada e barulhenta. É a céu aberto, mas ainda assim estamos apertados porque as pessoas estacionaram perto demais, criando uma barreira de um dos lados da clareira. Ao redor do lugar tem o lago e o muro do Complexo — que nenhuma ilusão pode mudar o fato de ser um bloqueio real.

Fujo para a picape de Laila e subo na parte de trás, onde há algumas cadeiras de praia. Pego um livro que ela não sabe que trouxe na bolsa. Quando mergulho de vez na leitura, o livro é arrancado das minhas mãos. Tento recuperá-lo em vão, e acabo golpeando o ar algumas vezes.

— Você não vai fazer isso — Laila diz. — Não estava no acordo.

— Ah, não. Eu vim. Ainda estou participando.

— Como *isso* — ela aponta para o chão da caçamba da picape onde estamos — pode ser participar?

— Eu podia ter sentado dentro da cabine. — Encaro minha amiga. Ela está linda com os cabelos escuros presos no alto da cabeça e os olhos grandes e negros olhando fixamente para mim com uma falsa raiva. Laila pertence a esse lugar com essas pessoas, com os populares. Às vezes me pergunto se ela seria minha amiga se nos conhecêssemos agora e não no jardim de infância.

Laila ri e senta na cadeira ao meu lado.

— Está mesmo tão entediada assim?

Eu reclino e apoio a cabeça na cadeira. O céu noturno brilha claro com uma lua imensa e duas menores. Alguém na festa com certeza quis um pouco mais de luz. Observo ao redor para ver se descubro quem é o Perceptivo responsável pelo céu alterado.

— Você é a única pessoa que conheço que ainda carrega livros de verdade — ela diz, folheando-o.

Pego o livro da mão dela e coloco de volta na bolsa.

— Gosto de livros. São bonitos.

Uma bebida passa flutuando e Duke, que está encostado em uma árvore, pega o copo. Ele dá um sorriso forçado para mim, como se eu devesse estar impressionada. Ergo as sobranceiras e aponto com a cabeça todas as outras bebidas no ar. Telecinéticos são tão exibidos.

— Certo, o que está acontecendo entre você e Duke? — Laila pergunta. —

Aquele pareceu o tipo de olhar que só duas pessoas próximas trocam. Como se tivessem uma piada interna ou algo assim.

— Não é o caso.

— Pode ser, mas ficou óbvio que se conhecem bem o suficiente para você me apresentar a ele.

— Você também conhece Duke — digo.

— A escola inteira conhece. O Complexo inteiro. Ele é o quarterback do time. Mas não faz ideia de quem eu sou. Vamos, você vai mudar essa situação.

Ela me arrasta para fora da picafe e atravessamos a multidão. Tenho que me desculpar com várias pessoas com quem esbarro enquanto Laila me puxa.

— Ele também não faz ideia de quem eu sou... — começo a dizer, mas depois lembro que Duke me chamou pelo nome outro dia, quando a bola de futebol americano bateu no meu carro. Como ele sabe meu nome?

No meio do caminho, um cara entra na nossa frente.

— Ei, Laila. Está interessada em um aprimorador de bloqueio? — Ele levanta um saco plástico transparente cheio de chips eletrônicos. — Vinte paus.

— Ajuda a bloquear o quê?

— Telepatas.

Laila coloca a mão no bolso como se fosse pegar o cartão e prender um daqueles chips nele.

— Qual é o...?

— Não. — Afasto a mão do cara. — Ela não está interessada. — Quando ele se afasta, me viro para ela. — Qual é o seu problema? Vai gastar dinheiro com um programa de bloqueio de mente que não foi testado e comprovado?

— Eu não ia comprar, só estava curiosa. Se seu pai fosse Telepata, talvez você tivesse a mente um pouco mais aberta aos métodos alternativos de bloqueio.

— Só se atenha aos programas do acompanhamento de meditação. São os únicos que ajudam comprovadamente.

— Eles são tão lentos...

Suspiro, mas antes que consiga falar qualquer coisa, ela diz:

— Tá, tá, eu sei, lentidão e estabilidade são a melhor combinação para entrar em contato com a totalidade das nossas habilidades. Blá-blá-blá. Você está falando como sua mãe.

— Argh. Não diga isso. — Minha mãe é a última pessoa com quem quero ser comparada.

— Vamos. Você ainda precisa me apresentar ao Duke. — Paramos em frente a ele e Laila me encara com expectativa.

— Hum, oi — digo. Será que já apresentei duas pessoas antes? Laila sempre é a responsável pelas apresentações. Considerando que não faço ideia do que dizer em seguida, meu palpite é que realmente nunca fiz isso.

— Oi, Addie.

Laila pigarreia.

— Duke, essa é Laila. Laila, esse é Duke. — Pareceu certo. Mas talvez eu devesse incluir mais alguma coisa sobre cada um deles. Por exemplo: “Duke, essa é Laila, que te acha um gato. Laila, esse é Duke, que tem um relacionamento sério com o espelho”.

Obviamente, eles não precisam da minha ajuda para arrumar assunto, porque começam a conversar perfeitamente confortáveis por conta própria.

— Já te vi por aí. É um prazer — diz Duke.

— O jogo de hoje foi ótimo. Aquele último passe para o *touch-down* foi incrível.

Ele sorri.

— Obrigado.

— Qual é seu segredo para lançar tão longe? — Ela dá um tapinha no braço dele. — Biceps de aço?

— Ele deve ter treinado bastante — acrescento, sem ajudar muito. Não fui ao jogo, então é a melhor contribuição que tenho.

Ele ri.

— Sim, verdade.

Apesar de Laila ser especialista em paquera, me sinto muito desconfortável.

— Bem, foi bom ver você. Vamos falar com nosso amigo agora. — Ergo o dedo para o lado e só depois observo para onde estou apontando. Miro fixamente o lago e avisto um grupo de pessoas paradas na margem arenosa. Percebo que estou apontando diretamente para Bobby, que mostra a todos que é capaz de Manipular Matéria ao atravessar a água. *Falando em gente convencida...* Argh. Reviro os olhos.

— Bobby? Ele é um dos meus melhores amigos.

Faz sentido os dois serem amigos. Confirma minha intuição a respeito da verdadeira natureza de Duke. E também resolve o mistério de como Duke sabe meu nome. Bobby deve ter contado a ele que ia me convidar para o baile.

— Sério? Vocês são melhores amigos? — Laila pergunta. — Nunca vi vocês dois juntos. Achei que seu melhor amigo fosse Ray. — Ela observa ao redor como se procurasse Ray para confirmar, mas ele não está por perto.

— Sim, ele é. Nós três somos melhores amigos. Moramos na mesma quadra. Crescemos juntos. Nos conhecemos desde pequeninhos.

— Ah — Laila murmura como se a amizade agora fizesse muito sentido.

— Bom saber. — Pego no braço de Laila. — Vemos você no próximo jogo. — Começo a puxá-la.

— Bem, *você* não vai me ver no próximo jogo — ele diz e Laila para de repente.

— Por que não? Você se machucou? — ela pergunta.

— Não, eu me referia a Addie. — Ele me encara. — Qual o problema? Não gosta de futebol americano ou não liga pro time da escola?

— Desde que fui atingida na cabeça por uma bola de futebol americano, não consigo mais olhar para uma da mesma maneira.

Ele faz uma careta.

— Então está me dizendo que antes da semana retrasada você ia a todos os jogos?

— Como é que você sabe que eu não ia? — Esse cara fez uma pesquisa sobre meu passado ou algo do tipo?

— Não sei. Foi uma pergunta.

— Pareceu que você já sabia a resposta.

— Acho que sei. Mas ainda pode dizer que estou errado.

Ele não está errado. Eu só fui a um jogo. Foi no primeiro ano. Logo percebi que Parafutebol americano não era minha praia. Além de ser uma total perda de tempo, não era como o futebol americano Normal a que assistia às vezes com meu pai. Eles mal bloqueavam, os Telecinéticos do time mantinham a bola no ar e a puxavam de um lado para o outro. De vez em quando um jogador tropeçava sem ninguém por perto. No fim, o time com as melhores habilidades venciam. Mas como não suporto o olhar presunçoso no rosto dele, digo:

— Você está errado.

Ele pega uma bebida.

— Bom, então sinto muito por arruinar seu amor pelo futebol americano para sempre com minha bola desgovernada.

— Achei que sua mira fosse perfeita — desafio.

Ele ergue o copo levemente como se fizesse um brinde de mentira.

— E é.

Confusa, começo a questioná-lo, mas logo sacudo a cabeça e puxo Laila para longe.

— Caramba. O que foi aquilo? — ela pergunta quando estamos longe o bastante para Duke não escutar. — Ele gosta de você. E muito.

— Gosta nada. É o Duke. Ele dá em cima de todo mundo. Além disso, você ouviu bem, ele e Bobby são melhores amigos. Tenho certeza de que há um código masculino pra isso.

— Mas você odeia Bobby. Com certeza ele sabe disso e agora quer dar o bote.

Paro perto de um alto-falante. A música está alta e grito:

— Dar o bote?

— Não se atreva a mudar de assunto por causa da minha escolha de palavras. Ele gosta de você. Você precisa Investigar. Descobrir se... Sei lá. Descobrir se ele vai te convidar para sair ou algo do tipo.

— Em primeiro lugar, não posso simplesmente perguntar ao universo se Duke gosta de mim. Não é assim que funciona. Preciso estar diante de uma escolha. Não há escolha aqui. Em segundo lugar, mesmo se eu tivesse a oportunidade de descobrir meu futuro com ele, não tentaria, porque se for pra ficar sabendo que vou gostar daquele cara prefiro me matar agora.

— *Aquele cara? Aquele cara* é Duke Rivers, Addie. Qual é o seu problema?

— Ele é um atleta. — A música termina e minhas palavras parecem ecoar no silêncio recém-criado. Viro a cabeça para Duke, que encara fixamente meus olhos por um instante e depois desvia.

Laila abaixa a voz e se aproxima de mim.

— E você pode ser a garota que vai mudá-lo.

Sacudo a cabeça. Não quero brigar por isso. E certamente não quero ser *essa* garota. Quase todas as meninas suspiram sempre que Duke está por perto, mas eu não.

A música seguinte começa e um grupo de pessoas atrás de nós vibra e começa a dançar.

Isso é ridículo. Mesmo que estivesse interessada, não estava sendo “disputada” ou o que quer que fosse. Laila está delirando.

— Devo ser obra de caridade. Os populares estão promovendo a campanha da boa ação esse mês. Ou talvez tenham feito uma aposta. Isso acontece o tempo todo nos filmes: dois caras populares tentam ver quem fica primeiro com a garota comum.

Laila joga a cabeça para trás e resmunga.

— Sério, quem te ensinou a ser tão pessimista? Você é linda e inteligente. Quem não gostaria de você? Relaxa um pouco e dá uma chance pro cara.

— Ei, ainda estou no modo meus-pais-acabaram-de-se-divorciar, lembra? É o momento em que tenho permissão para questionar todos os relacionamentos, duvidar do amor verdadeiro e jurar viver em celibato.

— Quer ser um clichê ambulante?

— Sim. Já que sou obrigada a sobreviver a um divórcio, é bom que seja exatamente como acontece nos livros e filmes. — Começo a contar nos dedos as características. — Pais de adolescente tentam comprar o amor da filha, adolescente fica muito angustiada, amigos de adolescente sentem pena dela, adolescente não confia em ninguém...

— Só confia na melhor amiga.

— É claro. Depois: pais de adolescente se dão conta de que cometeram um erro enorme, adolescente ajuda os dois a ficar juntos após um amadurecimento ou uma epifania. — Todos os meus dedos estão esticados e levanto a mão como se isso reiterasse meu argumento.

Laila ri.

— Você planejou mesmo como vai lidar com o divórcio? E que tipo de filme você anda assistindo? *Operação cupido*?

Sinto um aperto no peito e tento ignorar. Olho sobre o ombro de Laila e vejo que algumas pessoas estão jogando pedras no muro do Complexo, criando uma onda no holograma de montanha.

— Não. Vários filmes e livros terminam assim. Os argumentos são obviamente baseados na realidade.

— Seus pais não vão ficar juntos. E você anda lendo demais. Não é bom pro cérebro. Diante disso, proibio que leia qualquer livro.

Olho para baixo para esconder meus olhos vermelhos.

— Ah, não! — Laila exclama, agora em tom sério. — Achou mesmo que seus pais iam voltar?

— Não, claro que não. — Eu tenho alguma esperança, mas ela está certa, não há chance alguma. Um cara dançando bate nas costas de Laila, que rosna pra ele. Então ela pega minha mão e me puxa para longe da multidão, atrás de algumas árvores.

Ela me abraça.

— Sinto muito, Addie.

As palavras me fazem perceber quão definitiva é a situação. Meu peito dói e sinto um nó na minha garganta.

— É bom chorar — ela diz, acariciando minhas costas. — Bote tudo pra fora.

Não consigo. Minhas emoções parecem estar acomodadas em meu peito, pressionando meus pulmões, dificultando a respiração.

— Estou bem, de verdade.

— Você vai superar — ela afirma. — Estou tão feliz por ter ficado com sua mãe. Não sei o que faria sem você.

Uma voz grave atrás de mim diz:

— Estou interrompendo alguma coisa?

Me viro e vejo Bobby parado perto de umas árvores, alternando o olhar entre nós duas. Ele tem uma expressão de satisfação no rosto, como se tivesse acabado de solucionar um mistério.

— Se soubesse, nunca teria te convidado para ir comigo ao baile. Podia ter me dito que já tinha alguém. — Ele aponta para Laila com a cabeça. — Vocês se importam se eu observar?

Laila fica tensa e se vira rápido para ele.

— Olha aqui, já sabemos que você é um pervertido, não precisa comprovar isso. Cai fora.

Ele levanta as mãos em rendição.

— Está bem, está bem. Estou indo. — Ele sai de costas e atravessa o tronco de uma árvore.

Laila vai até lá e bate na árvore, como se fosse machucá-lo de alguma forma.

— Idiota.

— Você não acha que ele realmente pensa que... — Interrompo a frase e aponto o dedo para Laila e depois para mim.

— Ah, que nada. Só está tentando se sentir melhor sobre o fato de ter sido rejeitado. Venha, vamos voltar para a festa.

NOR.MA.li.zar: v. fazer voltar ao estado normal

Meu pai entra em casa depois das cinco na sexta-feira.

— Desculpe o atraso, Addie.

Levanto da cadeira, tropeço numa pilha de material e caio no chão.

— Está tão ruim assim?

Viro de barriga para cima.

— Não conheço ninguém, não tenho carro e você me abandonou.

— Você não quis ver o filme que aluguei? — Ele aponta para a TV e para o aparelho retangular enorme que instalou na noite anterior.

— Não consegui descobrir como essa coisa idiota funciona. Tem um monte de botões estampados com triângulos e quadrados.

Ele ri.

— Nada de ativação por voz aqui. Eu te ensino como usar mais tarde, não é tão difícil. Mas, no momento, tenho uma oferta de paz. — Ele pega duas tiras de papel no bolso.

Eu sento.

— O que é isso?

— Ingressos. Vai ter um jogo de futebol americano da sua nova escola hoje à noite.

A essa altura, até futebol americano parece animador.

— A que horas?

— Começa às sete. — Ele senta no sofá.

Eu me jogo perto do meu pai, de lado, um dos pés empurrando a perna dele enquanto se acomoda sobre a almofada.

Ele puxa a ponta da minha meia, formando uma dobra sobre o meu dedão. Depois fica me encarando, esperando para ver quanto tempo vou deixar desse jeito. Conto até vinte para provar que não me incomoda.

— Você é um chato — digo e ajeito a meia.

Ele ri, depois dá um tapinha no meu tornozelo.

— Inventou uma história de disfarce? Você vai para a escola na segunda-feira.

— Acho que sim.

— Precisa que eu faça um teste?

— Claro.

Meu pai endireita os ombros e eleva o queixo, assumindo o que acho que pensa ser a pose de um professor.

— Bem-vinda à aula, Addie Coleman. De onde você é?

— Sou de Jackson, Texas. Fica umas cinco horas a sudeste daqui. A meia hora de San Antonio. Se for até lá, vai encontrar uma cidadezinha cercada por uma cadeia de montanhas. Mas, na verdade, essas montanhas não passam de uma ilusão. Lá há uma cidade de pessoas com poderes mentais. — Eu rio. — Que tal?

Ele não sorri.

— Ah, o que foi...? É só uma brincadeira.

— Addie. Não é brincadeira. Não pode contar a ninguém sobre o Complexo ou suas habilidades. Ninguém. O Comitê de Contenção do Complexo trabalha duro para manter os psicologicamente avançados em segredo. E se descobrirem que você contou a alguém...

— É, eu sei. — É claro que sei. Recebemos um monte de orientações na Torre antes de nos darem permissão para sair. Mas, de certo modo, achava que era apenas da boca pra fora. Não pensei que meu pai seria tão rígido. É claro que não vou anunciar minha habilidade na escola, mas me dar conta de que nunca vou poder contar a alguém... nunquinha... é difícil. Nunca precisei mentir sobre quem sou.

Meu pai ainda está com uma expressão severa no rosto. Cutuco a perna dele com o pé.

— Relaxa, não vou contar a ninguém. Termine o teste. Faça outra pergunta.

— Está bem. Por que veio morar aqui?

— Por causa do trabalho do meu pai. — Quase digo *como detector de mentiras humano*, mas me interrompo. Ele obviamente não está no clima para piadas. Me sinto melhor com as brincadeiras. Sem elas, a seriedade da situação recai sobre meus ombros.

— O que gosta de fazer para se divertir? — ele pergunta, ainda imitando um professor.

— Ler, principalmente.

— Ótimo. Você vai se sair bem.

— Acha que só vão perguntar isso?

— Tenho certeza de que vão surgir outras perguntas, mas parece que você entendeu bem. — Ele aperta os lábios e demonstra preocupação. — Você está bem?

Não.

— Sim, estou bem. É que tudo é muito novo pra mim, só isso.

Sei que não acredita em mim. Ele é o detector de mentiras, afinal, mas ainda assim diz:

— Vai se sentir melhor quando começar na escola e perceber que a história de disfarce não é tão complicada assim.

— É, provavelmente. Vou me arrumar pro jogo.

Me fecho no banheiro e me debruço sobre a pia. Minha habilidade era a minha vida. Ela se manifestou para mim mais cedo do que nos outros — no início do sexto ano. Mas mesmo antes disso, desde pequena, minha mãe

constantemente avaliava meus pontos fortes, testando meus padrões mentais, vendo para onde eu me inclinava. Sem minha habilidade não tenho certeza de quem sou.

Tiro o celular do bolso e ligo para Laila. No segundo toque, ela atende.

— Oi, e aí? — Laila pergunta.

— Tenho que fingir que sou Normal.

— Que horror! — ela diz, fingindo se sentir ultrajada.

— Mas é horrível. Sabe o que isso significa, não sabe? Minha habilidade é o que me torna meio que legal. Não sou ninguém sem ela.

— Ah, que nada. Você não é sem graça, com ou sem sua habilidade.

Abaixo a tampa do vaso sanitário e sento.

— Sobre o que devo conversar com as pessoas? Sobre o clima? Já tentei e não deu certo. Estou condenada.

— Você ouviu o que acabei de dizer?

— Sim, mas não acredito em você, porque só me conhece com minha habilidade. Não me vê sem ela há muito tempo. A Addie sem habilidade é chata, reclamona e sem graça.

— A Addie *com* habilidade também é bem reclamona.

— Você não está ajudando. — Puxo a cordinha pendurada nas persianas ao meu lado e elas abrem com um ruído que me faz pular. Depois de puxar algumas vezes, desisto, sem conseguir lembrar como fechá-las novamente.

— Deixa eu ver se entendi... Se não tivesse uma habilidade, não ia gostar de mim?

Suspiro.

— É claro que ia. Mas é porque você é sincera, mandona e não se importa com o que os outros pensam.

— Você fala como se eu fosse uma bruxa.

— Eu sei, mas não vamos mudar de assunto. Essa crise é minha.

— Addie, você também não costuma se importar com o que os outros pensam. O que está acontecendo?

— Não me importo quando as pessoas acham que sou uma rata de biblioteca antissocial e controladora, porque é isso mesmo que sou. O que me incomoda é quando me interpretam mal.

Laila tem um breve ataque de riso.

— Bom, tenho certeza de que você logo, logo vai provar que é exatamente o que é. Preciso correr. Estou me arrumando para sair.

Tiro o celular do ouvido para ver o horário.

— É, eu também. Jogo de futebol americano. Na verdade, é melhor eu ir tomar um banho.

— Espere aí. Você vai a um jogo de futebol americano?

— Meu pai vai me levar.

— Uau. Bem, isso não vai ajudar a formar uma imagem de quem você realmente é.

— Haha.

— Estou orgulhosa de você. Encontre a seção dos alunos e faça alguns amigos.

Eu queria que ela fosse comigo. Penso em choramingar de uma forma nem um pouco digna, mas apenas digo:

— Vou tentar.

Meu pai e eu sentamos no banco de cimento do estádio e assistimos ao jogo. É muito mais barulhento do que me lembrava. A batida dos capacetes e a vibração da torcida ecoam no ar. A lua paira sobre nós, uma fatia no céu. Tento me lembrar da última vez que vi a lua em outra fase que não a cheia.

— Acha decepcionante? — meu pai pergunta.

— De jeito nenhum — respondo rapidamente, e depois percebo que não tenho certeza se ele está se referindo à lua ou ao jogo. Decido que a resposta se aplica a ambos.

— Addie, por que não vai sentar na seção dos alunos? Parece que estão se divertindo muito mais.

Olho para a seção da arquibancada onde estão torcendo e balançando placas. Alguns até pintaram o corpo com as cores da escola. Me pergunto como podem estar tão empolgados sem Controladores de Humor impulsionando suas emoções. Meu pai me cutuca com o ombro.

— Mas não conheço ninguém.

— E isso só vai mudar se você tentar.

— Não quero deixar você aqui sozinho.

Ele ri.

— Eu já sou bem crescidinho.

A noite está bem fria, considerando como o dia estava quente, e um arrepio corre pela minha espinha. Depois de outro cutucão, levanto e saio andando. Meu pai sempre sabe quando pressionar e quando se afastar. Eu precisava desse empurrãozinho.

A seção dos alunos está bem cheia, então me aperto e abro caminho por várias fileiras. Rostos que não significam nada para mim passam em um piscar de olhos. Guardo na mente por um ou dois segundos suas características mais marcantes — cabelos ruivos, nariz grande, olhos verdes, dentes separados. Finalmente encontro um lugar vazio ao lado de um cara que usa botas e uma jaqueta com forro de lã. As mãos estão enfiadas nos bolsos e ele assiste ao jogo com atenção.

— Com licença, esse lugar está vago?

Ele olha para cima. Cílios longos circundam olhos cor de chocolate.

— Sim, pode sentar — ele diz com o sotaque sulista que prevalece na região.

Eu sento.

— Obrigada. E já vou falar pra não ficar pensando nisso: seus cílios fazem os meus quererem se suicidar de vergonha. — É, não sou muito boa com conversa fiada.

Ele ri.

— Tenho certeza de que já ouviu isso antes.

— Não dessa forma... — Ele observa ao redor. — Está sozinha?

— É, mais ou menos. Meu pai está lá. — Aponto com a cabeça para ele. — E você?

— Não. Está vendo aqueles idiotas bem ali? — Ele aponta para a grade da frente onde estão vários caras sem camisa, com o peito pintado e peruca. — São meus amigos.

Os amigos estão fazendo papel de bobo, mas ele não. Imediatamente aquilo diz quase tudo o que preciso saber sobre o garoto: não é influenciável, é capaz de tomar suas próprias decisões e não vê problema algum em ficar sozinho.

— Por que não está com eles?

— Porque só uma camada de tinta não esconde minha banha muito bem.

Passo os olhos rapidamente pelo corpo dele. Parece estar em forma, mas é difícil ter certeza por causa da jaqueta. Volto a observar os amigos.

— Também não está favorecendo muito o corpo deles — observo.

Ele sorri.

— Além disso, está frio.

— Sua camada de banha deve ajudar com isso.

— É verdade. — Um apito soa e ele volta a atenção para o campo novamente. O quarterback agarra a bola e é quase bloqueado com um forte golpe perto da linha de trinta jardas. Inspiro entre os dentes.

— Meu nome é Trevor, aliás — ele diz agora que a partida foi interrompida.

— Addie.

— Addie?

— Sim, é apelido de Addison.

— Você estuda aqui?

O fato de ele ter que me perguntar faz com que eu pense como a escola deve ser grande. Posso não saber o nome de todo mundo da minha antiga escola, mas reconheceria facilmente um novo rosto.

— Eu e meu pai acabamos de nos mudar pra cá. Começo na segunda-feira.

— Ah, muito bom. Bem-vinda a Dallas.

— Obrigada.

— Você está no último ano?

— Penúltimo. E você?

— Último.

Ele volta a olhar para o jogo. Minha atenção é atraída para as laterais, onde uma pessoa vestida de puma corre em volta das líderes de torcida. Também temos um mascote na Lincoln High: um raio. E, graças aos Perceptivos, ouvi dizer que a maioria dos jogos incluía um show de raios de verdade (provavelmente para desviar a atenção da chatice que acontece no campo).

Eu me contraio quando a partida é paralisada com um montinho de esmagar os ossos.

— Você não gosta de futebol americano? — Trevor pergunta.

— Na verdade gosto mais desse tipo. É mais empolgante.

— Mais empolgante que...?

— Hum, mais empolgante que flagbol — respondo, orgulhosa por ter lembrado algo parecido com tanta rapidez. Essa coisa de não deixar escapar nada relacionado ao Complexo vai ser mais difícil do que imaginei. Afinal, passei a vida toda lá.

- Você já assistiu a um jogo de flagbol?
- Bem, não, mas com certeza isso é mais empolgante.
- Muitas coisas são mais empolgantes que flagbol.
- É verdade.

O resto do jogo passa em um silêncio confortável, interrompido por alguns comentários. No final, eu adoto a postura fechada dele, com mãos no bolso e ombros arqueados contra o vento. Soa o apito e os amigos correm na direção de Trevor, uma massa desordenada de corpos pintados. Tento escapar, mas um deles me impede, dizendo em voz alta:

— Oi, quem é você?

Começo a responder, mas Trevor é mais rápido.

— Pessoal, essa é Addison. Ela é nova aqui.

— Podem me chamar de Addie — digo, mas minha voz é abafada pelos cumprimentos tumultuados deles.

Trevor lista vários nomes. Para memorizar, costumo relacionar o nome a uma característica física da pessoa, mas, como estão todos cobertos de tinta, não vou lembrar quem é quem depois.

— Prazer em conhecer vocês. Tenho certeza de que vamos nos ver na segunda-feira. — Tento ir embora mais uma vez. O mesmo cara que me impediu antes — Rowan, com listras de tinta vermelha no rosto — me interrompe novamente e diz:

— Sempre fazemos uma festa na casa do Trevor depois do jogo. Você deveria vir.

Realmente não quero sair com um monte de Normais que não conheço. Checo o horário no celular. Nove e meia. Ainda é muito cedo para alegar que estou cansada ou que não posso sair.

— Você não disse que seu pai queria que chegasse cedo em casa para ajudar a desfazer as malas? — Trevor diz, me surpreendendo. Será que minha linguagem corporal estava tão óbvia?

— Sim, isso mesmo. Preciso me encontrar com ele agora, na verdade. Fica pra próxima — digo a Rowan.

— É claro.

Me afasto lentamente. *Obrigada*, digo em voz baixa para Trevor quando os outros se distraem brincando de luta.

Ele assente.

— Até segunda.

PA.RA.lo.gis.mo: *sm.* conclusão ilógica baseada em suposições

Fico encarando as duas portas. Ambas parecem tão reais. Mas sei que uma delas é uma ilusão que um Perceptivo me faz imaginar. Quando descobrir qual é real, devo passar por ela e chegar até a sra. Stockbridge, que está do outro lado provavelmente olhando o quadro de notas no tablet. Imaginar o enorme zero que ela está prestes a digitar não colabora com a minha concentração. Preciso de uma nota boa nessa matéria, já que andei matando a aula de Transmissão de Pensamento. Fico imaginado se ela vai destacar o zero em vermelho para enfatizar meu fracasso. É o que eu faria.

Pare. Concentre-se.

Repasso a aula sobre detecção de ilusões na cabeça. Inconsistências na imagem. Alterno o olhar entre as portas. São idênticas. Movimento de ondas, indistinção em uma superfície que deveria ser sólida. Nada. Finura ou transparência do objeto. Ambas parecem feitas de madeira perfeitamente sólida. Meu tempo está acabando. Então eu vejo. Uma pequena mancha preta no centro de uma porta. Sorrio e caminho na direção da porta sem a mancha. Estendo a mão para o scanner de identificação e ela o atravessa direto.

— Droga.

Depois que passo pela entrada verdadeira, a sra. Stockbridge produz um estalo com a língua e digita alguma coisa no tablet. O grampo que deveria domar seus cabelos crespos não cumpre muito bem a função, deixando várias mechas ruivas saltarem em ângulos estranhos. Se eu fosse uma Perceptiva como ela, talvez tentasse fazer as pessoas me verem em minha melhor aparência o tempo todo.

— Motivo? — ela pergunta.

Quase respondo minha própria pergunta mentalmente, mas lembro que ela não pode ler minha mente.

— Quê?

— Por que escolheu a porta da esquerda?

— Ah. Tinha uma mancha preta na outra porta. Achei que significasse que era falsa — admito.

— Às vezes a perfeição revela a mentira, Addie, não a verdade — ela diz. Concorde e aguardo com os outros que já completaram a tarefa.

Uma lembrança invade involuntariamente minha cabeça, preenchendo-a e

me levando de volta àquele momento. Sou uma garotinha de cinco anos. Meu pai me levou a um piquenique em um lindo parque perto do lago. Depois de enrolar para comer o meu sanduíche por alguns minutos, me deito sobre o cobertor. De repente, milhares de borboletas coloridas aparecem no alto. Elas flutuam suavemente, girando e rodando enquanto descem como folhas agitadas. A qualquer momento vão pousar à minha volta e sobre mim. Quase posso sentir o toque das asas na pele. Com um sorriso, estico o braço.

— Addie — meu pai diz —, é apenas uma ilusão.

Sento e franzo as sobancelhas.

— Não é, não. Estou vendo as borboletas. — Elas rodopiam entre meu pai e eu, distorcendo a imagem dele.

Um senhor passa por nós e sorri.

— Um presente para a mocinha — ele diz. Meu pai acena com educação. Quando ele se afasta com as borboletas, meu pai me segura pelos ombros e aponta. Uma única borboleta pousa sobre uma flor a um metro e meio de nós, mexendo lentamente para cima e para baixo as asas brancas.

— Essa é real, querida. Não é linda?

Entorto o lábio, decepcionada.

— É sem graça.

Uma risada me faz voltar ao presente. Olho para trás, onde algumas meninas rapidamente param de cochichar. Encaro-as com os olhos cerrados. Sou a única que fracassei no teste idiota da porta?

Na hora do almoço, Laila me encara e pergunta:

— O que foi?

Caminhamos na direção do palco externo, onde costumamos ficar na hora do almoço, e solto um resmungo frustrado.

— Fui mal no teste de Detecção de Ilusão hoje.

— Ir mal é tão relativo — afirma Laila.

— Não, não é. Ou você passa no teste ou não passa. Não tem nada de relativo nisso.

Ela dá de ombros.

— Mas você foi muito bem em todos os outros, então ainda está acima da média. — Ela senta no palco de cimento, deixando os pés pendurados. — Por isso é relativo. — Ela inclina a cabeça. — Senta.

Ver Laila tão calma me faz pensar que reagi de maneira totalmente exagerada. Tenho essa tendência. Respiro fundo, pego o almoço na mochila e sento ao lado dela. Um semicírculo de grama se estende como um leque ao redor do palco, e logo está cheio de gente.

Enquanto abro o pacote de batatinhas, Laila chega mais perto.

— Esse palco não é muito alto, é?

O que ela está falando? Acompanho seu olhar até o chão.

— Acho que não.

— Então não machucaria muito se alguém fosse empurrado daqui?

Viro para a esquerda, onde vários outros alunos sentam em fila ao longo da beirada do palco, cada um com o almoço no colo e pés balançando.

— Quem vai ser...? — Antes que possa terminar a frase, ela agarra o meu

braço e me empurra. Fico ofegante, em choque, imaginando de qual plano diabólico esse ato faz parte. Não preciso pensar muito quando Duke praticamente tropeça em mim.

— Você está bem? — Ele pergunta enquanto recolho o almoço espalhado.

— Sim. — Enfio o sanduíche e as batatas no saco e endireito o corpo.

— Addie — Laila diz, fingindo preocupação e pulando ao meu lado. — Você se machucou? O que aconteceu? — Mas a “preocupação” dela logo é substituída por um sorriso para Duke. — Oi. Não vimos você aí.

Na verdade *eu* não tinha visto. Laila obviamente viu Duke a quilômetros de distância.

Ray abaixa e pega minha garrafa de água, que rolou até seu pé enorme. Sério, ele deve calçar quarenta e oito. O cara é gigante.

— Aqui está — ele diz, entregando a garrafa.

— Obrigada.

— Para onde vocês vão? — Laila pergunta.

Duke aponta em direção ao estacionamento.

— Para fora.

— Sério? — Laila diz, como se fosse a maior coincidência do mundo. — Estávamos indo pegar uma coisa no meu carro. Vamos juntos?

Eu poderia matar Laila agora mesmo. Se conseguisse colocar as mãos em uma arma... Talvez um sapato quarenta e oito servisse.

— Claro.

Laila se espreme entre Duke e Ray, me deixando sem outra opção além de caminhar ao lado de Duke. Depois de apenas alguns passos, ela já está superenvolvida em uma conversa em voz baixa com Ray, então eu e Duke ficamos sob um silêncio constrangedor.

— Sinto muito — finalmente digo, porque, a menos que ele seja idiota, já entendeu o que Laila está tentando fazer.

— Eu não. Agora não preciso inventar nenhuma desculpa idiota pra falar com você.

Fico confusa.

— Vocês não têm tipo um código masculino? — Não sei por que disse isso, simplesmente escapou, não pude fazer nada.

— Como assim?

Agora preciso explicar, mas não quero. Me deixo distrair por um instante com uma mochila voando pelo ar diante de mim. Logo ela aterrissa nos braços do seu dono, e encaro Duke, que está esperando minha resposta.

— Você e Bobby são amigos.

— Sim.

— Bobby me convidou para ir ao baile.

— E você recusou.

— Então vocês não têm essa regra que diz que se seu melhor amigo gosta de uma menina ela é território proibido?

— Se todas as meninas de que Bobby gosta forem território proibido, nunca vou sair com ninguém. As únicas que ele restringe são as que beijou. Vocês não se beijaram, certo?

— Não! — Pelo menos não na vida real. Tínhamos nos beijado na minha Investigação, mas Bobby não sabia disso. Sinto meu rosto ficar bem vermelho.

Duke franze a testa.

— Tem certeza?

— Sim, tenho certeza. Nunca nos beijamos.

— Bom, então é isso. O código masculino não se aplica.

Me esforço para não ficar lisonjeada, mas é difícil. É Duke Rivers. Ele sorri e me pego sorrindo também.

— O que preciso fazer para que você vá a um jogo meu?

— Jogar em um time Normal — digo sem pensar.

Ele inclina a cabeça.

— Sério? Então é isso? Você não gosta que as pessoas usem suas habilidades nos esportes? Por acaso é Naturalista? Quer que a gente se misture à sociedade Normal?

Contornamos um prédio de tijolinhos e atravessamos um corredor largo a caminho do estacionamento.

— Não, nada a ver. Sou totalmente a favor das habilidades. A gente deve usar para avançar em qualquer área. Sei que a minha já me ajudou. Não consigo imaginar a vida sem habilidades. Só acho que Parafutebol americano é chato.

— Puxa! Então você quer ver corpos trombando? É isso? Espera aí — ele continua antes que eu consiga responder —, está me dizendo que costuma ver futebol americano Normal?

— Não *costumo*.

— Está piorando cada vez mais. Me fala uma coisa: você já me viu jogando?

Passo a mão na testa. A mancha vermelha desapareceu há um bom tempo, mas ele merece lembrar. Duke ri e cutuca meu braço com o cotovelo.

— Isso não conta. Estou me referindo a um jogo de verdade.

— Não vou a um jogo desde o primeiro ano.

O sorriso contagioso toma conta do rosto dele de novo.

— Você não faz muito bem para o meu ego.

— Acho que faço *muito* bem para o seu ego. — Sorrio com doçura.

— Addie, você é uma menina diferente, não é?

Nada educado. Tento bater com o ombro no braço dele, como tinha feito comigo. Só que não funciona e quase tropeço.

Ele estende a mão.

— Você está bem?

— Estou. — Olho para trás, fingindo procurar o que me fez tropeçar.

— Como sua habilidade te ajudou a avançar? — ele pergunta.

— O quê?

— Você disse que é totalmente a favor das pessoas usarem suas habilidades para avançar e comentou que a sua já te ajudou. Como?

— Às vezes vejo em que aulas vou me sair melhor, que projeto vai dar mais certo. Esse tipo de coisa.

— Então é Clarividente?

— Ah. — Fico surpresa que Bobby não havia contado a ele qual é minha

habilidade. — É, mais ou menos.

Na verdade, minha habilidade se chama Investigação de Destinos, porque vejo direções diferentes a partir de um ponto em comum. Mas não tenho vontade de explicar isso ao Duke. Parei de corrigir as pessoas há um bom tempo. Clarividência é uma habilidade que envolve Manipulação do Tempo também, então está próxima o bastante.

— Com uma habilidade dessas nunca deve ter cometido um erro na vida. Você sempre sabe o que quer. — Ele me encara.

Isso é, em grande parte, verdade. Costumo saber o que quero e os passos que darei para chegar lá, mas não necessariamente devido à minha habilidade.

— Eu não Investigo tudo. Já cometi muitos erros. Mas você está certo, já evitei muitos deles também.

“Como Bobby”, tenho vontade de dizer.

— Você já me Investigou?

— Não. Nunca tive que fazer nenhuma escolha relacionada a você.

Ele para de repente e eu observo, sem poder fazer nada, Ray e Laila continuarem andando. Duke entra na minha frente, de costas para a distância cada vez maior entre nossos amigos e nós.

— E se eu te desse uma opção? Quanto tempo demoraria para Investigar?

— Depende do que for — digo, instantaneamente nervosa.

— Talvez eu queira te convidar pra sair.

— Não faça isso. — Agarro as alças da mochila com força e me inclino um pouco para trás.

— Foi rápido. O que aconteceu na Investigação?

— Eu não sei. Como já disse, não preciso Investigar tudo para saber o que quero.

Ele dá um passo adiante e se aproxima.

— Não quis dizer agora. Um dia...

Meus olhos correm para os lábios dele e um formigamento desce pelo meu pescoço.

— Tenho uma regra pessoal.

— Qual é?

— Eu me recuso a beijar um cara que já beijou mais de cinco garotas.

Ele ergue as sobrancelhas e um brilho divertido toma conta de seus olhos. Então me dou conta do que acabei de dizer. Minhas bochechas pegam fogo.

— Namorou! Eu quis dizer *namorou*!

Ele solta uma longa risada.

— É a regra mais ridícula que já ouvi. Você inventou agora?

Eu rio. Tinha mesmo acabado de inventar. Mas era uma boa regra. Se a tivesse adotado antes de conhecer Bobby, teria me poupado de muitos problemas.

— Foi o que pensei. Mas tudo bem. Continue com a regra. Ela não me afeta.

Fico paralisada, em choque, tentando entender se havia escutado direito. Duke estava dando a entender que não tinha beijado mais de cinco garotas? Ou que não tinha namorado mais de cinco?

— Está tão surpresa assim?

Faço que sim com a cabeça, lentamente.

— Duke! — Ray grita ao lado da picape dele, onde parou com Laila.

Duke levanta a mão, sinalizando que ouviu Ray, mas não tira os olhos de mim.

— Fique por perto. Sou cheio de surpresas. — Ele se vira e sai andando. Vejo-o se afastar, notando a largura de seus ombros e a confiança com que caminha. É aí que percebo que estou em apuros.

e.NOR.MA.li.da.de: *sf.* realmente enorme

Fico remexendo o resto de cereal na tigela. O esforço necessário para pescar cada grão é demais para uma manhã de segunda-feira. Quando meu pai entra na cozinha, pergunta:

— Está pronta para o primeiro dia de aula?

Como se estivesse competindo em um programa de TV e o desafio fosse: a pior coisa para dizer a seu filho adolescente pela manhã.

— Me diz que dá pra fazer algumas sessões de expansão mental antes ou algo do tipo. — Preciso dessa parte do meu ritual matutino pelo menos. É o que me acorda.

— É muito difícil conseguir tecnologia do Complexo aqui do Lado de Fora. Vamos ter que pedir.

— O quê? A regra se estende aos programas também? Pode ser que não tenha acesso a eles?

— Você vai ficar bem, Addie. Não precisa deles. Os programas não existiam quando eu era garoto. De qualquer forma, sempre achei a progressão natural melhor para as habilidades.

Só porque não havia opção quando ele era mais novo. Mas, mesmo naquela época, eles faziam exercícios mentais para aprimorar as habilidades naturais. Levanto e coloco a tigela na pia.

— Você vai ficar bem, certo?

— Pai. É de manhã.

Ele sorri e me dá um abraço.

— Certo, eu entendo. Conversamos quando estiver acordada.

— Obrigada.

Na escola, minha cabeça ainda está zunindo. Me sinto perdida em um enorme mar de pessoas. Nunca vi uma escola tão grande. Antes da aula, passo pela porta da minha sala sem querer. Dou meia-volta e nado contra a corrente. Se fosse melhor em Transmissão de Pensamento, poderia forçar a palavra *andem* na mente das pessoas ao meu redor.

Encosto na parede do corredor e espero a multidão ir embora para conseguir voltar. O número da porta é C14 e, mesmo que já tenha decorado, checo duas vezes o papel com a grade horária que tenho em mãos para garantir que não vou entrar na sala errada. A grade confirma: política, C14.

Fiz um semestre de política americana há alguns anos, em Estudos Normais, então espero conseguir lembrar alguma coisa.

Entro e entrego a tira de papel ao professor.

— Bem-vinda — ele diz. — Pessoal, temos uma aluna nova: Addison Coleman.

— Podem me chamar de Addie — digo.

— Recebam-na bem.

Não sei se existe algum ritual que deve suceder essas palavras, mas observo ao redor, ansiosa. Alguns olhares indiferentes me saúdam. Quase todo mundo ainda está falando com o colega ao lado ou encarando o celular. Fico feliz que “receber alguém bem” não implica eu ter que compartilhar três fatos divertidos sobre mim ou passar por qualquer outro tipo de constrangimento, como eu temia. Talvez não precisasse usar minha história de disfarce no primeiro dia, afinal.

— Pode sentar — o professor diz, apontando para uma cadeira bem no centro, na primeira fila, um lugar que todos os outros, por razões óbvias, evitaram.

— Certo. — Tento encontrar outro lugar vago, mas o único é ao lado de um cara que está ocupando aquele assento além do dele. Avisto Trevor no canto do fundo. Sorrio, e ele acena com a cabeça.

Parece que minha única opção é o lugar da primeira fila, então dou dois passos e sento. O sr. Buford — nome do professor segundo minha grade horária que sabe tudo — vai até sua mesa e aperta o play em um iPod acoplado a uma caixa de som. A música toma conta da sala e quase todo mundo tampa os ouvidos com as mãos. Abafo o som mentalmente. O professor mexe nos controles até o som ficar mais baixo. Só então ouço o que está tocando: a música-tema de James Bond.

Um sorriso satisfeito surge no rosto gorducho do sr. Buford, como se tivesse acabado de utilizar o melhor método de ensino de todos. Tenho a sensação de que é a única agitação que verei nessa aula. Ele desliga a música e nos encara de maneira dramática.

— Nosso tema para as próximas semanas é... — Ele faz uma pausa e encara os alunos. Ninguém se dispõe a responder. — Alguma ideia? Justin?

Um cara sentado várias fileiras para trás diz:

— Filmes antigos?

Os outros alunos riem.

— Mulheres gostosas? — diz outro voluntário.

— Não, gente, vamos lá. Alguém?

Quando penso em dar a resposta que ele quer, tirá-lo daquele sofrimento, uma voz no fundo da sala diz:

— Agências de investigação financiadas pelo governo.

Aquilo foi mais específico do que “espões”, resposta que estava pronta para dar.

— Sim, obrigado, Trevor.

Me viro e faço cara de surpresa. Ele apenas dá de ombros.

O sr. Buford escreve várias siglas em um grande quadro branco com uma caneta cujo cheiro tóxico consigo sentir do meu lugar. Como ele não fica

chapado com aquela coisa? Fico impressionada com a falta de computadores na escola.

— Estudem o tema e aprendam os nomes completos. Vai cair na prova. — Aquelas palavras geram uma movimentação de cadernos se abrindo com tanta rapidez que, se estivesse na minha antiga escola, pensaria que o sr. Buford usara Telecinese. Ele ri. — Ah, a palavra mágica deu a vocês um pouco de motivação para pegar no tranco. Ótimo. Hoje vamos falar sobre o FBI.

Quando a aula termina, guardo meu caderno bem devagar, dando a Trevor bastante tempo para vir até mim e dizer oi. Depois de fechar a mochila, viro para trás casualmente, mas ele já saiu.

Lá se foi meu único amigo em Dallas. E estou usando o termo *amigo* de forma não muito correta. Certo, de forma bem incorreta. Eu mal posso chamá-lo de conhecido. Seja o que for, estava esperando encontrá-lo em algum momento do dia para não me sentir uma babaca sem amigos.

No corredor, observo os dois lados, esperando encontrá-lo, mas só vejo uma multidão de gente. Não vejo Trevor em lugar nenhum.

Consigo chegar até a hora do almoço sem ter que compartilhar nenhum fato divertido sobre mim, apenas nome, idade e de onde vim. Apesar do treino com meu pai, Califórnia saiu da minha boca sem querer, e tive que mudar a história. Havia tomado tanto cuidado para não deixar escapar nada sobre o Complexo que, com o nervosismo, falei o nome de um estado totalmente diferente. Bem, qualquer uma das versões seria mentira. Pelo menos desse jeito não tenho que contar só metade da verdade, correndo o risco de deixar o resto escapar junto. Em casa vou escrever minha própria história. Será mais fácil lembrar.

A área comum da escola é um grande gramado com árvores, cercado por bancos de pedra. Laila e eu sempre fomos amigas — tudo começou quando ela me defendeu no primeiro dia de aula do jardim da infância. Desde então, nunca fiquei sozinha na escola. Agora que não estou com ninguém parece errado. Em vez de almoçar sozinha em público, procuro a biblioteca.

O cheiro dos livros, uma mistura de pó e couro, me recebe quando passo pela porta e sorrio. Na Lincoln High, a biblioteca tem três fileiras de computadores nos quais podemos baixar informações em nossos cartões. Compro todos os meus livros na única livraria que restou na cidade, que, sem mim, provavelmente iria à falência. Mas a livraria não é nada comparada a isso. A biblioteca tem dois andares; uma ampla escadaria leva ao segundo piso. Janelas se estendem em volta de toda a parte de cima, deixando a luz entrar. Se estivesse sozinha, levantaria os braços e giraria. Em vez disso, subo as escadas, passando a mão pelos livros no caminho.

Encontro a seção de clássicos e, depois de ler os títulos por um tempo, puxo *Um conto de duas cidades* — que me parece apropriado — e inicio a leitura. Quando começo a perceber que o “pior dos tempos” de Dickens é muito pior do que qualquer coisa por que já passei, ouço o barulho de uma multidão atravessando a entrada de ladrilhos do andar de baixo.

Droga. Devo ter perdido o sinal. Uma turma vai ter aula na biblioteca hoje. Pego minha grade horária no bolso da frente da mochila querendo ler alguma

coisa diferente do que sei que está impresso lá: educação física. Aquelas duas palavrinhas me fazem tremer. Amanhã parece um dia melhor para começar a fazer educação física. Ninguém deveria ser obrigado a fazer exercícios às segundas-feiras. A decisão de matar aula em meu primeiro dia me faz sentir um pouco culpada. Mas, sabendo que posso alegar o status de aluna nova por pelo menos uma semana, deixo a culpa pra lá.

Escapo para o fim do corredor, certa de que ninguém vai me encontrar. Por que encontraria? É a estante de clássicos, deve ser uma das áreas menos visitadas na biblioteca de uma escola. Quando ouço passos em minha direção, fico genuinamente surpresa.

Levanto os olhos e vejo Trevor atentamente concentrado na fileira de livros à sua esquerda. Ele passa o dedo pelas lombadas, para e coloca o livro que está segurando entre outros dois.

— Oi — digo quando ele se vira.

Trevor recua um pouco, surpreso antes de identificar totalmente quem sou.

— Ah, oi, Addison. O que está fazendo?

— Aparentemente matando a aula de educação física.

— Fiquei surpreso ao ver você na aula de política hoje cedo. Pensei que tivesse dito que estava no penúltimo ano.

— Eu... hum... — O pânico toma conta do meu peito. Meu pai me colocou em uma turma mais avançada? O que devo dizer? *Bem, é, minha mente é pelo menos dez vezes mais eficiente do que a de um Normal, então meu pai quis me desafiar o máximo possível.* Mesmo que pudesse dizer isso, é provável que não desse muito certo.

— Você fez um teste para entrar?

— Sim! — digo, empolgada demais. — É, eu fiz, sim. — Aponto para o livro que ele acabou de colocar na estante, tentando mudar de assunto. — O que está devolvendo?

— Ah. — Ele olha para a lombada do livro. — *1984*, Orwell.

Eu amo aquele livro, mas não gosto de influenciar as pessoas e impedi-las de dar opiniões sinceras sobre uma história antes de dizer como deveriam realmente se sentir.

— Gostou?

Ele ri e apoia o ombro na estante. Sua presença como um todo, do sorriso casual à postura relaxada, revela descontração.

— Não li. Nem sei quem leria. — Ele aponta para os livros que o cercam.

— Os clássicos só são retirados quando são exigidos na aula de literatura.

— Hum. — Levanto o livro que está em minhas mãos com as sobranceiras erguidas.

Ele inclina a cabeça para ler o título.

— *Um conto de duas cidades*. Ah, você gosta de clássicos. Desculpe. Sorrio.

— Não, tudo bem. Gosto de livros em geral. Hoje senti vontade de torturar o cérebro com linguagem arcaica e pensamentos profundos. E você? Se não leu, por que está devolvendo?

— Sou auxiliar da biblioteca durante a sexta aula.

— Legal. — Aquela seria minha tarefa dos sonhos. — Como conseguiu?

— Me machuquei e não posso fazer educação física. — Ele sorri. — Se pudesse fazer outra coisa mais interessante, todo mundo começaria a fingir que está machucado.

Quando ele diz a última palavra, minha lista de machucados de mentira já está no número cinco.

— Espera aí, então está me dizendo que isso é como um castigo para você?

— Está mais para câmara de tortura.

Respiro fundo.

— Estou profundamente ofendida.

— É que esse lugar é tão silencioso e esses livros começam a parecer todos iguais depois de um tempo.

— Charles Dickens está se revirando no túmulo neste momento — digo a ele.

Ele força uma expressão séria, endireita o corpo e acena com a cabeça.

— Anotado. Não criticarei seus amigos quando estiver por perto. — Trevor vira os livros que tem nas mãos e encara uma das lombadas. — Bem, é melhor voltar ao trabalho. A bibliotecária — ele olha para trás — é uma nazista.

Arregalo os olhos.

— É mesmo?

Trevor junta as sobrancelhas.

— Não literalmente.

— Ah, certo.

Ele dá um meio sorriso que disfarça apenas metade da confusão no seu olhar.

— Certo, então tchau.

Assim que ele sai, pego o celular e mando uma mensagem de texto para Laila:

É difícil fingir ser Normal. Ah, e encontrei alguém para substituir você.

Muito obrigada. Quem é ela?

É ele. E, para um Normal, parece bem legal. Serve como melhor amigo.

Sou insubstituível. E preciso ir. O sr. C está me encarando. Acho que está lendo minha mente. Melhor me concentrar para bloquear.

Trevor passa pela estante, agora com metade da pilha de livros. Ele para, ameaça continuar e volta.

— Está mesmo matando aula?

Sorriso, me sentindo a rebelde que não sou.

— Estou.

Trevor sacode a cabeça e continua andando.

Pego meu caderno, abro em uma página em branco e escrevo: *O fantasma de Charles Dickens me disse que depois que se revirou no túmulo não conseguiu voltar a dormir. Decidiu deixar o descanso eterno, reabitar seu corpo decomposto e se vingar por perturbar seu repouso. Você foi avisado.*

Arranco a página e dobro no meio, me certificando de que as pontas estão perfeitamente alinhadas. Nunca tive que fazer um amigo desde o jardim de infância, e aparentemente minhas técnicas não mudaram muito desde então. Escrevi o nome de Trevor do lado de fora. Mas como vou entregar?

a.PA.RA.to: *sm.* qualquer aparelho para um fim específico

Na hora do almoço, faço questão de me sentar longe de Laila. Ela ri.

— Está brava comigo até agora pelo que fiz ontem?

— Não, adoro quando você me joga do palco para me obrigar a conversar com um cara que odeio.

— Você não odeia ele.

— É verdade. Isso exigiria muita energia. Sou totalmente indiferente a ele.

— Devia dizer isso pra você mesma, porque estava suspirando por ele no estacionamento ontem. O charme de Duke já está começando a fazer efeito.

Laila está certa, mas tento me convencer do contrário. Duke e eu não temos absolutamente nada em comum.

— Não — digo, na defensiva. — Sou imune a ele.

— Ninguém é.

Alunos conversam em grupos no gramado e meus olhos são atraídos para uma dupla lutando contra um ninja indefinido. Um professor vai até lá, pega o simulador de holograma e o coloca no bolso, fazendo o ninja desaparecer. Os garotos resmungam em objeção. Respiro fundo e volto a olhar para Laila.

— Não estou agindo certo.

Na maior parte do tempo, Laila é capaz de acompanhar minhas mudanças radicais de assunto, mas desta vez ela fica confusa.

— Hum... o quê?

— Estive pensando em livros cujos pais do personagem principal estão se divorciando. Um grande tema é a rebeldia. Acho que vou tentar.

Ela ri.

— Addie e rebeldia. Duas palavras que não combinam.

A princípio, fico ofendida com o comentário, mas ela está certa. Não sou rebelde. Nem um pouco. Mas, considerando a tensão insana que ainda persiste entre mim e a minha mãe, tenho quase certeza de que posso começar a ser rebelde agora mesmo.

— É claro que consigo me rebelar.

— Você sabe que está falando de ficção, né? Os romances que você lê não são guias de estudo do comportamento humano.

Dou de ombros.

— Tenho um período de pelo menos seis meses em que meus pais vão

culpar a si próprios, e não a mim, por qualquer coisa que fizer de errado. Pensei em uma mecha azul no cabelo.

Os olhos dela se iluminam como se Laila de repente entrasse na minha.

— Sério? Porque seria incrível.

— É suficiente? Não quero exagerar, mas também não quero banalizar meu sofrimento.

— Só é suficiente porque seus pais já disseram pra você não tocar nos seus lindos cachos loiros. Meus pais nem notariam.

— Estou muito atrasado para entrar na conversa? — Duke pergunta, subindo no palco e sentando ao meu lado. Fico surpresa, porque não percebi que ele estava chegando. Outra coisa que me surpreende é ter esquecido o quanto ele é bonito. Se vai ficar mais tempo por perto, preciso encontrar algumas falhas e me concentrar nelas. Analiso-o por um momento, mas não encontro nada. Duke não tem falhas, nem uma única espinha. Nova estratégia: não vou olhar para ele.

— Addie só estava me contando que vai fazer uma mecha azul no cabelo depois da aula — Laila diz, atualizando a conversa para Duke.

— Destacaria seus olhos — ele afirma.

— Como uma coisa dessas destacaria meus olhos?

— Porque seus olhos são... — Ele fica sem palavras quando o encaro. — ... hum, castanhos. Seus olhos são castanhos. Eu poderia jurar que eram azuis.

— É difícil memorizar quando se observa tantos, né?

Ele estreita os olhos, confuso, e tento não rir. Laila bate na minha perna.

— Você devia nos ajudar a tingir o cabelo de Addie depois da aula.

Me contenho para não cuspir minha objeção ao convite e acrescento:

— Sim, claro. Vamos fazer isso na casa da Laila.

Ela franze o nariz e me lança um olhar irônico que diz “muito obrigada”.

— É mesmo?

— Sim.

— Mas não vai ter ninguém na sua casa, Addie, e meu pai e meus irmãos estarão na minha. — É o jeito educado de Laila dizer que não quer Duke na casa dela.

Também não o quero na minha e, como foi ela quem deu a ideia, não recuo.

— Eu sei, mas minha mãe pode chegar cedo hoje. Ela não pode me ver de cabelos molhados se o objetivo é causar o máximo de impacto.

— O máximo de impacto? — Duke pergunta.

— Sim, ela está se rebelando — Laila conta a ele.

— Contra o quê? — ele questiona.

— Não sei muito bem. Contra o quê, Addie? — Laila pergunta com um sorrisinho.

— Contra a anormalidade.

— Deixa eu ver se entendi: você está se rebelando contra ser Paranormal?

— Não, isso não tem nada a ver com minhas habilidades. Estou promovendo o normal, o clichê, o típico.

— Não estou entendendo nada.

— Ela acha que se puder passar por todos os itens da lista de como o

adolescente típico lida com o divórcio seus pais vão voltar.

Olho feio para Laila, irritada por compartilhar aquilo com Duke.

— Não é verdade. Não acho que eles vão voltar. — Não mais. — Mas já que eles estão se divorciando, não quero perder nenhuma das experiências divertidas que acompanham o processo. — Seguro uma mecha de cabelo.

— Ah, não! Seus pais estão se divorciando? Sinto muito, é uma droga.

— Meus pais e os de metade dos alunos dessa escola, em algum momento... Nada novo nem empolgante, bem comum.

Ele levanta as sobrancelhas.

— E comum é... bom?

— Exatamente. Viu só? Está aprendendo. É tudo uma questão de expectativa. Se o usual acontece, podemos esperar o resultado típico, sem surpresas. — Tentando não o encarar muito, alterno entre observar o céu sem nuvens, uma pedrinha perto da minha mão e a trepadeira que cresce no prédio à nossa frente. Ela cobriu praticamente todos os centímetros de tijolos vermelhos enquanto escalava a parede, procurando um espaço vazio.

Duke fala e volto minha atenção para ele.

— Então está agindo contra a vontade de seus pais. E qual é exatamente o resultado típico disso?

Me inclino para trás, apoiando o peso nas mãos.

— Bem, antes do divórcio minha mãe teria pirado. Ficaria de castigo, ela me levaria para o salão para tingir a mecha na cor original, e eu ainda teria que pagar.

— E agora?

— Agora ela vai pirar, mas como vai reconhecer o ato pelo que é, uma forma de implorar por amor e atenção, vai dizer que está decepcionada, mas depois me levar ao cinema ou algo assim.

— Sério? — Ele encara Laila como se quisesse confirmar que estou falando sério. Quando ela dá de ombros, Duke volta a me encarar. — Sua mãe vai recompensar você?

— Com certeza.

Tanto ele quanto Laila parecem duvidar. Garanto aos dois.

— Vocês vão ver.

Ele salta para o chão e para na minha frente. Apoia uma mão de cada lado das minhas pernas ainda dependuradas no palco, e diz:

— Parece legal. Vejo você depois da aula então, Olhos Azuis.

Contenho um xingamento.

— Sabia que não eram castanhos. E não sabia que você está estudando Manipulação da Luz. Estou impressionado. Mas exige concentração. — Ele se aproxima lentamente, até ficar com a boca a poucos centímetros do meu ouvido. Meus olhos se agitam e sei que ouviu meu suspiro, por mais baixo que tenha sido. — Você se distraiu — ele sussurra, então pega a mochila e vai embora.

— Não com você — grito quando ele sai.

Duke se vira e anda de costas por um instante com um sorriso no rosto irritantemente lindo. Ele sabe que estou blefando. Levanta as sobrancelhas e dá de ombros, então dá meia-volta e vai embora.

— Você sabe que quero te matar, não sabe? De novo — digo para Laila, enquanto esperamos sentadas na sala da casa dela até Duke chegar. — Por que foi convidar ele? Vai dar a impressão de que gosto dele ou algo assim.

— Você gosta.

Os irmãos dela se jogam no sofá, perseguindo um ao outro. Eles batem em um dos poucos quadros que restaram na parede e o fazem balançar. Há cinco anos a casa de Laila parecia ter saído de uma revista de decoração. Agora não tem mais quase nada, só sobrou o essencial.

Laila grita com os meninos.

— Tenho visita hoje, então se tranquem em algum lugar até a mamãe chegar do trabalho. — Ela levanta para endireitar o quadro. Mesmo disfarçando bem, percebo que está constrangida. Por que insisti em fazer isso na casa dela? Sou uma péssima amiga...

A campainha toca e meu coração dispara. Laila ergue a sobancelha e saltita até a porta.

— Duke! — ela exclama. — Como está? Entre.

— Estou bem. Trouxe umas coisas. — Do bolso de trás, ele tira um par de luvas de borracha laranja que cobrem até o cotovelo.

— Vamos tingir o cabelo dela, não lavar o banheiro — diz Laila.

— Achei que tinta para cabelo fosse tipo um ácido que corrói a pele.

Eu dou risada.

— Claro, porque assim quem não ia querer tingir o cabelo, não é mesmo?

— Então não tem nenhuma advertência sobre queimaduras na caixa?

Laila abaixa os cantos da boca como se estivesse impressionada.

— Acho que Duke andou lendo caixas de tinta para cabelo, Addie. O que você acha?

— Andou fazendo a lição de casa? — pergunto e levanto.

— Não queria parecer um idiota, mas aparentemente não adiantou muito.

Laila bate no peito dele.

— Não foi idiota, foi fofo. Vamos, deve ter algum banheiro para você limpar.

— Haha.

Na cozinha, Duke veste as luvas de borracha e levanta as mãos como se estivesse prestes a fazer uma cirurgia. Ele faz até as luvas parecerem fofas.

— O que eu faço? — ele pergunta.

— Por que não senta ali pra não se machucar? — falo apontando para a mesa.

Laila intervém:

— Ah, Addie, não seja chata.

— Diz a menina que não vai passar ácido no cabelo.

Laila me coloca sentada em uma banqueta e separa uma parte do meu cabelo.

— Duke, venha segurar enquanto preparo essa coisa.

Ele fica perto demais e tem um cheiro bom demais. Desvio os olhos, focando nos números verdes do relógio do micro-ondas. Laila atravessa a cozinha e abre a torneira para encher um frasco.

— Você sabe o que mais uma menina comum que está se rebelando deve fazer? — Duke pergunta em voz baixa.

Encaro Laila, mas é óbvio que ela não está escutando.

— O quê?

— Passar o dia todo com um garoto que não é bom pra ela.

— E esse garoto seria...?

— Eu, claro.

— Você não é bom pra mim?

— Terrível. Vou tirar sua concentração nas tarefas da escola, obrigar você a ficar pensando o tempo todo em me beijar e fazer você querer passar todo o seu tempo livre longe de casa.

Mal consigo respirar.

— Parece tentador... você sabe, só pra continuar com meu plano de agir como uma adolescente comum.

— Exatamente.

Levanto a cabeça e o encaro nos olhos.

— Você sabe que não somos parecidos, né?

— Dizem que os opostos se atraem por um motivo...

— Sim, imãs.

Um jato de água atinge a lateral do meu rosto.

— Atenção, estou armada e sou perigosa — Laila diz, rindo. Ela vira o frasco de água para Duke.

— Não, estou indefeso. — Ele solta meu cabelo e me segura pela cintura, de costas para ele.

— Está me usando como escudo? — pergunto.

— Você não é muito boa pra isso — ele diz. — É pequena demais.

Como se quisesse comprovar o argumento dele, Laila lança uma série de jatos. A maior parte pega em mim, mas vários o atingem também. O tempo todo empurro seu antebraço na tentativa de me soltar. Duke me faz sentar de volta na banqueta e começa a perseguir Laila. Ela grita e corre. Quando voltam para a cozinha, ele está segurando o frasco de esguichar e Laila está com o rosto todo molhado.

— Defendi sua honra — Duke diz para mim.

— Você me usou como escudo.

— E isso é pra quê? — ele pergunta, segurando o frasco.

— Precisamos molhar o cabelo da Addie.

— Eu cuido disso — ele diz prontamente.

— Não confio em você com essas luvas de limpar banheiro.

Duke lança um jato de água em meu rosto. Bufo, jogando água para todo lado, e tento conter um sorriso.

— Você vai se ver comigo.

Uma voz grave grita do fim do corredor:

— Laila, o que é toda essa água?

— Nada, pai. Seco em um minuto.

A cabeça dele aparece na porta e vê Duke e eu.

— Ah, não sabia que tinha visita.

— Tenho.

Mechas do cabelo dele estão arrepiadas em ângulos estranhos, como se tivesse acabado de acordar de um cochilo. Suas bochechas parecem mais magras que da última vez que o vi e as olheiras estão muito mais escuras.

— Tem uns trocados pra me emprestar?

Laila apalpa os bolsos.

— Não.

O pai de Laila coça o nariz e fico tentada a coçar o meu também. Não só porque ele fez, mas porque o cheiro de fumaça que veio junto com ele finalmente chega até mim.

— Por que isso, Laila? Eu pago depois. Sua mãe não deixou nada e um amigo meu está chegando daqui a pouco. Estou devendo dinheiro pra ele.

— Sinto muito. Não tenho nada mesmo. Gastei tudo no almoço de hoje.

Ele a encara por um bom tempo, provavelmente tentando verificar se os pensamentos dizem a mesma coisa que a boca. O mais provável é que agora Laila esteja pensando “Filho da mãe!”. Certo, talvez não “mãe”. Ela pode ter pensado em outra palavra mais explícita. Mas mesmo assim. Percebo que Laila está desconfortável e procuro um jeito de mudar de assunto.

— Oi — diz Duke. — Você deve ser o pai da Laila. Prazer. Sou Duke...

— Duke Rivers. É, eu sei quem você é. O melhor quarterback do ensino médio dos últimos dez anos, dentro e fora do Complexo.

Reviro os olhos. Como se fosse justo comparar os caras de fora do Complexo com Duke. Ele tem uma habilidade extra que os outros não têm.

— Obrigado. Costuma ir aos jogos, sr. Stader?

— Não muito, mas leio as notícias. Já decidiu para qual faculdade vai no ano que vem?

Duke apoia a mão no meu ombro e, mesmo usando uma luva de borracha, ainda consegue fazer meu coração disparar.

— Ainda não. Estou decidindo.

— Quantas ofertas de fora do Complexo você recebeu?

— Várias.

— Espera aí — interrompo —, você vai fazer faculdade do Lado de Fora? — Não são muitas as pessoas que fazem isso.

— Não existem muitas oportunidades de jogar futebol americano depois da faculdade no Complexo.

— Está querendo dizer que as faculdades Normais fazem recrutamento aqui? Achei que ninguém do Lado de Fora tivesse permissão para entrar no Complexo. Não existem regras para os esportes?

— Não, nada disso. Particpei de alguns testes abertos. E jogamos contra várias escolas de fora do Complexo. Você não acompanha mesmo futebol americano, né?

A campanha toca, interrompendo minha tentativa de responder — provavelmente uma coisa boa, já que a resposta teria incluído as palavras “nem um pouco”.

— Laila, vá atender a porta — diz o pai dela. — Fala que não estou.

— Ah, pai, qual é?

Ele sai sem dizer mais nada. Laila vai atrás dele.

— O que ele usa? — Duke sussurra, apontando com a cabeça para onde estava o pai de Laila. — Supressores ou intensificadores?

— Ele é Telepata. — É tudo o que preciso dizer. Todo mundo sabe que se trata de uma habilidade que pode enlouquecer uma pessoa aos poucos. Não gostaria de ter o pensamento dos outros dentro da minha cabeça o tempo todo, mas ainda assim não tentaria suprimir minha habilidade dessa forma. Muito menos se isso prejudicasse minha família.

A campainha toca novamente, seguida por batidas na porta. Laila volta para a cozinha, olha pela janela e solta um suspiro alto. Ela se vira e se apoia no balcão.

— Se ele não vai virar homem, eu vou.

— Você vai virar *homem*? — pergunto.

— Você entendeu o que quis dizer. Vamos cuidar daquele otário. Estão prontos?

— Prontos pra quê? — questiono, mas ela já está indo para a porta. Desço da banquetta e vou atrás dela.

— Venham comigo — ela diz.

— O que está acontecendo? — Duke pergunta, seguindo logo atrás.

— Não faço a mínima ideia.

Laila encosta a palma da mão no monitor da parede e, quando a porta se abre, coloca a mão no alto do batente. Um homem alto e musculoso com piercing na sobrancelha e pose de valentão acena com a cabeça para ela.

— Preciso falar com seu pai.

— Ele não está.

O homem limpa a boca, revelando uma tatuagem de caveira no dorso da mão.

— Eu sei que está.

— Escute aqui, otário — Laila coloca a mão no quadril curvilíneo —, achei que tivesse pedido pra parar de vir aqui.

— Vai chamar ele logo.

— Ele não está. Mas está vendo minha amiga ali? — Ela sai da frente e revela toda a minha glória *não* ameaçadora. Ele mal se vira para mim, mas ainda assim fico tensa. — Ela é Clarividente e me contou uma coisa interessante sobre seu futuro. Certo?

Aguardo a resposta dele, mas me dou conta de que a pergunta é direcionada a mim. Ela quer que eu confirme a mentira? Não se lembra de que não sou uma mentirosa convincente?

— Sim. Seu futuro. Nada bom.

Laila me lança um olhar que diz: “Isso é realmente o melhor que consegue fazer?”. Depois se vira para ele novamente.

— É um alerta. Fique longe da minha casa.

— Escute, menina, chame seu pai e finjo que você não acabou de fazer uma tentativa ridícula de ameaça.

Duke entra na minha frente e fico surpresa com o modo como me sinto aliviada. Me viro para conseguir ver.

— Algum problema? — ele pergunta ao homem.

— Sim, garoto, alguém me deve dinheiro. Vai pagar a dívida?

Duke sorri.

— Quer mesmo tratar disso na frente das meninas? Não pode fazer isso outra hora?

O idiota alterna o olhar entre mim e Laila, com um pouco menos de raiva.

— Quando ele volta? — Seu tom de voz é sarcástico, como se tivesse decidido fazer nosso jogo por enquanto.

— Provavelmente só amanhã.

— Tudo bem — ele resmunga. — Espero receber meu dinheiro amanhã.

— Damos o recado.

O homem entra em um carro rebaixado decorado com chamas vermelhas e laranja. Duke fecha a porta da casa.

— Ele já foi.

Laila encosta na porta.

— Isso não resolveu o problema, Duke. Só adiou. Veneno vai voltar.

— O nome dele é Veneno? Sério? Me faz lembrar do Raio Davis — digo tentando deixar o clima mais leve, mesmo sabendo, no fundo, que Veneno não é nada como Raio. Parece que Veneno realmente faz jus ao apelido.

Laila agarra dois punhados de cabelo pela raiz, resmunga e vai para a cozinha.

Duke e eu nos encaramos, depois aponto com a cabeça para a porta.

— Isso sempre funciona?

— O quê?

— Dar um sorriso.

— Costuma funcionar. Você que vai ter que me dizer.

Balanço a cabeça e dou um sorrisinho. Ele é bom.

NOR.MAL.en.contro: *sm.* ato de sair com um Normal

Eu não devia estar aqui, eu não devia estar aqui, eu não devia estar aqui...

Minha mente repete essas palavras várias vezes e, ainda assim, em vez de virar as costas e voltar pelo longo e deserto corredor, meu corpo parece achar que encostar a orelha na porta onde está escrito TREINADOR é uma boa ideia.

Na aula de política, deixei meu bilhetezinho idiota, estilo jardim de infância, sobre a mesa de Trevor. Sabia que ele tinha visto, porque pegou o papel e ficou observando ao redor quando entrou. Mas logo depois da aula o sr. Buford veio falar comigo sobre um grupo de estudos que se encontra às quintas-feiras. Claro, eu não tinha respondido uma de suas perguntas, mais por estar distraída com o bilhete do que por não saber a resposta... Bem, eu também não sabia a resposta. Mas ainda assim o sr. Buford não precisava agir como se eu fosse um fracasso acadêmico só por causa de uma pergunta não respondida. E o mais importante: ele me segurar depois da aula me fez perder a oportunidade de falar com Trevor. Então, quando corri da sala e o vi virar no outro corredor, o segui até aqui. Pressiono a orelha contra a porta com a inscrição TREINADOR enquanto minha mente grita como sou uma perseguidora louca.

— Você tem autorização do fisioterapeuta? — pergunta uma voz desconhecida.

— Ainda não, senhor. — É a voz de Trevor. — Mas esperava que pudesse me liberar.

— Não é assim que funciona. Como você está?

— Estou bem melhor.

— Sério? Porque da última vez que te vi, você parecia estar sentindo muita dor. — Uma longa pausa. — Sei que quer jogar, mas agora tem pinos no ombro. Vai demorar um tempo para se acostumar com uma coisa dessas. Seu corpo precisa se recuperar.

— Mas já faz quase um ano.

— Por que não gira os braços para eu ver?

Levanto a cabeça com cuidado para espiar pela janelinha. Trevor está de costas para mim, sentado sobre a maca. Está sem camisa, e duas cicatrizes arroxeadas descem por seu ombro direito. Não consigo parar de encarar. Quase nunca vi cicatrizes. Havia um garoto no primeiro ano da escola que não quis ir a um Curador porque achava que a marca nos nós dos dedos o faria parecer mais

durão, mas um mês depois mudou de ideia e teve a pele regenerada.

Passo os olhos pelas cicatrizes nas costas de Trevor. Apesar do que disse quando nos conhecemos, ele parece não ter um só grama de gordura no corpo, muito menos uma camada. Considerando que Trevor é meu futuro melhor amigo, encaro suas costas mais um pouco.

Ele ergue o braço para fazer uma rotação e solta um gemido de dor.

— Achei que tivesse dito que estava melhor.

— Quando faço isso não me sinto tão melhor assim.

— Trevor, sei que quer evitar isso, mas acho que vai precisar de outra cirurgia.

Trevor baixa a cabeça e seus ombros sobem e descem.

— Sinto muito.

Ele endireita o corpo.

— Não é culpa sua. — Ele levanta e pega a camisa. Saio da janelinha e corro dali. De volta ao corredor tumultuado, começo a andar mais devagar e sigo o fluxo por um instante, preocupada demais para lembrar onde é a próxima aula.

Chega a hora do almoço e não consigo parar de pensar em Trevor e sua lesão. Fico imaginando o que pode ter acontecido com ele. Me misturo com os outros mais uma vez, observando em volta. Estou começando a reconhecer alguns rostos aqui e ali, mas não me sinto próxima o bastante de ninguém para entrar em um grupo. Não tenho ideia de onde Trevor e seus amigos ficam na hora do almoço — talvez saiam da escola —, e como ele não ficou nem um minuto depois da aula para falar qualquer coisa sobre meu bilhete, começo a me perguntar se está tentando me evitar. Deve estar sentindo que emana uma vibração de perseguidora louca. Talvez eu devesse participar do tal grupo de estudos que o sr. Buford recomendou, assim conheceria algumas pessoas. Sou péssima para fazer amizade.

A biblioteca é o único lugar onde me sinto mais ou menos à vontade, então vou até lá. Pego *Um conto de duas cidades* na estante e sento. Abro o livro numa página marcada com uma ficha de registros. Franzo a testa e leio. *Procura-se bom caçador de zumbis. Ligar para 555-3681. É necessário ter experiência comprovada e fornecer referências.* No verso, Trevor havia desenhado um protótipo de zumbi usando peruca branca e perseguindo um homem. Um sorriso aparece no meu rosto. Ele tem senso de humor e criatividade. Me pergunto quando colocou isso dentro do livro. Procuro entre os corredores, mas não o encontro em lugar nenhum. Gravo o número dele no meu celular e guardo a ficha na bolsa. *De volta ao caminho para a Terra dos Melhores Amigos.*

Depois da escola, pego o telefone e ligo para Trevor.

— Alô? — ele atende.

Me sento na beirada da cama.

— Estou ligando por causa do anúncio em busca de um caçador de zumbis.

— Você teria disponibilidade para começar imediatamente? Parece que minha vida está em perigo.

— Pode descrever o zumbi que está atrás de você?

Ele para e pensa.

— É um cara muito estranho com sotaque forte, talvez tenha uma barbicha,

e vive carregando um livro enorme, bem chato. Pode ser preciso arrancar o livro de suas mãos decrepitas e usar para bater nele até a morte. Ler o livro para ele pode funcionar também.

É claro que ele tinha que falar isso.

— Chato? Sou capaz de pegar um livro bem grosso aqui e me juntar à causa dele.

— Ah, não. Será que perdi minha caçadora de zumbis?

— Está me oferecendo o emprego?

— Bem, tem mais uma etapa. Sexta à noite, eu e um pessoal vamos no cinema. Por coincidência, vamos assistir um filme novo de zumbis. Será seu guia de estudos oficial.

Percebi que ele fez questão de dizer que haveria “um pessoal”, não seríamos só nos dois. Então ele não está interessado em mim, serve perfeitamente para ser meu melhor amigo.

— Está a fim de ir? — ele pergunta.

Fico ligeiramente enjoada, pois ver pele devorada por vermes durante duas horas não me parece legal.

— Sim, claro. Que horas?

— O filme começa às oito.

— Tudo bem. — Ficamos em silêncio por alguns instantes.

— Addison, pode esperar um minuto?

— Claro.

— O que foi? — Eu o ouço perguntar. Não estou tentando escutar a conversa, mas ele não está se esforçando para abafá-la.

— Quer brincar de arremessar? — um garotinho diz.

— Ainda não posso. Sinto muito.

— Mas o médico disse que seria essa semana, não é?

— Mais duas semanas. — A voz de Trevor parece tensa. O garotinho resmunga em desaprovação e Trevor diz: — Mais alguma coisa?

Encaro minhas paredes vazias. São telas em branco, esperando que eu as decore. O menino continua.

— Ah, a mamãe ligou e pediu pra você colocar o jantar no forno porque ela vai chegar tarde.

— Está bem, já vou. — Trevor volta para mim: — Desculpe por isso.

— O que aconteceu com você? — pergunto.

— O quê?

— Por que você não pode arremessar? — Lembro das duas cicatrizes no seu ombro direito. — Como se machucou?

— Jogando futebol americano.

Contenho um lamento.

— Você joga futebol americano?

— Jogava até o ano passado, antes de me machucar.

— Que droga.

— É, uma droga mesmo. Bem, tenho que desligar. Você precisa de carona pro cinema ou encontra a gente por lá?

— Ainda estou sem carro. — Outra coisa que perdi com a mudança.

Mesmo tendo um carro antigo, ainda é melhor do que qualquer coisa que eles têm por aqui, então tive que deixá-lo no Complexo. Meu pai prometeu comprar um carro logo mais.

— Certo, então passo pra te pegar.

— Obrigada. Mando o endereço por mensagem.

Desligo e guardo o celular no bolso com um sorriso. Tenho um amigo. Estou orgulhosa de mim mesma. Dou meia-volta e quase tropeço no cesto de roupas limpas e dobradas ao pé da cama. O aparelho vibra no meu bolso e atendo antes de checar o número na tela.

— Já está ligando pra cancelar?

— Cancelar o quê? — Laila pergunta.

— Ah, oi!

— Você parece feliz. Por que está feliz?

Começo a guardar as roupas.

— Porque vou sair com Trevor e com os amigos dele na sexta.

— Ah, me sinto uma mamãe-passarinho orgulhosa vendo minha filha voar do ninho. Voe, passarinho, voe! Ah, não! Não caia. Não, esse é o chão. Addie, cuidado com o chão. Nossa, que azar. É melhor você voltar pra casa.

Faço bico.

— Isso deveria ser encorajador?

— Não, mas achei divertido. E já quero que você volte pra casa.

— Por quê? — Uma das pernas de um jeans que dobrei está mais longa que a outra, então dobro a calça de novo.

— Porque você é minha melhor amiga. — Ela soa triste.

— Acho que tem outro motivo. Qual é?

— É que... não é nada. Estou com saudade. Agora me conte sobre Trevor.

Ela não vai escapar tão facilmente.

— Laila, me conta.

— É que você me ajuda a manter os pés no chão, só isso. Agora, por favor, faça seu trabalho. Esse tal de Trevor vai ser meu substituto?

Suspiro.

— Sim.

— Você sabe que nunca vai dar certo. Meninos e meninas não podem ser melhores amigos. É impossível.

Balanço a cabeça como se ela pudesse me ver.

— Não, isso não é verdade. Ele tem todas as características de um melhor amigo.

— Certo, vou entrar no seu jogo. Quais as características de um melhor amigo?

— Um: me sinto completamente à vontade perto dele. Nada de nervosismo ou ansiedade. Dois: ele é muito legal. E três: ele não me irrita.

— Espera aí, está dizendo que um interesse amoroso precisa te irritar?

— No começo. Depois acabo dando conta de que toda a irritação e a desconfiança não passam de tensão romântica.

— Addie, você é muito perturbada.

Coloco o jeans dobrado sobre a pilha dentro do armário e sento na cadeira

da escrivaniinha. Outra ligação chama, e afasto o telefone da orelha para ver quem é.

— Argh, é a minha mãe.

— Atenda — Laila diz.

— Não quero.

— Ela quase me atacou outro dia no mercado perguntando se você estava bem, se estava se adaptando. Foi ridículo.

— Se ela quer saber como estou, talvez não devesse ter se separado do meu pai.

— Você vai ter que falar com ela mais cedo ou mais tarde.

Mordo o lábio. Sei que Laila está certa. Sei que meu pai está certo. Eu devia ligar para minha mãe. Mas só de pensar em falar com ela minha garganta se fecha.

— Depois eu decido.

Ouçó alguém bater na porta de Laila.

— Espera um pouco. — Ao fundo, o pai pergunta se ela pode emprestar dinheiro a ele. — Não tenho nada, gastei tudo no almoço de hoje — ela responde. Não consigo ouvir direito a resposta dele, mas dá para notar que não está feliz. Laila finalmente volta ao telefone. Posso quase ouvir seus olhos se revirarem quando ela diz: — Não aguento mais meu pai.

— O que ele disse?

— Que está devendo dinheiro pra um cara. Grande novidade!

— Sinto muito.

— Não sinta pena de mim. — Ela solta um suspiro, depois grita: — Pai! Campainha! — Para mim, ela resmunga: — Deve ser o cara. — Ficamos em silêncio por um momento e Laila resmunga novamente. — Ai, tenho que atender a droga da porta. Falo com você depois.

— Certo. Tome cuidado e não faça nada idiota — digo, mas ela já desligou.

PA.RA.mi.lha.ção: *sf.* humilhação acima da média

Encaro o espelho tentando ignorar as batidas agitadas do meu coração. A mecha ficou um tom de azul mais vibrante do que eu imaginava. Além disso, a mecha é maior do que eu pretendia que fosse. Tive certeza de que não estava legal quando os olhos de Laila se arregalaram depois que secamos e escovamos meu cabelo.

Ela tenta disfarçar.

— Talvez você devesse usar encaracolado mesmo. Liso destaca muito.

— Não — insisto. — Revolta exige comprometimento.

— Acho que ficou lindo — Duke diz. — Mas sou o cara que espera ter mais um papel em sua revolta.

Laila alterna o olhar entre nós.

— O quê?

— Nada — respondo. — É melhor eu ir pra casa.

— Ei, Duke, pode dar uma carona pra ela? Preciso ver como meu pai está.

Olho feio para Laila, que só murmura um “obrigada”, sai do banheiro e desaparece no corredor.

Duke ri.

— Eu que devia agradecer.

— Ela vai ver só amanhã. Vamos então.

Saímos da casa e Duke diz:

— Eu apostaria nela em uma briga.

Respiro fundo e bato as costas da mão na barriga dele. Ruborizo em seguida ao lembrar que isso conta como paquera segundo o curso rápido que Laila tentou me dar várias vezes ao longo dos anos.

— Desculpe — digo, enfiando a mão no bolso.

— Não doe.

Quando entramos no carro, Duke liga o rádio em um volume um pouco abaixo do insuportável e fica falando durante todo o caminho sobre futebol americano, sobre como seu cubículo de meditação é pequeno, sobre a torta de pêssego da mãe, que é a melhor do mundo e eu deveria experimentar. Fico feliz por não ter que preencher o silêncio.

— Eu moro aqui. — Aponto para minha casa, que parece pequena e simples quando Duke a encara. Ele mora no extremo da cidade, onde ficam todas as casas grandes. Duke estaciona. — Obrigada. — Começo a sair do carro.

— Tem certeza de que não quer que eu entre com você? Provavelmente sua mãe não vai gritar tanto na presença de uma testemunha.

Não quero que ele entre.

— Não podemos jogar tudo em cima dela de uma vez só. O cabelo vem primeiro. O garoto vem depois. — Não tenho ideia de por que disse isso.

Ele concorda.

— Está bem. Boa sorte. Até amanhã.

Seu olhar é tão intenso que sinto que pode ver através de mim. Coloco a mão no centro do painel do carro, a centímetros de onde está a mão dele.

— Você gosta de ler?

— Ler?

— Você sabe, baixar um livro no tablet e ler... por diversão.

— Não muito.

Ergo as sobrancelhas.

— Até amanhã. — Saio do carro.

— Somos como imãs, Addie — ele grita enquanto me afasto.

Eu rio. Duke me faz rir. Suspiro e entro em casa.

— Addie, onde você estava? — minha mãe pergunta da cozinha.

Respiro fundo e passo a mão no cabelo por um instante, tentada a correr para o quarto e pegar um chapéu. Lembro que revolta exige comprometimento.

— Addie? — minha mãe pergunta novamente. — Não vai responder? Onde estava?

— Na casa da Laila.

— Devia ter ligado. Fiz o jantar. — Pelo cheiro, ela tinha queimado a comida.

— Já comi. — Entro na cozinha e pego uma garrafa de água na geladeira, tentando agir casualmente. De canto de olho, vejo minha mãe boquiaberta.

— O que você fez no cabelo? — A voz dela é grave e irritada.

Meu comprometimento vacila.

— A tinta sai em vinte e uma lavagens. — Não era o que eu pretendia dizer. O plano era colocar a mão na cintura e gritar: “O cabelo é meu! Faço o que quiser com ele”.

É o que adolescentes corajosos e incompreendidos dizem depois que fazem algo rebelde. Mas tenho certeza de que esses adolescentes nunca tiveram que responder a alguém como minha mãe. E também tenho certeza de que não sou corajosa nem incompreendida.

— Sério, Addie?

— Qual é o problema? — Mais uma vez, era para eu parecer rebelde, mas só pareço assustada.

— Saia da minha frente. Não quero olhar pra você novamente até essas vinte e uma lavagens passarem.

Começo a caminhar na direção do quarto.

— Ah, e mais ninguém vai poder olhar pra você fora da escola nesse período. Está de castigo até a tinta sair.

Tem como ser mais controladora?

— Foi por isso que o papai foi embora. — É a primeira coisa que digo que

realmente sai do jeito que quero, e a única coisa de que me arrependo na hora. Nem preciso olhar para trás para saber que a magoei. A luz do meu quarto acende quando entro. Afundo na cama com um suspiro de frustração.

Meu celular toca, mas não reconheço o número.

— Alô?

— Como foi? — Duke está do outro lado da linha.

Levanto e abro a cortina, imaginando como conseguiu acertar a hora exata para ligar. Será que viu as luzes do meu quarto acenderem? A rua está vazia.

— Como conseguiu meu número?

— Liguei pra algumas pessoas e acabei descobrindo o número da Laila. Daí ela me passou o seu. Achei que não teria problema, porque você já vai brigar com ela de qualquer jeito.

— Está me perseguindo? Não gosto muito de gente assim.

Ele ri.

— E aí, como foi?

Aperto o ossinho do nariz, porque uma dorzinha chata está começando a se formar entre meus olhos.

— Na verdade, foi perfeito. Exatamente como achei que seria.

— Que filme ela vai te levar pra assistir?

Me jogo de volta na cama.

— Hum, ainda não chegamos a esse ponto.

— Entendo.

Minha mãe bate na porta do quarto e entra.

— E ninguém pode ouvir sua voz. Desligue o telefone — ela diz e sai em seguida.

— O que sua mãe disse?

— É, estou de castigo.

Ele ri bem alto por um bom tempo.

— Vou desligar — eu digo.

— Ela teve mesmo a reação típica.

— É. Que engraçado. Tchau. — Desligo e encaro o celular por alguns minutos antes de verificar as chamadas recentes. Encontro o último número e registro nos meus contatos com o nome de Duke. Sinto uma leve empolgação. Muitas meninas matariam para ter o telefone dele e eu acabei de conseguir sem nem pedir. Ele que havia pedido o meu. Estou mais do que lisonjeada. Mas logo lembro que somos incompatíveis. Ele ama ser o centro das atenções. Eu odeio. Ele é o rei da escola. Não quero ser a rainha.

Fico mais tempo do que o normal esperando por Laila na manhã seguinte, sentada no carro. Como perdi meus privilégios telefônicos, ela não tem ideia de que estou de castigo. O relógio do painel diz que tenho cinco minutos para chegar à aula. Por que esperava que ela chegasse na hora? Saio do carro.

— Quando começa a fase dois? — Duke pergunta, me alcançando no corredor.

— Fase dois?

— Escapar da sentença de prisão e sair com o garoto-problema.

— Sabe de uma coisa? Na verdade sou uma boa menina. Faça o que me

mandam na maior parte do tempo. Não fico necessariamente feliz com isso, mas faço.

— Só porque foi obrigada a viver com um detector de mentiras. Seu pai não está mais aqui agora. Tem que aprimorar suas habilidades.

Meu pai não está mais aqui. Ainda não me acostumei com a ideia.

— Uau, você está se saindo bem mesmo no papel do cara que não é bom pra mim.

— Precisa ser autêntico, não é mesmo?

Paro no meio do corredor. É hora de acabar com isso. Ele dá mais dois passos antes de perceber, depois se vira.

— O que foi?

— Duke, não posso fazer isso.

Ele morde o lábio.

— Sêrio?

Meu coração palpita um pouco. Parece discordar da minha afirmação. Repreendo-o por essa traição.

— Não estou te pedindo em casamento, Addie. Só vamos sair. Nem precisamos chamar de encontro.

Claro que hesito tempo demais, porque ele agarra minha mão e me leva na direção da aula. Suspiro e ando mais rápido.

— Duke, estou de castigo. — Damos a volta em uma fileira de armários e paro. Ele me puxa mais um pouco, mas logo para também.

— O que é isso? — pergunto. Na nossa frente, onde costumava ficar a biblioteca, agora há apenas o céu azul com letras vermelhas flutuantes que dizem “Dê uma chance a ele”.

— O que você me diz, Addie? — ele pergunta, virando-se completamente para mim, de costas para as letras. — Vai me dar uma chance?

— Pare com isso. — Procuro ao redor o Perceptivo que está criando a ilusão, mas pode ser qualquer um. Não usamos crachás informando nossas habilidades. As pessoas estão se acumulando onde o prédio deveria estar, procurando uma forma de entrar. Meu rosto fica cada vez mais quente.

— Duke, é sério, pare com isso. Diga para quem está fazendo isso parar.

Ele segura minha mão entre as suas e carrega o charme de sempre no rosto.

— Diga que vai sair comigo.

Volto a encarar as letras flutuantes. O sinal toca e dou um salto.

— Está bem.

— Sêrio?

— Sim, sério. Agora coloque o prédio de volta no lugar.

Ele aponta para alguém atrás de mim e faz um sinal positivo com o polegar. Lentamente as letras desaparecem e os tijolos vermelhos da biblioteca ficam visíveis. Meu rosto demora um pouco para voltar à temperatura normal.

Duke aperta minha mão e depois solta.

— Te pego na esquina da sua casa sexta-feira, às dez.

— Você não tem jogo sexta?

— Tenho, mas termina cedo. E sempre estou de bom humor depois de uma

vitória.

— E se você perder?

— Eu não perco. — Ele sorri. — Certo, vou desaparecer até sexta, assim você não pode mudar de ideia.

Esfrego meus braços enquanto ele se afasta. *Bela resolução.*

a.NOR.MAL: *adj.2g.* fora do comum, como zumbis e garotos assustadores

Trevor abre a porta do passageiro para mim e entro no carro. Quando ele volta ao banco do motorista e começa a dirigir, falo:

— Desculpe, meu pai é meio superprotetor. — Meu pai acabou de tratar Trevor como se fosse o principal suspeito de uma investigação criminal, e sei que usou sua habilidade.

— Não tem problema. Ele não me conhece.

— É, tentei avisar que tem um *monte* de gente que ele não conhece, mas não parece que fez diferença.

Trevor sorri.

— Por que será?

— Né?

— Ele tem um olhar intenso.

— Meu pai é muito bom em descobrir se alguém está mentindo.

— É mesmo?

É a primeira vez desde que cheguei aqui que gostaria de poder contar a alguém sobre os psicologicamente avançados.

— Chega a ser assustador.

— Fico feliz por ter passado no teste.

Ele não apenas passou, mas até conseguiu que meu pai sorrisse e me olhasse com as sobrancelhas erguidas, mostrando que ficou impressionado.

— Eu também. — Encaro o celular.

Trevor aponta com a cabeça para o aparelho.

— Está esperando uma ligação?

— Não. Sim. Mais ou menos. — Não falo com Laila há alguns dias. Não é tão estranho porque não nos falamos todos os dias, mas ela pareceu triste da última vez que conversamos e não atendeu quando liguei mais cedo.

— Mais ou menos?

— Minha melhor amiga, de onde eu morava.

— Onde você morava?

Fico paralisada, ainda não estou confortável com a mentira. Xingo a mim mesma por ter mudado o disfarce que me indicaram no Complexo. Pelo menos seria parcialmente verdadeiro. O que realmente quero dizer é: “Sabe o que é? Tem uma cidade murada no sudoeste do Texas. Se algum dia deparar com ela, o

que é extremamente improvável, vai parecer uma cadeia de montanhas. Mas é onde eu morava, com milhares de outras pessoas superdotadas”.

— Califórnia. Hum, no sul. — Abro o zíper de um bolsinho interno da bolsa, tiro uma lata de metal e coloco uma bala na boca. Não ajuda a disfarçar o gosto amargo da mentira.

— Legal.

— E você? Sempre morou em Dallas?

— Sim. — Ele estende a mão para mexer no rádio, mas para. — Você é do tipo que gosta de música ou não?

— Depende da situação.

— Nessa situação.

— Sim, gosto. Vai disfarçar qualquer silêncio constrangedor.

— Você já está supondo que não sou bom de conversa? — Ele abaixa a mão e deixa o rádio desligado.

— Bom, é que você parece do tipo que não se importa nem um pouco com o silêncio. Já eu sou do tipo que pensa: “Droga, não consigo pensar em nada para dizer”.

Ele ri.

— Não se preocupe. As pessoas que vão sair com a gente hoje não têm problema nenhum em preencher o silêncio.

— Quem mais vai hoje à noite? — Me mexo no assento e piso em uma folha de papel no chão.

— Desculpe. — Ele pega o papel e joga no banco de trás junto a vários outros. Passo os olhos pela bagunça. Então Trevor não é exatamente o cara mais organizado do mundo. *Nem todo mundo precisa de um ambiente perfeitamente organizado para funcionar*, ouço Laila dizer na minha cabeça. Me obrigo a voltar a prestar atenção nele quando diz:

— Vamos encontrar os caras que você conheceu no jogo de futebol americano e algumas meninas que deve ter conhecido na escola.

— Não conheci ninguém na escola.

— Talvez devesse ficar na terra dos vivos durante o almoço.

— Entendido. — E o que entendi é que ele quer que eu almoce com ele e seus amigos. Legal. Nada mais de ficar vagando na biblioteca, sozinha e abandonada.

Depois de alguns minutos de silêncio, ligo o rádio. Ele ri.

Quando chegamos ao cinema, os amigos dele já estão lá, reunidos perto de uma grande fonte do lado de fora. Depois de comprar os ingressos, nos juntamos a eles. Trevor apresenta todo mundo, e presto atenção para poder associar alguns nomes que já conheço ao respectivo rosto. Todos acenam e dizem “oi”, depois voltam a conversar. Parecem falar sobre a quantia de dinheiro que Rowan recolheu quando pulou na fonte na semana passada.

— Cinco pratas — Rowan diz, como se a quantia compensasse o esforço. Lembro que foi ele quem tentou me convencer a ir à festa depois do jogo. Sem a tinta e a peruca rosa-shocking, vejo que sua pele tem um tom marrom e os cabelos são pretos, na altura do ombro. Ele tem seu charme.

Uma garota abre caminho entre o grupo, para diante de Trevor e o abraça.

— Oi, Stephanie — ele diz, retribuindo o abraço.

Ela olha para mim como quem diz: “Cai fora, ele é meu”. Mas de sua boca sai:

— Prazer, Addison. Estamos na mesma turma de matemática.

— É verdade, estou lembrando de você. — Stephanie é alta, tem pernas extremamente longas, cabelos escuros e olhos castanhos. Ela parece ligeiramente com Trevor, só que os cílios dele são um pouco mais longos. Seu cabelo está preso em um rabo de cavalo, sem um único fio fora do lugar, e as roupas parecem ter saído direto de uma revista. Me afasto um pouco de Trevor para deixar claro a ela que somos apenas amigos. Embora esteja um pouco surpresa por ele não ter falado nada sobre ela, não estou aqui para roubar o namorado de ninguém.

Rowan aproveita o espaço recém-criado para ficar entre mim e Trevor.

— Pergunta importante — Rowan diz, me encarando. — Você grita em filmes de terror?

— Sou mais do tipo que fecha os olhos — respondo.

— Ótimo. Quero sentar do lado da Addison! — ele anuncia, jogando o braço em volta do meu pescoço. Não gosto muito que invadam meu espaço pessoal, especialmente estranhos, então imediatamente dou um jeito de me soltar, rindo. Isso não parece intimidá-lo.

— Acabei de recuperar minha audição depois do último filme que assistimos. — Ele esfrega os ouvidos e olha feio para Stephanie, que revira os olhos.

— Ah, por favor. Eu não grito tão alto.

Várias pessoas ao redor se manifestam para confirmar a intensidade dos gritos de Stephanie. Sua careta silencia o grupo.

— Está vendo? — Rowan diz — Não sou o único. — Como se sentisse que Stephanie está prestes a explodir, ele muda de assunto. — Então, Trevor...

— O quê?

— Encontrei mais um.

Trevor suspira.

— Dá um tempo, Rowan. Já era. Vem, vamos encontrar nossos lugares.

Enquanto caminhamos, Rowan ainda fica entre mim e Trevor e fala:

— Só escute. O nome dele é Neal Summers. Ele ferrou o joelho no início da temporada.

— Rowan, é futebol americano, as pessoas se machucam. Muitas. Não existe nenhuma conexão.

Não tenho ideia do que Rowan está falando, e Trevor não parece estar a fim de explicar, nem mesmo depois que demonstro que estou curiosa. Então apenas me esforço para manter uma distância confortável de Rowan. Apesar de tudo, ele ainda encosta no meu ombro várias vezes.

Os garotos param na porta e me viro para trás, confusa. Logo lembro do motivo, mas é tarde demais. Minha cara bate no vidro.

— Ai! — Me afasto, passando a mão no rosto. Esse lugar é tão confuso. Por que algumas portas são automáticas e outras não?

— Addie, maçaneta. Maçaneta, Addie — Rowan diz, abrindo a porta para

mim. — Vocês precisam se conhecer melhor.

— Que engraçado — resmungo.

— Machucou? — Trevor pergunta.

— Não, tudo bem.

Lá dentro, Rowan cumpre sua palavra e senta ao meu lado.

Stephanie vai para meu outro lado, separando Trevor de mim. Quero muito ficar ao lado dele, mas não consigo pensar em uma boa desculpa para mudar de lugar.

As luzes diminuem.

— Quer pipoca? — Rowan pergunta, colocando a mão em meu antebraço. Tenho certeza de que fez isso apenas para chamar minha atenção, mas meus reflexos são mais rápidos do que eu pensava e puxo o braço, acertando a pipoca que ele está segurando e derrubando tudo.

— Sinto muito — digo.

Ele ri.

— Tudo bem. Você é muito apreensiva. Vai ser mais divertido ver esse filme com você do que eu pensava.

— Tinha manteiga? — pergunto. — Espero que não tenha estragado sua roupa. — Considerando que Rowan está mais bem vestido que eu, espero mesmo que seu jeans não esteja cheio de manchas de gordura.

— Que nada, está tudo bem. — Ele levanta e sacode o corpo para se livrar da pipoca, depois volta a se sentar.

Cruzo os braços.

— Prometo segurar meus membros descontrolados pelo resto da noite.

— Não, não. Está tudo bem. Pode usar o apoio. — Ele puxa uma das minhas mãos sobre o apoio e a deixa lá, dando dois tapinhas como se fosse um filhotinho que devesse ficar parado. Depois, para meu alívio, ele passa o que sobrou da pipoca para uma menina chamada Lisa, na outra fileira, e coloca as mãos sobre os joelhos.

Sei por que estou apreensiva. É porque está escuro e da última vez que fiquei no escuro ao lado de um cara não terminou bem. Não só porque Bobby começou a passar a mão em mim, mas porque eu paralisei. Demorei vários minutos para me defender. E depois mais alguns para me livrar dele. Para conseguir empurrá-lo e sair da casa. Aquela reação — minha falta de reação, aliás — me assustou mais do que qualquer coisa. Mesmo tento saído da Investigação alguns segundos depois, ainda parecia real demais.

Stephanie nos encara e diz em voz alta:

— Vocês podem deixar para se conhecer melhor depois do filme? Estou tentando assistir.

Observo a tela com o rosto quente. O filme nem começou. Tenho vontade de dizer para ela relaxar, que os trailers ainda não terminaram, mas Rowan pode pensar que quero mesmo conhecê-lo melhor e que estou brava com Stephanie por interromper. Então apenas digo:

— Desculpe, tivemos um problema com a pipoca.

Trevor joga o corpo para a frente e diz:

— É, Addison, preste atenção. Vai ter um teste sobre caça aos zumbis

depois do filme. — Ele sorri e volta a recostar no assento.

Stephanie faz uma careta, mas não me importo. As duas frases que ele disse me fazem sentir infinitamente melhor. Quer dizer... até metade do filme, quando o braço de Rowan resolve dividir o apoio do assento. Desta vez, resisto ao impulso de me afastar. Nada de mais está acontecendo. É apenas uma apoio para o braço. As pessoas compartilham essas coisas o tempo todo. Uma vez compartilhei o apoio com um senhor de braços peludos e deu tudo certo. Conto até dez, depois tiro o braço.

O cara não se cansa e se inclina sobre mim para dizer para Stephanie:

— Ainda não ouvi nenhum grito.

— É porque esse filme é uma droga.

— Sou claustrofóbica — digo.

Rowan ri e se afasta. Me aproximamos um pouco mais de Stephanie, que está bem próxima de Trevor.

Uso toda a minha energia para assistir ao filme, que até agora não parece tão ameaçador.

Uma das minhas amigas do Complexo tem habilidade de Supermemória. Ela se lembra para sempre, com todos os detalhes, de tudo o que vê, lê ou escuta. Tinha inveja da habilidade dela quando fazia provas. Mas então comecei a me dar conta de que podia não ser tão incrível como eu pensava. É provável que ela tenha que tomar muito cuidado com tudo o que deixa entrar em sua mente. Será que ela lembraria perfeitamente de experiências como aquela com Bobby para sempre?

A imagem de um zumbi de um braço só mordendo a cabeça de um menino faz com que eu contraia todos os músculos. Ao meu lado, Stephanie grita e agarra o braço de Trevor, enterrando o rosto em seu ombro.

Do outro lado, Rowan ri, depois dá tapinhas em meu ombro.

— Tudo bem, Addison. Já terminou.

Eu levanto abruptamente e passo por Rowan. Caminho até o corredor sem olhar para trás até chegar ao banheiro. Me fecho na cabine mais próxima da porta para poder escutar caso alguém entre e tiro o celular do bolso. Torço para Laila estar em casa a essa hora e ligo para o seu número. No terceiro toque, mal consigo respirar.

— Oiê!

— Oi — digo, aliviada. — Ai está você. Onde esteve?

— Você não é a única que tem uma nova vida social.

As palavras doem, mesmo sabendo que essa não é a intenção. É claro que Laila precisa arrumar novos amigos. Eu também não estou em casa esperando ela me ligar. Estou fora, tentando ter algum tipo de vida social sem minha melhor amiga. Assim como ela.

— O que aconteceu? — Laila pergunta.

— Achei que podíamos ser amigos, mas parece que ele não gosta nem um pouco de mim e me trouxe como um favor para um amigo horrível, e odeio Bobby Baker — digo, atropelando as palavras.

— O quê? Fala mais devagar. De quem está falando? Do Bobby?

Tento respirar fundo, mas parece que o ar não consegue passar pelas

emoções apertadas em meu peito.

— Não. Queria que você pudesse vir me buscar.

— Onde você está?

— No cinema. — Sento sobre o vaso sanitário e apoio os pés no assento.

— Com quem?

— Vim com Trevor. Mas, como disse, acho que ele me trouxe aqui como um favor para seu amigo Rowan, que parece um chihuahua superatencioso.

— Ah, chihuahuas são fofos.

— Certo, então pense em um gato sem pelos que quer receber carinho, então fica se esfregando na sua perna a noite toda.

— *Eca*.

— Exatamente.

— Por que você acha que ele quer que você fique com o amigo dele?

Uma faixa longa de papel higiênico está pendurada no rolo. Dou um chute nela e a observo cair no chão.

— Bem, quando conheci Rowan ele ficou insistindo para eu ir a uma festa. Talvez tenha dito alguma coisa sobre mim para Trevor. E Trevor deve ter falado que conseguiria me convencer a sair em grupo.

— Você tem razão. Trevor é meu substituto. Eu com certeza faria algo assim.

— Arrumar um encontro com um cara bizarro?

— Não, Trevor não deve achar Rowan bizarro. O que estou dizendo é que, se um cara que eu achasse legal chegasse para mim e contasse que gosta de você, eu certamente me empenharia em juntar os dois para ver se você gosta dele também. É minha obrigação como sua melhor amiga. Então, veja, Trevor te acha legal.

— Sério?

— Sim, com certeza.

Finalmente consigo respirar fundo. Ela está certa. Trevor não tem ideia de como me sinto em relação a Rowan.

— Ei, tenho algo que vai te animar — ela diz.

— O quê?

— Estava conferindo a agenda de jogos de futebol americano e daqui a duas semanas o Complexo joga contra a Carter High. Eu vou, assim posso ver você.

— Sério? — Quase caio do vaso de tanta empolgação. — Estou tão feliz. Não sabia que eles jogavam contra escolas tão distantes.

— É porque você não acompanha futebol americano.

— Você só acompanha por causa dos caras bonitos.

Ela finge estar ofendida.

— Ai, que mentira... mais ou menos. *De qualquer modo*, você não está tão longe assim. Sua escola está na nossa liga porque tem membros do Comitê de Contenção para supervisionar e evitar vazamentos. Foi tudo cuidadosamente calculado, querida. Mas você está desviando do assunto. O que importa é que nosso time vai jogar contra o seu.

— Você tem razão, estou desviando desse incrível assunto. Estou tão

empolgada. Você precisa vir! Pode ficar na minha casa o fim de semana todo.

— Acho que vou sim. Agora faça cara de animada até voltar pra casa. Não deixe aquele gato sem pelo perceber que está chateada.

— Obrigada. — Desligo e saio do banheiro.

Trevor está esperando no corredor, preocupado.

— Você está bem?

Fico surpresa ao perceber como estou feliz por ele estar me esperando.

— Estou. Só fiquei meio enjoada.

Ele baixa as sobrancelhas.

— *Hum.*

— O quê?

— Não sei se você tem estômago para caçar zumbis.

É seu amigo que me deixa enjoada, quase deixo escapar. Consigo interromper o pensamento antes de verbalizá-lo.

— Acho que dou conta. — Pego no braço dele e o puxo de volta para a sala.

PA.RA.Íso: *sm.* lugar de felicidade extrema

Sexta à noite, por volta das oito, a porta do meu quarto abre e minha mãe entra. Tiro os olhos do livro que estou lendo, depois volto a encará-lo sem dizer uma palavra. Ela senta na beirada da cama.

— Acho que exagerei — diz.

Você acha?

— Do que está falando?

— Do seu cabelo. Desculpe.

Dou de ombros. Quero me desculpar sobre o que disse também. Sobre meu pai ter ido embora devido ao jeito controlador dela, mas não consigo. Principalmente porque ainda acredito que é verdade. Só queria que tudo voltasse a ser como era há um mês. A fachada feliz podia ser uma farsa para meus pais, mas era real para mim.

— Quer ir ao cinema comigo hoje? Tem um filme que começa às quinze para as nove.

Que ótimo. Ela tinha que escolher justo hoje? Olho para o relógio no monitor na parede. Em duas horas deveria escapar para me encontrar com Duke.

— Na verdade, estou bem cansada hoje.

— Tem certeza?

Ela faz carinho na minha perna, e me sinto imediatamente culpada pelo que vou fazer. Talvez *devesse* ir com minha mãe. Provavelmente seria bom para nós. Eu a encaro, e ela ainda passa a mão sobre minha perna. Me pergunto se está tentando me Persuadir a ir. Seu tom de voz parece o mesmo, mas ela é muito talentosa.

— Podemos ir amanhã à noite? — pergunto.

— Claro, querida.

Faço um sinal positivo com a cabeça, sem saber se ela me fez concordar em ir no dia seguinte ou se decidi sozinha. Quando não vai embora, me pergunto o que mais quer de mim.

— Addie, você teria interesse em um relaxante mental para ajudar a atravessar esse momento difícil? O departamento tem uns programas muito bons. Alguns eu até ajudei a desenvolver. Posso carregar um no seu tablet.

Minha mãe acha mesmo que um programa de padronização mental vai

deixar tudo melhor? Como se a *minha* mente precisasse mudar. Percebo que não falei nada, mas tenho certeza de que meu olhar diz tudo. Caso ainda não seja suficiente, balanço a cabeça.

— Não.

Quando ela sai, só quero cobrir a cabeça com o cobertor e dormir. Passo o dedo sobre o celular e brinco com a ideia de cancelar meu encontro com Duke às dez. Mesmo sabendo que ele está no meio do jogo, mando uma mensagem. *Pode ser às onze?*

Às dez a campainha toca. Pulo da cama, mas não rápido o bastante para chegar antes da minha mãe, que estava assistindo à TV na sala. Já estava me perguntando se ela não pretendia dormir logo. Chego à porta exatamente quando Duke diz:

— Oi, a senhora deve ser a mãe da Addie. Sou Duke.

Minha mãe responde friamente.

— Sim. Em que posso ajudá-lo?

— Sei que está tarde, mas acabei de sair de um jogo de futebol americano.

Duke ficará decepcionado ao descobrir que meu gene para gostar de futebol americano — ou a falta dele — veio da minha mãe. Ela gosta ainda menos do que eu. Ele não pode usar seu status de astro para persuadi-la a fazer o que quer aparecendo na minha porta, seja o que for. Por que ele simplesmente não me encontrou na esquina às onze?

— Sei que Addie está de castigo — ele continua.

— Está.

— Mas achei que pudéssemos assistir a um filme juntos. — Ele passa as mãos nos cabelos molhados, exalando um perfume delicioso de xampu que consigo sentir de onde estou, atrás da minha mãe.

— Ela não pode sair.

— Eu sei. Já esperava por isso. — Ele sorri. — Por isso trouxe o filme. — Ele mostra o cartão digital onde gravou o vídeo.

Boa tentativa. Minha mãe alterna o peso entre uma perna e outra, depois me encara. Meu queixo quase cai e preciso apertar os dentes para não abrir a boca. Ela está hesitando. Minha mãe não hesita.

— Bem...

— Prometo ir embora assim que acabar. A senhora pode ver com a gente. Ouvi dizer que é muito bom.

Deve ser *muito* divertido ver um filme com Duke e minha mãe.

— Se preferir, saio com o rabo entre as pernas. É só dizer. — Ele começa a recuar lentamente.

— Não — minha mãe diz.

— Hã? — Deixo escapar, surpresa.

Ela me encara de novo e Duke pisca para mim. Não entendo por que meu coração acha aquilo tão irresistível.

— Pode ficar — minha mãe diz. — Addie se comportou muito bem nas últimas trinta e seis horas, ela merece se divertir um pouco. — Ah, lá está ele, o motivo facilitador. É o mesmo motivo pelo qual quis ir ao cinema: ela se sente culpada. Minha mãe se afasta da porta e Duke entra. Ele segura meus ombros

paralisados de choque ao passar e me vira até eu ficar na frente dele, as costas viradas para seu peito.

— Oi — ele diz, e me dá um beijo na bochecha antes de me soltar. Minha mãe me encara como quem acusa que estava escondendo informações dela. Tenho certeza de que retribuio com um olhar que diz que estou achando aquilo tudo tão estranho quanto ela.

Então minha mãe junta as mãos e diz:

— Certo, divirtam-se. Tem pipoca na cozinha, se quiserem. E, Duke, não esqueça de que tem que ir embora assim que o filme terminar.

— Achei que fosse assistir com a gente, sra. Coleman.

— Não, obrigada.

Assim que minha mãe sai, sussurro:

— Você não ia me esperar na esquina?

— Tive a impressão de que você mandaria uma mensagem cancelando tudo. Além disso, fugir não é o melhor jeito de começar um relacionamento. Principalmente um que quero que você leve a sério.

Um que ele quer que eu leve a sério? Passo por Duke e sigo para a cozinha sem dizer uma palavra. Na despensa, encontro um pacote de pipoca e tiro da embalagem plástica. Enquanto estoura, pego duas garrafas de água na geladeira e coloco sobre o balcão. Quando a pipoca está pronta, despejo em uma tigela e levo para a sala. O cartão de Duke já está plugado e ele está sentado na solfrona, com os pés sobre a mesa de centro e os braços esticados sobre a almofada do encosto.

— Fique à vontade. — Coloco a pipoca sobre a mesa e sento no sofá, mesmo percebendo que ele deixou bastante espaço ao seu lado. A solfrona pode ser maior do que uma cadeira, mas é menor do que um sofá, o que me mantém afastada. Ele não parece ligar para minha escolha, ou pelo menos não age como se ligasse.

— Tem água? — ele pergunta.

— Ah, sim, esqueci na cozinha. — Aponto para o balcão, visível de onde estamos sentados. Não levanto porque sei que ele pode trazer em um piscar de olhos.

— Você está mais perto — ele diz com um sorriso, pegando um punhado de pipoca.

— Está falando sério?

— Não quero me gabar.

— Desde quando?

Duke levanta a mão diante do corpo.

— Observe atentamente. — Ele levanta e vai devagar até a cozinha. — Viu só? A água veio até mim. — Duke pega as garrafas e joga uma na direção do sofá. Ela cai bem ao meu lado. — Precisa de mais alguma coisa?

Sorrio para ele.

— Não, estou satisfeita.

Quando volta, Duke senta ao meu lado e percebo o verdadeiro motivo que o fez levantar. Sutil. Ele se aproxima de mim e pega um punhado de pipoca.

Coloco a tigela entre nós, abrindo espaço, e digo:

— *Iniciar.*

O filme começa. O braço dele vai para o encosto do sofá e, enquanto assistimos ao filme, seus dedos encontram minha mecha de cabelo azul e ficam brincando com a ponta dela. Tenho que resistir ao ímpeto de recostar nele. Tento fingir que estou acompanhando o filme e rio sempre que Duke faz o mesmo. Na verdade, não sei nem do que se trata.

Quando a pipoca acaba, ele coloca a tigela na mesa de centro e senta mais perto de mim. Apoia o braço em meus ombros, e dessa vez os dedos acariciam meu braço. Todas as terminações nervosas do meu corpo ganham vida. Nem parece que Duke está consciente de suas ações, porque assiste à TV com atenção. Isso me lembra que deve fazer esse tipo de coisa o tempo todo com as garotas. A ideia me faz cair da nuvem em que estava flutuando há uma hora.

Eu levanto.

— Preciso ir ao banheiro.

Lá, desligo o sensor de movimento da água e entro na banheira. Puxo a cortina, como se ajudasse a abafar o som da minha voz, e ligo para Laila.

— Oiê! — ela responde.

— Me lembre quem eu sou.

— O quê?

— Odeio meninos óbvios. Me diga isso.

— Você odeia meninos óbvios porque o mundo vai acabar se você gostar de alguma coisa que todo mundo gosta. Se não tiver que caçar, planejar cuidadosamente a captura, pode não valer a pena.

Ignoro o fato de que ela acabou de fazer um garoto parecer um alce.

— Não, não é nada disso. É que, se todo mundo gosta de uma coisa, essa coisa normalmente percebe isso e fica muito convencida. As coisas que eu preciso caçar nem se dão conta do quanto são incríveis. — Respiro fundo agora que lembrei daquilo a mim mesma.

— Está se sentindo melhor?

Me mexo e apoio o ombro na parede. O registro do chuveiro está vazando, meu pai não consertou antes de ir embora e uma gota de água cai sobre meu pé. Uso o outro para secar.

— Sim. Muito melhor.

— Mas há uma exceção para sua regra.

— O quê? — Outra gota cai no meu pé, então me afasto um pouco da parede.

— Não é o quê, e sim quem. Duke Rivers. Acho que você está meio a fim dele, e ele é mais óbvio do que qualquer outro garoto que já conheci.

— Ele é mesmo — digo. — É lindo e o cara mais popular da escola, além de ser extremamente charmoso. Acho que não existe nenhuma menina que não queira ficar com ele. Tão óbvio.

— E você precisa se ater a seus princípios. Quer dizer... claro, eles são baseados em punir um cara só porque ele é perfeito demais, mas tudo bem.

— Não, você precisa me ajudar a esquecer o cara, não a ficar a fim dele.

— Achei que você estivesse de castigo. Como está me ligando?

— Também achei que estivesse de castigo, mas minha mãe deixou ele

entrar.

— Deixou quem entrar?

— Duke — digo, suspirando.

— Duke está na sua casa e você está falando comigo?

— Sim.

— Vou desligar. Da próxima vez que a gente conversar, me lembre de te passar a agenda do futebol americano. E não tem nada errado com meninos óbvios, Addie. — A linha fica muda.

Enfio o celular no bolso e saio do banheiro.

Duke diz:

— *Pausa.* — O filme para. — O que Laila falou?

Paro diante dele, encarando fixamente seu sorriso perfeito. Observo seus olhos, para os quais nunca me permiti olhar por muito tempo. São bem azuis e estão olhando dentro dos meus atentamente.

— Ela disse que você é óbvio demais — digo em voz baixa.

Ele passa a mão no cabelo e exala outra onda de cheiro de xampu na minha direção.

— Já tentei ser sutil. Não sou muito bom nisso.

Eu rio. Ele realmente não conseguiria ser sutil nem com esforço. Volto a me sentar ao lado dele.

Duke encara a TV.

— Em que parte você saiu? Eu volto o filme.

— Eu... hum.

— O cara já tinha revelado a habilidade?

Se eu confessar que não faço ideia, ele vai saber que está sendo uma distração. Mordo o lábio.

— Não, ainda não.

— Certo, legal. Essa parte é muito boa. *Menu de cenas.* — As cenas aparecem em quadradinhos na tela. — *Cena vinte. Iniciar.* — Pela primeira vez noto que os lábios de Duke são bem volumosos. — Está vendo? — Ele se vira para mim e me pega o observando. Desvio o olhar para a TV, mas é tarde demais. Duke já me flagrou. Ele solta uma risadinha. — Você gosta de meninos óbvios, né?

— Na verdade, não. Normalmente não gosto.

— Normalmente? — As mãos dele vão até meu pescoço antes que eu consiga responder. Um formigamento se espalha de onde a ponta dos dedos dele toca e desce por minha coluna. Enquanto os dedos se entrelaçam nos meus cabelos, tento manter a lucidez.

— E você? Qual é seu tipo? — pergunto.

— Achei que estivesse claro.

Ele me puxa em sua direção e, quando seus lábios tocam os meus, tento não suspirar muito alto. Mas não consigo evitar, e ele ri novamente junto à minha boca. No fundo, ainda me pergunto se somos certos um para o outro, mas o resto dos meus pensamentos não parecem se importar.

ce.ri.NOR.Mi.AL: *sm.* rito de passagem peculiar, idiota e ainda assim irresistível do mundo Normal

De volta à sala de cinema, solto o braço de Trevor. Nossa entrada é acompanhada por gritos horrorizados de péssimos atores. Encaro a tela a tempo de ver o rosto decomposto do zumbi principal. Esse filme é tão ridículo. Assim que sento, Rowan se aproxima.

— Está passando mal?

— Não, estou bem. — *E ficarei ainda melhor quando disser a Trevor que ele não precisa tentar me juntar com nenhum de seus amigos.*

Depois do filme, viro as costas para Rowan para sair pela esquerda. Espero que ele siga Lisa, Brandon e os outros que estão saindo pela direita. Mas Rowan não faz isso.

— Foi o pior filme de todos — ele diz atrás de mim.

— Já vi piores. — Stephanie comenta e, mesmo em pé, agarra o braço de Trevor.

— Lembra aquele filme de lobisomem que vimos ano passado? — Trevor pergunta. — Foi pior do que esse.

Não tenho ideia sobre que filme estão falando, então fico quieta. Recebemos os filmes novos bem antes de saírem por aqui.

— Não sei — Rowan discorda, se espremendo ao meu lado. — Aquele tinha a cena em que os três lobos brigavam com o lobão e valeu pelo resto. Bom, até os gritos da Stephanie estragarem tudo.

— Ah, cala a boca, Rowan — ela diz, revirando os olhos.

Me aproximo alguns passos de Stephanie para ela se virar e começar a andar. Parece funcionar e logo estamos fora do cinema, perto da fonte de novo.

— Certo, quem está a fim de um jogo da sobremesa? — Rowan pergunta.

Brandon e Lisa, de mãos dadas, riem e dizem:

— A gente topa.

Dois outros caras, Liam e Jason, concordam com a cabeça.

— Está bem, então vocês vão em um carro. Eu, Addison, Stephanie e Trevor vamos no outro. Katie e Sarah, em que carro querem ir?

— Eu não vou. Minha mãe quer que eu acorde cedo amanhã para visitar meu pai — Katie diz.

Sarah pega no braço dela e diz:

— E Katie vai me dar uma carona. Divirtam-se.

Rowan aponta o polegar para baixo em desaprovação.

— É só ficar acordada a noite toda, assim não vai precisar acordar cedo.

— Até parece! — Katie acerta o braço dele. — Vejo vocês na segunda.

Eu as vejo indo embora e espero Rowan explicar o que está acontecendo.

Ele não fala nada, então pergunto:

— O que é o jogo da sobremesa?

— Quem trouxe a melhor sobremesa ganha.

— Qual é a pegadinha? — Sempre tem uma pegadinha.

Rowan sorri.

— O outro grupo vai nos dizer onde temos que ir para encontrar a sobremesa. Tem que ser na casa de um de nós.

Brandon aponta para mim.

— Escolhemos a casa da Addison, porque ela não fazia ideia do jogo, então não deve ter nada estocado.

Rowan solta um resmungo.

— Bem, escolhemos Jason, porque os irmãos dele sempre comem tudo que tem em casa.

— Espera aí, nós vamos pra minha casa? — pergunto.

— Só por um minuto, pra vasculhar a geladeira e os armários. Depois voltamos e nos encontramos aqui. O grupo que tiver a melhor sobremesa ganha.

— Ganha o quê? — Parece um jogo inventado por eles para conseguir sobremesa de graça.

— O direito de ser o desafiador e não o desafiado.

— Semana passada Rowan teve que entrar na fonte porque seu grupo perdeu no jogo da sobremesa — Lisa diz.

— Ainda acho que ganhei aquele dia — Rowan afirma. — Cinco pratos.

— E ainda teve que escapar do segurança que o perseguiu no estacionamento. — Lisa diz. — Foi bem legal.

Até parece meio engraçado. Eu me pego concordando.

— Certo. — Brandon encara o relógio. — Nos encontramos aqui em exatamente trinta minutos. Tirem fotos pra comprovar. Quem trapacear perde automaticamente. — Assim que ele termina a frase, todos correm para o carro, menos eu, é claro. Fico um pouco para trás e tento alcançar os outros.

Quando chego ao carro de Trevor, ele já está em movimento e Stephanie está no banco do passageiro. Entro no banco de trás e coloco o cinto de segurança.

— O que tem na sua casa? Alguma coisa boa? — Rowan pergunta, se aproximando de mim.

Agora que me dou conta que Rowan está prestes a descobrir onde moro.

— Não. Não tem nada. Sério, meu pai é natureba. Por que não vamos direto para o mercado?

Stephanie se vira.

— Temos que tirar uma foto com o celular dentro da sua casa, segurando o que encontrarmos. Sem isso, perdemos automaticamente.

— Ninguém sabe como é minha casa. E vamos perder de qualquer jeito —

digo. — Podemos pelo menos tentar.

Rowan ri.

— Gosto dessa menina. Ela não segue regras.

— Na verdade, sigo, sim — respondo rapidamente. Não quero que ele comece a ter ideias. Trevor me encara pelo retrovisor. Estou tentando fazer minha melhor cara de “Por favor, pense em outra coisa”. Laila perceberia.

— Podemos ir pra minha casa — Trevor sugere. — Acho que tem meia torta de cereja na geladeira.

Eu sorrio. Perfeito.

— Não — Stephanie diz, fazendo bico. — Todo mundo sabe como é sua casa por dentro. Não quero ser desafiada pela Lisa. Ela vai me obrigar a fazer alguma coisa horrível.

Trevor tenta captar meu olhar pelo retrovisor novamente, esperando que eu confirme, acho. Dou de ombros. Se ele quer acalmar a namoradinha, não sou eu que vou estragar tudo.

Fico olhando pela janela durante o resto do caminho. Aos poucos, ela vai embaçando por causa do ar quente dentro do carro. Passo o dedo pelo vidro liso, fazendo meu desenho de sempre: uma linha que sobe até a metade e se divide em duas. Depois circulo a bifurcação, o ponto em que o caminho se separa. Pressiono o dedo bem no centro. Uma pequena escolha pode fazer toda a diferença.

O celular vibra em meu bolso. É uma mensagem de Laila.

Já se livrou do gato sem pelos?

Não, na verdade estamos indo pra minha casa.

Decidiu adotar um bichinho de estimação? Não é bem o que eu tinha em mente, mas serve.

Sorrio.

— Então é aqui? — Rowan pergunta, tirando minha atenção da tela e voltando-a para minha casa branca e térrea. A luz da varanda da frente parece convidativa demais para esse momento. Todos saímos do carro e andamos pelo caminho de cimento e arbustos até a porta.

A princípio, arregalo os olhos, preparada para a leitura do scanner, mas logo lembro das chaves em meu bolso.

— Ah, as chaves. — Pego o chaveiro com três chaves. Uma é do carro do meu pai, outra é da caixa de correio e a última é da porta de casa. Sei que fico encarando-as tempo demais, mas não consigo lembrar qual é a certa. Preciso colocar uma etiqueta.

— Desculpe — digo, tentando colocar uma na fechadura e errando a abertura algumas vezes. É pequena demais.

— Precisa de ajuda? — Rowan pergunta, rindo.

— Não, já consegui.

Finalmente a segunda chave entra. Precisam dar uma aula de Estudos Normais no Complexo sobre como abrir fechaduras antiquadas. É mais difícil do que parece. Quando entramos, meu pai, sentado na poltrona reclinável, levanta

os olhos. Ele está assistindo ao que parece ser um de seus vídeos de interrogatório criminal. Devia estar muito concentrado, porque fica tão surpreso ao nos ver quanto eu fico ao vê-lo ainda acordado. Ele aperta o *pause* e levanta.

— Oi, pai. Estamos participando de um jogo. Não vamos demorar.

— Que tipo de jogo? — ele pergunta.

— Um jogo que vamos perder porque não tem nada de bom para comer aqui em casa.

Ando em direção à cozinha, mas ele me interrompe dizendo:

— Não quer me apresentar seus amigos, Addie?

— Ah, é. Desculpa. Este é Rowan e aquela é Stephanie. Trevor você já conhece.

Meu pai aperta a mão de Rowan.

— Estão se divertindo?

Sério? Meu pai vai analisar as respostas de Rowan sobre diversão?

Lanço a ele um olhar de quem não está acreditando nisso e ele responde com um olhar que diz: “Sei que sou superprotetor, mas você é minha única filha”. Como posso argumentar com esse olhar?

— Sim. Está sendo divertido — Rowan afirma.

— Pai, temos um limite de tempo.

— Está bem, vou sair do caminho. — Ele volta a sentar na poltrona e passo os olhos pela TV enquanto os outros dão a volta no balcão e caminham até a geladeira. O homem na tela é alto e musculoso, tem tatuagens nos braços e um piercing na sobrancelha. Acho que é o mesmo DVD que vi outro dia. Veneno. Fico surpresa quando meu pai aperta o *play*, mas logo percebo que o volume está muito baixo. Me junto aos outros na cozinha, onde já pegaram calda de chocolate e algumas barrinhas de granola.

— Tem algum prato que podemos usar? — Rowan pergunta. Entrego um a ele, que desembala as barras de granola e as coloca lado a lado no prato. Enquanto ele joga calda de chocolate sobre elas, meus olhos voltam para a TV. Se eu observar os lábios do criminoso e me concentrar em abrir um canal de energia entre mim e a televisão, consigo entender mais ou menos o que está dizendo.

— Não pode me acusar do assassinato dela só porque estávamos juntos. Foi consensual. E ela estava me usando para conseguir drogas. — Há uma pausa, porque, obviamente, o interrogador está fazendo uma pergunta. Sem acesso à leitura labial ligada à energia de som, não consigo entender. Mas a resposta dada à pergunta é: — É claro que não sabia que ela estava no ensino médio. Eu mal a conhecia. — Outra pausa. — Eu não a matei. E se não tem provas suficientes para me manter aqui, já estou pronto pra ir pra casa. — Ele levanta e meu pai anota alguma coisa no caderno.

As vozes na cozinha estão abafadas porque bloqueei todos os outros canais de energia que não viessem da TV. Então, quando Trevor encosta em meus braços, dou um pulo.

— O que você acha? — ele pergunta.

Rowan está segurando o prato para eu olhar.

— Ah. Sim, está bom. Melhor do que imaginei.

Stephanie tira uma foto para a qual eu não estava preparada.

— Vamos.

— Obrigado, pai da Addison — Rowan diz a caminho da porta.

Meu pai acena e diz:

— Volte no horário combinado, Addie.

— Pode deixar.

Rowan segura o prato enquanto caminhamos até o carro.

— Podemos não ganhar — ele diz, como se falasse para uma multidão —, mas perderemos com estilo. — Entramos no carro e ele dá um soco na parte de trás do apoio de cabeça de Trevor. — Esse devia ter sido o lema do nosso último jogo, Trev.

— Que lema horrível — Stephanie diz. — Devia ser: “A vingança será nossa. Trapaceiros nunca vencem”.

— Mas eles venceram — Rowan diz.

— Estou falando no final. Carma.

— Trapaceiros? — pergunto.

— Não dê corda pra ele. — Trevor olha para trás e então entra na estrada.

— Sim, trapaceiros — Rowan confirma. Eu já tinha dado corda. — Trevor ficou de fora da temporada passada porque uns caras derrubaram ele depois do apito. Foi jogo sujo.

— Eles foram punidos? — pergunto.

— Uma bandeira. Cinco jardas de penalidade. Cinco jardas!

— Na verdade foram quinze — diz Trevor.

— Que seja. Foi ridículo! Mas teremos nossa vingança. — Rowan sacode o punho no ar de forma dramática. — Vamos jogar contra a escola deles em duas semanas.

— Que escola? — Quase sinto vontade de retirar a pergunta, porque tenho medo de ouvir a resposta.

Stephanie se vira para mim.

— Lincoln High.

Meu rosto fica dormente e meus olhos procuram os de Trevor no espelho retrovisor.

— Eles são muito bons. Já ouviu falar? — ele pergunta.

Balanço a cabeça.

— Não.

— Não são tão bons assim — Stephanie diz, dando um tapinha no ombro do Trevor. — Não tão bons quanto você é.

— Era — Rowan diz. — Quanto ele *era*.

— Quanto ele voltará a ser — Stephanie diz.

Trevor baixa os olhos por uma fração de segundo antes de abrir um pequeno sorriso.

Rowan começa a cheirar as barras de granola.

— É estranho que eu esteja com vontade de comer esses pedaços de papelão com calda de chocolate?

Trevor ri alto demais por um comentário não muito engraçado.

— Não, nem um pouco — digo sentindo que Trevor ficaria satisfeito com a

mudança de assunto.

De volta ao cinema, quando o outro grupo aparece com metade de um bolo de chocolate em camadas que me faz salivar só de olhar, sei que perdemos.

PA.RÁ.dia: *sf.* imitação simplória

Longe de Duke, todas as dúvidas começam a surgir. Alterno entre sentimentos de desconfiança e de euforia por ele ter me beijado. Enquanto dirijo até a escola na segunda-feira de manhã, meu estômago começa a ficar embrulhado. Apesar do amolecimento da minha mãe, ainda estou de castigo, então não nos vemos desde sexta — a mecha azul no meu cabelo continua mais azul do que nunca. Não sei muito bem o que vai acontecer em seguida. Será que ele espera que eu fique com ele? Estamos juntos agora?

Paro em uma vaga e uma bola de futebol americano atinge meu parabrisa, me fazendo pular. A porta do meu carro abre antes que eu tenha tempo de desligar o motor. Tiro o cinto de segurança e pego a mochila. Finalmente, encaro Duke, que pega minha mão e me puxa para um abraço.

— Ei.

— Oi. — Sorrio. — Vai parar com esses ataques de bola? Está me deixando nervosa.

— É uma espécie de marca registrada agora. — Duke esfrega o nariz no meu rosto, fecho os olhos e relaxo. — Além do mais, foi assim que esbarrei em você, então não posso parar agora.

— Esbarrou em mim? — Não gosto muito da descrição.

— Sim. “Olha a bola.” Lembra? — Ele se afasta, me dá um beijo rápido e pega a bola perto do pneu do carro.

Fecho a porta e arrumo a mochila no ombro.

— Sim, eu me lembro. Você fez de propósito?

Ele confirma com orgulho.

— É claro que fiz de propósito. Queria conhecer você. Mas não queria acertar de verdade. Achei que você fosse abaixar.

Sorrio.

— Bem, nunca disse que era coordenada.

Ele segura minha mão enquanto caminhamos.

— Por que não fazemos nenhuma aula juntos?

— Provavelmente porque você está no último ano e eu no penúltimo — digo.

Duas meninas encostadas na primeira fileira de armários dizem:

— Oi, Duke. — Ele acena, e as meninas acrescentam: — Oi, Addie. —

Meu olhar, que mal havia percebido a presença delas antes, agora as encara, esperando reconhecê-las. Nada acontece.

Duke aperta minha mão e responde:

— Ah, oi — pouco antes de passar.

Quando chegamos ao meu armário, mais duas pessoas nos cumprimentam. Uma onda de orgulho enche meu peito e fico irritada com isso. Nunca me importei com o que as pessoas pensavam de mim.

— É melhor eu ir antes que me atrase para a meditação.

— Addie, você está com vergonha de mim? — ele pergunta, me puxando para mais perto.

— Com vergonha de você? Até parece! O cara mais lindo da escola está me abraçando e estou com vergonha?

— Então por que seu rosto está vermelho?

Porque estou irritada por gostar de toda essa atenção.

— Porque não gosto de demonstrações públicas de afeto.

— Bom, depois de hoje vai ser difícil evitar os comentários. — Ele me empurra contra um armário e começa a beijar meu rosto.

Não sei por que meus olhos começam a arder com lágrimas frustradas. Mas logo as mãos dele estão nos meus ombros e os beijos começam a ficar suaves e doces, de modo que, quando seus lábios encostam nos meus, minha ansiedade já se dissipou. Minhas mãos vão para o peito dele. Agarro sua camisa e o puxo para mais perto.

— Achei que não quisesse se atrasar — ele diz junto aos meus lábios.

Eu o ignoro por mais um bom momento e depois o empurro e corro, deixando-o para trás rindo.

Na hora do almoço encontro Laila no lugar de sempre, sem saber qual protocolo uma namorada deve seguir. Nem tenho certeza de que sou namorada de Duke.

— Olá, sra. Rivers — ela diz — Não achei que fosse encontrar você sozinha.

Sento no palco e tiro o almoço da mochila. A grama ao redor está roxa hoje, uma das cores da escola, mas não faço ideia do motivo. As pessoas sentadas sobre ela parecem apáticas com o fundo realçado.

— É, bem, o fato de termos nos beijado não significa que vou me transformar em uma fanática e segui-lo por aí como um cachorrinho. Continuo sendo eu mesma.

— Espera um pouco, então está me dizendo que mesmo agora que estão juntos não vai admitir que está louca por ele?

— Louca?

— Sim, louca. Você está tão a fim de Duke Rivers que não consegue nem pensar direito. Quero que admita em voz alta e me diga que eu estava certa o tempo todo.

Vejo Duke atravessar o gramado em nossa direção, nada apático. Ele sorri e acena para as pessoas no caminho. Seus cabelos loiros parecem refletir o sol e criar um halo de luz ao redor de seu rosto. Ele me encara e abre um sorriso ainda maior.

— Você tem razão — digo a Laila. — Estou totalmente louca por Duke Rivers.

Ela ri.

— Ei, Olhos Azuis — ele diz quando para de frente para mim.

Laila pigarreia.

— Não vou engasgar com o almoço se ficar por aqui, vou?

Ele se vira para ela.

— Não. E, na verdade, queria que as mocinhas fossem almoçar comigo fora do campus.

— Não podemos sair — digo e continuo sentada, enquanto Laila levanta, pronta para ir sem questionar. Almoçar fora do campus é privilégio dos alunos do último ano.

— Não se preocupe, não vai ter problema. Tenho um esquema com o segurança do estacionamento. — Ele pega o saquinho marrom do meu colo, faz uma bola com a comida ainda dentro e arremessa em uma lata de lixo a seis metros de distância.

— Ei, eu podia guardar para comer depois.

Ele levanta a mão.

— Quer que eu pegue de volta?

— Não! Que nojo!

Quando Duke disse que tinha um “esquema” com o segurança, quis dizer que, como sempre, podia convencer qualquer um a fazer qualquer coisa. Cinco minutos depois, estacionávamos em uma rede de lanchonetes chamada Fat Jacks. Logo vejo mesas repletas de alunos do último ano da escola através das janelas de uma grande parede.

— Você não disse que encontraríamos mais gente — digo. Parece que todo o time de futebol americano está lá dentro, além das líderes de torcida.

— Vamos lá — Laila diz em voz baixa. Como um predador, ela avalia a carne fresca pela janela, escolhendo sua presa. Eu rio. Ao nos aproximarmos da porta, noto Bobby sentado no canto da mesa e paro imediatamente, apertando a mão de Duke.

— O que foi?

— Bobby está aqui.

— Tudo bem, ele já sabe. Está numa boa.

Mas eu não estou numa boa com ele, é o que quero dizer, mas Laila já está abrindo a porta.

— Duke! — O cara que grelha os hambúrgueres chama quando entramos.

— Ei, Ernie! Vai ao jogo na sexta à noite?

— Não perderia por nada.

Para nós, Duke diz:

— Peguem uma mesa e eu faço o pedido.

— Legal. — Laila segue em frente e a sigo.

— Ei, Ray — ela diz, sentando em uma mesa vazia ao lado dele.

Ray levanta os olhos, parecendo surpreso ao ver Laila.

— Olá, meninas. — Ele levanta a mão e o frasco de ketchup voa da nossa mesa e vai até a palma da mão dele com uma batida alta que me faz saltar. —

Bem-vindas. — Ray abre o ketchup e coloca sobre as batatas fritas. Quando termina, vira diretamente para mim.

— Claridente, não é?

Duke deve ter contado a ele qual é minha habilidade.

— Mais ou menos isso.

— Legal! — Ray exclama. — Veja meu futuro.

Tenho vontade de dizer para ele não se empolgar tanto. Minha habilidade pode ser rara, mas só ajuda a mim mesma.

— Estou vendo seu futuro. — Duke senta e coloca um cesto de batatas fritas no centro da mesa. — É na end zone, agarrando a bola.

Ray concorda.

— É isso aí!

Encaro Duke com um sorriso agradecido. Ele acaricia minhas costas, então levanta a outra mão e diz:

— Ketchup. — O frasco voa de volta até nossa mesa. Depois de colocar um pouco nas batatas, Duke diz: — Sorria, estou prestes a constranger você.

— Por favor, não faça isso.

Mas antes mesmo de eu terminar de falar, ele levanta e diz:

— Pessoal, essa é Addie, minha namorada, e essa é sua melhor amiga, Laila. Se apresentem quando tiverem oportunidade.

Novamente sinto uma onda de orgulho quando ouço a palavra *namorada*. Quando comecei a dar tanto valor à opinião dos outros?

Aceno com timidez.

Laila diz:

— Olá.

Duke senta na cadeira e beija meu rosto, mas, quando o cara grita o pedido do outro lado do balcão, levanta de novo. Me sinto em um universo paralelo quando Bobby se senta na mesa ao lado de Laila, de frente para mim.

— Oi, meu nome é Bobby — ele diz com sarcasmo. — Bem-vindas ao grupo. Pelo menos por algumas semanas.

Laila aperta os punhos apoiados sobre a mesa. Antes que ela possa socar Bobby — o que sem dúvidas está prestes a fazer — Duke chega com nossos hambúrgueres e refrigerantes.

— Bobby — ele diz, e os dois se cumprimentam batendo os punhos.

— Oi. Addie e eu estamos conversando.

— Que bom — Duke diz. — Espero que esteja tudo certo entre vocês.

Bobby dá um sorriso dissimulado e diz:

— É claro.

Minha pulsação acelera com uma mistura de ansiedade e frustração. Pego meu hambúrguer e tento ignorar meu coração, que anda mesmo muito saquinho ultimamente.

O almoço inteiro se transforma em uma disputa entre Ray e Bobby de quem conta a melhor história sobre Duke. Aparentemente, ele era o rei do arremesso de papel higiênico nas casas e de invadir a piscina dos outros à meia-noite.

— Os Telecinéticos são os melhores arremessadores de papel higiênico. —

Ray faz o gesto de quem joga um rolo. — Conseguimos um bom ângulo...

— E depois lançamos ainda mais alto — Duke termina.

— Pfff — Bobby diz. — Mas vocês não conseguem *atravessar* paredes.

— Espera aí — eu digo. — Isso é recente? Achei que fossem histórias de infância. São brincadeiras pós-habilidades? Uau. Quanta maturidade.

— Ei. Estávamos no primeiro ano. Ainda não dominávamos equilíbrio e sofisticação — Duke afirma, rindo.

Laila pigarreja e penso que vai soltar uma observação sarcástica sobre como ainda não dominam essas coisas. Mas, em vez disso, ela diz:

— Vejam quem acabou de entrar.

Duke e eu olhamos para trás e vemos Veneno.

— Quem é aquele? — Bobby pergunta.

— Um grande babaca — Laila responde. Ela tem um brilho nos olhos de que não gosto. — Já volto.

— O que vai fazer? — pergunto.

— Se ele olhar pela janela, chamem a atenção dele.

— O quê? — Estou confusa, mas ela já está quase na porta.

Veneno pede sua comida e vejo Laila observando o estacionamento. Ela logo encontra o carro dele e se aproxima rapidamente.

Laila leva a mão ao cabelo e parece tirar um grampo, porque, quando chega no carro, ajoelha e tira a tampinha da válvula do pneu.

Duke ri.

— Ela está esvaziando os pneus.

No balcão, Veneno termina de fazer o pedido. Ele está quase se virando e vendo Laila perto de seu carro. Pego um refrigerante na mesa, levanto e ando atrás dele. Quando ele se vira, nos trombamos e deixo o copo amassar, derrubando gelo e líquido por todo lado. Não parei para pensar que a minha camisa ficaria ensopada, mas a ideia dá certo.

Ele solta um monte de palavrões.

— Desculpe — digo.

Veneno me encara e não sei se me reconhece da casa de Laila ou se simplesmente se dá conta de que sou uma adolescente e não mereço tamanho abuso verbal, mas sua expressão suaviza.

— Não tem problema — ele diz com rispidez. — Só olhe por onde anda.

— Sim, pode deixar. — Sem saber se Laila já terminou, pego uma pilha de guardanapos sobre o balcão e começo a secar a camisa dele.

— Não precisa — ele diz e vai direto para o banheiro.

O cara atrás do balcão olha para a sujeira no chão.

— Desculpe — digo, prestes a me abaixar e usar os guardanapos ali.

— Tudo bem. Vou pegar o esfregão.

Minha camisa está molhada e meu rosto e meus braços estão grudentos. Quando me viro, Duke está sorrindo.

— Essa foi boa — ele diz quando sento.

— O que foi aquilo? — Ray pergunta a Duke.

Me viro para Duke esperando que entenda que não deve ficar espalhando os problemas de Laila por aí, e ele diz:

— Ah, nada. É que esse cara fechou a gente no caminho hoje.

Puxo a camisa molhada, afastando-a do peito.

— Vou precisar trocar de roupa.

Ele abre a mochila e tira uma camiseta roxa com o nome Rivers em dourado nas costas.

Nem pensar, tenho vontade de dizer, mas ele está com uma expressão tão fofa no rosto que aceito.

— Obrigada. Já volto.

Depois de vestir a camiseta do uniforme do Duke, olho no espelho. Não tem nada a ver comigo. Me sinto uma fraude. Não apenas está enorme, mas parece anunciar ao mundo que pertenço a Duke. As pessoas vão achar que pedi para vestir.

Meus cabelos contribuem para o visual fraudulento. Estou alisando desde que Duke disse que ficava bonito assim e me sinto muito idiota por isso. Agora o cabelo está melado de refrigerante e um lado está enrolando. Tiro um elástico do bolso e faço um rabo de cavalo. Coloco a parte da frente da camiseta por dentro da calça e me sinto melhor ao lembrar que posso trocar de blusa quando voltar para a escola. De repente não me sinto tão neurótica por manter sempre roupas extras no meu armário da escola.

Quando saio do banheiro, todos estão indo embora do restaurante e se amontoando nos carros. Duke e Laila esperam por mim. Até ela sabe que eu não deveria estar usando aquela camiseta, porque curva os lábios ao me ver. Mas Duke sorri e me levanta com um grande abraço.

— Você está tão bonita.

Ao sair do restaurante, vemos Veneno parado ao lado do carro, segurando uma sacola de comida para viagem e olhando para os pneus.

— Cara — Laila diz — Que droga.

Quero puxá-la e dizer para não chamar atenção para si, mas isso só deixaria as coisas pior.

Veneno vira lentamente e a observa de cima a baixo. Volta o olhar para Duke e depois para mim. Abaixo a cabeça e puxo o braço de Duke, querendo andar mais rápido, mas ele simplesmente fica encarando o cara.

— Podemos ajudar? — diz da maneira mais amigável do mundo.

Veneno puxa a porta com força, joga a sacola lá dentro e tira um celular do bolso.

— Isso é um não? — Duke diz e Laila ri.

Quando nos afastamos do Fat Jacks, eu me viro e dou um tapa na perna de Laila.

— Você é retardada. Aquele cara vai te matar. O nome dele é Veneno, Laila, lembra? Você viu aquelas tatuagens nos braços?

Ela encosta no banco e ri mais ainda.

— Ele é um drogado ridículo. Um idiota. — Laila para de rir e diz em um tom de voz que parece leve, mas me permite perceber a dor por trás. — Igual ao meu pai.

NOR.MAL.di.lha: *sf.* artefato usado para aprisionar um Normal.
(tá bom, tudo bem, eu também caí)

Segunda-feira, na escola. Trevor, Rowan, Stephanie e eu estamos no carro de Trevor. Meu caderno está sobre os joelhos e todas as nossas ideias para concluir o desafio estão anotadas.

— O que acontece se der errado? — pergunto.

— Eles vão ficar *se achando* pelo resto da vida — Stephanie diz com uma expressão azeda que imagino ser a padrão de seu rosto. — Não pode dar errado.

Rabisco várias linhas bifurcadas no canto da página.

— Acho que devíamos estabelecer a regra de que o desafio tem que ser cumprido na noite da derrota do jogo da sobremesa. Nada de: “Segunda-feira vocês têm que roubar o bonequinho que fica no painel do carro do diretor”.

Rowan levanta a sobancelha e um canto de sua boca sobe junto. Expressão padrão: bizarro.

— Você está com medo?

— O quê? — Bufo. — Não — afirmo quando, na verdade, a ideia de arrombar o carro do diretor é tão aterrorizante quanto sofrer com um dos programas mentais da minha mãe.

— Ainda acho que a melhor opção é distrair o diretor quando ele voltar do almoço, enquanto um de nós entra no carro antes que ele consiga ativar o alarme

— Rowan afirma, apontando para meu caderno. — Ah, e aproveitando que você está escrevendo, Addison, anote o nome Luis Vasquez. Pesquise sobre ele, Trevor. Ano passado sofreu uma lesão séria nas costas durante um jogo. O nome te parece familiar? Deveria, porque ele estava concorrendo ao All-America, como você.

— Isso não está ajudando nossa situação atual — Stephanie diz.

— Concordo — Trevor afirma. — Voto na ideia de pegar as chaves do diretor na sala dele.

— Mas depois alguém precisa devolver — Stephanie diz — Isso presumindo que ele não deixe as chaves no bolso.

Encaro o celular.

— Bem, a hora do almoço já está quase no fim, então é melhor pensarmos em algo rápido.

— Certo, vamos tentar a técnica da distração — Rowan diz. — Quem vai

pegar o bonequinho?

Stephanie vira imediatamente a cabeça na minha direção.

Eu não.

— Por que eu?

— Porque na sua casa só tinha aquela sobremesa idiota.

— Ela nem sabia do jogo, Stephanie — Trevor diz.

Todos ficam me encarando e me pego dizendo:

— Não, tudo bem. — Fecho o caderno e o enfio na bolsa. — Eu vou. É melhor você manter o diretor ocupado, Rowan. — Eu não posso ser expulsa de uma escola Normal por causa de um desafio idiota.

— Pode deixar. Sou especialista em distração.

— Eu ajudo Addison — Trevor diz. — Stephanie, você ajuda Rowan.

— Está bem. — Ela pisca várias vezes e olha para cima. Quando começo a me perguntar por que ficou chateada, ela puxa a pálpebra inferior e enfia o dedo no olho.

Eu me assusto, mas ninguém esboça nenhuma reação.

— A lente está me incomodando. — Stephanie tira uma película fina e transparente do olho e, como mais ninguém parece considerar aquilo perturbador, tento controlar minha expressão facial.

Não devo ter feito um bom trabalho, porque ela diz:

— Qual é o problema? Não conhece ninguém que usa lente de contato?

Na verdade, não. Uma aula de Estudos Normais sobre visão abaixo do padrão me escapa da memória. Preciso arrumar um programa de memória com urgência, porque pareço ter esquecido todas as aulas.

— Consegui colocar de volta? — Rowan pergunta e Stephanie confirma.

— Certo, vamos nos separar. — Ele sai do carro abaixado como se fosse um espião. Stephanie vai logo atrás.

— Rowan precisa de uma trilha sonora — digo, esperando que Trevor não pergunte sobre minha reação diante das lentes de contato de Stephanie.

— Ele pode pegar alguma emprestada do carro do sr. Buford.

Eu rio e me aproximo da porta, pisando em papéis.

— Seu carro está uma bagunça.

— Você está com nojo?

— Não, não estou — respondo rápido demais.

Ele ri.

— Seu rosto diz o contrário.

— *Nojo* não é a palavra certa. Seu carro não está cheio de restos de comida e meias sujas. — Me abaixo para pegar um dos muitos papéis amassados. — É só... — Começo a desamassar o papel.

— Negativo — ele diz.

— Negativo? Você acabou mesmo de usar essa palavra? — A bola de papel está bem apertada e não consigo abrir com a rapidez que gostaria.

Seus olhos brilham e ele sorri, mas agarra meu punho.

— Addison, solte o lixo.

Eu rio.

— Se não estivéssemos com tanta pressa, brigaria para saber o que levou

você a usar a palavra “negativo” como uma ordem. — Deixo o papel com os outros e ele me solta.

Alguns minutos depois, Trevor e eu agachamos atrás da caçamba de uma picape, esperando o diretor estacionar em sua vaga.

— São listas das pessoas que você quer matar? — O fato de Trevor não ter me deixado ver me deixa ainda mais curiosa. Sou muito boa em guardar segredo, mas quando sei que alguém está me escondendo alguma coisa enlouqueço.

Ele sorri e concluo que tem um dos sorrisos mais bonitos que já vi.

— Sim, páginas e páginas.

— Certo. Cartas de amor?

— De jeito nenhum. — Ele levanta e estica as pernas, depois volta a agachar.

Mordo a parte interna da bochecha, pensando o que um cara calmo e tranquilo como Trevor não me deixaria ver.

— Você escreve. É escritor.

Ele me olha como se dissesse: “Acha mesmo que tenho cara de escritor?”.

— Talvez seu estágio na biblioteca tenha servido de inspiração para escrever suas memórias.

— Você está transformando em algo muito maior do que é.

— Negativo — digo, roubando sua palavra. — Você é que está. Sempre que transforma algo em segredo, ganha grandes dimensões.

Trevor dá um sorriso forçado.

— Vai ficar tentando adivinhar até eu contar?

— Sim — confirmo, assentindo.

— Então se eu contar você para com isso?

— Sim.

— Certo. Aqui está o grande segredo: eu desenho um pouco, mas a maior parte é uma droga.

Achei que descobrir o que realmente havia no papel diminuiria minha vontade de ver, mas acontece o contrário.

— Você desenha? O que você desenha?

Ele me lança um olhar que diz: “Você não disse que ia parar?”. Depois espia atrás da caçamba.

— Está pronta? Ele chegou.

Me viro e vejo um utilitário preto estacionando na vaga do diretor. Rowan já está na calçada, pronto para distraí-lo assim que sair do carro.

— Vamos.

— Diretor Lemoore — Rowan diz quando ele sai do carro e fecha a porta. Me aproximo da porta traseira do outro lado, abrindo-a com cuidado. Trevor fica atrás de mim, espera até eu entrar e fecha a porta. Agacho no chão, mas paro quando vejo as costas do diretor pela janela do lado do motorista. Rowan não podia levá-lo para mais longe? Prendo a respiração, tentada a esperar, mas sei que preciso pegar o boneco antes que ele ative o alarme. Começo a me arrastar sobre o banco de trás, indo até a frente. É quando noto uma maleta onde estou.

Droga.

Me abaixo atrás do banco do motorista assim que ouço Rowan dizer:

— Espere, o que está fazendo?

A porta da frente abre. O diretor resmunga e pega a maleta, depois volta a fechar a porta.

Outra porta abre e fecha, e Trevor sussurra:

— Eu pego, Addison. Saia pela porta de trás.

Com prazer: Sigo na direção da porta.

— Pegou?

— Sim. — Ao mesmo tempo que ele responde, um barulho alto soa duas vezes.

Me jogo para trás, enrolada como uma bola.

— Por favor, diga que você encostou na buzina sem querer.

— Não fui eu.

— Que ótimo.

O rosto de Rowan aparece na janela.

— Hum, ele acabou de ativar o alarme. Sinto muito, pessoal. Operação Resgate da Chave em andamento. — Rowan desaparece.

Inclino a cabeça para trás e encaro a maçaneta prateada.

— Podemos abrir a porta e disparar o alarme. Ele não vai saber que fomos nós. — De repente, me sinto aprisionada e desejo incontrolavelmente sair do carro.

— Se não tivéssemos que pegar o bonequinho, eu diria que sim, que a gente poderia sair. Mas é melhor esperarmos alguns minutos para ver se Rowan dá um jeito.

Rolo para o lado e consigo ver Trevor sentado no chão. Me concentro nele e apenas nele, tentando esquecer onde estamos e em que tipo de problema podemos nos meter por causa disso.

— Esse cara coleciona esses bonequinhos? Não acredito que notaria o sumiço.

Ele ri.

— Sim, ele é obcecado. Você precisa ver a sala dele.

— Considerando onde estamos, acho que há uma enorme possibilidade disso acontecer.

Trevor tensiona o maxilar. É interessante observar alguém que não sabe que está sendo visto. A expressão de Trevor parece mais preocupada que o normal.

O fato de ele parecer tão preocupado quanto eu me acalma. É como se existisse uma quantidade de estresse designada para cada situação e eu sempre ficasse com tudo. É bom poder compartilhar com alguém.

— Você está bem?

Ele levanta os olhos e sorri, desfazendo imediatamente a expressão preocupada.

— Ah, oi.

— Quero ver esse brinquedo que está dando tanto trabalho.

Trevor vira de lado e fica de frente para mim. Dá para ver que ele está muito apertado quando traz a mão para cima e ela parece esmagada junto ao peito. O bonequinho sacode um pouco a cabeça. É um jogador de futebol

americano, mas não tenho ideia que time representa.

— Aqui está o infrator — ele diz.

— Um jogador de futebol americano.

— É.

— Todas as pessoas do mundo são obcecadas por futebol americano?

— É bem importante por aqui.

Parece o tema da minha vida ultimamente, e nem gosto do esporte.

— Por que Rowan fica falando toda hora de jogadores machucados?

Ele revira os olhos.

— Fiquei surpreso por ele não ter contado aquele dia. Ele tem uma teoria de que alguém está machucando os adversários de propósito.

Minha garganta fica seca, mas tento engolir um pouco de saliva.

— Por que ele acha isso?

— Bem, por causa do golpe que me atingiu. Foi depois do apito. Não estava esperando, nem a defesa, o que é estranho, porque sempre continuo alerta durante alguns segundos depois do apito. Mas dessa vez me senti completamente relaxado. Então fui atingido com tudo. Os ligamentos do meu ombro se romperam. Ele acha que alguém tentou me lesionar permanentemente.

— E você não acha isso?

— Não. O fundamento do futebol americano é este: bater nas pessoas com toda a força. É claro que jogadores se machucam. E como alguém poderia saber que minha lesão seria tão grave?

Pigarreio.

— Esses outros jogadores que também se machucaram... Esses de que Rowan fica falando. Todos se machucaram jogando contra a mesma escola?

— Sei lá. Tento não levar Rowan muito a sério. Já me dei mal várias vezes.

— Ele faz uma pausa. — Mas Rowan é muito divertido. Vive de adrenalina. Ninguém nunca fica entediado ao lado dele.

Não tenho certeza se essa afirmação foi feita especificamente para mim ou não, mas é hora de deixar claros meus sentimentos por Rowan.

— As pessoas valorizam demais a adrenalina. — Certo, eu não disse exatamente “Eu odeio Rowan” como pretendia, mas não quero ser grosseira. É o melhor amigo dele.

Trevor muda de posição, mas não parece nem um pouco mais confortável.

— Não fiz você resolver aquele questionário sobre zumbis na sexta-feira.

— Porque você estava muito ocupado levando estranhos para minha casa.

Ele suspira.

— Achei que pudesse ter ficado brava com isso. Desculpe.

— É, bom, você já me conhece há tanto tempo. Já devia ser capaz de decifrar meus olhares. Ficar te encarando pelo retrovisor dessa forma significa: “Vou te matar se levar pessoas pra minha casa. Pense em uma solução alternativa”. — Simulo esse olhar.

— Bom saber. Vou fazer uma lista.

Meu celular toca e o tiro do bolso. Uma mensagem de texto de Laila:

Acabei de esvaziar os pneus de um dos amigos idiotas

do meu pai no Fat Jacks. Foi tão legal.

Fecho os olhos, tentando não deixar a notícia vinda de centenas de quilômetros me afetar. Porque minha resposta imediata é perguntar se ela é louca.

O que está fazendo fora do campus na hora do almoço?

Não devia estar sentada no palco, atormentando as pessoas que passam?

Fiquei com vontade de comer no Fat Jacks, dei uma escapada. Aparentemente todo o time de futebol americano se reúne lá. Você precisava ver o lugar.

Lotado! O que está fazendo?

Estou presa em um carro com Trevor.

— É a nossa equipe de resgate mandando notícias? — Trevor pergunta. Laila escreve:

Ah, parece legal!

— Não. É minha amiga Laila. Rowan não tem o número do meu celular, e não quero que tenha. Por favor, não passe pra ele.

Trevor me encara.

— Uau, é tão óbvio assim?

— É, e não estou interessada. Sem querer ofender...

— Não me sinto ofendido. Foi um favor de melhor amigo. Sinto muito.

— Não, tudo bem. Você vai falar pra ele?

— Sim, claro. — Ele muda de posição novamente, e me pergunto se está dolorido.

— Não tem um jeito de empurrar o banco pra trás? Você parece tão desconfortável. — O carro que eu tinha no Complexo se ajusta imediatamente às minhas configurações. Será que aqui é assim também? Não sei. Talvez tenha acabado de fazer uma sugestão idiota, porque o carro obviamente não tem a impressão digital do Trevor em seu banco de dados. Como ele vai mexer no ajuste dos bancos do carro dos outros?

— Sim, a alavanca deve ser aí do lado. Consegue alcançar?

— Alavanca? — Então a sugestão foi idiota por outros motivos, e não tenho ideia do que ele está falando.

— Do lado do banco. Perto da porta.

— Ah, é. — Estico o braço na lateral do banco, esperando encontrar alguma coisa evidente. Encontro, mas ainda não sei o que fazer.

— Encontrou?

— Talvez.

Quando vejo, a mão dele está sobre a minha. As pontas de seus dedos ligeiramente calejadas passeiam sobre minha mão à procura da alavanca.

— Acho que é só puxar pra trás.

Nossos olhos se encontram sob o assento. O carro está totalmente abafado e quente. Tiro minha mão de debaixo da dele.

— Talvez seja melhor não mexer no banco. Ele vai perceber.

— É verdade.

A buzina toca e dou um salto.

— Estamos livres — Trevor diz. — Vamos tirar uma foto em grupo com isso e devolver. — Ele começa a levantar.

— Trevor?

Seu rosto reaparece sob o assento.

— O quê?

— Sinto muito pelo seu ombro.

Ele sorri.

— Não precisa. Sério. Rowan faz parecer uma coisa muito maior do que é.

Assinto, imaginando se Trevor realmente pensa assim. E, mais do que isso, me pergunto se Rowan não tem motivos para suspeitar da Lincoln High.

PA.RA.fa.sia: *sf.* perda da capacidade de falar corretamente

É a primeira vez que fico parada na porta de Duke e estou nervosa. Ainda não conheço os pais dele. Parece importante. Toco a campainha e mordo o lábio. Uma mulher muito bonita atende. Seu sorriso é contagioso e me acalma imediatamente.

— Você deve ser Addie — ela diz, segurando minhas duas mãos por um instante. — Entre.

— Obrigada. — Ajeito a mochila no ombro e vou em frente. A entrada é imensa e termina em uma ampla escadaria bem à minha frente. Na verdade, tudo na casa é imenso: portas altas, pinturas enormes, corrimões grossos.

— Andar de cima, primeira porta à direita — ela diz.

Começo a subir as escadas. Talvez esse encontro para estudar tenha sido uma má ideia, mas é o único tipo de encontro que minha mãe permitiu, já que ainda estou de castigo. A primeira porta à direita está fechada. Bato com cuidado.

— Entre — Duke diz e a porta desliza.

Eu entro. Ele está sentado à escrivaninha, de costas para mim, escrevendo.

— Só um segundo.

O quarto está iluminado, as cortinas estão abertas. A casa fica bem no extremo da cidade, onde a vista desobstruída das montanhas é impressionante. Olho para fora, imagino se os Perceptivos modificam a imagem ao longo do dia. Eles alongam as sombras à tarde? Aqui de perto, a ideia de uma realidade manufaturada pesa sobre meus ombros. De repente fico feliz por não ter a vista impressionante da janela de Duke todos os dias. Fico feliz com minha vista diária da cerca desbotada do vizinho.

Tiro os olhos das janelas. Esperava que as paredes do quarto de Duke fossem cobertas de pôsteres de futebol americano ou de prateleiras cheias de troféus, mas são bege como a calça da mãe. Um único quadro de oceano está pendurado na parede oposta à cama *king-size*. Parece um quarto de hotel, genérico o bastante para abrigar qualquer um e ao mesmo tempo não parecer de ninguém. Mas está limpo, o que é bom.

Ele termina o que estava fazendo, levanta e se vira.

— Oi, namorada.

— Oi. — Meu coração acelera. Levanto a mão e, quando abaixo, minha mochila escorrega pelo braço, me obrigando a dar um passo meio desajeitado

para a frente.

Ele ri.

— Ainda não passamos a fase do constrangimento? Onde está a Addie tagarela que agia como se eu não fosse nem um pouco especial quando nos conhecemos?

Às vezes me pergunto a mesma coisa.

— Então você é especial?

— Ai está ela.

Duke dá vários passos para a frente e me levanta em um abraço. Quando me coloca no chão, digo:

— Então esse é seu quarto?

— Sim. Senta. — Ele aponta para a cama, mas prefiro sentar na cadeira de onde Duke acabou de sair.

— Achei que veria mais... coisas. Troféus, algo assim.

— É, bem, minha mãe não gosta de furos nas paredes. Além disso, meu pai tem uma sala inteira cheia das minhas... *coisas*. É constrangedor.

— Ele tem orgulho de você.

— Ele simplesmente ama futebol americano. Foi assim a vida toda.

— Foi por isso que você começou a jogar?

— Sim, me contam que meu pai me deu uma bola de futebol americano quando nasci.

— Ele também é Telecinético?

Duke confirma e observa ao redor, como se notasse pela primeira vez como seu quarto é vazio.

— Você já viu o mar? — pergunto, apontando com a cabeça para o quadro.

— Uma vez, há muito tempo. Gostei muito. — Ele fica admirando a pintura. — Suas paredes são lotadas de pôsteres de caras bonitos?

— Como você sabe?

— Sério?

— Não. Na verdade tem um monte de... hum... — Estalo meus dedos, percebendo quão pouco ele me conhece e que estou prestes a parecer uma chata. — ... palavras pintadas e páginas de livros nas paredes do meu quarto.

— Páginas de livros?

— É, algumas são de romances, outras de quadrinhos.

Ele ergue as sobrancelhas.

— Quadrinhos? Tipo gibi?

— É. Mas não porque acho os personagens bonitos. — Embora às vezes Laila fique suspirando por eles com olhos sonhadores. — Tem mais a ver com a narrativa, normalmente são as partes em que fiquei mais tensa ou triste. Colo a página na parede e sempre que leio ou a observo, sinto as sensações que tive quando li pela primeira vez... — *Ai, minha nossa, isso não é normal. Por que estou contando pra ele?* — Ah, deixa pra lá.

— Não, conta mais. Está dizendo que gosta de relembrar certas sensações?

— Mais ou menos. — Dobro o joelho sobre a cadeira. — É difícil explicar. Estou sempre cercada de pessoas que, propositalmente ou não, podem me manipular. Como minha mãe. Ela diz que não usa Persuasão comigo, mas o

simples fato de saber que ela pode fazer isso me deixa mais inclinada a fazer o que ela pede, porque não quero que use a habilidade comigo. Então, mesmo quando não usa, de certa forma ela ainda está me manipulando. Apenas permito que pule uma etapa. Meu pai também. Como sei que não posso mentir para ele, não minto. Acha que faz sentido?

— Sim, é claro que faz, mas não entendo a relação disso com as páginas de livros coladas na sua parede.

A cadeira roda enquanto movimento a perna para a frente e para trás.

— Quando leio sinto minhas próprias emoções. Emoções que nenhuma outra pessoa me obriga a sentir. Pra mim, parece quase mais real, porque sei que aqueles personagens não podem me influenciar com nenhuma habilidade. Então gosto de lembrar que posso ter sentimentos sem ninguém me manipular. Sei que é ridículo.

— Não, não é ridículo. Mas você está falando como uma Naturalista novamente. Parece que quer viver em um mundo sem habilidades.

Observo a vista das montanhas pela janela.

— Não. Quero viver em um mundo onde as pessoas não usem suas habilidades contra mim em benefício próprio.

— Você não confia nas pessoas, né?

— Já vi muitos futuros alternativos. Acho que isso me transformou em uma pessoa mais cautelosa do que a maioria. — Me viro para a escrivaninha. — O que você está fazendo?

— Está tentando mudar de assunto?

— Estou.

Ele ri.

— Estou vendo umas coisas da faculdade.

— Ah. — O pensamento me deixa paralisada. Duke vai para a faculdade ano que vem. Eu não. — Para qual faculdade você vai?

— Ainda não decidi. Tenho várias opções, e todas me ofereceram bolsa integral se jogar futebol americano. É uma escolha difícil.

— Com certeza.

— Bem, pra você não vai ser. É só fazer uma Investigação e tudo vai ficar bem. — Sinto uma ponta de amargura e não sei muito bem o que fazer. Ele coloca a mão para trás e esfrega a nuca. — Desculpe. É que estou cansado de pensar nisso. — Duke se joga na cama com o rosto para baixo. — Resolva para mim — ele resmunga com a cara no colchão.

Sorriso.

— Está bem. — Pego vários panfletos na escrivaninha e começo a folheá-los. — Pronto. Essa aqui parece legal. Tem a foto de uma árvore na frente.

Ele levanta a cabeça.

— É assim que devo decidir? A faculdade que faz o panfleto mais bonito?

— Claro.

— Bem, essa faculdade fica na Califórnia.

Jogo o folheto sobre a mesa.

— Deixa pra lá. Essa está fora da lista. É muito longe. Ainda não acredito que você vai fazer faculdade fora do Complexo.

— Eu sei, é estranho pensar nisso.

— Acha que vai afetar a progressão da sua habilidade?

— Às vezes acho que sim. Mas estou comprometido a continuar. Pretendo praticar. Espero que Ray venha comigo, assim pelo menos um pode incentivar o outro.

— Seria bom. — Volto a olhar para a pilha de panfletos. — Certo, então nada de Califórnia. Está vendo? É fácil. Uma já foi eliminada...

— Faltam vinte e cinco.

— Vinte e cinco? Nossa, você é uma pessoa especial, hein! Queria que tivesse contado.

Ele vira de lado e se apoia no cotovelo.

— Venha assistir ao jogo na sexta-feira.

— O quê? — pergunto, mesmo tendo escutado perfeitamente.

— Tenho um jogo na sexta-feira.

— Aqui ou fora?

— Aqui.

— Você vai jogar contra um dos outros Paratimes?

— Isso importa? Eu vou jogar.

— É claro que vou ao seu jogo, se minha mãe deixar. Não posso prometer que não vou dormir, mas estarei lá.

Ele sai da cama, abaixa o ombro e se posiciona para me atacar.

— Você me disse para falar mais! — grito e corro para me proteger.

NOR.MAL.ví.de.o: *sm.* vídeo sem aprimoramento da qualidade

— Acho que os caras da Lincoln High usam suas habilidades mesmo quando estão jogando contra escolas Normais. — Seguro o celular perto da orelha enquanto uso a outra mão para esfregar o rejunte da pia da cozinha com o lado áspero da esponja.

Laila ri.

— Você acha?

— Mas é errado!

— Por quê? Está me dizendo que seu pai não usa as habilidades dele no trabalho?

— É diferente.

— Como? Ele está usando as habilidades para progredir no trabalho. Ele mora no mundo Normal. Não acha que a habilidade o deixa em vantagem em relação a um colega no caso de uma promoção? Acontece o tempo todo. Não é diferente nos esportes. Nossos jogadores querem bolsas de estudo para a faculdade. Eles vão usar as habilidades para ser os melhores e excluir os jogadores Normais.

— Parece errado. — Molho a esponja e começo a esfregar outra parte.

— Você nunca teve problema com isso antes.

— Acho que nunca tinha conhecido ninguém do outro lado.

— Addie, você está fazendo limpeza?

Faço uma pausa na esfregação.

— Estou, por quê?

— Porque você está sem fôlego. Pare de se esforçar tanto a menos que seja para limpar meu quarto. Falando nisso, está uma bagunça desde que você foi embora.

É isso que estou fazendo? Me esforçando? Realmente me sinto agitada e irritada por alguém — ou todo mundo, provavelmente — estar abusando das habilidades dessa forma.

— Quem você acha que foi responsável pela lesão do Trevor? — Laila pergunta.

Jogo a esponja na pia e vou para a sala.

— Sei lá. Acho que um Manipulador de Matéria. São os únicos que poderiam romper um músculo desse jeito. — Paro de repente ao lembrar de

outra coisa que Trevor disse.

Devo ter emitido algum som de surpresa, pois Laila pergunta:

— O que foi?

— Um Controlador de Humor.

— O quê? Os que trabalham nos jogos? Tenho quase certeza de que só influenciam a torcida.

— Não, não estou falando de um funcionário. Alguém do time.

— Por que está dizendo isso?

— Porque Trevor falou que um pouco antes de se machucar ele baixou a guarda, relaxou. Alguém o acalmou de propósito, assim ele ficou indefeso.

— Você acha?

— Sei lá. Só estou tentando entender. Tem algum Controlador de Humor no time de futebol americano da escola?

— Não sei. Sempre achei que todos fossem Telecinéticos.

— Eu também, mas pode não ser. Como descobrimos?

— Acho que posso perguntar.

Fico emocionada por ela se dispor a fazer isso por mim, porque sei o quanto odeia perguntar sobre as habilidades das pessoas. Deve ter algum meio de descobrir sem precisar perguntar a todos os jogadores do time (embora talvez ela goste justamente disso). Penso por um instante.

— A escola deve ter um registro dessas coisas. Quando nos matriculamos, eles registram nossas habilidades alegadas. Deve haver uma lista única ou algo parecido.

— Na secretaria da escola, então?

— Kalan — nós duas falamos juntas. Ela trabalha na recepção. É provável que consiga colocar as mãos em uma lista dessas.

— Eu falo com ela — Laila diz.

— Me sinto muito mal por Trevor.

— Ele poderia ter se machucado mesmo se ninguém usasse uma habilidade. Futebol americano é uma esporte de contato, Addie.

— É, eu sei. — Por enquanto preciso me apegar à ideia de que foi apenas um acidente que tomou proporções exageradas devido à imaginação fértil de Rowan.

Agora estou parada perto da TV, segurando o DVD do meu pai. O vídeo parece me chamar. É a terceira vez em uma semana que pego o DVD e fico encarando.

— Ei, preciso desligar. Vou para o jogo — ela diz.

— Você só faz isso ultimamente. Está a fim de algum jogador de futebol americano? O quarterback? Como ele chama?

— Está brincando, né? Esqueceu mesmo o nome dele?

— Simplesmente me escapou da cabeça. — Faço uma busca na memória.

— Ah, Duke! Nossa, quase achei que estava ficando louca. — Não mudei há tanto tempo e já parece que deixei de lado uma parte da minha antiga vida. Me ajustei à nova vida perfeitamente.

— Se você esqueceu Duke está louca.

Reviro os olhos.

— Tá, que seja. Bem, divirta-se vendo os garotos se baterem.

— Vou me divertir, pode acreditar.

Desligo o telefone e observo o DVD na minha mão. Antes de me convencer a largá-lo mais um vez, abro a caixa e coloco no aparelho.

— Sinto muito, pai — sussurro ao sentar no sofá para ouvir o interrogatório.

Começa com uma tela azul, depois aparece a imagem de um funcionário do FBI com um cartão de identificação preso ao bolso da camisa, pequeno demais para ler.

Ele pigarreia.

— A seguir, interrogatório de Steve Paxton, trazido como suspeito do assassinato de Freiburg, primeiro assassinato no Complexo em... — Ele consulta o tablet. — ... sete anos e quatro meses. Curso de ação recomendado no caso de resultados positivos de discernimento: mapeamento cerebral e encarceramento com programa de reabilitação.

Meu coração bate rápido. Um assassinato no Complexo era muito raro e sempre bem esclarecido. O vídeo sofre um corte e, quanto volta, mostra o mesmo cara musculoso sentado a uma mesa de metal que meu pai estava vendo na outra noite.

— Sr. Paxton, diga seu nome completo para registro.

Ele passa a mão sobre os cabelos ensebados.

— Veneno.

— Seu nome verdadeiro — diz a voz atrás da câmera.

— Steve Paxton, mas pode me chamar de Veneno.

— Sr. Paxton, onde estava na noite de 6 de setembro, entre as oito e a meia-noite?

— Não tenho certeza. Tenho que consultar minha agenda. — O tom é sarcástico, como se tudo não passasse de uma grande piada.

— Foi uma noite de sexta-feira, há três semanas — a voz diz.

— Às sextas normalmente fico no clube.

— Sozinho?

— Não. Raramente fico sozinho.

— Quem pode confirmar onde estava?

— Qualquer um que tenha me visto no clube.

— Sr. Paxton, estava com alguém naquela noite? — A voz está perdendo a paciência.

— Estava em um clube cheio de gente.

— Me dê um nome.

— Você quer o nome de quem?

— Reconhece essa garota, sr. Paxton? Ela tem dezesseis anos. — A mesa diante de Veneno se acende e ele olha para baixo. Como se estivesse vendo um filme, espero que o ângulo da câmera mude para eu poder ver a imagem também, mas nada acontece. Sou obrigada a encarar o cocuruto da cabeça ensebada de Veneno enquanto ele observa a fotografia na tela da mesa. Me pergunto se conheço a menina para quem está olhando. Freiburg, o interrogador tinha dito. Eu conhecia alguma Freiburg? Só existem três escolas de ensino médio em Jackson.

— Não, nunca vi essa pessoa.

— Que engraçado. — Um papel imagem é colocado sobre a mesa. — Os registros telefônicos indicam que ela ligou para você pelo menos duas vezes por dia no último mês.

Veneno se inclina para a frente, obviamente fingindo analisar melhor a imagem.

— Ah, sim, acho que conheço ela.

— Ela está morta, sr. Paxton.

Mesmo já sabendo, estremeço com a declaração, mas ele mal reage.

— Sinto muito por ela.

— Tudo foi feito para parecer que ela se suicidou. — A tela da mesa pisca, provavelmente mudando a imagem, mas Veneno nem chega a olhar. Ele encara a câmera diretamente e diz:

— Talvez ela realmente tenha se matado.

Volto um pouco. Os olhos dele me assustam. São duros e destemidos. Veneno está sentado no FBI, sendo interrogado por assassinato, e não parece com medo. Será que é porque é inocente? Mas, nesse caso, não pediria um mapeamento para provar sua inocência? Precisaríamos de muitas outras provas para forçá-lo a fazer o mapeamento. O motivo de terem mandado essa gravação para meu pai é óbvio: ele vai saber se Veneno está mentindo.

— Achamos que foi você, sr. Paxton — diz a voz.

— Não pode me acusar do assassinato dela só porque estávamos juntos. Foi consensual. E ela estava me usando para conseguir dro...

O som da porta da garagem abrindo ecoa sob meus pés. Dou um pulo, desligo a televisão, enfio o DVD na caixa e a coloco de volta sobre a TV bem antes de o meu pai entrar.

— Oi, pai — digo com um entusiasmo exagerado. Ele vai saber que estou tramando alguma coisa só pelo tom da minha voz. É a habilidade dele. Pego o celular e finjo que estou lendo uma mensagem de texto. Já tentei mentir para ele antes, sem sucesso.

— O que está fazendo, filha? — ele pergunta.

Quero perguntar sobre o interrogatório, sobre Veneno e suas conclusões. Mas sei que ele não pode me contar. Lembro a mim mesma de perguntar a Laila no dia seguinte sobre notícias de meninas mortas.

— Ah, só estou trocando mensagens com uma amiga. — Sério? Eu tinha mesmo que inventar alguma coisa? Podia ter simplesmente dado de ombros e dito “Nada”, o que seria a verdade naquele momento.

Meu pai para no meio do caminho e franze as sobrancelhas. Injusto. Rapidamente, digito:

Detectores de mentira às vezes são um saco.

Aperto o botão de enviar. Laila vai se divertir com isso. Levanto o celular para ele ver.

— Só estou mandando uma mensagem — repito. Dessa vez é verdade.

— Parece empolgante. — Ele retoma o passo na direção do corredor. — Vou trocar de roupa.

— Está bem.

Meu celular vibra e o encaro. A mensagem são três pontos de interrogação e veio de Trevor. Como isso aconteceu? Então me dou conta de que simplesmente presumi que Laila havia sido a última pessoa a me enviar uma mensagem. Mas não, foi Trevor. Ele tinha mandado uma mensagem perguntando qual era a lição de casa de política e acabamos trocando mensagens a noite inteira.

Desculpe, era pra Laila.

O que você quis dizer com isso?

É assim que chamamos meu pai.

Ah. Problemas com seu pai?

É.

Vou convidar o pessoal pra vir aqui em casa hoje à noite. Quer vir?

Faço parte do “pessoal” agora?

Você executou com sucesso a missão de captura do bonequinho. Acho que está dentro.

Vou pedir.

Sigo pelo corredor até o quarto do meu pai. A porta está entreaberta e, justo quando estou prestes a bater, ouço a voz dele pela abertura. Deve estar ao telefone.

— Como conseguiu esse número? — Uma pausa. — Não gosto de ameaças, sr. Paxton.

Perco o fôlego.

— Diga a verdade e não terá que se preocupar com o que vou dizer. — Outra pausa. — Não, na verdade não é uma habilidade subjetiva, minhas descobertas são conclusivas e definitivas. Adeus, sr. Paxton. E essa ligação vai entrar no relatório.

Conto até dez, tentando estabilizar a respiração, depois bato.

— Pode entrar.

Finjo que não escutei a conversa, mas meu coração está acelerado e ele certamente é capaz de decifrar o medo em meu rosto.

— Você está bem, pai? Quem está te ameaçando?

— Estava escutando atrás da porta? — A voz dele é totalmente calma, mas vejo, por um instante, seus olhos cerrarem tensos.

— Desculpe.

Ele passa a mão de leve em meu cabelo.

— Não faz mal. E estou bem. Não é nada com que não possa lidar. — Às vezes gostaria de ser uma detectora de mentiras também, para poder determinar se ele está dizendo a verdade. Mas me lembro que meu pai não mente para mim. Ele observa o celular na minha mão. — Precisa de alguma coisa?

— Ah, é. Trevor me convidou pra ir à casa dele assistir a um filme. Vai um monte de gente.

Ele afrouxa a gravata.

— É uma festa?

Me joga sobre a cama dele e deito.

— Não, umas dez pessoas.

— Os pais dele vão estar lá?

— Não sei.

— Se estiverem, você pode ir.

Me sinto idiota por perguntar, mas sei que meu pai saberá se eu não o fizer. Seguro o celular no alto e digito:

Meu pai quer saber se seus pais vão estar em casa.

A gravata do meu pai aterrissa no meu rosto. Faço uma bola com ela e joga nele quando vai até o armário. Não chega muito longe, desenrolando e serpenteando até o chão. Ele ri da minha tentativa.

Meu celular vibra com a resposta de Trevor.

Sim. E meu irmão também.

Ele vai adorar saber disso. Mande o endereço e vejo você daqui a pouco.

— Os pais e o irmão vão estar em casa — digo ao meu pai.

— Está bem. Divirta-se.

Ao sair, encaro meu pai mais uma vez. Ele ainda está desabotoando a camisa e escolhendo outra. Espero que, como ele disse, Veneno realmente seja alguém com quem possa lidar.

dis.PA.RA.ta.do: *adj.* uma parte não combina com a outra

Meu coração dispara e minha cabeça lateja. Os gritos da torcida me cercam. A música da banda pulsa em meus ouvidos e me sinto perdida em uma nuvem de atordoamento.

— Isso é loucura! — Fumacinhas de ar branco acompanham minhas palavras. O apito soa e Duke corre novamente para o campo.

— Né? — Laila esfrega os braços, cobertos por uma jaqueta fina demais. Ela certamente estava mais preocupada em ficar bonita do que aquecida. — Por que os Perceptivos não podem fazer a gente achar que está mais *quente*? — Laila aponta com a cabeça para os raios que riscam o céu desde que o jogo começou. — Estou congelando.

— Porque uma ilusão não passa de uma ilusão. A realidade sempre existe, não importa a fachada. — Um raio excepcionalmente brilhante irrompe no céu sem o barulho de trovão ao mesmo tempo que a bola é agarrada.

Duke recua para fazer um passe. Quando solta a bola, ela ziguezagueia pelo céu, puxada de uma direção para outra por todos os jogadores Telecinéticos que tentam direcionar seu movimento. O número setenta e seis do nosso time pega a bola e começo a pular para cima e para baixo, gritando.

Laila me observa de canto de olho.

— Certo, os Controladores de Humor estão pegando pesado hoje.

— É esse meu problema, não é? Porque me sinto muito estranha.

— Vai comprar refrigerante pra gente. Quando sair das arquibancadas, a empolgação vai passar.

— Boa ideia. — Passo por adolescentes que vibram e desço os degraus de cimento até os fundos do estádio, onde fica a lanchonete. Assim que me encontro a céu aberto, sinto-me imediatamente melhor. Meu coração desacelera e o cérebro para de zumbir. Solto um suspiro de alívio. Não tinha ideia de que era tão suscetível a esse tipo de influência. Fico mais calma quando penso em quantos Controladores de Humor trabalham num jogo.

— Ora, olá.

Me viro e vejo Veneno encostado em um pilar de cimento. Meu coração volta a acelerar no mesmo instante, mas tento fingir que não há nada errado.

— Ah, oi. Hum, você é o cara que tomou banho de refrigerante, não é? Desculpe mais uma vez.

Ele bufa e uma nuvem de fumaça branca embaça sua feição por um momento.

— Não me venha com essa. Você sabe quem sou. — Ele se aproxima um pouco mais. — E sei quem você é. Da próxima vez que você e seus amigos quiserem pregar uma peça em alguém, é melhor se aterem aos coleguinhas da escola.

— Não sei do que está falando.

— Estou falando, Addison Coleman, que você não vai gostar de me ter como inimigo.

Ele sabe meu nome.

— Você não me assusta — digo. Ele me apavora.

— Posso não ser um Discernidor, mas sei que não é verdade. Só me pergunto se minhas descobertas são conclusivas e definitivas.

Conclusivas e definitivas?

— Não sei do que está falando.

Veneno dá mais um passo à frente e dou um para trás. Damos vários passos dessa forma e, quando estou prestes a virar e sair correndo, ele diz:

— Você sabe qual é a sensação, Addie, de não ter controle nenhum sobre suas ações? De ser obrigado a fazer alguma coisa?

— O que quer dizer? — pergunto. Se ele é um Controlador de Humor, não está me deixando mais calma. Só me sinto tensa e assustada. Talvez queira que me sinta assim.

Minhas pernas me levam para mais perto dele. Entro em pânico e tento recuar, mas estou paralisada. Literalmente. Não importa o quanto me esforce para mexer a perna, não consigo.

— Dê um recado pro pai da sua amiguinha — ele diz com uma voz rouca que faz meu corpo tremer. — Diga que, se ele não me pagar, tenho outras formas de receber. Vou conseguir aquele dinheiro de um jeito ou de outro.

Concordo com a cabeça, e ele se vira e vai embora.

in.ves.ti.ga.NOR.MAL: *sm.* tentativa de uma pessoa Normal de resolver um mistério sem ajuda

Bato na porta de Trevor e um menininho atende. Ele parece uma versão em miniatura do meu amigo, com grandes olhos castanhos e cílios muito longos. Não consigo resistir ao ímpeto de esticar o braço e bagunçar seus cabelos.

— Ei — ele reclama enquanto arruma o cabelo. — Quem é você?

— Sou Addie. Trevor está?

— Addison — Trevor diz, aparecendo na porta. — O guarda-costas está barrando sua entrada? — Trevor dá um tapinha nas costas do irmão, que se endireita.

— Não. Ia deixar ela entrar, mas ela bagunçou meu cabelo.

— Desculpe, é que ele é tão fofo.

Trevor ri.

— Addison, esse é Brody.

— Ela disse que chamava Addie — Brody contesta.

— Só pessoas especiais podem chamá-la assim.

— Como quem? O namorado?

Encaro Trevor surpresa com o raciocínio dele. Pensei que ele não tinha se dado conta de que Addie era meu apelido, quando na verdade simplesmente sentia que não tinha o direito de usá-lo. Demoro um instante para notar que Trevor está me encarando também com sua expressão de sempre, que parece mostrar mais do que seu estado desencanado no momento. Mas o que mostra exatamente não sei dizer. Constrangimento? Diversão? Sou a primeira a desviar o olhar, lembrando da pergunta de Brody e me sentindo estranha por ter olhado para Trevor depois que seu irmão mencionou um namorado.

— Exatamente, apenas meu namorado — digo, olhando para Brody. — Você vai começar a me chamar assim?

— *Eca!* Não. — Ele sai correndo.

Meu rosto fica quente e não sei por quê. Tento mudar de assunto, esperando que Trevor não note.

— Seu irmão é uma graça. Podia ficar apertando ele o dia todo.

— Quando ele tinha três anos, talvez deixasse. Mas agora ele é um cara durão, já tem oito anos. Acha as meninas nojentas.

— Eu sei, elas são mesmo.

— Você quer entrar ou pretende ficar aqui na varanda a noite toda?

Ele me acompanha até uma sala com uma mesa de sinuca e alguns sofás. Tem uma televisão na parede e alguns garotos parados diante dela, apontando controles para a tela. Já ouvi falar dos videogames Normais, mas é engraçado ver de perto.

Esses garotos fariam qualquer coisa para se entreter com os jogos de realidade virtual do Complexo.

Dá para entender por que os amigos do Trevor vêm muito aqui — é como uma sala de jogos. Lisa e Brandon estão no sofá tomando refrigerante, e Rowan e Daniel jogam sinuca. Rowan se vira quando entro e me sinto culpada. Ele deve me odiar depois que Trevor contou que não estou interessada nele. Mas, se me odeia mesmo, não demonstra, porque logo sorri e acena.

— Quer jogar com quem ganhar aqui, Addie?

— Hum, claro.

— Agora tenho motivação para ganhar de você, Daniel — Rowan diz.

Encaro Trevor imediatamente.

— Juro que contei — ele diz em voz baixa. — Só que ele é persistente. Acha que pode vencer as pessoas pelo cansaço.

— Então foi por isso que...?

— Não — ele interrompe. — Não foi por isso que te convidei para vir aqui hoje à noite.

— É bom mesmo, ou você entraria para minha lista.

— Que lista?

— Lista de pessoas para matar quando eu ganhar superpoderes.

— A lista tem quantas pessoas? — ele pergunta.

— Você seria o primeiro.

Trevor ri.

— Legal. — Ele aponta para uma mesa cheia de comida no canto e o acompanho até lá. — Qual seria seu superpoder? — Pega um punhado de batatinhas e senta em uma cadeira.

Mesmo sendo eu quem tenha puxado o assunto, a pergunta me pega desprevenida.

— É... hum...

— Matar as pessoas de tédio com seus conhecimentos de literatura clássica? — Trevor arrisca. Pego uma batatinha e jogo na cara dele.

— Cala a boca. Não, eu certamente seria Telecinética.

— Você queria ler a mente das pessoas?

— Não, isso é Telepatia. Eu gostaria de movimentar as coisas com o poder da mente.

— É, acho que seria bem legal. Mas estava me referindo a superpoderes de verdade, tipo voar ou ser superforte.

Fico um pouco ofendida, mas não posso demonstrar, ou ele vai ficar desconfiado.

— Você não acha que poderes mentais são extraordinários?

Ele dá de ombros.

— É, acho que são.

— Se pudesse ter um poder mental, qual escolheria? — pergunto, curiosa.

— Gostaria de poder ver o futuro.

Curvo os lábios.

— Não é tão legal.

— Está julgando meu superpoder falso?

— Não, foi uma boa tentativa, mas não é o melhor poder. Nem chega perto. Trevor joga uma batatinha em mim também e ela bate no meu rosto.

— Bem, é o que eu quero. Assim poderia avisar você que Rowan está vindo em nossa direção e vai chegar perto da mesa em aproximadamente três segundos.

Pego um punhado de batatinhas e enfio tudo na boca.

— Addie, eu ganhei. É sua vez de ser massacrada — Rowan diz.

Me viro e aponto para a boca.

— Estou comendo. Depois vou lá — falo com a boca cheia, mas percebo que ele não entendeu porque franze a testa e se aproxima. Eu recuo.

— Espera um segundo, Rowan. Ela está comendo — Trevor explica.

— Tudo bem, vou esperar ali.

As batatas arranham minha garganta quando engulo e tusso.

— Obrigada.

— Se não gosta muito do Rowan, por que veio?

— Porque você é meu único amigo. — Aponto para mim mesma e digo: — Sou nova por aqui.

— Então quando encontrar novos amigos vai me abandonar?

— Provavelmente. — Tenho que proteger meu rosto, pois um punhado de batatas voa na minha direção. — Ei, pode me fazer um superfavor? Pode ficar comigo e com Rowan enquanto jogamos sinuca? É só fingir que está vendo. A última coisa que quero é que ele tente me ensinar a jogar ou algo assim.

— Claro.

A primeira metade do jogo é tranquila, com Trevor agindo como meu escudo. Na verdade é bem divertido. Rimos, fazemos brincadeiras e, pela primeira vez desde que mudei para cá, sinto que faço parte do grupo, não sou uma estranha. Rowan também se comportou muito bem hoje, sem ficar dando em cima de mim. Quando começo a achar que pertenço a esse lugar, Stephanie entra na sala. Ela observa a cena, depois caminha lentamente até a mesa onde está a comida. Quando senta, diz:

— Trevor, posso falar com você?

Ele a encara e depois se volta para mim.

— As coisas já estão bem por aqui, não estão? — ele sussurra e começa a se afastar.

— Você está oficialmente na lista. Espere até meus superpoderes chegarem.

Trevor se vira e dá um sorriso incrível.

— Primeiro zumbis, agora superpoderes. Acho que você realmente está tentando me matar. — Mas ele continua e se junta a Stephanie perto da mesa.

— Ele ainda é o cachorrinho dela — Rowan comenta, se aproximando um pouco de mim. Pego meu taco de sinuca e vou para o outro lado da mesa,

fingindo estudar a posição das bolas.

— Você gosta dele? — Rowan pergunta. A mudança em seu tom de voz me surpreende, passando de conquistador a cara legal com uma pergunta simples.

— Do Trevor?

— É.

— Não. A gente é só amigo. — Acho que estou sendo sincera, mas Rowan levanta uma sobrancelha como se de repente tivesse a capacidade de detectar mentiras e descobrisse que minha resposta é falsa.

— E o que você não gosta em mim? — ele pergunta.

— Sinceramente?

— Sim, claro.

— Você pega muito pesado, fica encostando em mim. É desconfortável. E me lembra um cara nada legal de onde eu morava.

— Isso não é bom.

— Não, não é. Mas essa conversa está te deixando menos parecido com ele. É disso que as garotas gostam: sinceridade e honestidade.

— Então está dizendo que agora gosta de mim? — ele pergunta, voltando a exibir seu sorriso convencido. Suspiro, mas ele logo completa: — Estou brincando.

Eu rio.

— Ótimo. É a vez de quem?

— Minha.

Rowan acerta uma bola azul na cabeça do canto.

Pego o pedaço de giz quadrado e giro entre o polegar e o indicador, direcionando o olhar para Trevor e Stephanie. Ela tem uma expressão azeda no rosto (que surpreendente) e está fazendo gestos amplos enquanto fala. Trevor encara fixamente a tigela de batatinhas. Sua postura normalmente relaxada foi substituída por costas rígidas e maxilar tenso. Será que todos os relacionamentos não passam de uma sequência de brigas encadeadas?

Nunca tive um namorado e beijei apenas um menino, sem contar nas Investigações. Joey Turner. Eu o conheci na livraria aos catorze anos e achei que éramos feitos um para o outro e havíamos nos encontrado devido ao amor em comum pelos livros. Só que a mãe dele o arrastara para a livraria. E é claro que só fui saber disso vários dias depois, após várias sessões de beijos.

— Se quer saber — Rowan diz parado perto do meu ombro e me trazendo de volta à realidade —, ele parece muito mais feliz desde que você apareceu.

— O quê? Quem?

Rowan aponta com a cabeça para Trevor. Obviamente percebeu que eu estava olhando para ele.

— Este ano está sendo difícil pra ele. Com o ombro machucado e tudo mais. Aí você apareceu e... eu não via Trevor sorrir tanto há muito tempo.

— Sério?

— Sério.

Sorrio. Fico feliz por Trevor se sentir bem perto de mim, porque eu também gosto de ficar perto dele. Rowan alinha a próxima tacada e pergunto:

— E todos esses jogadores que você fica mencionando para Trevor? Todos

se machucaram em jogos contra a mesma escola, a Lincoln High, né?

— Sim. Por isso fiquei tão desconfiado. Só eu acho isso estranho? — ele pergunta olhando para cima.

— Não, é realmente esquisito. — Para mim, é uma confirmação: alguns jogadores de futebol americano da minha antiga escola estão reduzindo propositalmente a concorrência. Mas quem? Será que é o time inteiro ou apenas alguns babacas? Uma coisa é usar as habilidades para se destacar, como Laila havia dito, mas é completamente diferente progredir machucando os outros.

Mais algumas pessoas aparecem durante nosso jogo. Rowan acaba mesmo me massacrando na sinuca, mas pelo menos não tenta me dar um abraço reconciliatório.

— Sabe onde fica o banheiro? — pergunto a ele.

— Sei. — Rowan aponta. — No fim do corredor, terceira porta à direita.

— Obrigada.

Ao voltar do banheiro, ouço alguém cantarolando a música-tema de Star Wars atrás de uma porta entreaberta à minha direita. Espio lá dentro e vejo o irmão caçula de Trevor, Brody, sentado na cama, lendo. A porta range um pouco quando encosto nela, e Brody para de cantarolar e levanta a cabeça.

— Oi de novo — digo. — Que livro é esse?

— Quadrinhos de Star Wars. — Ele ergue o livro.

— Que legal. É o *Episódio I*, não é? Já chegou na parte em que o Anakin entra na corrida?

Ele ergue as sobrancelhas.

— Acabei de passar dessa parte.

— Posso ver o que mais você tem? — Aponto para a estante no canto.

— Claro.

A estante tem uma série desorganizada de quadrinhos. Alguns empilhados, outros com a lombada virada para trás. Empilhar é uma coisa, mas a lombada escondida me dá arrepios. Desviro várias delas. Noto também alguns livros, então os pego e observo as capas.

— São bons?

— Não sei. Não li. É melhor você perguntar para Trevor. São dele.

Paro no meio do livro que estava folheando.

— Ah, esse quarto é do Trevor?

— É. Venho aqui ler os quadrinhos dele.

Observo ao redor e me dou conta de que não parece o quarto de um menino de oito anos. Há uma cama grande com lençóis escuros encostada em uma parede, uma escrivaninha cheia de pilhas de papéis e vários pares de sapatos grandes quase para fora de um armário bagunçado — Trevor precisa de sérios conselhos sobre organização. Devolvo os livros à estante, resistindo ao forte ímpeto de organizá-los. Na parede sobre a cama há um olho grande pintado em tons de preto e vermelho. Dentro da pupila há a cena de uma cidade.

— Aquilo é legal — digo, apontando para a pintura.

— É a capa da HQ que ele está desenhando. — Brody aponta para a escrivaninha e me aproximo. Ao lado dela, uma lata de lixo transborda papéis amassados. Sobre a mesa, há páginas coladas na parede. Certamente são

desenhos dos personagens de seu quadrinho.

— Ele desenha muito bem — digo, passando o dedo sobre a borda de uma das páginas. Abaixo e pego um papel do lixo. É uma menina ruiva usando capa, pulando entre dois prédios. Não tenho ideia de por que está no lixo. Se Trevor acha que isso é ruim, deve ser muito exigente consigo mesmo. — Você acha que ele me deixaria ler a história? — pergunto a Brody.

Ele ri.

— Trevor não deixa ninguém ler.

— Nem você?

— Ele me deixa ver as figuras.

— Addison? — Trevor diz atrás da porta.

Me viro como se tivesse sido pega xeretando, mexendo no lixo dele... o que realmente estava fazendo.

— Desculpe, eu... — Enfiando o papel no bolso, engulo o constrangimento em seco. Trevor passa os olhos pelo quarto, provavelmente avaliando o quanto *ele* devia ficar constrangido.

Aponto para a estante e digo rapidamente:

— Você me disse que não gostava de livros.

Ele sorri.

— Esses não contam.

— Claro que contam. Eu tenho *Ninja Wars* e *Elementals*. — Aponto a cabeça para a escrivaninha. — E parece que você desenha muito melhor do que pensa.

— Às vezes dou sorte.

— Você sabe o que é sorte?

Trevor me encara nos olhos e acho que está prestes a dizer alguma coisa quando a voz de Rowan grita do corredor:

— Trevor!

— Ah, esqueci. Rowan tem uma espécie de apresentação para todos nós. — Ele me encara como quem diz: “Sim, eu sempre faço as vontades do Rowan”.

Não quero sair do quarto e voltar para a festa. Poderia passar o resto da noite parada na frente da estante do Trevor (ou da lata de lixo) discutindo as histórias nas prateleiras. Ele deve sentir o mesmo, ou talvez porque não paro de olhar para os livros, diz:

— Pode voltar depois. Minha estante é toda sua.

Ando na direção da porta.

— Acho que são minhas cinco palavras preferidas no mundo.

Trevor ri e, quando passo por ele, agarra a ponta do papel que está aparecendo em meu bolso, puxando-o.

Torço o nariz.

— Você ia jogar fora mesmo.

— Exatamente. — Ele amassa o papel e arremessa do outro lado do quarto.

A bolinha cai sobre as outras, na lata de lixo.

Estou mais decepcionada do que deveria por não poder ficar com o desenho. Ficaria legal na parede do meu quarto. Estabeleço o objetivo de colocar as mãos em pelo menos um trabalho de Trevor. Não deve ser muito difícil, já

que o chão do carro está cheio deles, mas logo percebo que gostaria que me desse um espontaneamente. Mais ainda: quero que ele faça um desenho para mim. É meu novo objetivo.

Quando voltamos à sala de jogos, Rowan diz:

— Certo, pessoal. Sentem. Tenho uma surpresa para Trevor.

Trevor me encara como se eu devesse saber o que está prestes a acontecer, mas não faço ideia. Rowan fica parado diante do grupo.

— No próximo fim de semana a lesão do Trevor vai fazer seu primeiro aniversário. E, por acaso, também é o fim de semana em que a Lincoln High tem a ousadia de mostrar a cara em nosso estádio novamente.

Meu rosto começa a ficar quente.

— Consegui colocar as mãos em um pôster do time de futebol americano deles desse ano. — Rowan corre até o canto e volta com um pôster enrolado. Ele o estica sobre a mesa de centro diante de nós. Passo os olhos por todas aquelas pessoas conhecidas, parando no rosto sorridente de Duke. — Todos sabemos como é impossível conseguir informações sobre eles. Parece que a escola é uma espécie de segredo nacional. Mas sugiro que cada um de nós escolha dois membros do time titular e descubra tudo o que puder quando estiverem aqui, na sexta-feira.

— O sr. Buford ficaria orgulhoso — Liam diz com uma gargalhada.

Rowan aponta para ele.

— Exatamente. Sabemos que tem alguma coisa estranha acontecendo naquela escola. A lesão do Trevor não foi um incidente isolado: o mesmo aconteceu com jogadores de outras escolas. Trevor estava a caminho do estrelato e eles o botaram pra fora. Não podemos ficar aqui sentados e deixar que saiam ilesos. — Ele aperta o dedo sobre o pôster, parando justamente sobre o rosto de Duke. Recuo.

Rowan nunca vai descobrir nada. É por isso que o Complexo tem um Comitê de Contenção. As informações não chegam muito longe. Mas queria que descobrisse quem está por trás das lesões. Me pergunto se Laila conseguiu a lista de habilidades na secretaria e se ela esclareceria alguma coisa. Trevor ri, mas parece forçado.

— Certo, Rowan. Já chega. Que tal apenas pendurarmos o pôster e jogarmos dardos nele? — Ele levanta.

— Estou falando sério. Temos que fazer uma investigação. Alguns alunos de lá vêm assistir ao jogo. Podemos colocar espões na seção dos alunos deles.

Trevor pega o pôster, enrola e bate no ombro de Rowan com ele.

— Parece um bom plano.

pre.PA.RA.ção: *sf.* medidas preventivas para lidar com acontecimentos futuros

Duke, Laila e eu estamos no carro dele depois do jogo de futebol americano. Não parei de tremer desde que Veneno me mostrou do que era capaz, mas estou tentando me controlar porque nunca vi Duke nervoso. O músculo do seu maxilar se contrai várias vezes conforme ele trava os dentes.

— Qual você acha que é a habilidade dele, então? — Laila pergunta. — Nunca ouvi falar de ninguém capaz de controlar o sistema nervoso.

Fiquei tentando descobrir qual é sua habilidade desde o momento em que se afastou de mim, quando finalmente pude controlar meus próprios movimentos de novo. Também nunca ouvi falar de uma habilidade que permita controlar o sistema nervoso de alguém. É uma habilidade que pode ser aprendida, como Transmissão de Pensamento e Manipulação da Luz, ou a pessoa nasce com ela?

— Talvez as pessoas possam fazer isso, mas nunca conhecemos ninguém que realmente *faça*.

— Então você acha que ele é capaz de Manipular Matéria, como Bobby? — Laila pergunta.

— Certamente foi Manipulação, mas não tinha ideia que Manipuladores de Matéria podiam fazer *isso*. — Tiro o celular do bolso. — É melhor ligar pro meu pai. Isso é loucura.

— Não. — A voz de Laila impede que meu dedo aperte o botão. — Seu pai vai fazer perguntas. Ele vai querer saber como conhecemos o cara. Você vai ter que contar sobre meu pai, e ele vai ser preso.

— Tenho certeza de que meu pai já sabe do problema do seu pai com drogas.

— Sim, mas agora foi um pouco mais longe. E se esse cara fizer alguma coisa com meu pai porque falamos com as autoridades? — A voz dela é firme e confiante, mas seu olhar revela uma mistura de tristeza e desespero. — Por favor, Addie, vamos ver se conseguimos pensar em alguma coisa antes.

Depois de ficar cara a cara com Veneno nos fundos do estádio, não tenho dúvida de que ele pode cumprir muito bem as ameaças. Guardo o celular.

— Está bem.

— Vou matar esse cara — Duke finalmente diz.

— Ah, não seja tão dramático — Laila diz. — Já sabemos que você é do tipo que quer defender a honra da Addie. Agora vamos pensar em ideias sérias,

não extremas.

— Eu *estou* falando sério.

Estico o braço e pego a mão de Duke. Ele volta a ficar tenso, depois relaxa. Quando solta o ar, também fico tranqüila.

— Ele não me machucou, Duke. Nem me ameaçou. As ameaças foram ao pai da Laila. — Viro para o banco de trás. — Quanto você acha que seu pai deve para ele?

Ela revira os olhos.

— Sei lá! Mas, independentemente da ameaça, meu pai não pode entregar algo que não tem. Seria como tentar extrair uma habilidade de um Normal.

— Então o que devemos fazer? — Duke praticamente grita. — Ignorá-lo?

— Talvez sim. — Aperto a mão dele. — Ignorá-lo e evitá-lo. E ficar longe do carro dele — digo para Laila.

— Está bem, está bem — ela diz. — Não vou chegar perto do carro dele, mas isso não significa que não devíamos tentar descobrir tudo o que pudermos sobre esse cara. Quero saber com quem estamos lidando. Vamos averiguar.

— Conheço um time inteiro de caras que adorariam um novo saco de pancadas.

É estranho ver Duke assim. Estou acostumada com seu sorriso onipresente.

— Não, Duke. Por favor, não mexa com ele. Só vai piorar as coisas.

Ele se vira e segura minhas duas mãos entre as dele.

— Vamos praticar Transmissão de Pensamento. Se acontecer algum problema, precisamos garantir que vou ficar sabendo.

— Você consegue fazer Transmissão de Pensamento? — Laila pergunta. Eu estava prestes a perguntar a mesma coisa. — Pensei que fosse quase impossível se sua habilidade é relacionada a Manipular objetos e não mentes.

Ele lança um olhar irritado para Laila e volta a me encarar.

— A palavra *quase* é usada por um motivo, não é?

— Ainda não sou boa a longas distâncias — digo. — De que adianta dizer que estou com um problema se você estiver ao meu lado?

— Vamos praticar. Precisamos aprender a energia um do outro. Ficaremos sintonizados. — Ele coloca a mão na minha nuca e me puxa para mais perto até nossas testas se tocarem. *Vamos praticar*, ouço na mente. O pensamento chega com minha própria voz, mas sei que foi ele que colocou ali.

— Credo — Laila diz. — Por favor, pratiquem bem longe de mim.

Minhas bochechas ficam quentes e me solto dele.

— Não vamos esquecer que não sou a única com problemas aqui. Laila corre tanto perigo quanto eu. Talvez mais, já que ele está atrás do pai *dela*.

Os dois riem.

— O quê?

— Addie, só a minha habilidade já me deixa em vantagem. — Depois ela me observa de cima a baixo. — E isso só pra começar.

— Você acha que é mais forte do que eu, é isso?

— Sei que sou.

— Certo. — Cruzo os braços e afundo no assento. — Que seja.

— Mas se quiser mostrar àquele cretino os dois caminhos que ele pode

seguir, tenho certeza que vai ficar impressionado. — Duke diz com o primeiro sorriso que vejo desde que entramos no carro.

Reviro os olhos e tento ficar irritada, mas o sorriso dele torna isso impossível.

— Muito engraçado.

— Ela não tem como dizer os dois caminhos *do cara*. Só os dela. Então só vai poder dizer se ela morre ou não.

— Vocês dois são uns palhaços. Acho que preferia quando estavam preocupados comigo.

O sorriso de Duke desaparece.

— Continuamos preocupados. — Ele se vira para Laila. — Certo, vamos descobrir tudo o que pudermos sobre esse idiota.

— Não podemos esperar até amanhã? — Estamos esperando no corredor escuro da casa de Laila. O primeiro passo é conseguir o telefone de Veneno no celular do pai dela. O ronco dele ecoa pelo corredor.

— Não, ele tem sono mais pesado à noite — Laila responde. — Esperem aqui. — Ela entra no quarto dos pais pisando na ponta dos pés.

Duke, que está atrás de mim, escorega os braços em volta da minha cintura.

— Está nervosa?

Relaxo encostada nele. Sua respiração faz cócegas na minha nuca. Posso sentir as batidas de seu coração nas minhas costas.

— Não mais.

— Que bom. Vamos dar um jeito nisso. Ele deve sentir prazer em assustar as pessoas. Principalmente garotas bonitas.

— Acho que sim.

Laila volta e faz um sinal para a seguirmos até a sala. Ela está com o celular nas mãos, verificando a agenda.

— Addie, coloque o número dele no seu celular.

— Certo. — Espero com o aparelho preparado.

Ela diz o número e gravo na minha agenda com o nome de Bizarro.

— Está mais pra Bizarro Morto se eu o vir novamente — Duke diz, espiando sobre meu ombro.

Eu o cutuco com o cotovelo.

— Certo, vou devolver isso. — Ela sai e fico encarando o número no meu celular. Tudo parece tão inútil.

— O que foi? — Duke pergunta.

— Temos o número, mas e agora? Não podemos ligar e pedir pra ele nos contar um pouco sobre sua vida.

— Não. Mas meu melhor amigo sabe invadir sistemas de computador. É uma das vantagens da habilidade dele.

— Sério? Quem?

— Bobby.

Resmungo.

— Bobby? Está falando sério? Acho que não deveríamos contar isso para ele. Não confio nele. — Ainda não contei ao Duke sobre o que Bobby fez comigo

em minha Investigação. Me pergunto se devo contar, caso ele pense que estou exagerando. As pessoas têm dificuldade de entender o quanto minhas “lembranças” são reais. Laila é a única que sabe o que Bobby fez, ou teria feito, comigo. Quando contei, ela segurou minha mão e perguntou se eu queria que ela apagasse as memórias dele e o transformasse em um vegetal babão. Eu disse que não, mas me senti melhor só de pensar naquilo.

Duke aperta um botão em seu celular, depois gira o aparelho uma vez e o guarda no bolso.

— Bem, eu confio no Bobby. E agora a ajuda dele vai ser muito útil.

— Agora? — Olho para o celular. Já passou das onze.

— Sim, acabei de mandar uma mensagem. Bobby fica acordado até tarde.

Laila volta e Duke diz:

— Vamos até a casa do Bobby pra ver se conseguimos descobrir alguma informação sobre esse cara.

Os olhos de Laila correm até os meus.

— Nós vamos? — Ela analisa meu rosto, provavelmente em busca de sinais de resistência.

Quero demonstrá-los, mas simplesmente dou de ombros e digo:

— Sim, não consigo pensar em nenhuma ideia melhor. Acredite, eu diria se tivesse.

— Certo, então vamos.

Estacionamos na frente da casa de Bobby e meu sangue gela. Nunca estive lá dentro, exceto na minha Investigação. Quando avisto o grande carvalho no jardim da frente, a lembrança dele me encarando enquanto estamos sentados no carro me vem à mente. Lembro de me perguntar como fomos parar na frente da casa dele, quando Bobby deveria me levar para minha casa.

— Minha mãe quer conhecer você — ele disse.

— Ah, tudo bem. — Mas não tinha ninguém em casa. Estava escuro e me senti desconfortável. — Onde está sua mãe?

Um sorriso tomou conta de seu rosto. Ele sentou no sofá e apontou para a almofada ao seu lado.

Meus instintos me disseram para ir embora, mas seus olhos verdes ficaram mais suaves.

— Senta aqui comigo.

Não quis ser grosseira e o baile havia sido divertido. Sentei, e ele envolveu meu pescoço com o braço. Sua mão encontrou instantaneamente minha clavícula, traçando uma linha lenta ao longo dela e depois descendo.

— Acho que não — disse, agarrando sua mão enquanto tirava seu braço do meu pescoço, segurando-a depois por garantia.

— Qual é o problema? Você não gosta de mim? — A mão livre dele foi até minha coxa, e ele enterrou os dedos na minha pele.

— Ai, Bobby. Sai pra lá. — Tentei me levantar, mas ele segurou minha perna e imobilizou meu ombro com o dele.

Por um instante, fiquei paralisada, em choque, incapaz de acreditar no que estava acontecendo. Sua boca encontrou a minha, áspera e grosseira, e sua mão continuou a subir. O som da saia do vestido rasgando e a sensação do seu toque

me tiraram do choque, e o acertei com uma joelhada bem forte. Segurando o vestido rasgado, corri para fora da casa com os olhos ardendo.

Agora, no carro com Duke e Laila, aqueles sentimentos voltam. Tento deixá-los de lado ao sair do carro. Não quero que Duke pense que não posso lidar com isso. Posso lidar com isso. Bobby não me controla. Laila deve perceber como me sinto, porque vai imediatamente para o meu lado e segura minha mão.

Bobby abre a porta da frente antes mesmo de batermos. Não gosto de como me observa, como se também lembrasse da Investigação e gostasse de me atormentar com isso. Mas sei que não se lembra, só eu tenho esse privilégio.

Ele nos leva até um cômodo nos fundos, e fico feliz por não ser tão familiar quanto a sala pela qual passamos.

— Comecei com o número que me mandou. O nome dele é Steve Paxton. — No canto da sala, computadores iluminam a parede.

— Sua casa parece uma tumba — Laila diz. — Não tem sensores? — Ela ergue a mão sobre a cabeça, mas nada acontece. — Bobby — Laila diz, irritada, e ele aponta para a parede. Ela encontra um interruptor e o liga. Quando a luz acende, solto o ar que nem tinha me dado conta que estava prendendo.

— É mais de onze horas — Bobby diz. — Não fico vagando pela casa com todas as luzes acesas. Principalmente quando estou sozinho.

— E o que você descobriu? — Duke pergunta, apontando para uma das telas, onde uma foto de Veneno em baixa resolução ocupa um canto do monitor.

Bobby senta.

— Não muito. Ele foi preso algumas vezes por vender aprimadores, mas só isso. O que esperam descobrir sobre ele exatamente?

— Se é perigoso — Duke afirma.

— Ele parece praticamente inofensivo — Bobby diz.

Bobby também parece, mas sei do que é capaz.

— Tem certeza? Você só pesquisou aí?

Bobby vira para mim com os olhos cerrados.

— Acho que a delegacia de polícia é um bom lugar para pesquisar. Mas talvez possa verificar a biblioteca, para ver se ele devolve os livros atrasado. Conhecendo você, imagino que isso seja importante.

— Você não me conhece — eu digo em voz baixa.

— Não precisa ser babaca — Laila diz. — Ela só estava perguntado. E o endereço? Conseguiu descobrir?

— Sim. — Bobby pega um pedaço de papel na gaveta da escrivaninha e o anota, depois entrega a Duke.

— Obrigado. — Duke dá um tapinha nas costas dele.

Meus olhos estão novamente na tela e não consigo tirá-los da foto de Veneno. Minha mente lembra de como me obrigou a dar um passo para a frente, me puxando sem usar as mãos. Não entendo esse tipo de habilidade. Não é como a da minha mãe, que me Persuade a fazer coisas. Se me esforçar bastante e reconhecer o que ela está fazendo, posso combater sua influência. Mas com Veneno não consegui impedir que me obrigasse. Fiquei totalmente à mercê dele.

— Você vai ficar um pouco aqui comigo ou vai sair com seu namorado? — Bobby pergunta. Observo em volta e me dou conta de que Duke e Laila estão

saindo. Me viro e sigo para a porta.

— O que fiz pra você? — Bobby pergunta atrás de mim.

Eu paro.

— O que você me viu fazendo que mudou a forma como me vê?

— Eu vi quem você é de verdade.

— Então por que veio até aqui hoje? — Ele parece distante e pequeno.

— Porque, por algum motivo, Duke confia em você. — Saio correndo e alcanço Duke. Ele coloca o braço em meu ombro e me dá um beijo na testa. Me acomodo junto a ele.

— O que vamos fazer agora? — pergunto.

— Vigiar.

fe.NOR.Me.nAL: *sm.* alguém que acha que sua existência é um fato impressionante

Fiquei de plantão na janela pelas últimas duas horas, mesmo depois que Laila me disse que provavelmente não chegaria antes das seis da tarde, com tempo suficiente apenas para se arrumar para o jogo de futebol americano. Não faz nem um mês que fui embora, mas parece que não a vejo há uma eternidade.

Quando uma picape para na frente de casa, corro para a porta. Ela está no meio do caminho até a porta quando nos encontramos. Nenhuma das duas é escandalosa normalmente, mas nos abraçamos e começamos a pular, gritando.

Laila se afasta.

Eu aponto.

— Você está usando óculos de sol.

— É porque a claridade daqui é insana. Olha que loucura: parei em um posto de gasolina me sentindo mentalmente cansada e, como uma idiota, perguntei ao cara do caixa se eles tinham algum alimento cerebral. Ele ficou me encarando com uma cara estranha e me lembrei daquela palestra comprida que assistimos antes de sair do Complexo, sobre não deixar escapar algumas coisas, então Apaguei um minuto da memória dele.

— Não acredito que fez isso.

Ela ri.

— Pior que fiz. Achei que teria que dar um jeito na loja toda, mas só tinha mais uma mulher, e ela estava distraída colocando uma salsicha nojenta num pão. Tinha um mostruário de óculos de sol perto do caixa, então peguei um e comprei. Talvez eu pareça mais com uma Normal assim.

Eu sorrio.

— Já disse o quanto senti sua falta?

— Também senti. Quando vai voltar pra casa?

— Vamos pegar suas coisas e te mostro o lugar. — Eu a ajudo a tirar uma mochila da caçamba da picape. — Você alugou uma picape?

— Claro, com todo o meu próprio dinheiro. Só que não. Peguei emprestada com aquele cara que restaura essas porcarias Normais inúteis.

— No fim das contas não são tão inúteis assim.

— Muito engraçado. Foi o que ele falou quando eu disse que entregaria o resto da minha mesada caso ele me deixasse usar o carro. Sei que não podemos

usar Paratecnologia aqui fora, mas fala sério! — Ela bate a porta da caçamba.

Dentro de casa, meu pai abraça Laila.

— Que bom ver você. Como vão as coisas em casa? — Meu pai pega a mochila do ombro dela e pendura no seu. Sorrio, feliz em ver que ele trata Laila como uma filha. Espero que isso compense pelo menos um pouco o fato de o pai dela não fazer o mesmo.

— Se eu dissesse que está tudo bem, o senhor saberia que estou mentindo, então só vou dizer que está como sempre.

— Não desanime.

— Sim, senhor.

— Vamos nos arrumar — digo.

— Aonde as mocinhas vão? — meu pai pergunta.

— Não lembra que eu disse que íamos ao jogo de futebol americano?

— Ah, é verdade. — Ele vai na frente pelo corredor, deixa a mochila em meu quarto e sai para nos arrumarmos.

— Para um cara mais velho, seu pai é bonitão — Laila diz, encarando a porta que ele acabou de fechar.

— Eca. — Acho que ela não pensa nele como pai, não.

— Foi só um comentário. — Laila coloca a mochila sobre minha cama, abre e tira várias folhas de papel. — Diga que me ama — ela diz, entregando as folhas para mim.

— O que é...? — Eu mesma me interrompo quando vejo que é uma lista em ordem alfabética de todos os alunos da escola. Ao lado dos nomes estão as habilidades. — Você é demais!

— Destaquei os jogadores de futebol americano — ela afirma.

Eu a encaro.

— E?

— Não tem nenhum Manipulador de Matéria no time, se foi isso mesmo que causou a lesão no ombro do Trevor. E se alguém tentou fazer ele relaxar para baixar a guarda, só tem um Controlador de Humor. — Laila pega os papéis de volta e passa algumas páginas para a frente. — Esse cara... Andrew. Mas ele não está entre os titulares. Na verdade, é aluno do primeiro ano. Você não disse que Trevor se machucou ano passado?

— É, isso mesmo. — Espio a página sobre o braço dela. — Talvez o Controlador de Humor do time do ano passado tenha se formado. Talvez Andrew seja o substituto. O que um aluno do primeiro ano está fazendo no time da escola? Ele poderia facilmente acalmar o time adversário do banco de reservas.

— É verdade. — Ela joga os papéis sobre minha cama. — Vamos ter que ficar de olho. Agora vamos nos arrumar.

Atravessamos o estacionamento a caminho do estádio. Laila para perto de um carro, pega o batom e se abaixa para usar o espelho retrovisor. Ela resmunga.

— Não consigo ver nada. — Puxa o espelho e o alarme do carro dispara.

— Vem, vamos — digo, observando em volta para ver se o dono está por perto.

— Não, eu dou um jeito. — Ela levanta as mãos cobertas com luvas de renda sem dedos e o alarme para.

Fico de queixo caído.

— Que droga é essa?

— Não fique brava.

— Por que ficaria brava?

— Tenho visto Bobby e ele me ensinou a estender minha habilidade.

— Estender sua... o que isso quer dizer?

— Você sabe... tipo um controle avançado de habilidade.

Lembro de todos os sermões que minha mãe já me deu sobre os perigos de experimentos mentais não testados.

— Está maluca? Quer ter danos cerebrais? Existe um motivo pelo qual não devemos forçar nossas habilidades até a mente estar desenvolvida por completo.

— Sei que estou falando como minha mãe, mas nesse caso ela está certa.

Laila faz uma bola de chiclete.

— E por quê? Para que os adultos consigam nos controlar? Eles simplesmente acham que não conseguimos lidar com o poder extra. Acham que vamos abusar dele.

— Não sei por que acham isso — digo sarcástica, apontando para o carro cujo alarme ela acabou de desligar. — E o que você acabou de fazer?

— Localizei mentalmente o painel elétrico do carro e Apaguei os últimos trinta segundos da sua “memória”. — Ela conclui indicando as aspas com os dedos.

Alterno o olhar entre ela e o carro várias vezes.

— E tem mais — Laila diz. — Veja isso. — Ela levanta as mãos e fecha os olhos. Não sei muito bem o que esperar. O alarme já está desligado. Mas, de repente, com um solavanco, o carro volta a disparar. Tampo os ouvidos com as mãos, erguendo os ombros também. Laila abre um grande sorriso e silêncio o alarme novamente. Não me movo.

Ela aponta para mim.

— Por que está fazendo isso? Por que simplesmente não abafa o som mentalmente?

Por que *fiz* isso? Falta de prática?

— Sei lá. Fiquei surpresa, acho... — Abaixo as mãos e encaro o carro. Minha mente acelera. — Você acabou de...

— Restaurei a memória dele.

Abro e fecho a boca duas vezes antes de finalmente conseguir dizer:

— Não sabia que você podia fazer isso.

— Não podia. É o controle avançado de habilidade. — Ela ri. — Vamos. — Laila agarra meu braço e voltamos a caminhar.

— Você anda vendo Bobby? — pergunto, finalmente me dando conta do resto de sua revelação. Como *ele*, entre tantas pessoas, acabou fazendo parte de seu novo grupo de amigos? — Bobby?

— Eu sei, eu sei. — Ela faz um gesto de indiferença, como se não fosse nada de mais. — Mas foi preciso. Queria ser capaz de me defender. Meu pai tem um amigo bizarro que fica aparecendo em casa, ameaçando minha mãe e eu, e Bobby é muito bom em aprimorar habilidades.

Atravessamos o campo de beisebol no escuro na direção do estádio de

futebol americano.

— Um cara te ameaçou? Está tudo bem?

— Sim, está tudo bem. É um idiota que sente prazer em assustar garotas. Deve se achar durão. Nada com que eu não possa lidar.

Dou o braço para ela.

— Tome cuidado, está bem?

— Sim, pode deixar.

— Falando nisso, você ouviu falar de uma menina assassinada no Complexo mais ou menos da nossa idade?

— O quê? Não, por quê?

— É um caso que meu pai está investigando. Mas, se você não ouviu falar, acho que não devem ter tornado público ainda.

— Um assassinato? No Complexo? Tem certeza? Quem foi o culpado?

— Alguns suspeitos estão sendo investigados. Pode nem ter sido assassinato. Talvez ela tenha se matado.

— Isso faria mais sentido. Que droga. Mas isso significa que andou xeretando as coisas do seu pai? Garota desobediente...

Chuto a terra enquanto seguimos na direção da bilheteria iluminada.

— Pois é, ele ficaria tão bravo!

— Estou surpresa por ter conseguido esconder dele.

— Ele ainda não fez as perguntas certas. Espero que não faça.

Entregamos os ingressos à moça da bilheteria e entramos no estádio. O som da banda tocando e o barulho da multidão imediatamente fazem meu coração acelerar.

— Olha só pra você, sorrindo como uma boba — Laila diz.

— Estou ansiosa para apresentar você aos meus novos amigos. E eles a você. Ah, e não vai esquecer...

— Sim, nunca ouvimos falar nada sobre a Lincoln High.

— Ainda bem que nunca fomos a um jogo do Lado de Fora antes, ou poderíamos ser reconhecidas por alguém.

— Sua falta de envolvimento com as atividades da escola acabou sendo útil. De onde, exatamente, Trevor acha que você é?

— Da Califórnia.

— Transformaram você em uma californiana?

— Tecnicamente não. Mas disse que era. Já estive lá. Uma vez.

Laila esfrega os lábios pintados um no outro.

— E você faz o quê? Recita a letra de "It's a Small World" quando perguntam sobre onde morava?

— Normalmente mudo de assunto. — Pego no braço dela. — Vamos, lá estão eles.

— Devíamos mexer com a mente de algum Normal esta noite — ela diz com um sorriso maldoso. — Obrigiar alguém a fazer coisas engraçadas.

— Não. — Aperto seu braço, forçando-a a olhar para mim. — Não faça isso. Eles são bem legais, espertos e... não faça isso, está bem?

— Tudo bem, tudo bem. — Continuamos a caminhar na direção do grupo.

— Qual deles é Trevor? — ela pergunta. Noto que todos estão vestidos

normalmente dessa vez, sem corpos pintados ou perucas. Deve ter a ver com a missão de vigilância que estão armando.

— Espere, me deixe adivinhar. — Ela diminui o passo. — Por quem Addie se sentiria atraída? Bonitinho, mas modesto. Tímido, mas confiante. O cara de cabelos escuros com bota no banco da frente. — Ela aponta diretamente para Trevor.

O grupo ainda não percebeu que estamos ali, mas Trevor é o único que não está se movendo — seus olhos estão fixos no campo. Rowan está se jogando por cima de Jason, tentando pegar algo debaixo do banco. Jason está tentando derrubá-lo. Daniel está enchendo uma bola inflável. Katie e Lisa estão digitando no celular e Brandon está tentando chamar a atenção de Lisa.

— E onde está a namorada do Trevor?

Aponto para o campo.

— Ela é líder de torcida.

— E ainda assim Trevor não está olhando para ela, está com o olhar fixo nos garotos com a bola.

— Não disse que aquele era Trevor.

— É?

Eu rio.

— Sim.

— Foi o que pensei. — Laila ajeita o cabelo, ri e diz: — Vamos lá.

Chegamos perto do grupo.

— Oi, pessoal — digo.

— Addison. — Rowan dá um salto. Ele está segurando uma mão de espuma e bate com ela no meu ombro. — Quem é essa sua amiga linda?

— Você deve ser Rowan — Laila diz.

— Rowan, essa é Laila. Minha melhor amiga lá de onde eu morava.

Rowan me encara com uma sobrancelha erguida.

— Bem-vinda, melhor amiga lá de onde Addison morava. Você pode se sentar ao meu lado.

Sacudo a cabeça.

— Rowan, não te ensinei nada?

O sorriso falso dele se transforma em um sorriso real.

— Tenho dificuldade para aprender.

Aponto para cada um dos outros, dizendo seu nome, e todos acenam para Laila.

— Puxa, Addie, você tem amigos. Muitos amigos.

Continuamos pelo corredor, passando por Daniel, Katie, Lisa e Brandon, até chegar a Trevor. Ele levanta.

— Oi, Addison.

— Oi, essa é Laila.

— Muito prazer.

Laila aperta a mão que ele estendeu.

— Ouvi dizer que você é meu concorrente.

Trevor me encara com a testa franzida.

Lanço a ela um olhar de reprovação.

— Falei pra ela que você é meu *futuro* melhor amigo. Mas com uma boca grande como a dela, o futuro está chegando mais rápido.

— Ah, entendi — ele diz. — Não tinha percebido que estava competindo por esse título. — A ênfase que colocou na palavra “esse” me deixa surpresa. Quando Trevor mantém a expressão de sempre, acho que imaginei coisas.

— Ainda acho que estou em vantagem, apesar da minha boca grande — Laila diz. — Você pode ser tão bonito quanto eu, mas sou mais forte. Além disso, conheço ela há dez anos. Então acho que ainda não precisamos brigar.

— Que bom.

— São para nós? — pergunto, apontando para os dois lugares vazios ao lado dele.

— Sim, não queria ser incluído em mais nenhuma lista de morte, então achei melhor guardar lugar para vocês.

Nós sentamos, Trevor à minha esquerda e Laila à minha direita. Ela se aproxima.

— Não se preocupe, Addie mais late do que morde.

Quando Laila volta a recostar na cadeira, Rowan está lá, agachado perto das suas pernas, encarando nós três com cara séria.

— A operação Lincoln High está prestes a começar.

Ao meu lado, Trevor suspira como se realmente achasse que Rowan não continuaria com isso e tivesse acabado de perceber que estava errado. Tento não rir e o cutuco com meu ombro.

— Vamos nos infiltrar na seção de alunos deles em turnos — Rowan continua. — Então, Addie, melhore seu flerte, é deplorável.

— Ei! — contesto, mesmo sendo verdade.

— Laila — ele continua, inabalável —, apenas vá até lá e qualquer homem que tenha olhos vai te notar.

Laila ri.

— Gostei desse cara. — Ela pega o rosto dele entre as mãos e beija sua bochecha. — Ele é uma graça.

Quando Laila o solta, Rowan perde o equilíbrio e cai de costas, com um sorriso ridículo e uma marca de batom vermelho no rosto.

— Vamos começar depois do chute inicial. — Em vez de sentar ao lado de Laila, como esperava que ele fizesse a essa altura, Rowan sai correndo.

— Falando em latir e não morder... — Trevor diz.

— Bem, Laila faz as duas coisas, então é melhor tomarmos cuidado.

A banda começa a tocar e eu viro para ela para sussurrar em seu ouvido:

— Rowan pode querer insistir nessa missão de se infiltrar entre os alunos, que nós duas sabemos que não vai dar em nada... — Ela concorda. — Mas quero investigar de verdade. Mais tarde vou entrar escondida no vestiário e escutar umas conversas. Você acha que pode me dar cobertura?

— É claro.

— Obrigada.

A banda começa a tocar uma marcha e o time de futebol americano sai correndo.

Laila junta as mãos e sussurra:

— Duke já vai entrar.

Depois que o time da casa passa por uma bandeira e por um túnel de líderes de torcida ao som da vibração da multidão, os jogadores da Lincoln High entram. Duke corre para o meio do campo, aponta para as arquibancadas como se fosse algum tipo de rockstar e faz uma reverência. Uma reverência!

— Ai, minha nossa — resmungo.

— Não é fã dele? — Trevor pergunta.

— Nem um pouco.

— Na verdade, ele é um cara bem legal.

Viro rapidamente na direção de Trevor.

— Você conhece ele? Quer dizer, conhece ele fora do campo?

— Sim, nós dois estávamos em um jantar da premiação do All-America. Ficamos na mesma mesa. Passamos umas quatro horas juntos zombando de todos os prêmios. Só entre nós, claro. — Trevor volta a observar o campo. Os times agora estão nos bancos, se preparando para o primeiro tempo do jogo. — Ele é muito bom. Entendo por que fez a reverência.

Nem se Duke fosse o melhor do mundo eu seria capaz de entender aquele nível de presunção.

— Você já fez uma reverência?

— Nunca fui tão bom.

— Mas vocês estavam no mesmo jantar de premiação, devia ser um dos melhores. Talvez este ano estivesse melhor do que ele.

Trevor dá de ombros.

— Não adianta nada perder meu tempo pensando no que *poderia* ter acontecido.

Laila sussurra:

— Ele diz isso justamente para a menina com a cabeça cheia de possíveis caminhos.

in.com.PA.RÁ.vel: a2g. de grandeza inigualável

Meu pai parece mais velho do que me lembro. Cansado. Até mesmo seu sorriso parece tenso.

— Oi, querida. Senti sua falta. — Ele me dá um abraço.

— Está tudo bem?

— Ando ocupado com o trabalho.

Inclino a cabeça, tentando decidir se “trabalho” é uma desculpa boa o bastante para o estresse que ele está tentando esconder com um sorriso.

— Estou feliz por você estar aqui. — Ele vira meu rosto e pega em minha mecha de cabelo azul. — Então é com isso que sua mãe está preocupada?

— É — Laila diz, carregando nossas malas, que meu pai tira imediatamente da mão dela. — Não é incrível?

— *Incrível* não é bem a palavra em que estava pensando, mas está bem longe de parecer uma vândala.

— Exatamente — digo com um suspiro. — Ela me deixou de castigo por isso.

— E com razão — ele diz com um sorriso forçado, mostrando que precisa dizer isso como um adulto responsável, embora não compartilhe dessa opinião. Senti tanta falta dele.

— Não queríamos chegar e já sair correndo, mas precisamos ir para o jogo.

— Não se preocupem, sei que vieram pra isso. Mas amanhã o dia é todo meu.

— Claro.

Ele me leva até um quarto que parece mais estéril do que um hospital e diz:

— Sei que é meio simples, mas é seu sempre que vier me visitar, então fique à vontade para decorar com suas páginas de quadrinhos e o que mais quiser.

— Obrigada, pai. Vou fazer isso. — Ele se vira para sair, mas eu o interrompo. — Tem certeza de que está bem?

Ele ri.

— Estou ótimo, Addie.

Enquanto Laila e eu nos arrumamos apertadas na frente do espelho do banheiro, ela pergunta:

— Você e Duke foram vigiar a casa do Veneno ontem à noite de novo?

— Não, não tivemos tempo. Por quê? Você foi?

— Fui. Mas não aconteceu nada diferente da última vez. Só viciados entrando e saindo. Você acha estranho que metade dos viciados sejam adolescentes?

Passo a chapinha pelo cabelo, pensando se não seria melhor voltar a deixá-lo cacheado devido ao clima úmido. Já está ficando um pouco frisado.

— Eu sei. Também achei meio estranho. Não sei por quê, mas pensei que o pessoal da escola fosse esperto demais para isso.

Ela passa o lápis preto sob os olhos.

— Mas sabe o que isso me confirmou?

— O quê?

— Que estamos nos preocupando à toa. Duke também acha isso, não acha?

— Sim, ele acha que não acontece nada além de deterioração cerebral extrema na casa do Veneno.

*

No estádio, desejo ter trazido uma camada extra de roupas — está muito frio. Sopro ar quente nas mãos e as esfrego rapidamente nas coxas. Laila está pulando ao meu lado e não consigo dizer se é uma tentativa de se aquecer ou se está empolgada. O mistério é solucionado quando diz:

— Não acredito que nunca viemos a um jogo fora antes. Qual é o nosso problema? Não é divertido?

— Sim, muito.

— Os Normais parecem tão... normais.

— Lá vêm eles. — Aponto para o time, liderado por Duke, que entra em campo quando o locutor anuncia uma versão alongada do nome da escola.

Duke corre para o centro do campo e faz uma reverência. Eu suspiro.

— Gostaria que ele não fizesse essas coisas. Fica parecendo ainda mais convencido do que já é.

— É o jeito do Duke de se divertir. Se estivéssemos mais perto, você veria nos olhos dele que é brincadeira.

Brincando ou não, todo o estádio deve pensar que ele é um *metido*. Por que isso não o incomoda? À nossa esquerda fica a seção dos alunos do time adversário. Percebo que Laila está observando lá.

— O que foi? — pergunto.

— Os garotos Normais são bem bonitinhos.

Dou uma olhada também. Eles parecem os caras que vejo todos os dias na escola.

— Devíamos mexer com a mente deles.

Eu rio.

— Oi?

— Certo, escolha um daqueles garotos e vou fazer ele vir até aqui.

— Como?

— Ele vai pensar que foi ideia dele. Você devia fazer o mesmo, já que tem que praticar Transmissão de Pensamento. Como está indo, por sinal?

Nada bem, e estou cansada de praticar. Sempre que temos um tempo livre,

é o que Duke quer fazer.

— Acho que estou melhorando.

— Prove. Vamos apostar uma corrida. Quem conseguir atrair um garoto até aqui primeiro ganha.

Viro a cabeça para o lado e resmungo.

— Tudo bem.

— Certo, escolha seu garoto, para não chamarmos o mesmo.

Dessa vez os analiso com mais cuidado.

— Aquele com as mãos no bolso. Botas. Cabelos escuros. — Ele me parece um pouco familiar, mas não sei dizer por quê.

Ela revira os olhos.

— É claro, um típico carinha da Addie. Escolho o cara com a mão de espuma.

— Qual deles?

— Aquele que não para de pular. Cabelos na altura do ombro, pele bonita.

Olho bem para ele. Quando acho que sei qual o gosto de Laila para meninos — que por um bom tempo pensei que bastava ser do sexo masculino e ter entre dezesseis e vinte e dois anos —, ela me surpreende escolhendo alguém completamente diferente. Como esse cara, por exemplo. Ele é bonitinho, mas magro e bem vestido demais para um jogo. Achei que Laila gostasse de um destaque no quesito estilo.

— Está pronta? — ela pergunta.

Confirmo.

— Valendo!

Tento não dar muito na cara, encaro várias vezes o cara que escolhi e me concentro. *Vá falar com a menina com a mecha azul no cabelo*, digo em minha cabeça e tento introduzir isso na mente dele. O garoto se vira para mim uma vez e desvia o rosto. Tento novamente, mas a essa altura o cara da Laila já está andando em nossa direção. Solto um gemido alto e ela ri.

— Rá! Escolhi um cara com menos controle sobre os impulsos. Você precisa procurar os mais doidinhos, Addie, não os tradicionais.

Ah, então esse foi o critério que ela usou desta vez.

Ele ocupa um lugar duas fileiras atrás da nossa. Será que acha que está sendo sutil? Laila disse ao pobrezinho que ele queria vir até aqui, mas o cara não tem ideia do que fazer agora que se aproximou.

— Eu disse que ele queria sentar ao nosso lado. Ele não está ao nosso lado. — Laila se vira, o encara e diz: — Sério? Você é tão covarde assim?

— Ele deve se sentir intimidado por você — digo, mas então o garoto desce os degraus de cimento.

— Qual é seu nome? — Laila pergunta quando ele senta ao lado dela.

— Rowan.

— O meu é Laila. Essa é Addie.

— Oi — cumprimento.

— Vocês estão aqui para ver o time visitante? — ele pergunta.

— Acho que é por isso que estamos sentadas nessa seção.

— Vieram de bem longe só para ver um jogo. Devem ser amigas de alguns

jogadores.

— Pra dizer a verdade, aquele é o namorado da Addie. — Ela aponta para o campo, onde Duke corre de costas para interceptar um passe.

— O quarterback?

— Sim, o nome dele é Duke Rivers. Já ouviu falar dele?

— Ele vai concorrer ao All-America este ano, não vai?

Dou de ombros, mas Laila diz:

— Vai. Ele está concorrendo com algum jogador de vocês?

— Não. Nosso quarterback sofreu uma lesão grave.

— Que pena — digo.

— É mesmo. Ele era incrível. Poderia superar Duke este ano. — Rowan aponta para o lugar onde estava sentado. — É aquele ali, Trevor.

Laila ri e eu sei exatamente o motivo. Rowan está apontando para o cara em quem tentei usar Transmissão de Pensamento. Será que é por isso que ele me parecia tão familiar? Talvez eu tivesse visto a foto dele em algum álbum de futebol americano do Duke.

— O que é tão engraçado? — Rowan pergunta.

— Nada. É que *uma amiga minha* achou ele bonitinho. E essa amiga jura que não gosta de jogadores de futebol americano.

— Ah, bem, ele é meio comprometido. — Rowan aponta para uma linda líder de torcida que balança os pompons no campo. Exatamente o tipo de menina com quem eu esperava que um cara como Trevor namorasse.

— Como alguém pode ser “meio” comprometido? — Laila pergunta.

— Ele terminou com Stephanie há mais ou menos um mês, mas ela continua andando com a gente, e ele é legal demais para pedir pra ela parar.

— Uau — Laila diz. — É só colocar uma ficha e você revela todos os tipos de informação.

O rosto de Rowan fica vermelho.

— E aí, meninas? Como é a escola de vocês?

Laila dá de ombros.

— É só uma escola normal.

— Então por que nunca tem jogo lá?

— Porque nosso estádio é uma porcaria. E nossa escola prefere gastar dinheiro nos levando de ônibus para cima e para baixo do que reformando o lugar. Os diretores são um bando de idiotas. — No dia anterior, havíamos sido orientados pelo Comitê de Contenção sobre o que podíamos ou não dizer para as pessoas de fora. Esse é um exemplo de resposta aceitável. Bem, próxima do aceitável. Laila deve achar hilária sua última frase.

Rowan inclina a cabeça e parece analisar a sinceridade dela.

— Espere! — ela diz em tom de surpresa. — Será que nosso verdadeiro segredo foi revelado? Esse cara é bom. Ele descobriu que somos todos super-heróis em treinamento e estamos nos escondendo para ninguém descobrir nossa identidade secreta.

Quase não consigo segurar a risada que quer escapar pelo meu nariz.

— Muito engraçado. — Ele ri.

— Você é uma graça — Laila diz. — Aposto que quer comprar um

refrigerante para mim agora mesmo, não quer? — Os olhos dele se arregalam um pouco e sei que Laila deve ter feito ele pensar isso pouco antes de dizer.

— Sim, claro.

— Você vai ficar bem sozinha por um minuto, Addie?

— Vou. Seja boazinha com o garoto. — Quando ela se vira, volto minha atenção para o campo e noto Duke na lateral, me encarando. Ele acena, depois joga um beijo e minhas bochechas ficam vermelhas. Algumas meninas atrás de mim soltam um suspiro sonhador. Levanto a mão em um aceno pela metade. Quando Duke volta ao jogo, espio com timidez a seção da arquibancada dos alunos Normais. Trevor não está lá.

NOR.MinAL: *a2g.* que existe no papel, mas não na realidade

Depois de fazer a ronda pelo território inimigo — a seção dos alunos da Lincoln High — e não encontrar nada além de alguns amigos com quem conversar, Laila e eu nos preparamos para o segundo tempo do jogo. Quando o apito soa indicando o início, fico surpresa ao ver que Trevor não está em seu lugar, concentrado na partida. Observo as laterais para ver se está falando com Stephanie. Não está. Ela está no meio de uma acrobacia.

— Ei — digo a Laila. — Vou ver se encontro Trevor. Já volto.

— Está bem.

Agora que o jogo começou, os fundos do estádio estão desertos. As luzes da construção solitária da lanchonete criam uma ilha iluminada no beco escuro. Vejo imediatamente as costas largas de Trevor. Ele está apoiado no balcão, dando dinheiro à moça do caixa. Quando ela entrega o refrigerante, vira de costas para os degraus do estádio, onde estou, e caminha na escuridão. Tenho que correr para alcançá-lo.

— Trevor — eu o chamo, sem fôlego.

Ele se vira.

— Ah, oi, Addison.

— O que está fazendo? Não vai assistir ao resto do jogo?

— Eu... na verdade, não.

— Por que não?

Ele toma um gole do refrigerante.

— Estou um pouco dolorido. Achei que uma caminhada pudesse ajudar.

— É uma boa desculpa, mas qual é o motivo real?

Ele sorri.

— Você herdou alguns genes de detecção de mentira do seu pai?

— Talvez — digo, embora o pouco de Discernimento que tenho esteja relacionado à Manipulação do Tempo. Sei que Trevor está mentindo porque está agindo estranho. Está ainda mais quieto do que o normal esta noite, o que não quer dizer muita coisa, porque é quieto o tempo todo.

— Acho que mesmo acostumado a não pensar no que *poderia* acontecer, estou com dificuldade hoje. Vou colocar a culpa no time adversário.

— Vamos colocar a culpa de tudo neles.

— Ótima ideia.

Espero Trevor dizer mais alguma coisa, mas ele não diz nada. Apenas toma o refrigerante em silêncio. Sei que é difícil para ele não pensar no que aconteceria se não tivesse se machucado. Mas me pergunto se é só isso.

— Em que está pensando?

Trevor passa a mão no ombro.

— O médico disse que posso voltar a arremessar semana que vem, mas me dei conta de que nunca mais vou voltar a jogar como antes.

Concordo com a cabeça.

Trevor toma mais um gole grande do refrigerante e acaba com a bebida. Parece estar enrolando, talvez esperando eu ir embora, mas não quero ir. Quero que fale. Quero estar ao lado dele.

— Não estou dizendo que não sou forte o bastante — Trevor finalmente diz.

— É claro que não — concordo imediatamente, depois rio um pouco. Tecnicamente, não devia saber disso, mas já o vi sem camisa e tive tempo suficiente para apreciar a evidência daquela afirmação.

— Porque eu sou.

— Eu sei, acabei de concordar.

— Mas você está rindo. Acha que não sou forte. — Ele encara a lata de refrigerante que está segurando e a esmaga entre as mãos.

Rio ainda mais.

— Você fez isso para provar pra mim?

Ele sorri.

— Sim, isso mesmo.

— Você copiou isso de *Ninja Wars 2*. Lembro dessa cena. Os olhos de Naoto ficam esbugalhados e ele esmaga uma lata de refrigerante. — Mordo o lábio para parar de rir. — Você é muito nerd.

— Foi você que lembrou, não pode me chamar de nerd.

— Nerd demais.

Trevor me pega pelo punho, me puxa em sua direção e dá um jeito de me segurar e me levantar do chão, envolvendo minhas coxas com os braços antes que eu tenha tempo de piscar.

Meu coração quase sai pela boca.

— Certo, é uma prova muito melhor da sua força — afirmo, dando tapinhas no ombro dele. — Acredito em você. Pode me colocar no chão.

Trevor não se mexe. Seu rosto volta a ficar sério.

— Não estou dizendo que não sou forte o bastante para jogar. É só esse movimento específico.

— Para lançar? — Minhas mãos estão nos ombros dele e a solidez é mais uma prova de sua força.

— É.

Então um Paranormal focalizou precisamente os músculos utilizados para lançar? Para mim é difícil acreditar que alguém pudesse fazer uma coisa dessas de propósito. Mas o que mais poderia ser? Preciso descobrir quem foi. Trevor me solta e escorrego cuidadosamente até o chão. Sinto um pouco de vertigem e dou alguns passos vacilantes para trás.

— Hoje foi difícil ver Duke jogar. — Trevor faz uma longa pausa e não

quero pressioná-lo a continuar, então seguro a língua. — Já senti que fez ou foi alguma coisa por tanto tempo que isso te define?

Ah, se ele soubesse...

— Sim. Sei exatamente como é.

— Sério?

— Sim. Às vezes sinto que estou flutuando lentamente para longe. Estou sempre procurando algo em que me agarrar para não me perder. — Principalmente porque sem minha habilidade para me definir, não tenho certeza de quem sou e de como os outros me enxergam.

Trevor assente como se compreendesse exatamente o que estou falando.

— Sei que no ano passado ainda estava no penúltimo ano, mas já tinha todo o futuro planejado. Agora sinto que ainda estou tentando me prender ao que fui, mesmo que a coisa que fez de mim aquela pessoa não exista mais. E todos os outros parecem estar apegados àquela pessoa também... Cara, tem certeza de que quer um futuro melhor amigo tão chorão? Pode me ignorar. Amanhã eu volto a fingir.

Seu polegar está no bolso da frente da calça jeans e sinto um desejo incontrolável de segurar sua mão. De confortá-lo. Mas sei que não posso. Ele tem Stephanie para isso. Eu devia dar um soquinho e dizer “Força aí”, ou algo do tipo. Preparo um discurso:

— Choramingar certamente é algo que melhores amigos podem fazer na frente um do outro, está no manual. E você não precisa fingir perto de mim, Trevor. Pra mim, você é mais do que um jogador de futebol americano. Eu nem cheguei a te conhecer como um. Só sei quem você é agora: um grande amigo, com quem é fácil conversar e conviver, um artista incrível, um irmão maravilhoso... um supernerd. — Sorrio. — E descobri tudo isso só nas últimas semanas.

As luzes distantes do estádio sombreiam metade do rosto dele.

— Obrigado, Addison. E, só para constar, o que quer que tenha deixado para trás, o que quer que te faça sentir meio perdida aqui, também não te define.

Quero perguntar a ele o que me define, quem ele vê quando olha para mim. Mas não consigo. As palavras ficam no fundo da minha garganta por medo de Trevor não saber responder essa pergunta.

— Mas — ele continua —, se você precisa se agarrar em algo até se sentir segura, posso ser uma bela âncora.

Uma sensação inesperada de calor preenche meu peito e me faz querer abraçá-lo ou chorar. Não posso fazer nenhuma das duas coisas.

— É, você já provou isso.

Ele ri.

— Quer assistir ao resto do jogo?

— Na verdade não, mas deixei Laila lá em cima.

— Certo, então nos vemos na segunda-feira. — Eu o observo até ele desaparecer na escuridão.

Quando volto para Laila, ela me encara de canto de olho.

— Onde está seu namorado?

— Ele não é meu namorado.

— Ah, tá...

— O que perdi? — pergunto, mudando de assunto. Quando Laila coloca uma coisa na cabeça, não importa quão infundada seja, é melhor não tentar convencê-la do contrário.

— Só Duke sendo incrível — ela diz com um sorriso. — Mas com certeza ele vai fazer de novo.

Quinze minutos passam e Laila se inclina na minha direção.

— Não disse?

Olho para o placar: vinte e um a três. Cinco minutos para terminar. Estamos sendo massacrados.

— Está pronta para me dar cobertura? Vou descer para o vestiário.

— Sim, vá logo.

No vestiário, me escondo atrás de um cesto de bolas e espero. Parece demorar uma eternidade, principalmente porque a combinação de cheiro de grama e suor não é agradável. Por que estou fazendo isso?

Alguns anos atrás, Laila apareceu no intervalo do almoço com o código de acesso ao carrinho do zelador e um skate.

— Não vamos ser pegas. Investigue — ela disse quando me recusei a ir com ela. Investiguei. Mesmo que o skate nos levasse a um dos melhores dias de toda a minha vida, também nos levava à sala do diretor. Escolhi a outra opção. A opção segura.

Meus joelhos gritam de dor por ficar tanto tempo agachada. Estou fazendo isso porque preciso saber, por Trevor. Quando levanto para esticar as pernas, os gritos e passos de um grande grupo de pessoas ecoam pelos corredores. Afundo ainda mais no esconderijo.

Antes de ter a brilhante ideia de me colocar nessa situação, não pensei na logística do que realmente aconteceria no vestiário. Mas, quando ouço água correndo, me viro e encosto o rosto na parede. Lentamente alguns jogadores passam pingando para os armários, onde posso captar algumas conversas. Nada interessante está sendo dito. Não sei o que esperava escutar.

Obviamente, ninguém vai sair e dizer: “E aí, quem vamos mutilar de propósito na semana que vem?”.

— Duke, grande jogo! — alguém exclama. Vários outros concordam com o comentário e batem palmas.

— Valeu, pessoal. Vocês também foram ótimos.

— Todos estavam bem calminhos hoje à noite — diz um cara que não reconheço.

Duke complementa:

— Basta um pouco de influência para deixar os jogadores do outro time dóceis como meninhas.

Espio por trás das bolas de futebol americano para ver se consigo localizar o Controlador de Humor — que suponho que seja o tal Andrew — com quem Duke está falando. Reconheço um dos caras parado ao lado dele, Ray — eles sempre estavam juntos. O outro cara é bem mais magro, talvez seja ele o novato. Eram os culpados por arruinar a carreira de Trevor. Duke, obviamente o idealizador, e seus capachos. Mas quem foi o responsável direto pela lesão? Laila disse que não

havia nenhum Manipulador de Matéria no time. O único Manipulador de Matéria que conheço é...

Bobby? Será que ele está envolvido? E por quê? Será que conhece Duke? Ele vai aos jogos? Vou ter que perguntar a Laila.

Continuei atrás das bolas até o vestiário esvaziar. Sinto que meu cérebro foi esvaziado também. A decepção está lentamente ocupando o espaço em que antes ficava a curiosidade. No fundo, pensei que provaria que Rowan estava errado. Afundo no chão. Foi mesmo nesse tipo de gente que nos transformamos? O tipo que usa suas habilidades para machucar os outros sem nenhum remorso?

Fico imaginando as conversas no vestiário depois que Trevor foi lesionado com sucesso. Será que parabenizaram uns aos outros? Fico enjoada só de pensar.

Quando não ouço mais nada, abandono meu esconderijo e caminho para a saída. Devia ter andado mais rápido, porque Duke aparece no corredor e tromba em mim, me arremessando para longe.

— Ai, minha nossa — diz, surpreso. — Desculpe. — Ele estende a mão para me ajudar a levantar. — Você está bem?

— Sim, estou bem. — Ignoro a mão que me oferece e levanto.

— Ei, você é Addie Coleman.

— Sou.

Duke dá um sorriso provocante.

— Clarividente, né?

Sou pega desprevenida ao ouvir alguém dizer minha habilidade em voz alta novamente. Observo em volta.

— É, mais ou menos. — Esfrego a palma da mão dolorida.

— Você se machucou? — Ele pega minha mão e a inspeciona. Um arrepio percorre meu corpo quando Duke passa o dedo nos pequenos arranhões na minha pele.

Seus cabelos têm um cheiro bom que me deixa paralisada por um instante. Finalmente recobro os sentidos e puxo a mão de volta, limpando-a na calça jeans.

— Estou bem.

Um canto da boca dele se ergue em um meio sorriso e meu coração parece achar que é a coisa mais adorável do mundo. Lembro a mim mesma quem ele é e o que faz nos jogos, então a irritação volta rápido.

— Laila me contou que você se mudou. Está morando aqui? Em Dallas?

— Sim.

— Bem, você faz falta.

— Sei o que você está fazendo — digo sem rodeios.

Ele abaixa a cabeça com um sorriso e chuta o chão.

— Não sou muito sutil dando em cima, não é?

Dando em cima?

— Não é nada disso. Estou falando de você e seus amigos usando as habilidades para se dar bem.

Ele dá de ombros.

— E?

Uma onda de raiva toma conta de mim.

— É errado.

— Está me dizendo que nunca utilizou sua habilidade a seu favor?

— Não machuco as pessoas.

— Nem eu — ele afirma.

— Ah, é claro. Você apenas fica de fora e deixa seus amigos fazerem o serviço sujo enquanto colhe os benefícios. Não entendo. O que ganham com isso?

Duke franze as sobrancelhas perfeitas e me distraio pensando que ele deve tirar alguns fios com a pinça.

— Do que você está falando? — Duke pergunta.

Sacudo a cabeça.

— Estou falando sobre como seus concorrentes estão caindo um a um à sua volta, até você ser o único quarterback bom que resta. Parabéns, seu plano está funcionando. Espero que sua vitória seja tão vazia quanto seu coração. Mas pelo menos você vai poder escolher entre muitas faculdades, não é?

O sorriso de Duke se desfaz e ele me encara chocado.

— O quê?

— Não tente negar. Ouvi você dizer ao seu amigo que ele só precisava influenciar um pouco as emoções dos adversários.

— Sim, emoções foram influenciadas, mas não pelos motivos que você está dizendo. É só para deixar a competição menos agressiva, um pouco mais tranquila. A intenção não é machucar ninguém, só evitar que eu seja derrubado. — Se meu pai estivesse aqui, sei que diria que Duke está mentindo. — Vamos conversar sobre isso. Posso te pagar um hambúrguer ou alguma outra coisa?

Tudo o que eu quero é dar um soco no estômago do Duke em nome do Trevor, e ele quer me pagar um hambúrguer?

— Não.

— Addison? — Me viro e vejo Trevor parado no corredor. Os dois se encaram e entro em pânico. Ando rapidamente na direção de Trevor.

— Me liga qualquer dia, Addie — Duke diz atrás de mim. Agora quero dar um soco no estômago dele pelos meus próprios motivos. Continuo andando, agarro Trevor pela mão e o levo embora. Sua mão é quente e forte, e não solto nem quando estamos do lado de fora.

— O que foi aquilo? Você... conhece ele?

Se eu fosse contar a verdade sobre o lugar de onde vim, esse seria o momento ideal.

— Não, não conheço. Só estava tentando descobrir alguma coisa. Você sabe... espionar. Para Rowan.

Estou tentando andar o mais rápido possível, mas Trevor diminui o passo e sou obrigada a desacelerar junto com ele.

— E?

— E o quê?

Ele aperta minha mão.

— Descobriu alguma coisa?

Apenas que Rowan está certo. Você foi ferido de propósito. Quero muito dizer isso, mas como, se não tenho permissão para falar sobre as habilidades? Odeio tanto mentir para Trevor que meu estômago está se rebelando com

pontadas de dor horríveis.

— Sei que você disse que Duke é um cara legal, mas não acho que seja.

dis.PA.RA.tar: v. dizer idiotices para alguém

Duke sai correndo do vestiário e me levanta com um abraço.

— Foi tão bom ter você aqui no jogo. Olhar para a arquibancada e te ver me fez jogar melhor. — Ele adora falar essas bobagens, mas ainda assim me faz sorrir.

— Sério?

— Você vai ter que ver alguns dos meus jogos na faculdade ano que vem.

— E onde vai ser?

— Como é que eu vou saber?

— Muito engraçado.

Dois colegas de time de Duke saem do vestiário.

Um deles é um cara menor cujo nome eu não sei e o outro é Ray. Ele tem no mínimo uma cabeça a mais de altura que Duke e o dobro de largura. Ray aponta para mim.

— Ei, Addie, já viu meu futuro?

Sorriso.

— Não tentei.

Duke pigarreia e espia sobre meu ombro. Me viro e vejo o Normal que eu tentei controlar, Trevor. Ele parece triste. Zangado, talvez.

— Ei, cara — Duke diz. — Você está olhando pra minha namorada?

Está escuro do lado de fora, mas o rosto de Trevor se intensifica na sombra.

— Não, nada disso.

— Por que não? Ela é linda.

— Pare com isso, Duke — digo.

— Só estou brincando com você, cara.

Trevor alterna o olhar entre nós quatro, provavelmente querendo desaparecer. Tenho uma sensação parecida.

— Não pretendia interromper — Trevor diz. — Só queria dizer que você jogou muito bem hoje.

Duke coloca a mão no próprio peito e diz:

— Valeu, cara, isso significa muito pra mim. Como está seu ombro?

— Está bem. Foi legal te ver.

Quando ele sai, os dois colegas de time de Duke trocam um olhar e uma gargalhada que tenho certeza que Trevor consegue ouvir.

— Não teve graça — digo.

— Teve um pouco — Duke retruca.

Eles riem novamente e os dois começam a se afastar.

— Vejo vocês mais tarde — Ray diz virando para trás.

— Tchau, Ray — Duke diz. — Até mais, Andrew.

Fico encarando ao longe, mas mal posso distinguir a sombra escura do corpo de Trevor se afastando.

— De onde você conhece Trevor? — pergunto ao Duke.

— Esse é o nome dele? Tinha esquecido completamente. Deu para notar?

— Não, você disfarçou bem.

— Ótimo. — Duke me puxa para perto novamente. — Concorremos ao mesmo prêmio no ano passado.

— Quem ganhou?

— Você está mesmo perguntando isso? — Ele sorri para mim e reviro os olhos.

— Você sempre consegue tudo o que quer?

— Acho que sim. — Duke me beija. Seus lábios são macios e tento não me distrair. Ele se afasta. — Onde está Laila?

— Não sei. Ela foi tomar refrigerante com um Normal e nunca mais voltou. Acho que estava só brincando com ele, praticando Transmissão de Pensamento. Vou mandar uma mensagem pra ela. — Pego o celular.

Ei, pronta para ir? Meu pai falou que podemos dormir todos na casa dele hoje.

Duke lê sobre meu ombro e pergunta:

— Seu pai vai gostar de mim?

— Tem alguém que não goste de você?

Meu celular vibra.

Encontro vocês na picate em dez minutos.

Duke e eu estamos esperando Laila há tanto tempo que o estacionamento já esvaziou completamente. Até nos despedimos do ônibus do time que voltou para o Complexo. E agora Duke está contando cada jogada da partida. Abaixo a porta da caçamba da picate que minha mãe alugou para nós e sento.

— Você sabe que eu vi o jogo, não sabe?

— Sim, mas você não prestou atenção na metade, e sei que está morrendo de vontade de saber o que perdeu.

Se por “morrendo” ele quer dizer que já foi chato o bastante assistir das arquibancadas, e ouvir tudo de novo agora está me fazendo morrer de tédio, então:

— É verdade.

Duke se posiciona entre meus joelhos, de costas para mim, e descanso a cabeça em seu corpo. Sua voz faz minhas bochechas vibrarem e ele continua a falar. Me dou conta de que o dia foi longo e meu corpo começa a pesar.

— Estou chegando — Laila grita do outro lado do estacionamento vazio. — Desculpe.

Endireito o corpo, sacudindo a cabeça até acordar por completo.

— Como foi na Normalândia?

— Rowan é engraçado. Ele quer saber várias coisas sobre a gente. Ficou fazendo umas perguntas estranhas.

— Como o quê?

— Como por que nossa escola não tem site e por que nossos jogadores nunca se machucam.

— Você disse a ele que somos feitos de aço? — Duke se afasta da caçamba e me ajuda a descer.

— Não, só o beijei. Serviu para sua mente distraída esquecer essas coisas.

— Você beijou um Normal? — A expressão de Duke se divide entre surpresa e repulsa.

— Sim, beijei.

Duke franze a testa como se estivesse prestes a fazer uma pergunta científica.

— E ele é bom nisso?

Rio tanto que preciso segurar na picape para não me desequilibrar.

— Não tem graça. Só estou curioso. Ela beijou um Normal, Addie. Alguém sem habilidade nenhuma.

Laila franze os lábios e cerra os punhos, provavelmente porque ainda estou rindo e Duke ainda mantém uma cara de repulsa.

— Certo, espertinho. Como a Telecinese melhora seu beijo?

— Não melhora, mas, quando beijo, elevo meus sentidos para poder antecipar os movimentos, ouvir tudo... — Duke se interrompe quando paro de rir e arregalo os olhos. — Você não? — ele me pergunta.

— Hum... — Me viro para Laila. — Você faz isso?

— Sim. Olha só, Duke. Você estava beijando uma Normal e nem sabia.

— Não sou Normal — digo, na defensiva.

Duke fecha a porta da caçamba.

— Não se preocupe, nunca teria adivinhado.

— Não estou preocupada. Obviamente vocês pensam demais quando beijam. Algumas coisas não exigem muito pensamento. Talvez vocês estejam fazendo errado. Como conseguem sentir qualquer coisa se têm que se concentrar tanto? — Sei que, quanto mais eu falo, mais pareço estar na defensiva. Mas não consigo evitar. Não é sempre que te dizem que você beija errado. — Vamos.

— É minha vez de dirigir — Laila diz. Deixo as chaves em sua mão e vou para a porta do passageiro.

— Tenho certeza de que você beija muito bem, Addie — Laila diz, destravando a porta. Eu entro. Duke senta ao meu lado.

— Ela beija.

O cinto de segurança do meio está frouxo e aperto para ajustar.

— Está bem, parem de falar vocês dois. Não preciso de apoio.

Laila franze os lábios e senta atrás do volante.

— Talvez eu só estivesse tentando beijar você.

O motor ganha vida e Duke se debruça sobre mim, esticando a mão na direção do painel. Ele para a poucos centímetros do rádio.

— Como liga essa coisa?

— Hum... — Analiso as saliências e os botões, tentando lembrar. — É esse.

— Aperto um botão e o som se espalha.

Em casa, Duke pega na minha mão quando nos aproximamos da porta.

— Estou nervoso.

— Sério? Por quê? Estava tão tranquilo com minha mãe. É só dizer a verdade e meu pai vai gostar de você.

Ele assente e aperta minha mão. Entramos e encontramos meu pai sentado na poltrona, assistindo ao que parece ser um de seus vídeos de interrogatório criminal, mas não dá para ter certeza porque ele desliga rápido demais.

Duke solta minha mão e estende a dele para cumprimentar meu pai.

— Prazer, sr. Coleman. Sou Duke.

— Olá. Como foi o jogo?

— Ganhamos, então acho que foi bom.

— Você acha? — Meu pai não gosta de declarações sem convicção. Ele acha que todo mundo deve ser capaz de dar respostas definitivas.

— Sempre dá para melhorar — Duke esclarece.

— Ouvi dizer que vai poder escolher entre várias faculdades no ano que vem. Já sabe mais ou menos qual vai preferir?

Considerando o número de vezes que as pessoas perguntam a ele sobre faculdade quando estou por perto, nem consigo imaginar o quanto Duke tem que lidar com essa questão. Deve cansar — eu já estou de saco cheio. Talvez porque me lembre que ele vai embora ano que vem.

— Sim, senhor.

— Você já sabe? — pergunto.

— Mais ou menos.

Meu pai fica um bom tempo olhando para ele, e me pergunto como pode pensar que existe algo para analisar ali.

Pego no braço do meu pai e ele se vira para mim.

— Bem, pai, estamos cansados. Onde você quer que Duke durma?

O rosto dele fica sério quando diz:

— No quarto em frente ao meu.

Espero em frente ao banheiro com a escova de dentes na mão até Duke sair. A maçaneta vira, mas ele não sai. Logo a porta está se chocando contra o batente.

Dou um passo para a frente.

— Você está bem?

Silêncio.

— Acho que estou preso.

Eu rio.

— É só destrancar.

— Estou tentando. — A porta volta a chacoalhar. — Portas Normais idiotas — ele resmunga.

Encosto a bochecha no batente.

— Está vendo a pequena tranca no centro da maçaneta? É só virar cento e oitenta graus. É antiga, então ela gira. Não dê a volta completa ou vai trancar de

novo.

A porta abre e ele aparece diante de mim.

— Estou livre — diz — Como você sabe tudo isso? É especialista em relíquias Normais?

Sorrio.

— Já fiquei presa também.

Ele morde o lábio.

— Você fica bonita sem maquiagem. — Trocamos de lugar e atravesso a porta. Ele deixa a mão escorregar pela minha cintura. — Boa noite.

Quando volto para o quarto, Laila já está deitada na cama de baixo, mandando mensagens pelo celular.

— Está falando com o seu ficante?

— Rowan? Não. Com a minha mãe. — Ela coloca o celular debaixo do travesseiro. — O que você acha dele, aliás?

— Acho que mora longe demais para perder tempo analisando. — No instante em que digo isso, minha mente volta para Trevor. — E o que foram todas aquelas perguntas? Por que você acha que ele está tão curioso sobre nossa escola?

— Sei lá.

Fico encarando a parede, onde o luar, projetado pelas persianas, forma listras brancas na escuridão.

— Sabe quem Duke conhece mais ou menos?

— Quem?

— Trevor.

— Aquele cara em quem você tentou usar Transmissão de Pensamento?

— É. — Me apoio nos cotovelos. — Duke foi meio babaca com ele.

— Como?

— Trevor foi até o vestiário para dizer que Duke jogou bem, e ele e os amigos ficaram rindo. Duke nem lembrava o nome do garoto.

Laila ri.

— Está querendo proteger o Normal bonitinho?

Me jogo sobre o travesseiro.

— Não — digo sem convicção. Mas ele era mesmo bonitinho.

des.NOR.MA.li.zar: v. desmoralizar um Normal publicamente

Desde sexta à noite me sinto horrível. Não consigo nem encarar Trevor nos olhos. Me sinto parcialmente responsável pelo que aconteceu com seu ombro só porque a culpa é da minha antiga escola.

Rowan corre até mim no corredor da escola e me agarra pelo braço.

— Addison, Addison — ele diz, sem fôlego. — Estava te procurando.

Quase derrubo o notebook, mas consigo segurá-lo, apesar de Rowan me puxar pelo braço.

— O que foi?

— Stephanie vai dar uma festa para Trevor hoje à noite. Você precisar ir.

— É aniversário dele?

— Não, melhor ainda. Hoje ele pode voltar a arremessar.

— Ah, é verdade. E ele quis uma festa? — Considerando o que havia me dito na outra noite, que havia se dado conta de que nunca gostaria a jogar como antes, uma festa me parece a última coisa de que gostaria.

— Não, é claro que não. É uma festa surpresa.

— Rowan, acho que não é uma boa ideia.

— Não, é uma ótima ideia. — Ele espia ao redor e fala mais baixo. — E como vai sua amiga Laila? Ela já perguntou sobre mim?

Se Rowan acha que o fato de Laila ter lhe dado um beijo no rosto é grande coisa, vai ficar extremamente decepcionado.

— Hum... não?

Ele observa o corredor.

— Lá está Katie. Preciso falar com ela. — Ele começa a se afastar, mas logo se vira e escreve na capa do meu caderno. — Esse é o endereço da Steph. É às seis. Não se atrase.

Às quinze para as seis apareço na casa da Stephanie. Sei que preciso conversar com Trevor sobre minha antiga escola, sobre o fato de não ser realmente da Califórnia. Se não fizer isso, posso ser devorada viva pela culpa que está abrindo um buraco no meu estômago. Prometo a mim mesma que vou encontrar o momento certo esta noite.

Stephanie abre a porta e seu sorriso desaparece.

— Ah, oi, Addison.

Eu a observo de cima a baixo.

— Você está usando seu uniforme de líder de torcida.

— Todo a equipe está aqui. É para ele lembrar como nos conhecemos.

— Ah. — Fico imaginando se Trevor quer mesmo lembrar disso. Certo, o que realmente imagino é se *eu* quero que Trevor lembre disso.

— Entre. A festa é lá nos fundos. — Ela me acompanha até uma cozinha enorme, onde pega algo no armário e vai para o quintal.

O quintal é grande e está organizado como um miniestádio de futebol americano — linhas pintadas na grama e tudo mais. Na pequena *end zone* há um cesto cheio de bolas. Meus olhos percorrem as linhas lentamente até a *end zone* oposta, onde há um balde vazio. Nos juntamos a algumas líderes de torcida.

— É para ver quem consegue acertar a bola naquele balde? — pergunto, esperando que Stephanie confirme.

— Não. Isso é para Trevor. Ele vai fazer uma demonstração pra gente. — Stephanie aponta para as cadeiras dispostas na lateral.

— É o primeiro dia. Você não devia pressionar tanto o cara.

Ela troca um olhar com a menina ao lado. O tipo de olhar que diz que falam mal de mim quando não estou por perto.

— Hoje é o dia que ele está esperando há um ano.

— Ele ou você? — Tento dizer de maneira amigável, mas a expressão azeda dela indica que não consegui.

— O que isso quer dizer? Estamos todos empolgados com o dia de hoje. Você não sabe porque não estava aqui antes. — As meninas concordam. Stephanie tenta colocar as mãos na cintura, mas deve se lembrar que está segurando alguma coisa, porque olha para baixo e diz: — Ah. — Ela entrega o pequeno frasco de plástico que havia pegado na cozinha para a menina à direita. — Só tinha Tylenol. Acha que serve?

Antes que eu pare para pensar, pergunto:

— O que é isso?

Todas param e me encaram. Meu cérebro acelera, pensando nos módulos de Produtos Normais que cursei na escola.

— As pessoas não têm dor de cabeça na Califórnia? — Stephanie pergunta, sarcástica.

Temos dores de cabeça, só não precisamos tomar remédio para curá-las. E para ferimentos sérios demais para a autocura, temos Curadores.

— Tylenol? Ah, achei que tivesse dito *terçol*. — É a pior desculpa de todas. Coloco a culpa da minha incapacidade de mentir direito em meu pai e sua habilidade.

— Você é da Califórnia? — uma das meninas pergunta.

— Sou.

— Tenho família lá — ela diz. — De que parte?

Pode ser minha a consciência culpada fazendo-as parecer um bando de velociraptors prontos para devorar sua próxima refeição, mas também é possível que suspeitem da minha mentira. Pigarreio e respondo:

— Perto da Disney. — Aponto para o isopor com gelo. — Vou pegar alguma coisa para beber.

— Está bem. Rowan deve chegar logo — Stephanie diz, como se fosse o

único motivo para eu ter vindo.

Sento em uma cadeira dobrável e tomo goles de água enquanto o quintal se enche de gente. Quanto mais gente, mais nervosa fico por Trevor. Quando Rowan chega, tento expressar minhas preocupações, mas ele está ocupado demais animando a festa e, em certo momento, se vira para mim e diz:

— Addison, relaxe. Divirta-se. Estamos em uma festa. — Então percebo que não vai adiantar.

Depois de um tempo, desligam a música e várias pessoas começam a pedir silêncio.

— Ele chegou. Está entrando.

Quando Trevor entra pela porta dos fundos e todos gritam “Surpresa!”, ele fica genuinamente chocado.

— Uau, Stephanie, obrigado — ele agradece. — Qual é a ocasião?

Ela ruboriza e o abraça.

— Estamos todos tão felizes por você. Hoje é um grande dia. O primeiro dia de volta ao caminho para o seu futuro. — Stephanie aponta para o gramado e dois grandes holofotes se acendem. Observo o rosto de Trevor. O que começa como um sorriso sincero se transforma em um sorriso forçado.

— O que significa tudo isso?

— Você vai mostrar do que é capaz.

Sinto vontade de gritar: “Você não precisa fazer isso, Trevor”, mas sei que ele não é criança e pode tomar suas próprias decisões. Stephanie dá alguns passos para trás e grita:

— Me dá um T! — As outras líderes de torcida dão um salto e tomam suas posições atrás dela enquanto continuam a soletrar o nome de Trevor. Preciso conter a gargalhada quando ele me encara como se perguntasse: “Elas estão mesmo fazendo isso?”.

— Que nome essas letras formam? — Stephanie pergunta quando terminam e a festa toda começa a gritar o nome de Trevor. Instantaneamente, me sinto a pior amiga do mundo. Devia ter ligado para ele, alertado sobre isso tudo, mas estava ocupada demais me preocupando comigo mesma. Nem *eu* havia me dado conta de quantas pessoas estariam aqui, de quanta pressão Stephanie colocaria sobre Trevor.

Ele levanta a mão e a multidão se acalma. Penso que vai fazer um discurso sobre como se sente lisonjeado, mas não. Em vez disso, ele diz:

— Parece que tenho algumas bolas para arremessar.

As pessoas vibram mais uma vez. Trevor caminha lentamente até o cesto de bolas sem seu andar orgulhoso de sempre. Deve haver no mínimo umas trinta bolas lá. Ele pega uma e gira entre as mãos.

— Lá está seu alvo — Stephanie diz, apontando para o outro lado do jardim.

O olhar de expectativa que ela tem no rosto me faz querer arrancar seus cabelos. Trevor leva o braço para trás, dá um passo e lança a bola. Ela gira perfeitamente pelo ar e cai a centímetros do alvo desejado. A torcida ensurdecedora da multidão agride meus ouvidos porque estou ansiosa demais para abafar mentalmente o barulho.

Stephanie pega outra bola e joga para Trevor. Ele arremessa novamente. A

quinta bola cai no balde, mas não sem um custo. Ele está sentindo dor. O corpo todo ficou tenso. Seu sorriso parece pintado no rosto de tão falso. E Stephanie não para de entregar bolas a ele.

Não aguento mais. Estou nervosa e me sinto culpada. Pulo da cadeira, pronta para gritar, quando Trevor diz:

— Não posso fazer isso, Stephanie.

Um burburinho de comentários se forma entre os espectadores.

— É claro que pode. Já está fazendo.

— Não posso. Sinto muito. De qualquer modo, obrigado.

Considerando o tanto de gente no quintal, fico surpresa com o silêncio. Puxo Rowan da cadeira.

— Rowan quer tentar arremessar também. Ele acha que consegue acertar mais de uma no balde. — Quando Rowan não se mexe, dou uma cotovelada em suas costelas.

— É, consigo mesmo.

Stephanie me lança um olhar tão irritado que fico surpresa por ainda estar inteira. Ergo as sobrancelhas e digo:

— Brandon. — Ele está sentado ao lado de Katie e levanta a cabeça quando digo seu nome.

— O quê?

— Você contra Rowan. Quem perder recebe um desafio.

Brandon ri.

— Está bem. Você começa, Rowan.

A sugestão parece relaxar a multidão, e logo todos estão conversando e rindo novamente. Stephanie sai pisando firme e Trevor vai atrás dela sem olhar para trás. Me pergunto se está bravo comigo pela tentativa de aliviar a pressão. Quando Stephanie volta, sozinha, vem diretamente na minha direção e diz com frieza:

— Você pode achar que venceu, *Addison*, mas quando ele lembrar quem é, vai voltar correndo pra mim.

— Ele foi embora? — Foi uma pergunta idiota ao que ela disse, mas é a única coisa com que me importo. Não quero saber se parece que estou correndo atrás dele, já que é isso mesmo que estou fazendo. Dou meia-volta e atravesso a casa com pressa até a porta da frente, onde vejo a traseira do carro dele desaparecer, virando a esquina.

ir.re.PA.RÁ.vel: *a2g* algo que nunca voltará a ser como era

Bato na porta. A mãe de Duke abre.

— Oi — ela diz. Duke deve ter herdado parte de seu charme dela, porque seu sorriso me acalma tanto quanto o dele.

— Oi. Combinei de encontrar Duke aqui. — Ergo a mochila. — Lição de casa. — É a desculpa que vou usar com minha mãe também quando chegar em casa. Não pedi permissão, mas quero muito vê-lo.

— Ah, Addie, ele ainda não chegou. Mas você pode esperar no quarto dele.

— Está bem, obrigada.

No quarto, pego um livro e começo a ler. Quando termino o capítulo, viro para o relógio digital no monitor de parede. Já passou meia hora. Sei que não posso demorar muito.

Pego meu celular no bolso e ligo para ele. O som que corresponde à minha ligação começa a tocar no chão, entre a cama e o criado-mudo. Suspiro e enfio a mão na abertura para recuperar o celular dele.

— Muito útil — resmungo e desligo. — Onde você está? — Acho que vou ter que deixar um recado à moda antiga.

Vou até a escrivaninha de Duke para pegar papel. Remexo na gaveta do meio até encontrar uma folha em branco. Quando pego uma, um conjunto de papéis grampeados sai com ela. Separo a folha e, quando vou guardar o resto na gaveta, um destaque amarelo chama minha atenção. Dou uma olhada e percebo que é uma lista em ordem alfabética de todos os alunos da escola e suas habilidades. Parece que foi impressa no computador da escola. Encontro meu nome no fim da página: Coleman, Addison. A palavra “Clarividente” ao lado do meu nome é o que está destacado.

Fui orientada a escrever esse termo nos papéis de matrícula quando entrei na escola. Clarividente. Lembro da minha mãe argumentando com o diretor, dizendo que minha habilidade não era essa.

— Cai na mesma categoria — ele disse —, e nossos computadores não reconhecem Investigação de Destinos, ou seja qual for a expressão que você disse.

Minha mãe suspirou. Ela odeia quando as pessoas agem como se eu fosse a única pessoa com essa habilidade. Pode ser rara, mas com certeza não sou a única.

— É só um detalhe técnico, de qualquer forma — ele garantiu —, para termos certeza de que Addison será colocada nas aulas adequadas a suas tendências. Não é um registro oficial do governo. Quando ela passar nas provas de habilidade, pode discutir o título com a Agência.

— É o que vamos fazer — minha mãe fez questão de dizer a ele. E era verdade.

Enquanto isso, meus registros escolares indicam Clarividente. A palavra agora está destacada em amarelo na folha à minha frente.

O celular do Duke vibra, me fazendo pular. Viro para onde o coloquei sobre a escrivaninha. Basta um leve movimento com a mão sobre a tela para a mensagem aparecer. É do Ray.

Vamos nos encontrar quinta à noite no Fat Jacks para
falar sobre estratégias de jogo. Sete horas.

Fecho a mensagem e volto a encarar o papel. Uma onda de raiva sobe até meu peito quando as implicações dessa palavra destacada surgem em minha mente.

A porta atrás de mim fecha e me viro, deixando o papel cair no chão.

— Duke, você me assustou.

Ele sorri.

— Você não esperava que eu entrasse no meu quarto?

— Não é isso, é que já estava de saída porque minha mãe está me esperando. Você esqueceu o celular, então ia deixar um bilhete.

Ao ouvir essas palavras, os olhos dele voam para o papel no chão. Um olhar de pânico aparece no seu rosto e some logo depois. É a única confirmação que eu precisava.

— Você está me usando. — A raiva faz meus olhos arderem.

— O quê? Não, não é verdade.

Aponto para o papel.

— Então explique isso!

— Certo, talvez no início eu achasse que você poderia me ajudar a prever meu futuro, qual faculdade seria melhor para mim. Mas depois te conheci melhor. Não se trata mais disso há muito tempo.

Lágrimas ameaçam tomar conta dos meus olhos, mas as expulso, frustrada por sua presença.

— Bem, você devia ter feito sua lição de casa com mais atenção, porque não posso prever seu futuro, apenas o meu.

— Exatamente. Viu só? Não acha que, se estivesse usando você, teria terminado assim que descobri como sua habilidade funciona? — Ele levanta as mãos e dá um passo na minha direção.

A beirada da escrivaninha aperta a parte de trás da minha perna.

— Não sei.

— É claro que sabe, Addie. — Ele me alcança, passa as mãos ao longo dos meus ombros e depois me dá um beijo no rosto. Minhas suspeitas começam a se dissipar.

Duke pega meus braços e os envolve na sua cintura. Minha raiva começa a

se transformar em incerteza conforme ele acaricia meus cabelos.

— Addie, não preciso ser Clarividente para te ver no meu futuro. Quero você lá. Preciso de você lá. Se não é capaz de confiar em mim, Investigue. Você vai me ver lá também. — Ele arruma uma mecha de cabelo atrás da minha orelha e me dá um beijo no queixo.

— Não é assim que funciona. Não posso simplesmente Investigar meu futuro.

— Aposto que conseguiria se tentasse com vontade. E, quando me vir lá, vai ter que se desculpar por toda essa desconfiança.

Encaro os olhos dele e, quando vejo que estão repletos de sinceridade, me sinto culpada.

— Acho que só estou esperando a verdade vir à tona. Não entendo por que você quer ficar comigo. Somos tão diferentes.

— Diferente é bom. Não é? Não gostaria de namorar alguém como eu. — Ele me beija com suavidade. — Estou me apaixonando por você, Addie. Não machuque meu coração.

Encosto a cabeça em seu peito e ele me dá um abraço apertado. Vejo o papel no chão. As letras pretas da minha habilidade destacam-se contra o fundo amarelo. Ele deve perceber meu olhar, porque pega o papel.

— Veja. — Duke joga no cesto de lixo reciclável ao lado da escrivaninha. As folhas chamam quando a solução para reciclagem as desintegra. — Já era — diz, e me puxa para junto dele.

a.NOR.MA.li.a: *sf.* desvio do padrão (combinado)

Vou parar na varanda da casa do Trevor, levando uma bolsa térmica e uma HQ da minha casa. Espero que ele não esteja bravo comigo porque não o avisei sobre a festa da Stephanie. Brody abre a porta.

— Oi, Addison.

— Oi. Seu irmão está?

— Sim, está no quarto, mas ele fechou a porta, e isso quer dizer que não quer falar com ninguém.

— Eu trouxe um livro pra ele. Acha que posso entregar e depois ir embora? Ele dá de ombros.

— Tudo bem.

— Trevor — chamo do lado de fora, batendo de leve na porta. — Posso entrar? — Ninguém responde. Bato novamente e tento girar a maçaneta, mas a porta está trancada. — Trevor, por favor. — Encosto a testa na porta. Nunca desejei ser como Bobby, mas sua habilidade de Manipular Matéria e atravessar objetos sólidos seria muito útil nesse momento.

Brody aparece do meu lado segurando uma chave.

— Não conte que fui eu que te dei.

Eu o abraço.

— Você é um anjinho.

Ele fica corado e sai correndo.

O quarto do Trevor está escuro, só a luz da luminária sobre a escrivaninha está ligada. Ele está debruçado sobre a mesa, desenhando.

— Trevor?

— Acho que não vai querer ficar aqui. Estou ocupado sentindo pena de mim mesmo. — Ele vira para trás e sorri.

O plugue da bolsa térmica escorrega da minha mão e balança perto da minha perna. Observo em volta, lembrando todas as coisas no quarto dele que me incomodam um pouco, mas ao mesmo tempo têm tudo a ver com ele: o armário bagunçado, a estante desorganizada, o lixo lotado. Procuro uma tomada na parede próxima à escrivaninha. Quando encontro, ligo a bolsa térmica e seleciono a temperatura quente. Leva alguns minutos para aquecer.

— O que está fazendo? — ele pergunta quando coloco a compressa sobre seu ombro direito.

Meu pai tinha dado a dica de como Normais curam músculos doloridos.

— Achei que pudesse estar dolorido por causa da apresentação de hoje. E também trouxe isso. — Coloco o livro no canto da escrivaninha.

Ele encara a capa sem dizer uma palavra, depois coloca a mão esquerda sobre a compressa quente e fecha os olhos com uma contração.

— Quente demais?

— Não, a sensação é boa.

Aproveito a oportunidade para estudar o rosto dele. A ponta dos cílios quase toca a maçã do rosto. O cabelo escuro cai sobre a testa e enrola nas pontas. O nariz é largo, com uma saliência. Imagino se não se trata de outro ferimento por causa do futebol americano. O lábio é fino, mas parece macio, sem rachaduras ou ressecamento. Ele deve beber muita água, ou talvez use manteiga de cacau.

Quando me volto para os olhos dele, Trevor está me observando. Fico vermelha.

— Bem — digo —, vou te deixar em paz agora. Só queria dizer que sinto muito por não ter te avisado sobre os planos da Stephanie para esta noite. Foi uma grande falha de melhor amiga. — Me viro para a porta.

— Addison, posso te mostrar uma coisa?

Dou meia-volta. Ele agora está sentado de lado, estendendo um pedaço de papel. Vou para perto da escrivaninha. Parece ser uma página de sua HQ. Pego e leio vários quadros. Dá para ver que é o meio da história, mas os desenhos são ótimos e o diálogo é interessante. Fico surpresa por ele me deixar ver depois que seu irmão disse que não mostrava para ninguém. Por que me mostraria? Será que fiz por merecer?

Quando meus pulmões começam a queimar, percebo que estou prendendo a respiração. Inspiro um pouco de ar. Sinto um puxão na camiseta. Olho para baixo e vejo uma parte do tecido enrolada no dedo de Trevor. Eu o encaro e percebo que ele me olha com intensidade. Sinto meu corpo derreter e quase não resisto ao impulso de me desfazer no chão.

Ele tira a compressa térmica do ombro e a coloca sobre a escrivaninha.

— Você quer ser minha melhor amiga? — A voz dele sempre foi tão abafada?

Confirmo com a cabeça. Não importa o que eu sinta, sei que não podemos ser mais do que isso. É complicado demais. Estou mentindo para ele. Não posso ter um relacionamento aqui, onde ninguém nunca vai saber quem sou de verdade. Além disso, somos bons como amigos. Muito, muito b...

Ele me abraça pelo quadril e me puxa para perto.

— Não fiquei chateado com você. Você me salvou. Devo ter parecido um idiota.

Balanço a cabeça. As mãos dele em meu quadril me fazem ficar ofegante.

— O que foi? — ele pergunta.

— Você está me confundindo.

— Sério? Achei que estivesse esclarecendo as coisas. — Ele me segura com mais força e um arrepio toma conta de mim. Ouço passos no corredor. Trevor me solta e dou dois passos para trás justamente quando Brody entra no quarto.

— Mamãe disse que tenho que dar boa-noite e ir para a cama.

— Boa noite, rapazinho — Trevor diz. Por que ele parece tão relaxado? Minha respiração ainda não voltou ao normal.

— Por que está tão escuro aqui? — Brody pergunta, observando o teto. Tinha esquecido, mas agora parece extremamente escuro e suspeito mesmo.

— Esquecemos de acender a luz — respondo rapidamente. — Não parecia tão escuro porque a luminária da mesa estava acesa, mas agora parece. — Praticamente corro até o interruptor. Quando volto, Trevor tem um sorriso provocador nos olhos.

— Dê boa-noite para Addison — Trevor pede a Brody.

— Boa noite, Addison.

— Boa noite.

— Brody — uma voz de mulher chama, seguida da própria mulher. — Vamos. — Ela é bonita: cabelos compridos, olhos escuros, curvilínea. Está de jeans, camiseta e um par de chinelos vermelhos felpudos. Ela me encara. — Ah — diz, surpresa. — Não sabia que tinha visita, Trev.

— Mãe, esta é Addison.

Ela entra no quarto e estende a mão.

— Sou DeAnn. Prazer.

Aperto a mão dela.

— O prazer é meu.

— Não sei se Trevor alertou você, mas sempre que conheço um de seus amigos gosto de saber o básico, assim me sinto por dentro. Sei que ele fica extremamente constrangido, mas é isso que as mães fazem. Então, me conte um pouco sobre você.

— Hum... — Será que ela está falando sério? Me viro para Trevor e ele confirma, como se dissesse: “Sim, ela está falando sério, e sinto muito por isso”. — Certo, bem, eu estudo na Carter High com Trevor. Hum... — Fico paralisada, porque essa é a parte em que normalmente diria de onde sou e não posso contar aquela mentira de novo. Vasculho minha mente, mas as primeiras coisas que surgem são fatos estranhos e aleatórios. Acho que a mãe do Trevor não quer saber como foi meu primeiro beijo nem se estou enjoada agora.

— Ela adora ler, mãe. Tipo esses livros velhos e chatos, esses que o papai gosta. — Trevor aponta para a HQ sobre a escrivaniinha. — E também gosta de coisas bobas, como eu. E não gosta muito de futebol americano. Acho que só tolera para não ficar chato. É superinteligente, minha principal concorrente na aula de política. E acho que está se contendo desde que entrou no meu quarto para não arrumar os sapatos que estão caindo do guarda-roupa.

A mãe dele ri.

— Talvez você possa ensinar Trev a ser um pouco mais organizado.

Concordo em silêncio. Lágrimas surgem em meus olhos e preciso me esforçar para não chorar depois de Trevor ter listado várias coisas a meu respeito como se fosse a coisa mais fácil do mundo.

Brody puxa o braço da mãe, impaciente.

— Ah — Trevor continua —, e você lembra que eu sempre tinha que ficar depois do horário por chegar atrasado na sexta aula?

A mãe balança a cabeça em desaprovação.

— Sim.

— Bem, a Addison é tão chata com pontualidade que obriga todo mundo a voltar para o campus logo depois do almoço.

— Não sou! — Minha voz sai um pouco hesitante e me pergunto se ele notou.

— É sim.

A mãe dele sorri para mim.

— Isso não é ruim. Acho ótimo que alguém leve esse menino de volta para a escola na hora certa. Pessoas desligadas como Trevor não se preocupam com coisas pequenas como o *horário*.

— Tá bom, tá bom, mãe. Eu sei, estou sempre atrasado. Não precisa me dar um sermão em público.

Depois de ter o braço puxado mais uma vez por Brody, ela diz:

— Desculpe, é melhor eu colocar esse menino na cama. Foi bom conhecer você, Addison.

— Igualmente.

— E obrigada por responder. Viu? Agora tenho a sensação de que conheço você. — E depois sai.

Estou parada quase na frente do Trevor, de costas para ele. O silêncio se alonga e tento pensar em alguma coisa para falar. “Obrigada” parece muito pouco... ou talvez demais, já que ele não tem como entender o quanto eu precisava ouvir tudo o que acabou de dizer. O quanto precisava saber que, mesmo sem minha habilidade, sou alguém que vale a pena conhecer. Que todas as mínimas e mais ridículas qualidades que demonstro fazem de mim quem sou.

— E agora mesmo — ele diz — você quer morrer porque ninguém está dizendo nada.

Mordo o lábio. Não vou chorar por isso.

— É melhor eu ir também.

Caminho até a porta o mais rápido possível.

— Addie, fique.

É a primeira vez que ele me chama de Addie, e sei que estou dando a isso um peso muito maior do que deveria. Paro perto da porta, me apoiando no batente.

— Você está confuso. Precisa de tempo para pensar.

Ele ri um pouco.

— Sobre o que estou confuso?

— Acabou de terminar com sua namorada.

— Terminei com Stephanie há mais de um mês. E hoje ela finalmente entendeu isso.

Não sei o que dizer.

— Estou começando uma HQ nova. Com toda a sua experiência de leitura, achei que pudesse me ajudar com o texto. — Ele abre a primeira gaveta e tira um caderno.

Respiro fundo. Está tudo perfeitamente sob controle.

— Sério? É sobre o quê?

Trevor faz um gesto com a cabeça para que me aproxime e fico ao seu lado. Ele começa com os olhos da personagem e quando chega ao cabelo — um emaranhado de cachos loiros —, me dou conta de que está me desenhando.

— Super-heróis. Você finalmente vai poder ter aquele poder que deseja. Desde que não me mate com ele.

— É claro que vou matar. Você vai ser o vilão.

Ele ri.

— Certo, pode ser divertido. — Trevor continua desenhando meu corpo. Me observa algumas vezes, analisando meu ombro e meu pescoço.

Envergonhada, alterno o peso de um pé para o outro.

— Hum, com licença — digo, apontando para o desenho. — Essa roupa está um pouco justa. Não posso combater o crime vestindo isso. Acho que não conseguiria respirar.

— Super-heróis usam roupas justas que não atrapalhem quando estão combatendo o crime. — Ele acrescenta um A no meio da blusa.

— Vou usar meu nome verdadeiro? Nem tenho identidade secreta?

— Como você sabe que esse A é de Addison? Talvez seja de Ajustadora, Anjo da Justiça ou Atiradora de Maças.

— Atiradora de Maças?

— Não consegui pensar em nenhum outro nome com A.

Sorrio, feliz porque o momento esquisito terminou.

— Certo. E qual é meu poder?

— O que você queria mesmo? Telecinese?

Um nó se forma na minha garganta.

— Não, acho que prefiro aquele que você queria.

— Prever o futuro?

— É. — Preciso contar a ele. Sei que preciso. Meu pai não pode me pedir para esconder uma parte tão grande do que sou de alguém que gosto tanto. O Comitê de Contenção nunca vai saber, porque tenho certeza de que Trevor é capaz de manter segredo. — Clarividência.

— É uma habilidade legal. Então você vai poder ver coisas terríveis que vão acontecer e depois tentar mudar antes que aconteçam.

— Bom, não é bem assim que funciona.

— Como assim?

— Ninguém pode mudar o futuro. Sabe quantas pessoas e coisas estão envolvidas em cada acontecimento? Claro, talvez seja possível mudar alguns dos aspectos secundários do dia, mas, em última instância, coisas que vão acontecer, se vão seguir certo caminho, acontecem.

Trevor para de desenhar e me encara.

— Prever o futuro só é um poder legal se pudermos mudar os acontecimentos.

— Eu sei. Por isso que é um poder meio ridículo. — Coloco a mão sobre a escrivaninha para me apoiar, porque sinto que vou desmaiar.

— Do jeito que está falando, é mesmo. — Ele acrescenta os últimos toques ao meu desenho e depois levanta a folha para inspecionar. Um de seus dedos começa a se retorcer e me apresso em dizer:

— Não ouse amassar esse desenho.

— O cabelo não ficou muito bom.

Toco em minha cabeça, abaixando meus cachos rebeldes.

— Talvez fosse melhor fazer o cabelo liso. Já pensei em alisar e seria mais fácil de desenhá-lo.

Ele me encara como se estivesse profundamente ofendido.

— Por que você alisaria o cabelo? É perfeito desse jeito.

Fico vermelha com o elogio e volto a observar o desenho.

— Trevor, você é um artista incrível. — *E eu sou mesmo Clarividente. Investigadora de Destinos, para ser mais exata.* É o que preciso dizer, mas não consigo. — Você me desenhou muito musculosa — digo, em vez disso. Por que é tão difícil contar para ele? O fato de a minha escola ser responsável por sua lesão não ajuda. Se eu explicar quem sou, terei que explicar isso também, e como ele pode ter uma boa impressão de um grupo de pessoas capaz de fazer isso com alguém?

Pego o desenho e o analiso. Ele acertou meus olhos direitinho.

— O legal dos poderes mentais é que se alguém tem uma mente avançada normalmente aprende a fazer outras coisas legais com ela também.

— Como o quê?

— Como aprimorar a audição e a visão.

— Gosto disso. Devíamos colocar no enredo.

— Certo. — É exatamente isso que vamos fazer. Vamos escrever a história da minha escola e quando estiver pronta, vou dizer: “Essa é minha vida”. Então ele saberá que há mais mocinhos que bandidos. Ele verá que em todos os lugares existem pessoas querendo levar vantagem, mas que a maioria é boa. E saberá por que tive que manter segredo. Trevor vai entender. Precisa entender.

Ele levanta e fica a apenas alguns centímetros de mim.

— Vou pegar um pouco de água. Quer beber alguma coisa?

— Sim, quero. Vou com você. — Me viro para acompanhá-lo, e ele me puxa pelo braço.

— Melhores amigos não se abraçam antes de ir a qualquer lugar?

Sorrio. Ele acha que está sendo engraçado, mas eu sei fazer esse jogo.

— Para dizer a verdade, se abraçam sim. — Escorrego as mãos por trás de suas costelas, sob seus braços.

Trevor me envolve com os braços e relaxo junto a ele com um suspiro feliz. Mas então ele começa a acariciar minhas costas e sinto um arrepio descer pela espinha.

— Melhores amigos não acariciam as costas uns dos outros — digo a ele.

Suas mãos param de se mexer, mas ele me puxa para mais perto.

Não sei o que é pior, porque agora meu corpo todo está pegando fogo.

— Você vai me deixar ler o manual para então eu saber todas as regras?

— Sim, vou.

Trevor abaixa a cabeça e a apoia em meu ombro, esquentando minha pele com seu hálito. Por que ainda não o afastei?

— O manual fala sobre isso? — ele pergunta.

Confirmo com a cabeça.

Seus lábios roçam meu pescoço quando se movimentam. Ele está tentando me enlouquecer?

— Lá está escrito que isso não pode de jeito nenhum.

Seus lábios vão parar na região macia perto da orelha. Não consigo mais pensar direito. É quando me dou conta de que estou agarrando a parte de trás da camisa dele. Agarro com mais força. Ele deve considerar um estímulo, porque pega meu rosto entre as mãos e pressiona os lábios nos meus. Eles se movem sobre os meus com suavidade, seu hálito penetra minha boca. Sinto que meu coração está prestes a explodir. Quero rasgar o manual falso e jogá-lo naquela lata de lixo lotada. Minha nossa! Trevor, o cara legal, beija bem pra caramba.

Ele se afasta um pouco e me encara.

— Quando vou receber uma cópia desse manual de amizade?

— Amizade? Quem falou em amizade?

Ele alterna o olhar entre meus olhos e o espaço vazio.

— Tudo bem por você?

Ainda segurando sua camisa, aperto com mais força e o puxo de volta para mim.

PA.RA.no.ia: *sf.* desconfiança extrema dos outros

Quero confiar em Duke, mas, quando ele está longe, a desconfiança começa a tomar conta da minha mente. E se menti naquele dia? E se ainda estiver me usando porque não consegui o que queria de mim? E se só quiser saber o futuro? Um futuro que não posso prever, aliás.

— Terra para Addie — Laila me chama, balançando a mão diante do meu rosto. — O que foi?

Encaro o mar de grama e os alunos que cercam o palco onde estamos sentadas.

Esfrego o polegar no rótulo de plástico da garrafa de água que estou segurando, fazendo-o enrugar.

— Você acha que Duke gosta mesmo de mim?

Laila franze a testa.

— É uma pergunta séria? Porque achei que ele já tivesse deixado isso bem claro.

Conto a ela sobre a lista de alunos e habilidades que encontrei no quarto dele e a explicação que me deu.

— Que fofo — ela diz quando termino. — É uma história que vocês podem contar aos netos.

— Nossa, Laila, nem eu penso num futuro tão distante. Vamos terminar a escola primeiro. — Largo a garrafa de água ao meu lado e a encaro. — Então não acha que devo me preocupar?

— Estou começando a me perguntar se *you* gosta mesmo dele. Foi por isso que não quis almoçar fora do campus hoje?

— Só queria um pouco de espaço para pensar. Quando estou com ele, tudo parece perfeito.

— Juro que você é a única pessoa capaz de reclamar de alguma coisa por ser perfeita. — Ela suspira. — Sabe qual é o seu problema, Addie?

— Qual? — pergunto como se o que ela está prestes a dizer fosse resolver todas as minhas dúvidas sobre Duke.

— Você gosta de designar papéis às pessoas na sua vida. E quando elas não desempenham esses papéis corretamente, tem dificuldade de aceitar. Você atribuiu a Duke o título de babaca egocêntrico há muito tempo e, mesmo depois que ele provou que não é assim, você acredita rapidamente em qualquer coisa

que mostre o contrário.

Encaro minhas pernas. Talvez ela esteja certa. Parece algo que eu faria. Sinto uma dor chata no fundo dos olhos e esfrego as têmporas na tentativa de aliviá-la com um padrão mental memorizado. Só preciso parar de pensar tanto.

O sinal toca. Levanto e coloco a garrafa de água vazia sobre o prato com a borda da pizza que não comi e jogo no lixo.

— Que dia é hoje?

— Treze.

Começamos a caminhar na direção da sala da próxima aula.

— Não, quero saber que dia da semana. É quinta-feira?

— Sim, por quê?

Fico incomodada por ter tanta dificuldade para me concentrar no meu horário. Eu costumava saber de trás para a frente.

— Acho que estou esquecendo alguma coisa. Combinamos algo para hoje à noite?

— Você não está de castigo ainda?

— Acho que sim. Minha mãe está meio estranha com isso. É como se ela quisesse ser rígida, mas cede sempre que Duke pergunta se posso ir a algum lugar com ele.

— Aproveite. — Ela endireita os ombros. — Veja só aquele colírio para os olhos.

Sigo o olhar dela e vejo Duke saindo do estacionamento. Dou um tapa no braço dela.

— É o meu namorado que você está secando.

Ela ri.

— Eu sei. Ele é uma graça.

Duke para e conversa com alguém.

— Quem é aquele? — pergunto, vendo apenas a parte de trás da cabeça do cara.

— Parece Bobby.

Cabelos desgrehados, jeans rasgados, ombros arqueados.

— É, é ele.

— Não vai dizer oi? — Laila pergunta quando continuo caminhando.

— Vejo Duke depois.

Quando estamos quase na sala de aula, um puxão em minha mochila me faz parar.

— Ei, namorada — Duke diz atrás de mim.

Laila acena e continua andando.

— Vejo você depois — ela diz.

— Tchau. — Me viro.

Duke afasta as pernas até ficarmos da mesma altura e me puxa para perto dele.

— Você ia passar sem nem dizer oi?

— Você estava ocupado com Bobby.

— Nunca estou ocupado para você.

Nosso relacionamento parece diferente. Como se alguém tivesse jogado

meu suéter preferido na secadora e agora não servisse direito. Quero puxar e lacear até voltar a ficar confortável. “Ele é meu namorado”, digo a mim mesma. Não vejo problema em designar novos papéis às pessoas quando merecem. Duke merecia. Não merecia? Pego no botão de cima de sua jaqueta e o encaro.

— Quer sair hoje à noite? Podemos assistir a um filme ou algo assim. — Depois que digo isso, me lembro da mensagem que vi no celular de Duke outro dia, quando esqueceu o aparelho no quarto. Ray e o pessoal do time vão se reunir no Fat Jacks hoje. Por isso sentia que estava esquecendo alguma coisa: era o compromisso *dele*. Duke encara o teto, mordendo o lábio.

— Hoje à noite? Tenho algo marcado hoje, o que é?

Começo a falar, mas ele continua:

— Ah, é, tenho que ir a uma festa do trabalho dos meus pais. Vai ser tão chato. Acredite, preferiria mil vezes sair com você. Talvez você possa ir comigo. — Ele sorri, mas logo o sorriso se desfaz. — Ah, é. — Duke puxa minha mecha de cabelo azul. — Você ainda está de castigo. Acho que vou ter que sofrer sozinho. — O segundo sinal toca, mas não me mexo. Ele me dá um beijo no rosto e outro na boca. — É melhor você ir pra aula. Te ligo depois da festa, tá?

— Tá. — Ele se afasta e cerro os punhos. Duke mentiu para mim. E por qual motivo? Um encontro com Ray? Ele não podia simplesmente ter dito que ia ficar com os amigos? Isso significa que está escondendo alguma coisa de mim? Sobre o que precisam falar que não posso ouvir? Me odeio por ter me transformado na namorada desconfiada e por provar que Laila está certa, mas tenho que ir ao Fat Jacks hoje à noite para ver do que se trata essa reunião.

auto.NOR.MAL: s. aquele que não tem controle sobre suas ações

Trevor está deitado de barriga para baixo no chão, com o caderno aberto à frente, desenhando vários personagens que já escolhi para a história. Sento ao lado dele, mordendo o lápis e tentando encontrar a forma mais fácil de explicar o Complexo na história. É muito mais difícil do que pensava. Me encosto na cama dele e fico observando o teto por um minuto. Diferente do meu, não há nenhuma palavra de inspiração ali.

Deixo lápis e caderno de lado e mudo de posição, apoiando o queixo no ombro de Trevor para poder vê-lo desenhar. A firmeza de sua mão deslizando pelo papel, criando formas onde não havia nada, me deixa hipnotizada por um instante.

— Você é incrível. Sabe disso, não sabe?

Ele vira a página do caderno, pega minha mão e a coloca sobre o papel. Lentamente, contorna cada um dos dedos. Sinto um arrepio quando o lápis roça a lateral da minha mão. Não fazia isso desde os cinco anos, mas certamente não me sinto como naquela época.

Depois de contornar minha mão duas vezes, ele pergunta:

— Está com bloqueio criativo?

Levo um segundo para lembrar que estava tentando escrever a história. Viro de costas e mexo a mão, que formiga, esperando retomar meus pensamentos.

— É.

Ele vira de lado, se apoiando num cotovelo e colocando o outro braço na minha cintura.

— Já temos os personagens.

— Sim. A Ajustadora, capaz de prever o futuro. — Aponto para mim mesma. — Lola, a Borracha, que apaga lembranças. Robert, o vilão número um, capaz de atravessar paredes.

— E eu, o vilão número dois. Capaz de...

Ainda não consegui pensar que habilidade Trevor vai ter na história. A princípio, achei engraçado que fosse o vilão, mas agora que estou aproximando o máximo possível da realidade, não quero que ele seja um dos “bandidos” da minha vida. Quando o vejo, não há nada ruim. Pensei em colocá-lo no lugar do Bobby, mas não consegui. Devia ter transformado Trevor no herói, mas agora é

tarde demais. Ele vai se perguntar por que estou me preocupando tanto com isso.

— Capaz de... beijar muito bem.

Trevor me puxa para mais perto.

— Não achava que fosse um superpoder.

Meu coração acelera.

— Nem eu.

Ele dá uma gargalhada abafada e comprova seu poder. Depois de tirar meu fôlego e bloquear meus pensamentos, retoma a posição em que estava e diz:

— Talvez estejamos invertendo a ordem das coisas. Vamos pensar nas regras do Complexo dos Superpoderes antes.

— Regras?

— Você sabe, as coisas que os personagens podem e não podem fazer. Como minha mãe passando aqui agora há pouco e me lembrando de que não posso fechar a porta quando estou com uma menina de que gosto no quarto. — Ele aponta com a cabeça para a porta escancarada. — Regras.

— O quê? Você gosta de mim? Quando isso aconteceu?

— Começou com o bilhete sobre zumbis. Como poderia resistir?

Sorriso e contorno com o dedo a linha formada pela manga da camiseta em seu biceps.

— Comecei a gostar de você quando ficamos presos no carro do diretor.

— Sério? E toda aquela conversa de melhor amigo?

— Estava em negação.

Ele abre um sorriso.

— Certo, regras.

— Sim, regras. — Começo a fazer uma lista de coisas que ele precisa saber sobre o Complexo. — Eles não podem sair sem permissão. Ninguém do lado de fora sabe sobre eles.

— Ninguém?

— Bem, apenas outras pessoas com poderes. Existem pessoas com superpoderes do lado de fora do Complexo, mas são obrigadas a manter sua identidade em segredo. Vamos incluir entre elas umas pessoas inteligentes e famosas da história também.

— Como quem, por exemplo?

Finjo pensar em algumas, mesmo já sabendo quem são os Paras famosos que viveram no mundo Normal no decorrer da história.

— Como Steve Jobs, Henry Ford e Einstein.

Ele ri.

— Está bem. Vai ser legal desenhar essas pessoas. Podemos escrever que conspiram em reuniões ultrassecretas.

Tenho quase certeza de que não se reuniriam, mesmo se todos ainda estivessem vivos, mas isso não importava.

— Existem representantes em quase todas as agências do governo e em posições poderosas no mundo, mantendo o Complexo informado e ajudando a guardar o segredo.

— Então são espões?

— É, acho que podemos chamar assim. Mas também tem gente do Lado de

Fora cujo trabalho é ficar de olho nos que vivem ali. Pode ser o Comitê de Contenção.

— Então talvez esse possa ser o conflito. O vilão, eu, quer contar ao mundo sobre o Complexo.

— Por quê? Ele estaria se expondo também.

— Talvez queira mostrar a todos como é importante e especial.

— Mas as pessoas temem o que não conhecem. O mundo não o receberia bem, tentaria destruir ou estudar o vilão. — Falar isso em voz alta me faz questionar novamente minhas intenções de contar a verdade a Trevor. Como ele vai se sentir? — O Complexo pode ser poderoso, mas ainda é minoria.

— Então precisamos de um conflito interno. Que tal introduzir uma criança que nasceu no Complexo sem nenhum superpoder e passou a vida tentando esconder isso?

— Isso não acontece. Todos têm poderes.

— Todos?

— É.

— Você andou pensando bastante nisso. E se alguém quiser se casar com um Normal?

Eu suspiro e meu coração dói um pouco quando digo:

— Essa pessoa corre o risco não apenas de ter filhos sem poderes, mas também de perder a residência no Complexo.

— A pessoa seria expulsa?

Confirmo.

— Bem, então essa é nossa história.

Meu coração bate um pouco mais forte quando meu cérebro demora demais para processar que ele está falando da história que estamos escrevendo, e não da história que estamos vivendo.

— São rígidas essas regras que você inventou, não?

— E não precisam ser? Sem as regras seria um caos. Não podemos deixar as pessoas irem e virem de acordo com sua vontade, arriscando a segurança de todos.

— Se está dizendo... — Trevor deita de costas, colocando as duas mãos embaixo da cabeça. O biceps se contorce e minha atenção é atraída para a linha que o define. Ele se contorce mais uma vez, e encaro seus olhos. Há um brilho de provocação neles.

— Quero poder voar — ele diz.

Sacudo a cabeça.

— Você não pode voar. São só poderes mentais.

— Acho que minha mente poderia ser capaz de controlar a gravidade.

Eu rio.

— Não se preocupe, todo mundo vai saber que você é forte. Não há necessidade de seu personagem voar ou derrubar prédios... ou meninas... por aí.

Ele ri e o som é tão genuinamente feliz que meu coração palpita. Não consigo me conter, preciso beijá-lo.

Trevor me abraça mais forte.

— Quer que eu te pegue para ir à escola amanhã?

— Quero.

Não cheguei a pensar nas consequências que recairiam sobre Trevor e seus amigos por estarmos juntos e Stephanie finalmente se dar conta de que o relacionamento deles acabou. As meninas tomaram o partido dela e, como Katie e Brandon ainda estão juntos, ele ficou do lado delas. Rowan pareceu um pouco zangado com a situação.

Fora da escola, tudo parecia perfeito e, enquanto Trevor desenhava, finalmente peguei o ritmo do enredo. Mantendo a ideia de refletir o máximo possível a realidade, decidi tornar os vilões culpados por ferir propositalmente um grupo de funcionários responsáveis pela Contenção a fim de liberar informações para o mundo Normal. Não que Duke Rivers e o time de futebol americano estejam tentando fazer isso, mas precisava de um roteiro e não podia dizer que os vilões queriam acabar com a concorrência no futebol americano, seria um pouco óbvio demais.

Na quinta-feira, no entanto, está claro que fiz alguns inimigos mortais, quando Stephanie senta na minha frente na aula de Cálculo, fico nervosa instantaneamente. Ela coloca um bonequinho sobre minha mesa.

— É um presente para você. Peguei na sala do diretor.

Meu peito fica apertado.

— Você sabe o que é isso? — Ela pega o boneco e aproxima do meu rosto. — É um jogador de futebol americano. Está vendo o número nas costas? Quinze! Era o número do Trevor. O sr. Lemoore tem um bonequinho para cada quarterback que jogou desde que passou a ser diretor da escola. Meio esquisito, né? Bem, achei que você poderia gostar.

Afasto o boneco do rosto.

— Não quero isso, Stephanie. Pode devolver.

Ela me ignora.

— Sabe o que é mais irônico? Esse bonequinho estava sobre o arquivo onde achei sua ficha.

— Minha ficha? — Um arrepio frio corre por minha espinha. Acho que realmente havia um bom motivo para me ater ao disfarce indicado pelo Complexo, no fim das contas. Minha ficha não vai confirmar que sou do sul da Califórnia. Só vai revelar a todos que vim da Lincoln High.

— É. Fiz umas cópias. Deixei uma com Trevor antes da aula. Foi meu presente pra ele. Achei que vocês dois podiam ter um pedacinho do passado um do outro. — Stephanie coloca o bonequinho sobre minha carteira. — Para guardar de lembrança. — Ela levanta e ajeita a minissaia. — Vocês formam um casal lindo, por sinal. — Stephanie vai até sua carteira do outro lado da sala. Fico encarando o boneco, cuja cabeça balança de leve.

Estou ferrada.

Na hora do almoço, Trevor não está no lugar de sempre. Ligo para Laila.

— Ei, você está em aula?

— Não, intervalo. E aí?

Me afundo em um banco de cimento e explico a ela o que aconteceu com Trevor.

— O que eu faço?

— Conte a verdade. Não é tão ruim quanto pensa. Você não ajudou a ferir esses jogadores, ele vai entender.

Piso na grama. Posso não ter ajudado a feri-lo, mas menti para ele.

— Você acha?

— Sim, agora vai.

Ao fundo, ouço uma voz de homem perguntar:

— Quem é?

— Quem está aí? — questiono.

— Bobby.

— Bobby? Você ainda está encontrando Bobby?

— É, bem, nós nos damos bem.

Cerro os olhos, deixando a visão das árvores da beirada do gramado turva.

— Laila, fuja. Esse cara é bizarro.

— Conheci sua definição de bizarro e ele não chega nem perto disso.

— Rowan não é Bobby. Bobby é realmente bizarro.

— Addie, não finja que sabe o que está acontecendo aqui, uma vez que não mora mais no Complexo e não fala comigo há dias.

A impaciência na voz dela me pega desprevenida e não sei o que dizer.

— Não estou fingindo que sei o que está acontecendo aí. Só estou relembrando o que Bobby fez com Trevor.

— Você não pode provar.

Minha boca abre e fecha.

— E quanto ao que ele fez comigo?

— Ele não fez nada com você.

— Mas ia fazer. Dá na mesma.

— Não, não dá na mesma. Não chega nem perto. É tipo ficção, Addie, não é real.

Espero ela rir, fazer alguma piada. Mas só ouço silêncio.

— Você está tentando fazer graça?

— Claro, Addie. Não é isso que sou na sua vida? O alívio cômico?

Ao fundo, ouço Bobby rir.

— Vai falar com Trevor. — A linha fica muda. Encaro o celular confusa, depois levanto e saio andando. Mas não sei para onde estou indo. Alguém bate em meu ombro e pede desculpa. Ergo o celular, procuro um nome na agenda e ligo.

— Alô? — Meu pai atende. Sua voz parece tensa.

— Pai, não estou me sentindo bem. Posso ir pra casa?

— É claro que pode — ele responde. O fato de ter concordado tão depressa confirma que estou dizendo a verdade. Alguém faz um comentário ao fundo e ele responde. Depois, diz para mim:

— Precisa que eu vá te buscar?

Sinto vontade de dizer “Sim, por favor, venha me buscar”, mas sei que está ocupado.

— Não. Está na hora do intervalo, posso pegar uma carona. — É mentira, não posso. Apesar de ser possível ir para casa a pé, espero que meu pai insista para vir me buscar.

Ele não diz nada.

— Está bem. Espero que melhore. Me ligue se precisar de alguma coisa. —
A linha fica muda.

Depois de uma longa caminhada até minha casa, me arrasto para a cama e enfo a cabeça debaixo do travesseiro. Quando a campainha toca, percebo que tinha pegado no sono. Meu rosto está grudento de suor e ajeito o cabelo enquanto ando até a porta. É apenas o carteiro, que me entrega outro envelope acolchoado e pede minha assinatura.

Depois que ele sai, fico observando o pacote. Por que o Complexo ainda está mandando interrogatórios para meu pai? Precisam tirá-lo dessa confusão, ele já parece ocupado o bastante. Sei que é errado, mas não consigo evitar. Pego uma faca na gaveta e passo sob a fita adesiva. Devagar, abro o envelope e tiro o DVD. Coloco no aparelho e sento no sofá. Talvez possa fazer alguma coisa para ajudar. Talvez possa fazer uma Investigação para ele e dizer o que precisa saber para resolver esse caso, então poderemos seguir em frente.

É Veneno de novo.

Depois da apresentação inicial do investigador, em que ele recomenda o mesmo curso de ação — mapeamento cerebral, reabilitação —, Veneno aparece sentado na cadeira de metal. A tela da mesa se ilumina.

— Você conhece essa garota?

— Mais uma garota? Você precisa conhecer mais gente, investigador. Não pode me chamar aqui sempre que precisar saber o nome de alguém.

— Sr. Paxton, responda a pergunta.

— Ela me parece familiar. — Ele se aproxima da foto. — Sabe, acho que já fizemos negócios há um tempo.

— Que tipo de negócios?

— Doce.

— Doce?

— Estou cansado dessas perguntas que vocês já sabem as respostas. O que querem de mim?

— Queremos a verdade.

— Não importa o que eu disser. Alguém diz a vocês em que acreditar, então perguntem a ele.

Veneno deve estar falando do meu pai.

— O corpo dela foi encontrado recentemente por alguns campistas. Ela foi declarada desaparecida há três meses. Você a matou, sr. Paxton?

— Por que não me diz?

— Acreditamos que sim.

— Então me prendam. — Ele levanta e estica os braços sobre a mesa, estalando os dedos. — Ah, espere, vocês não podem, porque as evidências dizem que ela se matou, não é? Não me tragam aqui novamente a menos que seja para me dar casa e comida.

Juro que meu coração parou de bater por um instante. Veneno sai de enquadramento e sobra apenas uma cadeira de metal vazia. Coloco o DVD de volta no pacote da melhor forma possível. No quarto do meu pai, procuro seu caderno na cômoda e na escrivaninha e o encontro na gaveta do criado-mudo.

Sob o título “Veneno”, ele escreveu três descobertas:

Traficante de drogas: sim

Relacionamento íntimo com a vítima: sim

Assassino: inconclusivo

Encaro fixamente aquela palavra, imaginando se meu pai já a usou antes na vida. Ele sempre sabe. É verdade ou mentira. Sim ou não. Inconclusivo é o mesmo que dizer “talvez”, e meu pai nunca diz “talvez”. Essa palavra me parece mais assustadora do que a resposta para assassinato ser “sim”.

Pego o celular e ligo para Laila. Ninguém atende. Envio uma mensagem:

Precisamos conversar. Algo importante está

acontecendo aí. Assustador.

Espero dez minutos, andando de um lado para o outro. Nada de resposta. Por que ela está sendo tão difícil? Vai mesmo escolher Bobby? Enfio o celular no bolso e saio.

Caminho sem saber ao certo por que ou para onde estou indo, mas com a certeza de que preciso caminhar para esvaziar a cabeça. Que escolha posso Investigar para ajudar meu pai? Preciso estar envolvida de alguma forma ou não vai funcionar. Talvez possa Investigar o que aconteceria se voltássemos ao Complexo para ele cuidar desse caso em oposição ao que aconteceria se ficássemos aqui. Com sorte, conseguirei ver quem é o responsável no final. Ando por quatro quadras até me dar conta de que está frio na rua e meus dedos dos pés, nada protegidos pelos chinelos, parecem cubos de gelo. Volto para casa com um novo objetivo.

A primeira coisa que noto quando estou quase chegando é o carro do Trevor parado na entrada. Diminuo o passo. O dia já foi ruim o suficiente. Não quero ter que encará-lo e tentar explicar por que menti para ele.

Quando chego ao carro, ele está saindo da varanda. Nossos olhares se cruzam. Sou a primeira a desviar os olhos e é aí que vejo o papel amassado em sua mão.

Paro, incapaz de dar outro passo.

se.PA.RAr: v. distanciar

Paro no mercadinho ao lado do Fat Jacks e desço a viela que dá para os fundos do restaurante. Meu plano é me esconder aqui até Duke e seus amigos chegarem e depois me sentar do lado de fora sob uma janela próxima à mesa deles. Com audição avançada, devo conseguir escutar sem ter que ler lábios.

O problema é que Duke nunca aparece. Fico de costas para uma lixeira fedorenta, vigiando a esquina por uns bons quinze minutos. O cheiro que a enorme lata de lixo exala ataca meus sentidos e me dá ânsia de vômito a cada dois minutos.

Resolvo me posicionar sob a janela, porque outros três caras estão lá, incluindo Ray. Encosto na parede, de modo que, para qualquer pessoa que passe de carro ou a pé, pareço apenas estar esperando alguém. Se por acaso Duke passar por aqui, não pode ficar zangado. Os garotos estão falando sobre o trabalho de biologia. Por um instante, acho que não passa de perda de tempo, mas logo ouço Ray dizer:

— Onde está Duke?

— Ele tinha um compromisso com os pais hoje. Não vai poder vir.

Bato com a palma da mão na testa. Sou uma idiota. Uma idiota que está espionando o namorado perfeito a troco de nada. Faço um movimento para levantar quando Ray continua:

— Vamos jogar contra a Jefferson High amanhã. Precisamos de uma estratégia. Fiquei de olho nesse garoto a temporada toda. Ele é o último que pode me separar do recorde de maior número de jardas corridas em uma temporada. Precisamos derrubar o cara.

— Estou sentindo um probleminha no joelho — um deles diz.

— Estava pensando no ombro, como aquele cara de Dallas.

— Não, deixe os ombros para os quarterbacks. Esse cara precisa mais das pernas no jogo — Ray afirma.

— Duke ainda está dentro, não está? Não podemos fazer isso sem ele.

— Por que não estaria?

Todos riem ao mesmo tempo, exatamente como os vilões dos livros. Minha mente não para de pensar no “cara de Dallas” que eles mencionaram. Um quarterback. Será que estão se referindo a Trevor? Duke perguntou sobre o ombro dele aquela noite. O que está acontecendo? Preciso falar com Duke.

Preciso de respostas.

As risadas cessam e me esforço para ouvir, mas as vozes se transformaram em sussurros. Fico de joelhos e me aproximo da janela, levantando a cabeça devagar até espiar lá dentro. Os garotos estão debruçados sobre a mesa, observando Ray desenhar em um pedaço de papel. Provavelmente o plano para derrubar algum coitado.

É um ótimo momento para eu sair, enquanto estão distraídos. Levanto, visto o capuz do moletom e atravesso o estacionamento na direção do mercadinho. Ouço tocar o sino da porta e me viro rapidamente para trás. É apenas um casal entrando. Solto um suspiro e volto a percorrer o resto do caminho até o carro.

Ao dirigir para a casa de Duke, me sinto péssima. Qual é meu problema? Por que não posso simplesmente confiar nele? Ele estava exatamente onde disse que estaria hoje à noite. E tenho certeza de que terá uma explicação para o que acabei de ouvir. É *bom* que tenha.

Chegando lá, paro a várias casas de distância e vejo os pais dele estacionarem na garagem. Não quero que me vejam. Amanhã tem aula e tenho certeza de que o pai de Duke quer que ele vá direto para a cama e descanse para o jogo. De onde estou também consigo ver a casa do Bobby, em frente à de Duke. Enquanto aguardo dez minutos para dar tempo de Duke entrar e ir para o quarto, Bobby chega.

Ranjo os dentes quando ele entra. Pego o celular que está no console e ligo para Duke quando vejo as luzes do quarto acenderem. Toca duas vezes e ele atende.

— Olá, namorada.

— Oi. Preciso falar com você sobre uma coisa que aconteceu hoje. Pode me encontrar? — Tenho um sorriso conspiratório no rosto e me preparo para dizer que estou em frente à casa dele. Ele ficará surpreso.

— Ah, bem que eu queria. Acredite, estou entediado. Mas acho que a festa vai durar a noite toda. Os velhos estão se divertindo.

Meu sorriso congela. Um novo par de faróis descendo a rua me cega por um instante. Mas, quando o carro para na frente da casa de Duke e os faróis apagam, desejo que tivessem me cegado por mais tempo. Agora posso ver que se trata da picape da Laila.

— Mas nos vemos amanhã, certo? — A voz dele em meu ouvido me lembra que ainda estou ao telefone. — Aí poderemos conversar.

Laila desce do carro, suas longas pernas refletem a luz da rua. Torço para ela atravessar a rua e ir para a casa do Bobby, mas ela não faz isso. Inclina-se para se ver no espelho retrovisor, ajeita o cabelo e caminha até a porta do Duke.

— Addie? Você ainda está aí? — Duke pergunta. — Podemos conversar amanhã, não é?

— Sim. — Não sei como consigo pôr as palavras para fora. — Claro. — Laila estica o braço e toca a campainha.

— Preciso ir, namorada. Durma bem.

— Tchau. — Desligo e fico encarando o celular como se ele, e não minha melhor amiga, tivesse me traído. Quero dar a partida no carro e ir embora, mas aparentemente gosto de sofrer, porque me obriga a ver Duke abrir a porta,

abraçar Laila e deixá-la entrar.

NOR.MAL.ter.mi.a: *sf.* processo de fazer a temperatura corporal voltar ao normal

— Você estudou na Lincoln High? — Trevor me pergunta do outro lado do jardim. Meus olhos ardem. Só quero desaparecer com dignidade, mas ele está parado entre mim e minha única rota de fuga para casa.

Devo estar encarando fixamente a porta da frente, porque ele dá um passo para o lado e faz um gesto querendo dizer que não vai ficar no meu caminho. A essa altura, para meu desespero, meu corpo começa a tremer de frio. Com os olhos focados na porta, ando até ela o mais rápido possível.

— Sinto muito — digo ao passar por ele.

— Addison, espere. Não vai nem se explicar? — Sua voz é grave e firme.

Sei que ele merece uma explicação, mas eu menti. Simples assim. Ainda estou mentindo. E, segundo meu pai, tenho que continuar mentindo. Ninguém nunca poderá saber quem eu sou. paro na varanda de costas para ele, pego toda a raiva que sinto do Complexo por me obrigar a manter segredo e a deixar tomar conta de mim. É a única emoção capaz de me fazer sobreviver a encará-lo.

Me viro e seus olhos são suplicantes.

— Você quer uma explicação? — pergunto.

— Sim. Você mentiu pra mim. Por quê? Estava preocupada que eu odiasse sua antiga escola por causa do meu ombro?

— É claro. Por que não odiaria?

— Não odeio. É apenas parte do esporte. Por que julgaria *você* por isso?

— Porque não é só isso. Tem mais. — Muito mais.

— Podemos conversar?

Concordo e entramos em casa. Sentamos em extremidades opostas do sofá e ele nem me encara. Preciso contar... quero contar. O problema é que não sei se a verdade vai fazer tudo ficar bem de novo. Seus ombros parecem tensos, e odeio o fato de ter provocado isso. Quero chegar mais perto, pegar sua mão, acariciar seu ombro, qualquer coisa que o ajude a relaxar. Tento me aproximar e ele lança um olhar de alerta, me mandando de volta para minha almofada. Respiro fundo e mergulho de cabeça.

— Rowan estava certo. Nossa escola é secreta e o que aconteceu com seu ombro não foi um acidente. Mas juro que só fiquei sabendo depois que te conheci.

Ele não responde por um bom tempo.

— A dor só começou depois do golpe. Sentia como se alguém estivesse arrancando meu osso. Durante um ano, tentei esquecer essa lembrança. Não entendo. Como fizeram isso? Algum tipo de tecnologia especial?

Mordo o lábio.

— Eu não devia contar. Meu pai vai me matar. Você não pode contar pra ninguém.

Ele concorda.

— Tirando o fato de que você me desenhou com muitos músculos e que eu nunca usaria uma roupa daquelas, eu sou a Ajustadora.

Ele me encara, provavelmente esperando a afirmação fazer sentido.

— A história que estamos escrevendo... Sou eu, é a minha escola.

Seus olhos, que começavam a suavizar, voltam a ser uma barreira fria.

— Isso é uma piada pra você?

Nego com a cabeça, depois observo fixamente a janela por sobre seu ombro por um instante, concentrando-me para Manipular a Luz e mudar a cor dos meus olhos. É uma das coisas que disse que minha versão em quadrinhos era capaz de fazer. Quando me volto para Trevor, ele pula do sofá e recua.

— Desculpe — digo, fazendo meus olhos retomarem a cor normal rapidamente e levantando também. Ergo as mãos. — Não quis te apavorar. Por favor, não tenha medo. Ainda sou eu.

Ele fica em silêncio por um bom tempo, hesitando entre o sofá e a porta para a rua.

Fico onde estou. Não quero que ele recue ainda mais.

Trevor já está me encarando como se eu tivesse saído de um circo. Esfrego os braços. O frio de fora permanece em meu corpo.

— Não posso ler sua mente nem nada parecido. Então me dê uma pista. Em que está pensando?

— Estou pensando que devo estar sonhando — ele diz.

— Um sonho bom ou um pesadelo?

— Ainda não sei. — Ele analisa meu rosto como se pudesse encontrar respostas nele. — Como?

— Existem muitas teorias. Alguns dizem que os psicologicamente avançados sempre corresponderam a uma porcentagem da população. Outros acham que somos descendentes de semideuses. Essa é a única teoria que Laila reconhece. Também existe a ideia de que somos o passo seguinte na evolução. Seja qual for, certamente é genético, nascemos assim.

O celular vibra no meu bolso e verifico a tela. É uma mensagem da minha mãe.

Ligue para mim. Precisamos conversar.

Meu coração salta e respondo.

É sobre Laila? Ela está bem?

Minha mãe escreve em seguida.

Laila? Não, é sobre nós.

Suspiro e coloco o celular sobre a mesa de centro. Trevor acompanha tudo o que faço e não sei dizer se por causa do choque ou se acha que estou prestes a fazê-lo desaparecer com meus poderes mentais. Aponto para a mesinha.

— Desculpe, era minha mãe. — Quando tenho outro arrepio, me dou conta de que esqueci de ligar o aquecedor quando cheguei em casa. Está tão frio aqui.

Trevor cruza os braços diante do peito e tenho vontade de puxá-los para baixo, de dizer para ele não se fechar para mim. Para me dar uma chance. Meus olhos embaçam com as lágrimas e observo a luz para impedir que escorram.

— Você poderia pelo menos... — Meus ombros sacodem com o choro que estou tentando conter ao máximo. — Pode sentar? Não vou fazer nada com você.

Trevor descruza os braços e passa a mão nos cabelos.

— Eu sei. É que... — Ele vai até o sofá e senta. — É muita coisa para assimilar.

Devagar, também sento mais uma vez na almofada mais afastada dele. Meu celular vibra e, de onde estou, consigo ver que é minha mãe. Suspiro.

— Enquanto ainda está decidindo se está ou não horrorizado, posso pedir um conselho?

— Claro.

Conto a ele sobre a discussão que tive com Laila a respeito de Bobby.

— Então esse tal de Bobby magoou você?

— Ele ia me magoar.

— Então você *pode* mudar o futuro?

— Não. Só posso seguir o caminho oposto. Até onde sei, Bobby acabou fazendo a mesma coisa com outra menina.

— Então Bobby é um dos vilões da história, certo? O cara que está ferindo propositalmente... — Trevor perde a fala, como se finalmente relacionasse a história à vida real. — Foi ele que fez isso com meu ombro?

— Não sei, talvez... ou alguém como ele. Bobby consegue Manipular Matéria. Acho que poderia separar um músculo do osso até mesmo à distância... — Me contraio. — Sinto muito, isso parece terrível.

Trevor não diz nada, mas sua expressão suaviza consideravelmente.

— Ele me parece um cretino. — É a coisa mais grosseira que já ouvi Trevor dizer e isso me faz sorrir um pouco, porque sou capaz de pensar em coisas muito piores.

— Ele é.

— E Laila está andando com esse cara apesar de tudo?

Confirmo.

— Ou ela é uma péssima amiga ou é muito sem noção.

— Ela é uma amiga incrível. Não é a cara dela fazer esse tipo de coisa. Quer dizer... é, mas não é. O que faço?

— Dê um tempo a ela, Addison. Deve estar na defensiva porque sabe que não devia estar andando com um cara que fez o que fez com você.

Lembro das palavras de Laila e as repito em voz alta.

— Ele não fez nada comigo.

— Mas teria feito.

— Não é a mesma coisa.

— Pra você é, não é? — Ele pressiona as palmas da mão contra os olhos, depois se vira para mim. — Estou entendendo direito? Pra você a sensação é a mesma, como se tivesse realmente acontecido.

É difícil admitir. Por algum motivo estou constrangida porque acho que aquilo que Bobby fez comigo é, em parte, culpa minha. Se não o tivesse acompanhado até sua casa, se não tivesse sentado tão perto... talvez eu tenha provocado...

— Sim, a sensação é exatamente a mesma.

— Por que não deixou Laila Apagar aquela lembrança? Ela é a Lola da história, não é?

Confirmo.

— Existem lembranças que não quero esquecer. Muitas vezes por serem boas demais, mas às vezes, como no caso do Bobby, porque preciso lembrar.

— Faz sentido — ele diz. — Sinto muito por isso ter acontecido com você.

Abaixo a cabeça, repentinamente interessada nas minhas unhas.

— Não é culpa sua.

Ele se vira novamente, arrastando os pés no chão, e levanta os braços. A ação deve ter sido motivada por pena, mas aceito. Arrasto-me pela almofada que nos separa. Passando os braços ao redor de seu peito, encosto na lateral de seu corpo, determinada a não soltar nunca mais.

Ele passa a mão no meu cabelo, depois puxa as pontas de leve.

— A culpa também não é sua — ele diz em voz baixa. — Você sabe disso, não sabe?

Faço que sim com a cabeça e fecho bem os olhos enquanto lágrimas quentes escorrem deles. Só depois de algumas respirações trêmulas consigo retomar o controle. Brinco com o zíper da jaqueta de Trevor enquanto permanecemos em silêncio, movimentando-o alguns centímetros para cima e para baixo. Ele está usando uma camiseta preta com gola V por baixo. Na clavícula, há uma única pinta. Passo o dedo sobre ela.

— Você está quente.

Ele apoia o rosto no alto da minha cabeça.

— Sinto muito. Não devia ter mentido. Não queria magoar você.

Sua respiração profunda e estável e as batidas ritmadas de seu coração me acalmam. Minha respiração aquece o pequeno casulo que criei junto a ele. Seu perfume é condimentado, como uma mistura de colônia e sal. Seu pescoço, junto ao meu nariz, é macio, e me aproximo mais dele até tocá-lo com os lábios. Passo o dedo pela extensão da sua clavícula e meus lábios caminham pelo pescoço até encontrar a pele que fica bem atrás da orelha, ainda mais macia.

Percebo que Trevor está totalmente imóvel. Até mesmo parou de respirar. Sento e o encaro, avaliando sua reação.

— Não quero te perder por causa disso — digo. — Eu não...

Ele pressiona os lábios contra os meus, interrompendo não apenas minha fala, como também minha respiração. Segura meu rosto entre as mãos e movimenta a boca lentamente sobre a minha. Todas as terminações nervosas do meu corpo estão eletrizadas.

Trevor se afasta e procura meus olhos.

— Você não me perdeu — diz antes de me levar para perto dele de novo. Assim que resolvo que seria capaz de beijá-lo o dia todo, ele diz: — Addison?

— Sim?

— E se isso for uma Investigação?

Fico tensa.

— O quê?

— Já pensou nisso? E se agora, esse exato momento, não estiver definido? E se você estiver apenas tendo uma visão do que poderia acontecer?

— Penso nisso o tempo todo. — Passo a mão no peito dele. Parece tão real.

— E se você não escolher esse caminho? E se decidir que o outro futuro é melhor?

Eu o abraço, apoiando o rosto no dele.

— Sabe o que é estranho, Trevor?

— O quê?

— Desde que manifestei essa habilidade, ninguém nunca me perguntou isso. Ninguém nunca pensou ser negociável.

Ele respira fundo.

— Quero que você me escolha, Addie — ele sussurra. — Quero que isso seja real.

— Não se preocupe. É real. Sempre sei quando estou em uma Investigação.

— Como?

— Não consigo Investigar dentro de uma Investigação.

— Então já Investigou depois que me conheceu?

— Sim... — Interrompo a frase, refletindo, lembrando todas as vezes em que pensei em Investigar. Hoje mesmo pretendia fazer uma Investigação para meu pai. Mas não fiz. — Eu... não. Mas eu posso. E vou fazer. Agora mesmo.

— Não. — Ele me interrompe quando começo a formular uma Investigação simples. — Não faça isso. Não enquanto eu estiver aqui. Só me prometa uma coisa: se isso for uma Investigação e você não me escolher, se não escolher esse caminho por algum motivo, prometa que não vai me Apagar.

É uma promessa muito séria, que não pode ser feita à toa se isso for uma Investigação. Eu não consigo imaginar não o escolher. Mas se por algum motivo importante eu não puder ficar com ele, lembrar disso tudo seria muita tortura.

Seus olhos voltam a escurecer, o que deixa seu olhar mais intenso.

— Prometo. — Sinto sua respiração junto a mim e então Trevor elimina o espaço que existe entre nós.

PA.RA.li.sia: *sf.* incapacidade de se mover

Começo a sentir um entorpecimento no alto da cabeça que desce lentamente por meu corpo. Quero chorar, mas todos os sentimentos que existem dentro de mim foram anulados e substituídos por uma sensação devastadora de vazio. Meu celular toca e um vislumbre de esperança agita-se no meu peito. Talvez seja Laila ligando para explicar o que está acontecendo. Para me dizer por que acabou de entrar na casa do meu namorado como se fosse algo que faz todas as noites. Pego o celular. Na tela iluminada, leio: MÃE.

Atendo.

— Alô?

— Addie, onde você está?

— Eu saí para... estudar. — Pela primeira vez não me sinto mal por mentir para ela. Não estou sentindo muita coisa.

— Por que está mentindo para mim?

Obviamente, ainda não sou muito boa nisso.

— Não se preocupe, estou indo pra casa.

— Sim. É bom mesmo. Isso é ridículo. Não sei o que deu em você ultimamente. Sabe que ainda está de castigo, não sabe? A Addie que eu conhecia teria respeitado essa regra.

A Addie que ela conhecia agia diferente em relação a muitas coisas. Via tudo de um jeito diferente. Ou talvez simplesmente não enxergasse as coisas que estavam na cara dela. É possível que eu tenha me despedido, mas não me lembro de dizer nada. De qualquer modo, tinha desligado o celular. Então, quando começa a tocar de novo, não me surpreendo e já me preparo para um sermão sobre como é mal-educado desligar na cara das pessoas. Mas quando pego o aparelho, vejo na tela: BIZARRO.

Fico sem ar. O celular para de tocar e o silêncio é assustador. Como Veneno conseguiu meu número? Observo em volta, analisando minhas opções.

O celular volta a tocar. Atendo.

— Alô?

— Addie, exatamente a garota que estava procurando. Preciso de um favor.

Estico a mão para ligar o carro e ela paralisa abruptamente a trinta centímetros do alvo.

— Não — Veneno diz. — Você não pode ir embora. Preciso de você aqui.

Jogo o celular no banco ao lado e uso a mão que agora está livre para tentar puxar a outra. Ela não se move, mas alcança a maçaneta da porta. Tento lutar contra isso, dizer para meus dedos ligarem o carro e dirigirem para longe. Eles não obedecem.

Estão seguindo as ordens de outra pessoa.

Saio do carro e vejo Veneno parado como uma sombra escura sob um poste, a cinco metros de distância. Gritar é minha única chance, mas minha garganta se contrai quando abro a boca.

Não é uma boa ideia, ele diz dentro da minha mente.

Tento agarrar a mão invisível que aperta meu pescoço. Então volto a andar, mas minhas pernas são controladas por outra pessoa. Meus pulmões ardem e a rua estremece.

Quando chego à frente dele, Veneno diz:

— Não grite. Só quero conversar.

Balanço a cabeça e minhas vias aéreas se abrem. Tusso e respiro fundo, tentando estabilizar a tontura e a náusea.

— Preciso que faça uma ligação. Apenas uma pequena ligação, depois pode ir embora.

Não acredito nele nem por um segundo, mas, para ganhar tempo, pergunto:

— Para quem?

— Sem perguntas. Você só precisa dizer: “Alô, aqui é a Addie”. É bem simples.

— Por que eu faria isso?

— Acho que já te mostrei o porquê. Quer que eu mostre de novo?

— Não, tudo bem. Eu faço.

— Boa menina. — Ele aperta um botão do celular e me entrega com uma recomendação. — Quando ele atender, apenas diga: “Alô, aqui é a Addie”. Nada mais e nada menos.

Concordo, tentando arquitetar minha fuga quando isso terminar, porque sei que Veneno não vai simplesmente me deixar ir embora. Então o homem atende.

— Coleman falando. — E todas as ideias de fuga desaparecem.

Quase sussurro “Pai”, mas mordo a língua. Se disser qualquer coisa, ele vai achar que estou em perigo. Tecnicamente estou, mas não quero que faça o que Veneno quer. Não se eu ainda tiver uma chance de fugir.

— Alô? — meu pai repete.

Escorrego o dedo para o botão de mudo.

— Pai? E você? Aqui é Addie — tento dizer com pânico na voz, o que não é difícil, uma vez que meu coração está saindo pela boca.

— Já chega — Veneno diz.

Afasto o celular da orelha e, antes que ele possa assumir o controle do meu corpo novamente, o desligo.

— Não, sua idiota — ele diz. — Eu precisava falar com ele.

— O que você quer com meu pai?

— Ele está contando mentiras sobre mim. Precisa saber que não vou tolerar isso. Pensei em dar a ele um pequeno incentivo para parar. — Veneno estende a mão para que eu devolva o aparelho. Faço o movimento de entregar a ele, mas

solto antes de alcançar sua mão. O celular cai na calçada com um ruído. Torço para estar quebrado. Quando ele se abaixa, xingando, me viro e corro para a casa do Bobby, gritando a plenos pulmões. Não consigo dizer “socorro” mais de uma vez, logo minha garganta se contrai e meu corpo fica paralisado novamente.

Quando acho que vou morrer, Bobby sai na varanda e alterna os olhos arregalados entre mim e Veneno. Nunca fiquei tão feliz em vê-lo.

— Addie? — ele diz, e de repente consigo respirar novamente. Caio no chão e me apoio nas mãos.

— Bobby, me ajude — digo com a voz rouca.

— O que está acontecendo? — ele pergunta.

Levanto sem ajuda, de olho em Veneno enquanto caminho na direção de Bobby.

— Me deixe em paz — digo a Veneno. — E meu pai também.

Quando chego ao lado de Bobby, agarro seu braço, pois minhas pernas parecem gelatina. Ele fica na minha frente, de forma protetora.

— Saia daqui ou ligo para a polícia — ele diz para Veneno.

Veneno solta uma gargalhada, enfia as mãos no bolso e sai assobiando.

Bobby se vira para mim.

— Você está bem?

Faço que não com a cabeça.

— Venha, vou pegar algo pra você beber. Quer que eu ligue para Duke vir até aqui?

Faço que não com a cabeça novamente.

— Só quero sentar um pouco, depois vou pra casa.

Bobby me leva para dentro.

Sou inundada por uma sensação de gratidão a ele. Bobby acabou de me salvar.

— Era o cara que você e Duke me pediram para pesquisar? — ele pergunta.

— Sim. Obrigada por me ajudar.

— Sem problemas. — A porta fecha. Bobby desliza a trava de segurança e digita um código na tela.

a.NOR.MA.li.da.de: *sf.* falta de normalidade em uma situação

Sento, suando frio. O lençol está enrolado em minhas pernas, dificultando meus movimentos. Desenrolo-o e coloco os pés no chão, observando meu quarto escuro. Alguma coisa me acordou e tento lembrar se foi um pesadelo ou um barulho. Quando estou prestes a deitar novamente, acreditando que o mais provável é que tenha sido um pesadelo, meu celular toca. Procuo a tela iluminada pela escuridão, tateando cegamente o criado-mudo. Não está lá. Então me lembro que coloquei o celular debaixo do travesseiro antes de dormir.

As duas mensagens são da Laila. A primeira diz:

Socorro.

A segunda:

Desculpe.

Cambaleio até o quarto do meu pai.

— Pai. — Agarro em seus ombros chorando e o sacudo para acordá-lo. — Pai, preciso de ajuda. É Laila.

Ele senta na cama, meio grogue, passando primeiro a mão nos cabelos e depois levando-a ao relógio digital em seu criado-mudo.

— O que foi? — ele diz quando finalmente me encara.

— Devia ter Investigado, mas não Investiguei. Eu pretendia, mas Trevor foi embora muito tarde e estava cansada. Poderia ter visto alguma coisa...

— Addie, calma. O que está acontecendo?

— Laila está com problemas.

— Que tipo de problemas?

— Eu não sei. Ela está andando com um cara bizarro da escola. — Então minha memória puxa algo que ela mencionou enquanto caminhávamos pelo estacionamento no dia do jogo. — Ah, e tem esse cara, um dos conhecidos drogados do pai dela, que a ameaçou. Talvez tenha a ver com isso. Sei lá. Só sei que ela está em apuros e estou assustada.

Minhas palavras parecem acordá-lo ainda mais e ele rola para fora da cama.

— Qual é o nome dele? Do amigo drogado.

— Não sei — digo.

— Por acaso é Veneno? O nome dele é Veneno? — Meu pai me segura

pelos ombros. Perco o fôlego quando lembro de uma das anotações do meu pai sobre Veneno: “Traficante de drogas: sim”.

— Ah, não. Você precisa fazer alguma coisa.

— Está tudo bem, querida. Fique calma, está bem? — Ele pega o celular e liga para alguém. — Oi, aqui é Coleman. Sei que é tarde, peço desculpas. Mas é possível que outra adolescente tenha desaparecido. — Ele faz uma pausa. — Posso falar? O nome é Laila Stader. — Ele soletra devagar, e cada letra soa como um golpe em meu peito. — Mandem alguém para a casa do sr. Paxton imediatamente... Sim... Não... Está bem, me avisem assim que tiverem qualquer informação. Obrigado. — Ele desliga e me encara. A dor que toma conta de seus olhos é aterrorizante. É como se já esperasse o pior.

Subo na cama vazia. O lugar que ele acabou de abandonar parece quente junto ao meu corpo trêmulo. O colchão cede um pouco quando ele senta e coloca a mão nas minhas costas.

— Vai ficar tudo bem.

— Não pode afirmar isso. Você não sabe. Não devia ter ido embora. Ela precisa de mim e não estou lá.

— O que você poderia ter feito, Addie? Sua presença não mudaria as coisas.

Já vi muitos futuros alternativos para me sentir confortada por aquelas palavras.

— Poderia, sim. Ela tem que ficar bem. — Me dobro como uma bola. Não é tarde demais para Investigar. Talvez eu possa ver alguma coisa. Mas não vai funcionar a menos que consiga me concentrar.

— Addie, não tem necessidade de se preocupar antes de saber.

A tela preta do meu celular me provoca. Ligo novamente para o número de Laila. Sem resposta.

— Vou preparar um copo de leite quente para você — meu pai diz, levantando e caminhando até a porta.

— Não quero leite — retruco.

Ele fica em silêncio por um bom tempo.

— Quer ligar pra sua mãe?

A sugestão arranca um soluço de choro do meu peito e abraço um travesseiro.

— Não quero falar com ela.

— Ela me disse que você não está retornando as ligações. Por que está colocando a culpa do divórcio toda nela?

A pergunta é válida, mas estou zangada com ele por questionar justamente agora.

— A decisão foi mútua. Você sabe disso, não sabe?

— Não quero falar sobre isso. Minha amiga está em apuros. É só o que importa.

— Sim, no momento é só isso que importa. Mas depois precisamos conversar. Sua mãe sente sua falta.

É a última coisa de que preciso no momento — meu pai fazendo eu me sentir ainda pior. Estou assustada e triste e só quero que ele fique assustado e triste

comigo, e não que tente me dizer como fazer minha *mãe* se sentir melhor com uma decisão que *eles* tomaram.

— Não estou nem aí pra ela.

Sei que não foi a coisa certa a dizer, porque ele fica pálido.

— Fui eu, está bem?

Com essa única afirmação ele parece envelhecer cem anos. Seus ombros se curvam e os lábios ficam franzidos.

— O quê?

— Eu quis ir embora. Não podia mais viver lá, vendo você cercada por aquela irrerealidade. E sua mãe não suportava a ideia de partir e arriscar o desenvolvimento da sua habilidade. Discutimos isso durante anos. Talvez fosse diferente se não pudesse ver através das mentiras, mas eu podia, e elas estavam em toda parte. Não importava quantas vezes ela tinha me Persuadido a ficar, eu não podia mais. Então me odeie, Addie. Me odeie por meu egoísmo. Mas não odeie sua mãe.

Ele se apoia na cômoda como se a mentira o estivesse mantendo em pé e agora que a colocou para fora não conseguisse ficar ereto por conta própria. O discurso deveria fazer eu me sentir melhor? Os pais não deveriam dizer: “Nosso divórcio não tem nada a ver com você, só diz respeito a nós”? A separação deles tinha tudo a ver comigo.

Respiro fundo. Havia escolhido a quem ser leal cedo demais nessa batalha — de um lado, minha mãe, com sua personalidade dominadora que obrigou meu pai a ir embora; do outro, meu pai e eu, que tivemos que aturá-la durante todos aqueles anos. Não sei ao certo se estou pronta para ouvir que talvez tenha feito a escolha errada. Mas depois penso no que ele disse: viver na irrerealidade. Eu também não queria aquilo. Queria?

— Sinto muito. — Ele parece tão cansado, chateado e Normal. Então, como se lesse meus pensamentos, diz: — Addie, não me expressei bem. Não tem a ver com você. Era um briga que tínhamos havia anos, antes de ficar centrada em você. Eram nossas crenças, quase totalmente opostas. Depois veio o novo programa mental, que é ainda mais invasivo... — Meu pai para de repente, como se tivesse falado demais. — Não foi culpa sua. Nada disso é culpa sua.

Abro a boca para dizer alguma coisa, não sei bem o quê, mas seu celular toca e desfaz quaisquer pensamentos que eu tinha, substituindo-os por medo. Jogo o travesseiro de lado e sento.

— Coleman falando... Sim... Entendo... — Ele me espia rapidamente. — Tem certeza? Você o prendeu? Lá? Bem, sim, eu disse isso, mas... Não posso deixar minha filha aqui sozinha... Não, ela tem dezesseis, mas... Sim, é claro... Certo, uma hora. Estarei aí, obrigado. Tchau. — Ele desliga o celular e o coloca lentamente ao lado do corpo. O terror anestesia quase todos os meus músculos e fico paralisada aguardando notícias.

— Eles ainda não têm certeza de nada, então não devemos tirar conclusões precipitadas.

— O que disseram? Onde está Laila?

— Os pais dela não a veem desde hoje de manhã. Mas só porque não está em casa não significa que algo aconteceu. Tem um policial posicionado na casa

dela, então quando ela voltar serei informado imediatamente. — Meu pai vai até o guarda-roupa e pega uma mochila. — Prometo te manter atualizada.

— Atualizada? Pra onde está indo?

Ele apoia a mochila sobre a cômoda e começa a colocar roupas dentro dela.

— Na maioria das vezes, o vídeo de um interrogatório basta para eu determinar se alguém está ou não mentindo. Mas o sr. Paxton é especialista em mentira, então preciso sentir sua energia para confirmar algumas conclusões. Se ele souber onde Laila está, esperamos conseguir extrair essa informação dele também. A Para-agência vai me mandar para lá de avião daqui a uma hora. Gostaria que você ligasse para um amigo vir ficar com você enquanto eu estiver fora.

— Amigo? Eu não tenho amigos.

— Conheci vários amigos seus. E aquela menina, Stephanie? Ela parece legal.

Agarro com força o canto do lençol.

— Quero ir com você.

— Sinto muito. É um jato particular do FBI e você não tem cartão de acesso.

— Eles não podem me dar um? Estamos falando da minha melhor amiga. Por favor, pai.

— Addison, sinto muito. Há razões para existirem normas. Não posso ficar preocupado com sua segurança se quisermos encontrar Laila. Entendeu?

— Claro que sim.

Ele fecha a mochila.

— Prometa que vai ligar para um amigo — ele diz, depois analisa meu rosto enquanto me preparo para responder.

Desvio o olhar.

— Não minto para você, pai. Não precisa me analisar.

— Desculpe, sei que não mente. E sou grato por poder confiar em você. Espero que um dia você possa voltar a confiar em mim também. — Ele pensa em colocar as mãos nos meus ombros, mas hesita. Não posso garantir nada no momento. Há muitos sentimentos em meu peito para separar um por um. Meu pai entra no banheiro e quando sai está vestindo um terno. Ele me encara com preocupação.

— Vou ligar para um amigo.

— Obrigado. Aviso assim que chegar. — Ele me dá um beijo na testa.

Eu o abraço com força e ele vai embora, me deixando sozinha no quarto, esfregando os braços com as mãos. O relógio sobre o criado-mudo diz que são três e meia. A tela do meu celular ainda está apagada. Quando clico nela, a luz machuca meus olhos. Entro na agenda, hesitante em ligar para Trevor a essa hora. Paro no número da minha mãe e meu dedo treme ao apertar o comando para ligar. Ouço chamar quatro vezes.

— Addie? O que aconteceu? — Ela atende com voz de quem dormia profundamente.

— Laila. Ela desapareceu. Papai está indo praí. Alguma coisa ruim

aconteceu, mãe.

Ouçõ ela acender o abajur.

— O quê? — ela diz a princípio, depois processa a informação sem que eu tenha que repetir. — Ah, Addie. Sinto muito. O que posso fazer?

— Não sei. Estou com medo.

Compartilhamos algumas respirações em silêncio. Sei que ela está brava comigo por excluí-la da minha vida. Me pergunto se vai usar isso contra mim agora.

— Vou fazer algumas ligações, ver se posso ajudar. Quando a encontrarem, vou cuidar de Laila, já que os pais dela provavelmente não vão.

Lágrimas quentes escorrem pelo meu rosto.

— Seria ótimo, mãe. Obrigada.

— Por que não liga para Trevor? Tenho certeza de que ele iria até aí.

— Como você sabe sobre... — Seco o rosto com o dorso da mão.

— Laila me mantém informada. Sinto sua falta. Trevor parece ótimo,

Addie.

Sorrio um pouco.

— Sinto sua falta também.

— Tudo vai ficar bem, certo?

— Certo. — Começo a achar que talvez fique.

Desligo. Quero ligar para Trevor, mas é madrugada. Em vez disso, envio uma mensagem.

Ligue pra mim quando acordar. É importante.

Menos de cinco minutos depois, meu celular toca.

— Você está bem? O que aconteceu? — ele pergunta. Eu explico.

— Estou a caminho.

Quando Trevor chega, seus cabelos desgrehados provam que saiu às pressas. Ele me abraça.

— Sinto muito.

— Ela vai ficar bem — digo com a boca junto ao peito dele.

— É claro que vai. Provavelmente nem faz ideia de que estamos todos preocupados e só está se divertindo com os amigos.

Quero concordar, mesmo que meu estômago queime e revire de maneira nada agradável, tentando me dizer o contrário. Ele me leva até o sofá, faz com que eu sente e tira o celular da minha mão, deixando-o sobre a mesa de centro.

— Do que você precisa? — ele pergunta. — Água?

Faço que não com a cabeça.

— Milk-shake?

— Eca.

Ele senta ao meu lado.

— Queria ter aquele poder que acalma as pessoas, como a Russell do nosso livro.

Me aproximo dele.

— Não, fico feliz que não tenha. Não gosto de sentir falsas emoções.

— Já volto.

— Fica aqui. — Sei que pareço uma criança.

— Mas eu trouxe livros. Uns clássicos bem chatos da biblioteca do meu pai. Sorrio e me afasto para ele poder levantar. Trevor volta com os livros.

— Quer que eu leia para você?

— Quero.

Ele se acomoda no canto do sofá e levanta o braço. Deito ao seu lado. Trevor é um excelente leitor, fazendo pausas nos momentos certos e dando ênfase aos trechos adequados. O tom de sua voz é tão calmante que me faz desejar que ele fale mais.

— Você tem o poder de me acalmar — digo, quando ele para e vira uma página. — Obrigada.

Trevor aperta meu braço e o beijo. Pela primeira vez no dia me sinto relaxada o bastante para saber que posso fazer uma Investigação e, com sorte, ajudar Laila. Tento pensar em uma escolha que possa me dar a informação de que preciso.

Meu celular toca e ambos nos viramos para ele.

— Você pode atender? — pergunto, voltando a ficar instantaneamente ansiosa.

Trevor atende. Me afasto, como se ficar mais distante do celular significasse que más notícias não chegariam até mim.

— Alô? Oi, sr. Coleman, é o Trevor... Não foi incômodo algum. — Depois disso, acontece uma pausa longa. Trevor acena com a cabeça e pega em minha mão. — O senhor quer falar com ela? Claro, ela está aqui.

Ele me entrega o aparelho e se aproxima de mim. Seu rosto fica borrado visto através das minhas lágrimas.

— Alô?

— Oi, querida. — Consigo identificar o tom de pena na voz dele. Seco os olhos, esperando que a minha mente clareie junto com a visão.

— O que está acontecendo?

Ele fica em silêncio por um instante e sou capaz de imaginar seu rosto, o jeito como fica sério e preocupado quando tenta arranjar as palavras certas.

— É Laila.

— Vocês encontraram ela? — digo, me enchendo de esperança.

— Encontramos... Ela se foi.

— Foi para onde?

— Addie, ela morreu. Sinto muito.

Minha mente se esvazia completamente, provavelmente em uma tentativa de se preservar.

Meu pai continua.

— Não foi o sr. Paxton. Ele nos deu o nome do responsável, um garoto da sua escola, mas já era tarde demais.

— Um garoto da minha escola?

— Sim, Bobby Baker. Conhece?

Confirmo com a cabeça, chocada demais para me dar conta de que não pode me ver. Finalmente, gaguejo:

— Tal-talvez ele esteja mentindo. Talvez só não queira que vocês a

encontrem. Bobby pode ser um cretino, mas nunca pensei que fosse capaz de fazer algo tão sério.

— Ele está dizendo a verdade. Bobby já foi detido. Eu o interroguei. É o responsável.

— Mas talvez Bobby apenas pense que ela está morta e por isso você fez a leitura de que estava falando a verdade. Talvez...

— Eu a vi. — Suas palavras acabam de vez com minha negação. — Ela se foi.

Devo ter largado o celular, porque Trevor está segurando o aparelho e diz algo para meu pai. Depois desliga, me puxa para perto, acariciando meu cabelo e dizendo que sente muito várias vezes. Mal consigo senti-lo ou escutá-lo.

Então ele aproxima a boca do meu ouvido.

— Addison, me escute. Está ouvindo? — Confirmo e ele continua. — Você não escolheu esse caminho. Deve ser uma Investigação. Não tem como ter escolhido esse caminho. Tudo vai ficar bem.

Envolve-o com os braços. Ele está certo, e o amo por dizer isso.

PA.RA.si.ta: *sm.* pessoa que tira proveito das outras sem oferecer nenhum benefício em troca

Bobby se afasta da porta de alta segurança.

— Posso usar seu telefone? — Preciso falar com meu pai e dizer que estou bem, caso Veneno volte a ligar para ele.

— Claro, mas onde está o seu?

— Deixei no carro. — Ele olha pela janela comprida ao lado da porta.

— Não vi seu carro lá fora.

Aponto vagamente para a direita.

— Estacionei no fim da rua.

Ele sorri como se soubesse o motivo.

— Meu celular está no quarto. Vou pegar. — Bobby caminha em direção às escadas.

— Você não tem telefone fixo?

— Alguém ainda tem isso?

Dou de ombros.

— Agente tem lá em casa.

Ele sobe as escadas e desaparece. Vou até a janela e abro um pouco a cortina. Primeiro, olho para a esquerda, para o poste onde Veneno estava. Ele não está lá, mas isso não quer dizer que não esteja me esperando. Em seguida, desvio o olhar para a picape de Laila do outro lado da rua. Quero atirar uma pedra nela. A janela de Duke está escura e não consigo deixar de imaginar se os dois estão lá em cima, no quarto dele.

— O que minha cortina fez para você? — Bobby pergunta atrás de mim.

Solto rapidamente o tecido que estou amassando e me viro para ele.

— Desculpe.

— Más notícias. Meu celular está sem bateria. Vou carregar e você pode usar em alguns minutos.

— Talvez seja melhor eu ir.

— Só vai levar alguns minutos. Quer mesmo sair com aquele cara bizarro lá fora? Acho que devemos ligar para a Agência também quando o celular estiver carregado.

Uma boa ideia.

— Sim, certo.

— O carregador está na cozinha. Já volto. — Ele passa pela porta que separa a sala principal do que imagino ser a cozinha.

Verifico novamente a tranca da porta da frente. Está fechada.

A sala está pouco iluminada, então acendo uma luminária sobre uma mesa de canto. Bobby volta com uma garrafa de água e me entrega.

— Sente. — Ele aponta para o sofá. Me afasto e opto pelo banco do piano.

— Onde estão seus pais? — Começo a me perguntar se eles estão em casa.

— Eles acordam cedo para trabalhar, então já foram dormir. — Bobby aponta para um relógio na parede e vejo que já passou das dez. Fiquei mesmo mais de uma hora no carro esperando Duke?

Tomo um gole de água e encaro o chão.

— Você é o melhor amigo dele... Há quanto tempo está... — Nem consigo completar a frase. Não quero saber há quanto tempo minha melhor amiga está me traindo com meu namorado. — Há quanto tempo ele está me usando?

— Ele está desesperado. Quer ter certeza sobre em que faculdade vai se dar melhor.

Quero socar alguma coisa ou chorar, mas me recuso a fazer qualquer um dos dois na frente do Bobby.

— Não tenho como saber. Ele não entende isso?

— Você até poderia saber, se estendesse sua habilidade.

Viro rapidamente a cabeça.

— O quê?

— Controle avançado da mente. Você devia aprender. Daria para fazer muito mais com o seu dom.

— E arriscar perder minha habilidade? Não, obrigada. — Deslizo o pé para a frente, deixando uma marca escura no carpete. — Ele está usando ela também? Laila? — Será que nossa amizade de infância será arruinada porque um cara não consegue escolher uma faculdade sozinho? — Ou ele gosta mesmo dela?

— Não sei direito o que quer com Laila.

— Então é isso que Duke faz? Ensina as pessoas a estender suas habilidades? Bobby bufa como se estivesse ofendido.

— Não. É isso que *eu* faço. Ele é um dos meus alunos.

— Por quê? O que você ganha com isso?

— Cada pessoa que ensino também me ensina alguma coisa. É como se eu fosse capaz de ganhar um pouquinho da habilidade de cada um. Sabia que elas são voláteis antes de ficarem estáveis? Nossos poderes se manifestam em ondas mais curtas e mais fortes do que nos adultos. É por isso que eles não gostam que tentemos avançar ainda jovens. Querem que as habilidades se estabilizem primeiro. Mas parece que, quanto mais forte uma onda de poder, mais consigo captar dela.

Um desconforto se forma em meu peito.

— Você pode tirar os poderes das pessoas?

— Tirar não. Só pegar um pouco emprestado.

— Como? Achei que você Manipulasse Matéria.

— Energia é matéria, Addie. Sua energia se concentra ao seu redor. Às

vezes é fina como o ar, mas às vezes é densa e maleável.

Levanto.

— Seu celular já deve estar carregado.

— Sabia que emoção desencadeia ondas fortes e densas?

Derrubo a garrafa e a água encharca a barra da minha calça jeans. Corro e me jogo contra a porta, conseguindo tirar a trava. Empurro o batente com o ombro, esperando que isso vai me libertar. O monitor ao lado da porta apita três vezes e pisca uma luz vermelha.

— Não. — Bato no monitor sem saber o código de segurança.

— Estou surpreso por não ter previsto isso, Addie. — Bobby me puxa pela cintura e me afasta da porta, trancando-a novamente. Ele é mais forte do que pensei, considerando sua estatura mediana. — Se não consegue nem ver seu próprio e perigoso futuro, realmente poderia se beneficiar de uma das minhas sessões — ele diz calmamente.

Lembro que Bobby disse que seus pais estavam dormindo no andar de cima, então grito tão alto que ele tem que tampar minha boca com a mão.

— Posso forçar você a ficar quieta como Veneno fez lá fora. É isso que você quer?

Balanço a cabeça.

— Ótimo, porque também não quero. Minha habilidade fica limitada se eu tentar fazer muito mais além de te controlar.

Quando ninguém se mexe no andar de cima, sei que mentiu sobre os pais. Estamos sozinhos.

— Então você ensinou Veneno a estender as habilidades? Pegou um pedaço de seu controle do sistema nervoso? Foi você que deu meu celular pra ele?

Bobby afrouxa um pouco o braço e escorrego para o chão. Ele não responde.

— O que você quer de mim?

— Achei que tivesse deixado claro. Gostaria de ter apenas um pedacinho de você. Clarividência. Não tenho ideia de como isso aprimoraria minha habilidade, mas sei que ajudaria.

— Está mexendo com coisas que não deve. E se prejudicar sua mente?

— Que gentil da sua parte se preocupar. — Bobby fica sobre mim e passa a mão em meu cabelo, depois pega a mecha tingida de azul entre dois dedos. — Podemos começar? — Ele me puxa pelo cabelo até eu levantar.

— E depois?

— Depois te convenço de que isso nunca aconteceu, ou você fica triste demais para continuar.

Isso tem que ser uma Investigação. Estou em uma Investigação. Tento testar essa teoria e, quando apenas um zumbido estático toma conta da minha mente, sei que estou certa. Vou ficar bem. Logo acabarei com essa visão terrível, sairei da Investigação e tudo vai ficar bem. Nunca escolheria esse futuro. Deixo os únicos pensamentos que me mantêm um pouco sã rodar em minha mente como um antigo rolo de filme.

— Addie, concentração. Tente Investigar o futuro agora.

Coloco as mãos sobre a mesa da cozinha.

— Por que deveria?

Ele está sentado na minha frente.

— Quer mesmo fazer jogos mentais comigo?

— Duke vai ficar zangado com você por fazer isso.

Ele ri.

— Duke já está bem envolvido com seus próprios segredos, não acha? Ele não tem o direito de julgar.

Se eu conseguir fazer com que ele continue falando, sei que consigo pensar em uma maneira de escapar.

— Então ele não sabe sobre seu projetinho? Achei que fossem melhores amigos. Andou roubando um pouco da habilidade dele também? Mostre como funciona, Mova algo.

Ele dá uma risada baixa que me arrepiia até os ossos.

— Mover algo? Porque é isso que Duke faz, não é? Você é tão ingênua.

O celular de Bobby toca. Está sobre o balcão, sem conexão com nenhum carregador. Talvez eu seja mesmo ingênua. Sua cadeira range ao se arrastar no ladrilho. Ele pega o aparelho e encara a tela. Com uma risada, começa a ler em voz alta:

Oi, Bobby. Você viu a Addie? O carro dela está aqui na frente. Acho que estou encrencado.

Bobby se vira para mim.

— Ele está encrencado, Addie?

Não respondo.

— Sabe o que é engraçado? Se tivesse me ligado, poderia ter ouvido sua voz ao fundo. Mas, como mandou mensagem, não há chance nenhuma disso acontecer. — Ele volta a atenção novamente para o celular. — Não, Duke — ele diz enquanto os dedos se movem sobre as teclas. — Não vi Addie. Você sabe que ela não fala comigo. Talvez tenha visto a picate da Laila estacionada na frente da sua casa. Foi a primeira coisa que notei. Que azar.

Se ele tivesse ligado, teria me ouvido. Fico com essa ideia na cabeça. Duke e eu estávamos praticando Transmissão de Pensamento, mas minhas desconfianças em relação a ele ultimamente atrasaram meu progresso. Uma vez, em um momento de frustração, disse que simplesmente ligaria se precisasse dele. Nós dois achamos aquilo muito engraçado. Não estou rindo agora.

Concentro todo o meu poder mental para sentir a energia de Duke. Ele está ali do outro lado da rua. Posso fazer isso. Imagino que estou empurrando para dentro dele as palavras *Socorro, estou na casa do Bobby*. As palavras parecem tombar em meu cérebro, como às vezes acontecia quando praticava, quando Duke me encarava e dizia: “Você está tentando mesmo?”.

— Estou tentando — digo por entre os dentes.

Bobby se vira para mim.

— Ótimo. Finalmente topou?

— Te odeio.

— Sentimentos fortes ajudam a aprimorar sua habilidade. Trabalhe com eles.

Respiro fundo e tento relaxar. Ele não vai me Manipular. *Alguém me ajude.* Como se respondesse ao meu chamado, alguém bate na porta e ouço a voz da Laila.

— Bobby, abra. Sei que Addie está aí e preciso falar com ela. Addie, por favor, não fique brava comigo, só me deixe entrar.

Bobby sorri.

— Pobre Laila. Ela acha que você se escondeu na minha casa porque está com raiva.

Abro a boca para responder, mas não consigo. Bobby está cortando minha voz. Então o encaro com os olhos cerrados, desejando ter o poder de lançar dardos nele em vez da minha habilidade inútil. Alguém bate novamente na porta. *Socorro*, grito em minha mente. Ouvimos um ruído alto vindo dos fundos da casa e Bobby parece chocado por um instante.

— Addie! — A voz de Duke é alta e vem de dentro da casa. — Você está aí? Bobby resmunga.

— Preciso restringir o acesso dele. Não é uma festa. — Ele me arrasta e me joga sobre o sofá da sala. Encosta a palma da mão no monitor para abrir a porta da frente e puxa Laila para dentro. — Sente — ele ordena a ela, apontando para o lugar ao meu lado. Assim que me encara, sei que Laila não está percebendo direito qual é a situação. Ela sente e diz:

— Sinto muito, Addie. Não sei o que me deu. Por favor, me perdoe.

A essa altura, Duke está parado na porta entre a cozinha e a sala.

— O que foi, Addie?

— Como assim “o que foi”? — Laila resmunga. — Ela me viu na sua casa, Duke.

Ele continua me encarando.

— É isso? Porque te ouvi. Você estava pedindo socorro. Era você, não era?

Me viro imediatamente para Bobby, que ainda não soltou minha língua, e espero que Duke entenda a dica.

— Bem, diga alguma coisa — Laila diz.

— Addie me disse — Bobby diz, pigarreando — que está muito zangada com vocês dois para conversar agora. Não queria que soubessem que ela estava aqui.

Lembro de Bobby dizendo que era muito difícil me controlar e fazer outras coisas ao mesmo tempo, então, enquanto está falando, tento ao máximo me libertar de sua influência. Se adolescentes têm ondas de poder mais fortes que os adultos, certamente nossa habilidade para combater esses poderes também é mais forte. É Bobby, é Bobby, é Bobby, socorro, digo repetidas vezes em minha mente enquanto tento me libertar.

Duke se aproxima de Bobby e o pega pelo colarinho.

— O que você fez com ela?

— Nada além do que você vem fazendo.

Duke joga Bobby violentamente contra a parede e me liberto de seu controle. Meus músculos estão tão tensos que voou para a frente no instante em que fico livre. Minha mente também devia estar gritando, porque, quando atinjo o chão, grito:

— Socorro!

Duke solta Bobby e vem correndo ao meu encontro.

— Você está bem?

— Não toque em mim. Pegue ele. — Aponto, mas Bobby não está mais onde Duke o deixou. Antes de conseguir imaginar qual parede ele atravessou, o vejo parado atrás de Laila, que segura uma faca junto à própria garganta, com um olhar apavorado.

— Addie — Bobby diz. Seus olhos são como fogo. — Não era pra ser assim. Por que tinha que chamar Duke aqui?

— Laila, o que você está fazendo? — Duke pergunta, ainda agachado ao meu lado.

— Primeiro ela vai Apagar a última hora da lembrança de vocês dois. Depois vai se matar, porque o pai dela é um otário. Não é, Laila?

Ela assente e um pequeno filete de sangue escorre por sua pele clara.

— Bobby, você não precisa fazer isso. Não vamos contar pra ninguém.

— Por que será que não acredito em você, Duke?

Apesar da situação, me sinto calma, o que me ajuda a analisar as coisas.

— Duke — sussurro —, faça alguma coisa.

— Estou tentando.

— Não pode derrubar a faca da mão dela ou fazer o sofá voar na cara do Bobby? Faça alguma coisa.

Bobby dá uma risada baixa e assustadora.

— É, Duke. Faça alguma coisa — ele diz em uma voz aguda. — Faça algo se Mover. — Ele pega um porta-retratos na estante ao seu lado. — Mova *alguma coisa*. — Bobby atira o porta-retratos na nossa direção e Duke levanta a mão para bloqueá-lo. Ricocheteia na palma da mão dele e atinge minha perna antes de cair no chão entre nós dois, com o vidro estilhaçado.

Me viro para Duke, cuja expressão é de pânico.

— Qual é o problema?

— A menina merece uma resposta, Duke. — Bobby me encara com certa pena arrogante. — Por que não conta a ela como Ray te ajuda a enganar todo mundo? Você não acha estranho, Addie, que Duke só consiga Mover coisas quando Ray está por perto?

— Pare — Duke pede.

— Ah, desculpe, estou interferindo na sua concentração? Está tentando fazer ela sentir felicidade neste exato momento?

De novo não consigo respirar, mas dessa vez Bobby não tem nada a ver com isso. A sala e todos nela parecem estar debaixo d'água. Laila oscila levemente para a frente e para trás com a faca pressionada à garganta. Posso ouvi-la respirar, surpresa, erguendo os ombros de leve com o som. Bobby apoia uma mão na estante com um sorriso assustador no rosto. Ao meu lado, Duke se vira para ele, cada minúsculo movimento registrado em minha mente. Será que o mundo ao meu redor está em câmera lenta ou estou em outra dimensão?

Do lado de fora, pneus chiam sobre o asfalto antes de portas de carro se abrirem e baterem. Então Duke se joga para a frente, nadando pelo ar. O sorriso de Bobby se contorce de raiva, e a mão de Laila pega impulso e lança a faca.

Ela voa como uma flecha diretamente na minha direção. Tenho tempo de sobra para ver o trajeto que vai percorrer e saio do caminho. Ela finca na parede que está atrás de mim. Quando a porta da frente é arrombada, o encanto se quebra e a forma voadora de Duke se conecta com a de Bobby. Laila cai com tudo no chão e solto a respiração que estava prendendo.

Arrasto-me para o lado de Laila. Sangue escorre de seu pescoço, mas o ferimento parece superficial.

— Sinto muito — ela diz. — Aquela faca pegou em você? Não tive como controlar.

— Não, estou bem.

— E sobre Duke...

— Duke é um Controlador de Humor — consigo dizer sem emoção, mesmo tendo descoberto há menos de dois minutos. — Nós duas estávamos sob a influência dele.

— Mãos ao alto — diz um homem que usa um colete preto da Agência ao entrar. Atrás dele estão três homens armados. Logo as armas apontam apenas para Bobby. Laila, Duke e eu somos levados para fora, onde minha mãe aguarda ao lado de um carro branco. Quando corro em sua direção de braços abertos, derramando as lágrimas que estava contendo, o mundo fica escuro.

fer.ra.da: *adj.* pessoa do gênero feminino que precisa escolher um caminho ruim para evitar outro ainda pior

Meus olhos abrem e inspiro uma porção enorme de ar.

— O que você viu? — Laila pergunta.

A voz dela me assusta e, como se estivesse em uma cama elástica, me jogo para a frente e sento. Levo um momento para me dar conta de que tudo o que acabei de ver não foi real, mesmo com a sensação de que meu coração foi partido ao meio.

— Você está com uma cara horrível — ela diz. — Está tudo bem?

— Não. — Levo os dedos às têmporas como se assim fosse chegar a uma solução. Tem que haver uma solução.

Meu pai.

Pulo da cama e corro para a porta. Quando estou prestes a abri-la, paro. *Refleta primeiro, Addie.* Se eu contar ao meu pai sobre Bobby e Veneno, os dois problemas serão resolvidos, não serão? Não. E se o fato de eu contar ao meu pai sobre Bobby adiar sua partida do Complexo para que possa investigar? Sei que a Agência não pode usar minha Investigação como prova. Primeiro por eu ser menor de idade, segundo porque minha habilidade é considerada subjetiva. São muitas variáveis. E se meu pai não puder levar Bobby para um interrogatório? E se isso desencadear uma série de acontecimentos completamente diferente com Bobby ainda livre? Se eu pudesse salvar as garotas assassinadas, iria até lá imediatamente. Mas elas já se foram. O primeiro crime aconteceu na segunda semana de setembro e o outro, meses antes.

Suspiro.

— Você está me assustando — Laila diz. Eu já tinha quase esquecido que ela estava aqui. Viro-me para ela. E se eu simplesmente contar? Certamente ela ficaria longe do Bobby. Reviro os olhos. Se ela souber, provavelmente vai direto para a casa dele cheia de coragem com uma faca na mão. E, mesmo que fique longe do Bobby, e se ele for atrás de outra garota? Droga. Vou ter que sobreviver a meu futuro horrível com Duke.

— Não quero fazer isso.

Jogo a cabeça para trás e resmungo. Sei que ela vai ter que Apagar o caminho em que escolho minha mãe. Se não fizer isso, não suportarei olhar para Duke de jeito nenhum, muito menos deixá-lo entrar na minha vida para o futuro

acontecer exatamente como vi. Até mesmo a menor variação pode resultar em consequências terríveis. Laila se meteu em sérios apuros nas duas versões do futuro. Um caminho diferente, como não escolher nenhum dos meus pais ou contar tudo agora só levaria a outra variação do problema. Pelo menos desse jeito sei que ela ficará bem.

Encosto na parede enquanto os próximos pensamentos lógicos entram na minha cabeça. Se Apagar apenas Duke, saber sobre a morte de Laila vai me deixar paralisada, horrorizada. E nunca me apaixonaria por Duke com Trevor na memória.

Ela tem que Apagar Trevor também. Quero gritar.

— Você precisa ir mais adiante ou já sabe qual futuro quer?

Me sinto dormente.

— Sim, já sei.

— Foi tão evidente assim? — Ela se vira para a cama e pergunta: — Vai ficar?

— Vou.

Um enorme sorriso surge em seu rosto. Ela pula e me abraça.

— Estou tão feliz. Sabia que você não podia viver sem mim.

Quero abraçá-la também. Quero pedir que nunca fale com Bobby ou Duke, ou olhe para eles. Mas não digo nada.

— Você tem razão. Não posso mesmo.

Laila empurra meus ombros.

— Certo, então quer que eu Apague suas lembranças ou...

— Não, agora não. — Eu a interrompo. A mera sugestão faz meu coração disparar. Respiro fundo várias vezes. Ainda não quero esquecer Trevor.

Sobre o ombro direito de Laila, pintadas em minha parede, estão as palavras: "... tínhamos tudo diante de nós, não tínhamos nada diante de nós..."

Lembro quando li a frase pela primeira vez em *Um conto de duas cidades*. Ela me tocou. E me toca novamente agora.

— Só preciso de alguns minutos sozinha. — Caminho na direção do armário.

— Espera aí, você vai se fechar no armário? Eu posso sair.

— Não, preciso que fique aqui. Por favor, não vá. — Se ela não Apagar minhas lembranças logo, tenho certeza de que vou mudar de ideia.

— Tudo bem, eu fico.

Entro no guarda-roupa e fecho a porta. Sento entre duas prateleiras de sapatos sob as camisas penduradas. Lágrimas escorrem pelo meu rosto. Sinto que minha vida acabou. Tento me concentrar na minha respiração, inspirando e expirando várias vezes. De vez em quando ela acelera, pois a lembrança de Trevor interrompe minha concentração.

Inspiro e expiro.

Então algo me ocorre, como um alarme em meus ouvidos. O alarme de um carro, para ser mais exata. Laila. Ela restaurou a "memória" daquele carro. Pode ter sido no outro futuro, no que não vou deixar acontecer, mas não significa que ela não possa aprender como fazer no futuro que escolhi... mais tarde. Depois que tudo acontecer. Seco as lágrimas e saio apressada do armário. Em

minha escrivanhinha, pego um caderno e uma caneta e entro no móvel de novo.

No papel, escrevo:

Prometi a uma pessoa de que gosto muito que não Apagaria esse caminho, mas preciso apagá-lo. No entanto, na sexta-feira de manhã, dia 14 de novembro, depois de certos acontecimentos, converse com Laila sobre controle avançado de habilidades. Diga que ela pode aprender a restaurar memórias. É a única forma que conheço de manter minha promessa...

Preciso manter vago o bastante para, no caso de me deparar com este bilhete, não entender do que se trata. Coloco o caderno e a caneta no chão. Meu estômago dói e me envolvo enquanto deixo mais lágrimas rolaem por alguns minutos. Fico enjoada ao lembrar que estou prestes a deixar meu coração ser partido por um garoto e a Apagar outro que gosta de mim... ou que viria a gostar de mim. Agora ele nem vai me conhecer. Mesmo depois de ter minhas lembranças restauradas — se Laila realmente aprender a fazer isso —, continuarei sendo uma estranha para ele.

Preciso acreditar que ela será capaz de aprender. É o único pensamento que me mantém sensata. Seco as lágrimas e arranco a página do caderno.

— Seja forte — digo a mim mesma. Laila não pode saber de nada disso. Ela Apagará minha memória, mas preciso que não tenha a mínima ideia do que aconteceu para que tudo ocorra exatamente do mesmo jeito.

Endireito os ombros e saio do guarda-roupa. Em minha escrivanhinha, encontro um envelope e fecho a carta para mim mesma.

— Preciso que me entregue isto na sexta-feira, dia 14 de novembro, está bem?

— Por que está sendo tão enigmática? O que aconteceu?

— Laila, prometa que vai me entregar esta carta dia 14 e que não vai abri-la antes disso. — Escrevo a data do lado de fora do envelope. — Promete? Estou confiando em você. — Ela arregala os olhos como se eu estivesse exagerando demais.

— Tudo bem, prometo.

— Certo, então guarde na bolsa para eu não ver depois que você Apagar minha memória.

— Está bem. — Ela guarda a carta.

Sento de pernas cruzadas sobre a cama, de frente para ela.

— Estou pronta. Preciso que Apague os dois caminhos.

— O quê? Por que os dois?

— Por favor, Laila, não faça perguntas. — Estou prestes a chorar novamente.

Ela morde o lábio inferior e estende as mãos trêmulas.

— Está bem.

— Por que está tão nervosa? Você não Apaga minhas lembranças o tempo todo?

— Não. Essa vai ser a primeira vez.

— Está falando sério?

Ela confirma e joga um travesseiro na cabeça dela.

— Então é melhor você ser boa nisso.

— Eu sou.

Ela respira fundo, coloca as mãos sobre minha cabeça e fecha os olhos.
Também fecho os meus.

Epílogo

Seis semanas depois

Laila coça o curativo no pescoço enquanto caminha de um lado para o outro no quarto do hospital.

— Não vão deixar a gente ir embora logo? Nós duas estamos bem! — Ela coloca a cabeça para fora da porta e grita: — Não preciso de um Curador pra isso! Foi só um arranhão!

— Fique sentada. Você está me deixando tonta.

— Desculpa. — Ela senta, mas logo levanta novamente. — Desculpa por tudo. Não acredito que escolheu esse futuro. Duke é um cretino. Quase morremos. Por que escolheria isso?

— Pode me perguntar um milhão de vezes e ainda assim não vou saber.

Laila encara sua bolsa sobre uma cadeira no canto do quarto.

— O outro futuro devia ser bem pior — ela diz. — Pra você ter escolhido este.

— É, talvez você tenha me traído de verdade no outro — digo, rindo.

Laila franze a testa.

— Eu...

— Estou brincando. — Mais ou menos. Mesmo tentando dizer a mim mesma que não é culpa dela, ainda sinto uma dor no fundo da garganta sempre que penso no assunto.

Minha mãe entra apressada no quarto.

— Addie, Laila, sinto muito. Prometi que não ia demorar. Estamos preenchendo relatórios, o Curador vai dar uma olhada em você e depois podemos ir embora.

— Como sabia onde eu estava, mãe?

— Eu não sabia. Seu pai ligou. Acho que o sr. Paxton não suportou o sentimento de culpa e ligou para a Agência para avisar que você estava com Bobby. Aparentemente ele estava ensinando Veneno a estender as habilidades, e ele começou a suspeitar que Bobby tivesse algo a ver com as adolescentes desaparecidas. Quando você entrou na casa dele, Veneno resolveu contar à Agência.

— Adolescentes desaparecidas? — pergunto.

Ela conta sobre as outras meninas que Bobby sequestrara. Assim como fez com Laila, ele as obrigara a segurar uma faca junto à própria garganta. Só que,

no caso delas, Bobby havia realmente utilizado sua habilidade recém-adquirida de controle do sistema nervoso para fazê-las cortar a própria garganta.

— Por que ele não deixou as garotas irem embora? Ele disse que, se pudesse me convencer a ficar calada, me deixaria ir.

— Foi antes de Bobby conseguir a habilidade de Persuasão. A garota antes de vocês tinha essa habilidade. Ainda bem que ele não pegou um pouco da habilidade de nenhuma de vocês. Teria sido ainda pior. — Ela me dá um beijo na testa e abraça Laila. — A Agência já pegou o depoimento de vocês?

— Já — Laila diz com um suspiro. Ela encara a porta e depois se volta para a minha mãe. — Não viu meus pais lá fora, viu?

— Falei com sua mãe. Ela está no trabalho, mas espera conseguir sair logo. Não consegui entrar em contato com seu pai.

Laila assente, mantendo uma expressão firme.

Minha mãe se vira para mim e desvia o olhar para meu cabelo.

— Não consigo me acostumar com essa mecha azul. Acho que vou te levar na cabeleireira amanhã pra ver se ela consegue arrumar isso. Talvez seja bom ligar agora mesmo.

— Mãe, já é mais de meia-noite. Não ligue pra ninguém a essa hora.

— Ah, é, você tem razão. Preciso de um pouco de cafeína. Vocês querem alguma coisa?

— Não, obrigada.

Depois que ela sai, Laila senta ao meu lado e apoia a cabeça no meu ombro.

— Sinto muito.

— Pare de se desculpar.

Alguém bate na porta e abre em seguida. Duke dá um passo para dentro.

— Posso falar com você, Addie?

— Não! — Laila grita, levantando. — De jeito nenhum! Saia daqui!

— Laila — eu digo —, está tudo bem. Só nos dê um minuto. — Sinto-me mais calma do que deveria e sei que é ele me Influenciando. Duke obviamente não Influencia Laila, porque ela sai e volta como se tivesse esquecido alguma coisa, para na frente de Duke e acerta um soco na boca dele. Eu me encolho.

Um filete de sangue escorre pelo seu queixo e ele limpa com o dorso da mão.

— Eu mereci.

Ela não responde, mas retoma o trajeto até a porta.

— Se vamos conversar, suspenda sua habilidade — digo antes que Duke comece a falar.

— Desculpe. É a força do hábito. E uma parte de mim também.

— Então eu não estava totalmente errada quando dizia que você tinha um charme natural. — Fico imaginando quem é o verdadeiro Duke. Como seria sua personalidade sem a habilidade. O sangue em seu lábio é como uma rachadura na armadura brilhante, uma falha em sua perfeição. Faz com que eu pense que, por trás da máscara, talvez exista algo real.

Ele sorri e desvio os olhos.

— Não pretendia magoar você, Addie.

— O que você *pretendia* fazer?

— A princípio pensei que podia Influenciar suas emoções um pouco, fazer você se sentir feliz perto de mim. Depois achei que a felicidade faria com que gostasse de mim e eu não teria que fazer mais isso. Você nos veria juntos no futuro e seria capaz de me dizer qual faculdade escolher. Essa decisão vai afetar toda a minha vida. Se eu escolher errado, posso acabar sem nada. Mas...

— Mas... — Espero ele continuar.

— Mas toda vez que eu pegava leve com as emoções, você se afastava ou começava a questionar nosso relacionamento, a me questionar...

Mudo de posição e o papel sobre a maca onde estou amassa fazendo um barulho alto.

— Em outras palavras, quando você suspendia a Influência que me fazia gostar de você, eu não gostava de você?

— Exatamente.

— É porque eu não gosto de você, Duke. Você não faz meu tipo. Já não gostava antes e gosto ainda menos agora. — Não quero que ele saiba que meu coração está partido. Ele tinha conseguido fazer com que me apaixonasse por ele, mas depois arrancara minha capacidade de confiar nele. Até neste exato momento me pergunto por que está no meu quarto. O que ele quer de mim?

E tem outra coisa me incomodando.

— Por que Laila? Você queria apenas se divertir com ela?

— Não. Achei que o que Bobby estava fazendo era inofensivo. Ele ia ensinar Laila a estender a habilidade. Ele me disse que, se eu conseguisse convencê-la, seria mais fácil você concordar em aprender como dominar a previsão do futuro. Nunca quis te machucar.

— Não acredito que você estava disposto a fazer esse jogo durante anos só porque eu tenho uma habilidade conveniente. Não quer ficar com alguém que goste de você? Não quer gostar de alguém? — Levanto os olhos e percebo que ele foi se aproximando no decorrer da conversa. Se eu quisesse, poderia esticar o braço e tocar nele. Mas não quero.

— Eu gosto de você. Muito.

— Não... Você Manipulou tantas emoções na vida que não consegue nem saber o que são sentimentos verdadeiros...

— Eu sei, Addie.

— Você precisa criar coragem e falar a verdade sobre sua habilidade. Por que sentiu necessidade de mentir a todos sobre isso?

— Acha mesmo que o técnico teria colocado alguém que não pode Mover objetos na posição de quarterback? Ou mesmo no time?

— Não faço a mínima ideia.

— Bem, não teria. Não importa o quanto minha pontaria é incrível sem Telecinese. Meu pai achou que esse seria o único jeito de entrar no time de futebol americano.

— O que é muito importante para você.

— Sim.

— Tão importante que está disposto a acalmar as emoções das pessoas para que seus colegas de time provoquem lesões tão graves a ponto de arruinar

carreiras?

Ele não diz nada.

— Como Ray faz isso? Como ele machuca as pessoas?

— Ele consegue Mover muito mais do que bolas de futebol americano. Músculos, ossos...

Levanto as mãos, porque preciso que ele pare.

— Se o técnico descobrir qual é minha verdadeira habilidade, não vai me deixar jogar.

Já estou pronta para que ele saia, então me levanto.

— Que droga. Vamos fazer um acordo. Você faz seu time parar de usar as habilidades quando jogarem contra escolas Normais e eu não conto ao técnico sobre a sua habilidade. — Saio do quarto. Ele tenta acariciar meu braço quando passo, mas me afasto imediatamente. — Ah, e você queria minha ajuda para escolher uma faculdade?

— Sim. — Escutar o tanto de esperança que ele coloca naquela única palavra me mata.

— Acho que aquela faculdade na Califórnia seria sua melhor escolha. A menos que haja outra ainda mais longe. — Eu saio.

Não vejo Laila em lugar nenhum. Será que o Curador passou para nos dar alta?

No meio do corredor, vejo meu pai caminhando em minha direção. Corro até ele e jogo os braços em volta de sua cintura.

— O que está fazendo aqui?

— Eles me mandaram de avião para interrogar os suspeitos. Mas eu viria de qualquer forma, para te ver. Está tudo bem?

— Vai ficar.

— Eu andei pensando...

Ergo os olhos.

— Talvez você gostaria de passar os feriados comigo em Dallas, sair um pouco do Complexo, se afastar de tudo por um tempo.

Vejo Laila no corredor, se aproximando.

— Eles nos deram alta?

— Sim. — Ela acena para meu pai e o abraça de lado. — O Curador disse que tudo parece bem. — Ela toca o pescoço.

— Você está bem? — ele pergunta a Laila, que sacode a mão.

— Os ossos dos meus dedos estão um pouco doloridos, mas estou bem.

— Estava dizendo para Addie que ela precisa passar os feriados comigo. Você deveria ir também. — Meu pai tira dois ingressos do bolso. — O time de futebol americano da escola vai jogar.

Ergo as sobrancelhas para Laila.

— Você pode ver seu namorado Normal. Qual era o nome dele mesmo? Rowan?

Ela ri.

— Não importa. Se lembro bem, certo caubói também te fez suspirar.

— Caubói?

— É. Ele estava usando botas, tinha aquela postura relaxada... — Uma

imagem dos olhos castanhos e cabelos escuros dele surge em minha mente.

— Trevor.

Um calor se espalha em meu peito e de repente Trevor está lá. Sua imagem é tão clara que quase consigo esticar o braço e tocar nele. O corredor e o hospital desaparecem. Ele está ajoelhado na minha frente e estou sentada em uma arquibancada de madeira. Trevor tem uma expressão intensa no rosto. Seu peito roça em meus joelhos e meu coração acelera.

— Você está bem?

Abro a boca para responder, mas quando ouço a pergunta de novo, é na voz de Laila.

— Você está bem? — Ela segura meu braço e me sacode um pouco.

O corredor largo do hospital está de volta. Respiro fundo, confusa. Aquilo pareceu uma Investigação, mas... não. Alterno o olhar entre Laila e meu pai. Os dois estão me encarando, esperando uma resposta.

— Estou bem. Vou ficar bem. Sim, pai, quero ir pra sua casa.

Agradecimentos

Como a maioria dos bebês, este não teria vindo ao mundo sem a ajuda de uma equipe de especialistas. Primeiro, gostaria de agradecer minha agente, Michelle Wolfson, porque este livro não passaria de mais um manuscrito na minha gaveta se não tivesse acreditado nele. Ela é meu porto seguro nessa indústria, não sei onde estaria sem seu apoio. Obrigada, Michelle. Gostaria de dedicar um agradecimento especial a Sarah Landis, talvez a melhor editora do universo, cujo amor pelo meu livro me ajudou a acreditar em mim mesma. E à minha preparadora de texto (que provavelmente me diria para não começar essa frase com “e”). Ou talvez dissesse que se trata de uma regra antiga. Viu? Preciso dela). Obrigada a todas as outras pessoas da HarperTeen que ajudaram a transformar *Encruzilhada* em realidade.

Gostaria de agradecer a toda a minha família, principalmente meus filhos — Hannah, Autumn, Abby e Donavan —, que me permitiram dividir o tempo entre eles e a busca do meu sonho; meu marido, Jared, que apoia tudo o que faço; e meus pais, que infundiram em mim um amor pelos livros que cresceu comigo — obrigada por serem pais incríveis. Sinto sua falta, pai. E, mãe, sua força é um exemplo diário.

Este livro nem teria saído do projeto sem meus maravilhosos leitores, que me acompanham desde o início. Seus conselhos e sua amizade são inestimáveis. Stephanie Ryan, Heather Garza, Chris DeWoody, Rachel DeWoody, Candice Kennington, Jenn Johansson, Natalie Whipple, Renee Collins, Julie Nelson, Linda Cassidy-Lewis, Tricia Sutton, Ed DeFranco, Kevin Ryan, Melissa Braithwaite, Rachel Braithwaite, Nicki Broby, Jenny Weech, Heather Hague, Misti Hamel, Brianne Seamons, e Elizabeth Minnick E todos os meus outros leitores, que são muitos para citar, que leram partes ou a totalidade dos primeiros manuscritos (você são almas corajosas).

Não é sempre que se encontra uma melhor amiga que também é escritora, e uma irmã que lê tanto quanto você e eu. Então um agradecimento extra a Candice, por ser a melhor amiga que uma garota poderia pedir, dentro e fora do mundo da literatura. E à minha irmã, Stephanie, que lê todas as palavras que me disponho a escrever e sempre faz com que me sinta o máximo. O apoio de vocês significa o mundo para mim. Agradeço a Jenn, por me tirar dos precipícios e a Natalie por me botar para cima quando estou triste. A Renne, que nunca me deixou desistir, e a Julie, que encontra todos os meus erros impossíveis de encontrar.

Finalmente, gostaria de agradecer aos meus amigos que me lembram de

que existe vida fora da literatura (ainda tenho dificuldade para me lembrar disso, mas tento): Elizabeth, Stephanie e Rachel, que compartilham do meu amor por filmes de mulherzinha. E Brittney, Courtney, Emily e Mandy, que me motivam a trabalhar.



STEPHANIE RYAN
PHOTOGRAPHY

KASIE WEST se formou na Universidade Estadual de Fresno, na Califórnia, e mora com o marido e os quatro filhos. Além de escrever, Kasie se diverte praticando *wakeboard*, ouvindo rock alternativo, lendo até tarde e comendo muito chocolate amargo com menta. Também gosta de fingir que namora Hugh Jackman e Adam Levine — os dois ao mesmo tempo.

Copyright © 2012 by Kasie West

Publicado mediante acordo com HarperCollins Children's Books,
um selo da HarperCollins Publishers.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Pivot Point

CAPA © Sammy Yuen

FOTO DE CAPA © Ada Summer/ Corbis/ Latinstock

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Julia Barreto e Renato Potenza Rodrigues

ISBN 978-85-438-0383-8

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br

Sumário

Capa
Rosto
Créditos

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36

Epílogo
Agradecimentos
Sobre a autora